

BECCA FITZPATRICK



SUSSURRO

HUSH, HUSH

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

PARA HEATHER, CHRISTIAN E MICHAEL
NOSSA INFÂNCIA FOI PURA IMAGINAÇÃO
E PARA JUSTIN. OBRIGADA POR NÃO TER ESCOLHIDO
A AULA DE CULINÁRIA JAPONESA

— AMO VOCÊ.

...DEUS NÃO PERDOOU AOS ANJOS QUE PECARAM,
MAS OS LANÇOU AO INFERNO
E OS ENTREGOU ÀS CADEIAS DA ESCURIDÃO,
FICANDO RESERVADOS PARA O JUÍZO...
— 2 PEDRO 2:4



PRÓLOGO



VALE DO LOIRE, FRANÇA

NOVEMBRO DE 1565

Chauncey estava com a filha de um lavrador na relva às margens do rio Loire quando a tempestade se aproximou. Por ter deixado sua montaria perambular pela campina, ele não tinha opção a não ser voltar para o castelo com os próprios pés. Arrancou uma fivela de prata do sapato, colocou-a na palma da mão da moça e observou enquanto ela se afastava correndo, a barra das saias imunda de barro. Em seguida, calçou as botas e partiu para casa.

A chuva desabava pelos campos cada vez mais escuros nos arredores do Château de Langeais. Chauncey caminhava com segurança sobre os túmulos afundados e as folhas podres do cemitério. Mesmo na neblina mais espessa ele conseguia achar o caminho de volta, e não tinha medo de se perder. Não havia neblina naquela noite, mas a escuridão e a crueldade da chuva já criavam dificuldades suficientes.

Chauncey captou um movimento com o canto do olho e voltou bruscamente à cabeça para a esquerda. O que à primeira vista parecera ser uma enorme estátua coroando uma sepultura próxima ergueu-se majestosamente. Não era feita nem de pedra, nem de mármore. O garoto tinha braços e pernas. O peito estava despido, os pés, descalços, e calças de camponês

pendiam abaixo da cintura. Ele desceu da lápide com as pontas dos cabelos negros encharcados pela chuva pingando. As gotas desciam por seu rosto, que era tão moreno quanto o de um espanhol.

A mão de Chauncey dirigiu-se ao punho da espada.

— Quem está aí?

A boca do jovem esboçou um sorriso.

— Não brinqueis com o duque de Langeais — avisou Chauncey. — Perguntei seu nome.. Dizei-o.

— Duque? — O rapaz apoiou-se no tronco sinuoso de um salgueiro. — Ou bastardo? —Chauncey desembainhou a espada.

— Retirai o que dissestes! Meu pai foi o duque de Langeais. Eu agora sou o duque de Langeais — acrescentou, amaldiçoando-se pela maneira desajeitada como dizia aquilo.

O jovem sacudiu a cabeça devagar.

— Vosso pai não era o velho duque.

Chauncey enfureceu-se diante de um insulto tão ultrajante.

— E nosso pai? — questionou, estendendo a espada. Ainda não conhecia todos os seus vassallos, mas estava aprendendo. Guardaria na memória o sobrenome do rapaz. — Vou perguntar mais uma vez — disse em voz baixa, passando a mão no rosto para tirar a água da chuva. — Quem sois vós

O jovem aproximou-se e afastou a lâmina para o lado. Subitamente, parecia mais velho do que Chauncey supunha, talvez até mesmo um ou dois anos mais velho que o próprio Chauncey.

— Sou da prole do demônio — respondeu. Chauncey sentiu uma onda de medo invadi-lo.

— Vós sois completamente lunático — disse entre dentes.
— Saí de meu caminho.

O chão cedeu sob os pés de Chauncey. Chamas douradas e vermelhas apareceram diante de seus olhos. Encurvado, com as unhas fincadas nas coxas, ele elevou o olhar para observar o garoto, piscando e arfando, esforçando-se em compreender o que se passava. Sua mente vacilava como se não estivesse mais sob seu controle.

O rapaz agachou-se para que seus olhos ficassem na mesma altura dos de Chauncey.

— Escutai com atenção. Preciso de um favor vosso. Não partirei até conseguilo. Vós me compreendeis?

Rangendo os dentes, Chauncey sacudiu a cabeça para exprimir descrença — e desafio. Tentou cuspir no jovem, mas a saliva escorreu pelo queixo. A língua recusava-se a obedecer-lhe.

O jovem envolveu as mãos de Chauncey nas suas. O calor era causticante e o duque soltou um grito.

— Preciso de vosso juramento de fidelidade — disse. — Ajoelhai e jurai ser meu servo.

Chauncey quis soltar uma gargalhada grosseira, mas sua garganta se fechou e o som foi sufocado. O joelho direito dobrou-se como se tivesse recebido um chute por trás, mas não havia mais ninguém ali. Chauncey desabou na lama. Virou-se de lado e vomitou.

— Jurai — repetiu o rapaz.

O calor queimava o pescoço de Chauncey. Ele precisou de toda a sua energia para cerrar levemente os punhos. Riu de si mesmo, mas não havia graça. Não sabia como era possível, mas a náusea e a fraqueza que o dominavam provinham do jovem. Não se livraria daquilo se não prestasse o juramento. Ele diria o que precisava dizer, mas jurou no fundo de seu coração destruir o jovem para se vingar da humilhação.

— Senhor, torno-me vosso servo — disse Chauncey, malignamente. O rapaz pôs Chauncey de pé.

— Encontrei-me aqui no início do mês hebreu do Cheshvan. Precisarei de vossos serviços nas duas semanas entre a lua nova e a lua cheia.

— Quase uma... *quinzena*? — O corpo inteiro de Chauncey tremia sob peso de sua ira. — *Sou o duque de Langeais!*

— Vós sois um nefilim — disse o jovem com um meio sorriso.

Chauncey tinha um xingamento na ponta da língua, mas o engoliu. As palavras seguintes foram pronunciadas com fria perversidade.

— O que acabastes de dizer?

— Vós pertenceis à raça bíblica nefilim. Vosso verdadeiro pai foi um anjo expulso do céu. Metade de vosso sangue é mortal — os olhos escuros do rapaz se ergueram, encontrando os de Chauncey —, metade é de anjo caído.

Das profundezas de sua mente, Chauncey voltou a ouvir a voz de seu tutor, lendo trechos da Bíblia que falavam de uma raça degenerada, fruto da união carnal de anjos expulsos do céu e mulheres mortais. Uma raça temível e poderosa.

Um arrepio que não era inteiramente de repulsa atravessou Chauncey.

— Quem sois vós?

O rapaz se virou e começou a se afastar. Embora Chauncey quisesse segui-lo, não conseguiu obrigar as pernas a aguentar o próprio peso. Ajoelhado ali, com os olhos fustigados pela chuva, viu duas cicatrizes largas nas costas nuas do jovem. Elas se aproximavam, formando um V de cabeça para baixo.

— Vós sois... caído? — perguntou. —Tivestes as asas arrancadas, não?

O rapaz, anjo, seja lá quem fosse, não se virou. Chauncey não precisava de uma confirmação.

— O serviço que vos devo prestar — gritou —, exijo saber do que se trata!

O riso grave do jovem ecoou pelo ar.

CAPÍTULO 1

COLDWATER, MAINE NOS DIAS DE HOJE

Encontrei no laboratório de biologia e meu queixo caiu. Lá estava, misteriosamente grudada no quadro-negro, uma boneca Barbie. Devidamente acompanhada por Ken. Os dois tinham sido postos de braços dados e estariam completamente nus, não fossem as pequenas folhas artificiais colocadas em alguns lugares estratégicos. Rabiscado em giz cor-de-rosa, sobre as cabeças dos dois, lia-se:

BEM-VINDOS À REPRODUÇÃO HUMANA (SEXO)

— É por essas e outras que a escola proíbe celulares com câmeras — disse Vee Sky ao meu lado. — Bastariam umas fotos disso aí no eZine e eu conseguiria que o conselho de educação eliminasse a biologia do currículo. Aí a gente poderia ocupar o tempo com algo realmente útil, como ter aulas particulares com caras gatos das turmas mais avançadas.

— Como assim, Vee? — falei. — Podia jurar que você tinha passado o semestre inteiro doida para estudar essa matéria.

Vee apertou os cílios e abriu um sorriso perverso.

— Aqui ninguém vai me ensinar nada que eu já não saiba.

— Mas seu nome não começa com V... de virgem?

— Fale baixo.

Ela deu uma piscadela bem na hora em que o sinal tocou, obrigando-nos a ir para nossos lugares, que ficavam lado a lado em uma carteira dupla.

O técnico McConaughy agarrou o apito que pendia de uma corrente em seu pescoço e soprou.

— Equipe, sentar!

Para o técnico, ensinar biologia às turmas do ensino médio era um bico para complementar a renda de seu emprego como treinador de um time universitário de basquete. Todo mundo sabia disso.

— Talvez não tenha passado pela cabeça de vocês que o sexo é mais do que um passeio de 15 minutos no banco de trás de um carro. É uma ciência. E o que é ciência?

— Uma chatice! — exclamou um garoto no fundo da sala.

— A única matéria em que estou levando pau — disse outro.

Os olhos do técnico percorreram a primeira fila e pararam em mim.

— Nora?

— É o estudo de alguma coisa — falei.

Ele se aproximou e bateu com o indicador na mesa à minha frente.

— O que mais?

— É o conhecimento adquirido pela experimentação e pela observação.

Que beleza. Agora parecia que eu estava fazendo um teste para a versão em áudio do nosso livro escolar.

— Nas suas palavras.

Toquei meu lábio superior com a ponta da língua e tentei encontrar outras palavras.

— Ciência é uma investigação... — acabou soando como uma pergunta.

— Ciência é uma investigação — disse o técnico, esfregando as mãos. — A ciência exige que a gente se transforme em espiões.

Explicada dessa maneira, a ciência até parecia divertida. Mas eu já estava na turma do técnico havia tempo suficiente para não alimentar qualquer ilusão.

— É necessária muita prática para se realizar um bom trabalho de detetive — ele prosseguiu.

— O sexo também exige muita prática — comentou outro alguém do fundo da sala.

Todos tentamos conter o riso enquanto o técnico apontava um dedo de advertência na direção do malfeitor.

— Esse não vai ser o dever de casa de hoje. — O técnico voltou-se novamente para mim. — Nora, você se senta com Vee desde o início do ano.

Assenti com um gesto de cabeça, mas tinha um palpite ruim sobre o rumo que o assunto tomaria.

— Vocês duas trabalham no eZine da escola. — De novo fiz que sim com a cabeça. — Aposto que sabem muito uma sobre a outra.

Vee chutou-me embaixo da mesa. Sabia o que ela estava pensando: que ele não tinha a mínima ideia de quanto nos conhecíamos. E não estou falando apenas de segredos que enterramos em nossos diários. Vee é minha gêmea ao avesso. Tem olhos verdes, cabelo louro-acinzentado e uns quilinhos a mais do que o necessário para fazer o gênero gostosa. Eu sou morena de olhos cinza com um cabelão encaracolado que resiste até à mais poderosa das chapinhas. E tenho pernas compridas como as de um banco alto de bar. Mas existe um fio invisível que nos une. Nós duas podemos jurar que esse elo começou antes mesmo de nascermos. E podemos jurar que vai existir até o fim da vida.

O técnico contemplou a turma.

— Na verdade, aposto que cada um de vocês conhece bem demais a pessoa sentada ao lado. Vocês escolheram esses lugares por alguma razão, certo? Foi pela familiaridade. Que pena, pois os melhores detetives evitam a familiaridade. Ela embaça o instinto investigativo. E é por esse motivo que hoje vamos reorganizar seus lugares.

Abri a boca para protestar, mas Vee foi mais rápida

— Como assim? Já estamos quase no fim do período letivo. Você não pode inventar esse tipo de coisa agora.

O técnico esboçou um sorriso.

— Posso fazer isso até no último dia de aula. E, se for reprovada na matéria, vai voltar para esse mesmo lugar

e aguentar todas as minhas novidades mais uma vez.

Vee olhou feio para ele. Ela é famosa por esse olhar. É um olhar que já diz tudo, ela nem precisa abrir a boca. Sem parecer se importar, o técnico levou o apito aos lábios — e nós entendemos a mensagem.

— Quem estiver sentado no lado esquerdo da mesa, isto é, à sua esquerda, deve avançar um lugar. Aqueles que estão na primeira fila, e isso inclui você, Vee, vão para o fundo da sala.

Vee jogou o caderno dentro da mochila e fechou o zíper com raiva. Mordi o lábio e dei um tchauzinho. Virei-me discretamente, observando o restante da sala. Sabia o nome de todos os alunos... menos o de um. O aluno novo. O técnico nunca se dirigia a ele, e ele parecia preferir que fosse assim. Estava jogado em uma carteira atrás de mim, os olhos negros e frios fixados num ponto adiante. Como sempre. Nunca acreditei por um momento sequer que ele simplesmente passasse o tempo todo sentado ali, dia após dia, fitando o vazio. Tinha de estar pensando em algo, mas o instinto me dizia que eu provavelmente não ia querer saber o que era.

Ele colocou o livro de biologia na mesa e deslizou para a antiga cadeira de Vee. Sorri.

— Oi. Sou Nora.

Seus olhos negros me atravessaram e os cantos de sua boca se ergueram. Meu coração parou por um segundo e, naquela pausa, um sentimento sinistro e desesperador pareceu me envolver como uma sombra. Passou depois de um segundo, mas eu continuava a encará-lo. O sorriso dele não era amistoso. Era um sorriso que queria dizer confusão. Confusão garantida

Voltei minha atenção para o quadro-negro. Barbie e Ken me fitaram com aqueles sorrisos estranhamente animados.

— A reprodução humana pode ser um tema pegajoso... — o técnico disse.

— Eca! — disseram os alunos em coro.

— Exige tratamento maduro. E, como todas as ciências, a melhor abordagem para o aprendizado é a investigação. Até o final da aula, pratiquem essa técnica desvendando tudo o que conseguirem sobre seu novo parceiro. Amanhã, tragam suas descobertas por escrito, e podem acreditar: vou checar a autenticidade das informações. Estamos falando de biologia, não de aula de redação, por isso nem pensem em inventar as respostas. Quero ver interação e trabalho de equipe de verdade.

Havia um "ou então" implícito ao final da frase.

Fiquei sentada, completamente imóvel. O passo seguinte deveria ser do colega — eu já tinha sorrido e de nada tinha adiantado. Funguei discretamente, tentando decifrar o cheiro dele. Não era de cigarros. Era de algo mais intenso e mais desagradável.

Charutos.

Olhei para o relógio na parede e bati meu lápis no ritmo do ponteiro dos segundos. Finquei o cotovelo na mesa e apoiei o queixo no punho. Soltei um suspiro. Que beleza. Assim, eu seria reprovada.

Meus olhos estavam fixos à frente, mas escutei o suave deslizar da caneta dele. Ele estava escrevendo, e eu quis saber o quê. Dez minutos sentado ao meu lado não lhe

davam o direito de presumir nada a meu respeito. Dei uma olhada à esquerda e vi que o texto já continha diversas linhas, e continuava a crescer.

— O que está escrevendo? — perguntei.

— E ela fala — disse ele enquanto continuava a rabiscar, em um movimento suave e descuidado.

Curvei-me, aproximando-me dele o máximo que minha ousadia permitia, tentando ler o que mais escrevera, mas ele dobrou a folha ao meio e escondeu o conteúdo.

— O que você escreveu? — exigi saber.

Ele alcançou minha folha de papel ainda em branco e a puxou para perto. Amassou-a até formar uma bola. Antes que eu pudesse reclamar, ele a lançou na lixeira que ficava ao lado da mesa do técnico. Cesta.

Fiquei contemplando a lixeira por um momento, dividida entre a descrença e a raiva. Então abri o caderno em uma folha nova.

— Qual é o seu nome? — perguntei, com a caneta a postos.

Levantei o olhar a tempo de ver outro sorriso sinistro. Este parecia me desafiar a conseguir qualquer informação sobre ele.

— Seu nome? — repeti, torcendo para que a vacilação em minha voz não passasse de fruto da minha imaginação.

— Me chame de Patch. Falo sério. *Me chame.*

Ele piscou ao falar e fiquei bem certa de que estava debochando de mim.

— O que faz em seu tempo livre? — perguntei

— Não tenho tempo livre.

— Estou partindo do princípio de que este trabalho vale nota, então colabore, por favor.

Ele recostou-se na cadeira, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Que tipo de colaboração?

Estava convencida de que ele estava sendo sarcástico, então tentei mudar de assunto.

— Tempo livre... — ele repetiu, pensativo. — Tiro fotos.

Escrevi *Fotografia* no papel.

— Ainda não acabei — disse ele. — Tenho uma bela coleção de uma colunista do eZine que acredita que é melhor comer alimentos orgânicos, que escreve poesia escondida e que treme diante da ideia de precisar escolher entre Stanford.Yale e... Qual é o nome da outra grande que começa com H?

Encarei-o por um momento, abalada — ele tinha acertado na mosca. Aquilo não parecia ter sido um chute. Ele sabia. E eu queria saber como era possível — imediatamente.

— Mas, no fim das contas, você não vai para nenhuma delas.

— Não vou? — perguntei sem pensar. Ele enfiou os dedos debaixo do assento da minha cadeira, arrastando-a para mais perto. Sem saber bem se deveria me afastar e demonstrar medo ou não reagir e fingir tédio, preferi a segunda opção.

— Apesar de você poder se dar bem em qualquer uma das três, você as despreza por serem um clichê de sucesso — ele disse. — Fazer julgamentos apressados é sua terceira maior fraqueza.

— E a segunda? — falei, contendo a raiva.

Quem era aquele sujeito? Que tipo de piada sem graça ele pensava que estava fazendo?

— Você não sabe confiar. Quer dizer, não: você confia, mas só nas pessoas erradas.

— E a primeira? — questionei-o.

— Você leva a vida com rédeas curtas.

— E o que isso quer dizer?

— Que tem medo daquilo que não consegue controlar.

Senti um arrepio na nuca e a temperatura da sala pareceu cair. Em uma situação comum, eu teria ido direto à mesa do técnico e pedido para mudar de lugar. Mas me recusava a deixar que Patch pensasse que podia me intimidar ou me assustar. Senti uma necessidade irracional de me defender e decidi então que não recuaria antes dele.

— Você dorme nua? — perguntou.

Meu queixo quase caiu, mas eu o mantive no lugar.

— Você está longe de ser a pessoa a quem eu contaria isso.

— Já fez terapia?

— Não — menti.

A verdade era que eu estava sob aconselhamento do psicólogo da escola, o dr. Hendrickson. Não tinha sido por escolha própria e não era algo que eu gostasse de comentar.

— Já fez alguma coisa ilegal?

— Não. — Passar do limite de velocidade não contava. Pelo menos para ele. — Por que você não me faz uma pergunta normal? Por exemplo... De que tipo de música eu gosto?

— Não vou perguntar o que posso deduzir.

— Você não sabe o tipo de música que eu escuto.

— Barroca. Com você, tudo tem a ver com ordem, controle. Aposto que toca... violoncelo? — Ele falou como se tivesse simplesmente adivinhado.

— Errado. — Outra mentira, mas essa fez com que um calafrio percorresse toda a minha pele.

Quem ele era de *verdade*? Se sabia que eu tocava violoncelo, o que mais poderia saber?

— O que é isso? — Patch perguntou, tocando com a caneta a parte interior do meu pulso. Instintivamente, recuei.

— Marca de nascença.

— Parece uma cicatriz. Já tentou o suicídio, Nora? —
Nossos olhos se encontraram e eu podia sentir que ele
estava rindo. — Pais casados ou divorciados?

— Moro com minha mãe.

— Onde está seu pai?

— Meu pai morreu no ano passado.

— Morreu como? Eu me encolhi.

— Ele foi... assassinado. É um assunto particular, por
favor.

Houve um minuto de silêncio, e a aspereza no olhar de
Patch pareceu ceder minimamente.

— Deve ter sido difícil — disse ele, parecendo sincero.

O sinal tocou, e Patch levantou-se e caminhou até a
porta.

— Espere — chamei. Ele não se virou. — Com licença! —
Ele já estava saindo. — Patch! Não consegui saber nada
sobre você.

Ele deu meia-volta e andou na minha direção. Pegou
minha mão e escreveu nela alguma coisa antes que eu
sequer pensasse em puxá-la.

Olhei para os números escritos em tinta vermelha na
palma da minha mão. Cerrei o punho. Queria lhe dizer
que não havia a menor chance de o telefone dele tocar
naquela noite. Queria dizer que era culpa dele ter
passado o tempo todo me fazendo perguntas. Queria

muitas coisas, mas apenas fiquei ali sem fazer nada, como se tivesse me esquecido de como abrir a boca.

— Vou estar ocupada hoje à noite — finalmente disse.

— Eu também — ele respondeu, sorrindo, antes de partir.

Fiquei imóvel, tentando digerir o que havia acontecido. Será que ele tinha consumido todo o tempo com aquelas perguntas de propósito? Para que eu tirasse uma nota ruim? Será que ele achava que um sorriso sedutor seria o suficiente para redimi-lo? Sim, pensei. Ele achava.

— Não vou ligar! — gritei para ele. — Nunca!

— Já terminou sua coluna para o fechamento de amanhã? — dessa vez era Vee. Ela se aproximou de mim, fazendo anotações em um bloco que carregava para todos os lugares. — Estou pensando em escrever sobre a injustiça da mudança de lugares. Fiquei com uma menina que disse ter terminado um tratamento contra piolhos hoje de manhã.

— Meu novo parceiro — eu disse, apontando Patch no corredor.

Ele tinha um jeito de andar irritantemente confiante, do tipo que combina com camisetas velhas e um chapéu de vaqueiro. Patch não usava nenhum dos dois. Era um sujeito do tipo jeans Levi's escuro, camiseta escura e botas escuras.

— O aluno novo do último ano? Acho que ele não deve ter estudado muito na primeira vez. Ou na segunda. — Ela me lançou um olhar de quem já tinha entendido tudo. — A terceira é sempre melhor, não?

— Ele me dá calafrios. Sabia minha música preferida. Sem nenhuma dica ele disse "barroca". — Tentei imitar, sem sucesso, a voz baixa dele.

— Pode ter sido um palpite.

— Ele sabia... de outras coisas.

— Como o quê, por exemplo?

Suspirei. Ele sabia mais do que eu era capaz de encarar com tranquilidade.

— Ele sabia como encher meu saco — disse, finalmente.

— Vou pedir ao técnico que nos mude de lugar de novo.

— Vá em frente. Poderia muito bem usar isso como gancho para meu próximo artigo no eZine. "Garota do segundo ano reage". Melhor: "Mudança de lugares leva um duro golpe". Hum, gostei disso.

No fim das contas, a única pessoa a receber um duro golpe havia sido eu. O técnico recusou meu pedido de que reconsiderasse as mudanças de lugar. Aparentemente, eu estava presa a Patch.

Por enquanto.

CAPÍTULO 2

Moro com minha mãe em uma antiga casa de fazenda do século XVIII, cheia de correntes de ar, afastada do centro de Coldwater. É a única residência em Hawthorne Lane e os vizinhos mais próximos estão a mais de um quilômetro e meio de distância. Às vezes me pergunto se o construtor teria percebido em algum momento que, de todos os lotes disponíveis, ele escolhera erguer a casa justamente no olho de uma misteriosa inversão atmosférica que parece sugar toda a neblina da costa do Maine e transplantá-la para o nosso quintal. Naquele momento, a casa estava envolta em sombras que faziam lembrar espíritos fugitivos perambulando.

Passei a noite plantada em uma banquetada da cozinha na companhia do dever de casa de álgebra e de Dorothea, nossa empregada. Mamãe trabalha para a empresa de leilões Hugo Renaldi, coordenando leilões de bens e antiguidades em toda a Costa Leste. Naquela semana, ela estava no norte do estado de Nova York. O trabalho exigia que viajasse muito e ela pagava Dorothea para cozinhar e limpar, mas eu tinha certeza de que as letrinhas miúdas do contrato de trabalho de Dorothea incluíam a função de manter um olhar vigilante e maternal sobre mim.

— Como foi a escola? — Dorothea perguntou, com um ligeiro sotaque alemão. Ela estava diante da pia, tentando raspar os pedaços de lasanha grudados no fundo de uma travessa.

— Tenho um novo parceiro na turma de biologia.

— E isso é bom ou ruim?

— Vee era minha antiga parceira.

— Hum. — Mais esfregação vigorosa e a carne no braço de Dorothea sacolejou. — Então é ruim.

Concordei com um suspiro.

— Fale de sua nova parceira. Essa menina, como ela é?

— Ele é alto, moreno, desagradável.

E assustadoramente impenetrável. Os olhos de Patch eram como órbitas negras que absorviam tudo e não devolviam nada. Não que eu quisesse saber mais sobre ele. Se não gostei do que vi por fora, duvidava de que fosse gostar do que espreitava lá no fundo.

O único, porém é que isso não era bem verdade. Eu *adorei* o que vi. Músculos longos e esguios nos braços, ombros largos, mas relaxados, e um sorriso que era meio debochado, meio sedutor. Estava difícil convencer a mim mesma de que deveria ignorar algo que já começava a parecer irresistível.

Às nove da noite, Dorothea terminou o trabalho e trancou a porta ao sair. Pisquei duas vezes as luzes da varanda para lhe dar um adeus. A claridade deve ter atravessado a neblina, pois ela tocou a buzina em resposta. Fiquei sozinha.

Comecei a examinar as sensações que tomavam conta de mim. Não estava com fome. Não estava cansada. Nem estava tão solitária. Mas estava um pouco ansiosa por conta do dever de biologia. Tinha dito a Patch que não ligaria, e seis horas antes era essa mesmo a intenção. Mas, agora, tudo em que eu conseguia pensar era que não queria uma nota ruim. Biologia, para mim,

era a matéria mais difícil. Minhas notas variavam problematicamente entre A e B. Em minha cabeça, essa era a diferença entre uma bolsa integral e parcial no futuro.

Fui para a cozinha e peguei o telefone. Olhei para o que havia sobrado dos sete dígitos ainda marcados em minha mão. Secretamente, tinha esperanças de que Patch não atendesse minha chamada. Se não estivesse disponível ou se não quisesse colaborar com o trabalho, eu teria provas contra ele para convencer o técnico a mexer na distribuição dos lugares. Esperançosa, disquei o número.

Patch atendeu no terceiro toque.

— E aí?

— Estou ligando para ver se a gente poderia se encontrar hoje — disse em um tom de voz pretensamente natural.

— Sei que você comentou que estaria ocupado, mas...

— Nora — Patch pronunciou meu nome como se fosse o desfecho de uma piada —, achei que você não ligaria. Nunca.

Odiei ter de engolir minhas palavras. Odiei Patch por esfregar aquilo na minha cara — Odiei o técnico pelas mudanças na sala de aula. Abri a boca na esperança de que saísse alguma frase inteligente.

— E então? Podemos nos encontrar ou não?

— Pelo jeito, não vai dar.

— Não vai dar ou você não quer?

— Estou no meio de um jogo de sinuca — ouvi o sorriso implícito na voz dele —, um jogo de sinuca muito importante.

Pelo barulho ao fundo da ligação, achei que ele dizia a verdade — sobre o jogo de sinuca. Se era mais importante que o trabalho era algo discutível.

— Onde você está? — perguntei.

— No Fliperama do Bo. Não é o tipo de lugar que você costume frequentar.

— Então vamos fazer a entrevista por telefone. Tenho uma lista de perguntas bem...

Ele desligou na minha cara.

Fiquei olhando o telefone completamente atônita, então rasguei uma folha em branco do caderno e rabisquei *Babaca* na primeira linha. Na linha abaixo, acrescentei: *Fuma charutos. Vai morrer de câncer no pulmão. De preferência logo. Excelente forma física.*

Risquei imediatamente a última observação até ficar ilegível.

O relógio do micro-ondas indicava 21h05. Eu tinha duas opções. Ou inventava a entrevista com Patch ou dirigia até o Fliperama do Bo. A primeira opção seria tentadora se eu conseguisse esquecer o aviso do técnico de que checaria a autenticidade das informações. Não sabia o suficiente sobre Patch para blefar uma entrevista inteira. E a segunda opção? Não era nem remotamente tentadora.

Adiei a decisão a fim de ter tempo de ligar para minha mãe. Parte de nosso acordo por conta de seu trabalho e suas muitas viagens era que eu me comprometia a agir com responsabilidade e não ser o tipo de filha que necessitasse de supervisão constante. Eu gostava da minha liberdade e não queria fazer nada que desse a mamãe motivos para se sujeitar a um salário menor em um emprego por perto só para ficar de olho em mim.

No quarto toque, a secretária eletrônica atendeu.

— Sou eu — falei. — Só para dizer que está tudo bem. Tenho dever de casa de biologia para terminar e depois vou para a cama. Se quiser, ligue amanhã na hora do almoço. Amo você.

Depois de desligar, encontrei uma moeda na gaveta da cozinha. Melhor deixar as decisões complicadas por conta do destino.

— Cara, eu vou — disse para o perfil de George Washington —, coroa, eu fico em casa.

Joguei a moeda no ar. Ela aterrissou na palma da minha mão e eu dei uma olhada. Meu coração acelerou por um segundo e disse a mim mesma que não estava certa do que isso queria dizer.

— Não está mais em minhas mãos — falei.

Determinada a resolver a situação o mais rápido possível, peguei um mapa pendurado na geladeira, apanhei minhas chaves e dei a ré no meu Fiat Spider. O carro provavelmente era bonito... em 1979. Eu não gostava tanto da pintura cor de chocolate, nem da ferrugem que se espalhava descontroladamente no para-

choque traseiro, nem dos assentos de couro branco rachado.

O Fliperama do Bo era bem mais longe do que eu gostaria, próximo à costa, a trinta minutos de viagem. Com o mapa esticado sobre o volante, entrei com o Fiat em um estacionamento atrás de um prédio que lembrava um grande bloco cinza e tinha um letreiro luminoso que piscava *FLIPERAMA DO BO, paintball DO MAD BLACK E SALÃO DE SINUCA DO OZZ*. As paredes eram tomadas por pichações e guimbas de cigarro pontilhavam o chão. Com toda certeza o fliperama devia estar repleto de futuros estudantes das melhores universidades e cidadãos exemplares. Tentei ver aquilo com superioridade e indiferença, mas estava com um nó no estômago. Depois de verificar duas vezes que todas as portas do carro estavam trancadas, eu me dirigi à entrada.

Fiquei na fila, esperando para passar pelos cordões. Assim que o grupo à minha frente pagou a entrada, eu me espremi entre eles, caminhando na direção de um labirinto de sirenes estridentes e luzes que piscavam.

— Você acha que merece entrar de graça? — urrou uma voz áspera de tabaco. Virei e pisquei diante do caixa, um sujeito coberto de tatuagens.

— Não estou aqui para jogar. Estou procurando alguém.

Ele grunhiu.

— Se quiser passar por mim, precisa pagar.

O homem abriu a palma da mão no balcão, onde uma tabela de preços tinha sido colada com fita adesiva,

mostrando que eu devia 15 dólares. Pagamento só em dinheiro.

Eu não tinha dinheiro. E, se tivesse, não o desperdiçaria com alguns minutos fazendo perguntas a Patch sobre sua vida particular. Senti uma onda de raiva pelas mudanças na sala de aula e, em especial, por ter de estar ali. Só precisava encontrar Patch e então poderíamos fazer a entrevista do lado de fora. Eu não tinha dirigido até ali para sair de mãos abanando.

— Se eu não voltar em dois minutos, pago os 15 dólares — disse:

Antes de pensar melhor no que estava fazendo ou de juntar um pouquinho mais de coragem, fiz algo completamente fora do habitual: passei por debaixo das cordas. E não parei por aí. Saí correndo pela sala de jogos à procura de Patch por toda parte. Dizia a mim mesma que não conseguia acreditar que estava fazendo aquilo, mas eu parecia uma bola de neve rolando ladeira abaixo, ganhando força e velocidade. Aquela altura, só queria encontrar Patch e sair dali.

— Ei, você! — o caixa me seguia gritando.

Convencida de que Patch não estava no andar principal, desci correndo, seguindo as indicações até o Salão de Sinuca do Ozz. No fim da escada, luzes fracas iluminavam diversas mesas de pôquer, todas ocupadas. A fumaça de charutos, quase tão densa quanto a neblina que envolvia minha casa, pairava no teto rebaixado. Disposta entre as mesas de pôquer e o bar estava uma fileira de mesas de sinuca. Patch estava debruçado sobre a mais distante de mim, tentando uma jogada difícil.

— Patch! — exclamei.

Assim que falei, ele empurrou o taco, acertando-o no tampo da mesa. Virou a cabeça e me encarou com um ar que misturava surpresa e curiosidade.

O caixa desceu pesadamente os degraus atrás de mim, agarrando meu ombro com a mão.

— Para cima. Agora.

Na boca de Patch surgiu outro sorriso quase imperceptível. Era difícil dizer se era um sorriso simpático ou debochado.

— Ela está comigo.

Isso pareceu servir para o caixa, que afrouxou a pegada. Antes que ele pudesse mudar de ideia, soltei-me da mão dele e avancei por entre as mesas até chegar a Patch. Dei os primeiros passos bastante segura, mas descobri que minha confiança diminuía conforme eu chegava mais perto dele.

Na mesma hora, percebi que havia algo de diferente em Patch. Não sabia exatamente o quê, mas parecia uma espécie de eletricidade. Mais hostilidade?

Mais confiança.

Mais liberdade para ser ele mesmo. E aqueles olhos negros estavam me dando nos nervos. Eram como dois ímãs grudados em cada movimento meu. Engoli em seco discretamente e tentei ignorar o frio na barriga. Não sabia exatamente o que era, mas havia algo de errado em Patch. Algo nele não era normal. Algo não era... seguro.

— Desculpe-me por ter desligado — disse Patch, aproximando-se de mim. — O telefone não pega muito bem aqui embaixo.

Sim, claro.

Com um gesto de cabeça, Patch indicou aos outros que saíssem. Houve um silêncio desconfortável antes que alguém se mexesse. O primeiro cara esbarrou no meu ombro ao passar. Recuei um passo para recuperar o equilíbrio e olhei para cima a tempo de ver a cara feia dos outros dois jogadores ao partirem.

Que beleza. Não era culpa minha Patch ser meu parceiro em biologia.

— Sinuca? — perguntei a ele, levantando as sobrancelhas e tentando parecer completamente segura, completamente à vontade. Talvez ele estivesse certo e o Fliperama do Bo não fosse mesmo um lugar para mim. Isso não queria dizer que eu iria sair correndo dali. — Em quanto estão as apostas?

Ele abriu o sorriso. Desta vez eu fiquei convencida de que estava rindo da minha cara.

— Não jogamos por dinheiro.

Coloquei minha bolsa na beirada da mesa.

— Que pena! Ia apostar todo o meu dinheiro contra você.

— Segurei meu trabalho, com duas linhas já preenchidas.

— Mais algumas perguntas e eu dou o fora.

— Babaca? — Patch leu em voz alta, apoiando-se no taco. — Câncer no pulmão? É para ser uma espécie de profecia?

Abanei o ar com o papel.

— Presumo que dê sua contribuição para esta atmosfera carregada. Quantos charutos por noite? Um? Dois?

— Eu não fumo. — Parecia sincero, mas não me convenceu.

— Hum, hum — disse eu, ajeitando o papel entre a bola preta e a vermelha. Sem querer movi uma delas enquanto escrevia fuma charutos, com certeza, na terceira linha.

— Você está atrapalhando o jogo — disse Patch, ainda sorridente.

Olhei nos olhos dele e não consegui deixar de retribuir o sorriso — por pouco tempo.

— Tomara que não esteja ajudando você. Qual é o seu maior sonho?

Estava orgulhosa dessa pergunta porque sabia que ia desafiá-lo; exigiria que ele pensasse.

— Beijar você.

— Não tem graça — falei, olhando-o nos olhos, grata por não ter gaguejado.

— Não, mas você ficou vermelha.

Sentei-me na lateral da mesa, tentando parecer indiferente. Cruzei as pernas, usando o joelho como apoio para escrever.

— Você trabalha?

— Sirvo mesas no Borderline, o melhor mexicano da cidade.

— Religião?

Ele não pareceu surpreso com a pergunta, mas também não pareceu ter gostado.

— Achei que tivesse dito que eram algumas perguntas rápidas. Você já está na quarta.

— Religião? — perguntei com mais firmeza. Patch passou a mão no queixo, pensativo.

— Não é religião... É um culto.

— Você pertence a um culto? — Percebi tarde demais que não deveria ter me surpreendido.

— Acontece que preciso de uma fêmea saudável para sacrifício. Tinha planejado ganhar a confiança dela primeiro e atraí-la, mas como você já está por aqui...

Se ainda havia qualquer sorriso em meu rosto, foi embora naquele momento.

— Você não está me impressionando.

— Ainda nem comecei.

Desci da mesa e fiquei de frente para ele. Ele era mais alto, uma cabeça de diferença.

— A Vee me disse que você é aluno do último ano. Quantas vezes foi reprovado em biologia? Uma vez? Duas?

— Vee não é minha porta-voz.

— Está dizendo que não foi reprovado?

— Estou dizendo que não frequentei a escola no ano passado. Seus olhos me provocavam. Isso só me deixou mais determinada.

— Pulou o ano?

Patch pousou o taco sobre o tampo da mesa e fez um sinal com o dedo para que eu me aproximasse. Não me aproximei.

— Um segredo? — disse-me em tom confidencial. — Nunca fui à escola. Outro segredo? Não é tão chato quanto eu imaginava.

Ele estava mentindo. Todo mundo ia à escola. Existiam leis. Ele estava mentindo para tirar onda com a minha cara.

— Acha que eu estou mentindo — disse ele com um sorriso.

— Você nunca foi à escola, nunca? Se é verdade, e, você tem razão, não acho que seja, o que o levou a decidir frequentar as aulas este ano?

— Você.

O impulso de sentir medo me atravessou, mas disse a mim mesma que isso era exatamente o que Patch queria. Mantendo-me firme, tentei parecer apenas incomodada. Ainda assim, precisei de um momento para recuperar a voz.

— Essa não é uma resposta verdadeira.

Ele deve ter se aproximado, pois de repente nossos corpos não estavam separados por nada além de uma nesga de ar.

— Seus olhos, Nora. Esses olhos cinzentos, pálidos e frios são surpreendentemente irresistíveis. — Ele inclinou a cabeça para o lado, como se quisesse me examinar um novo ângulo. — E essa boca carnuda, de matar.

Dei um passo para trás, desconcertada não tanto pelo comentário, mas por parte de mim reagir àquilo positivamente.

— É isso. Vou embora.

Mas assim que as palavras deixaram a minha boca, vi que não eram verdadeiras. Queria muito dizer mais. Examinando os pensamentos tortuosos que passavam por minha cabeça, tentei encontrar o que achava que devia dizer. Por que ele debochava tanto de mim e por que agia como se eu tivesse feito algo para merecer aquilo?

— Você parece saber muito sobre mim — soltei, dizendo a novidade do ano. — Mais do que deveria. Parece que sabe exatamente o que dizer para eu me sentir mal.

— Você ajuda.

Uma fagulha de raiva percorreu meu corpo.

— Você admite que faz isso de propósito?

— Isso?

— Isso... me provocar.

— Diga "provocar" de novo. Sua boca fica provocante quando você diz isso.

— Chega. Termine seu jogo de sinuca.

Tirei o taco da mesa e empurrei-o para ele, que não pegou.

— Não gosto de sentar ao seu lado — falei. — Não gosto de ser sua parceira. Não gosto desse seu sorriso condescendente. — Meu queixo estremeceu, algo que só costuma acontecer quando eu minto. Fiquei pensando se estava mentindo naquele momento. Se estava, queria me matar. — Não gosto de você. — Disse da forma mais convincente que consegui e empurrei com força o taco contra o peito dele.

— Estou feliz que o técnico tenha nos colocado juntos — disse ele.

Percebi uma levíssima ironia na palavra "técnico", mas não consegui entender o que isso poderia significar. Então ele pegou o taco.

— Estou tentando mudar isso — contra-ataquei.

Patch achou tão engraçado que chegou a mostrar os dentes quando sorriu. Estendeu a mão para mim e, antes que eu pudesse me mover, tirou alguma coisa do meu cabelo.

— Um pedacinho de papel — explicou, jogando-o no chão.

Quando ele estendeu a mão, percebi uma marca no lado interno de seu pulso, principio, achei que fosse uma tatuagem, mas, ao prestar atenção, percebi uma marca de nascimento marrom-avermelhada, ligeiramente em relevo. Tinha o formato de uma gota de tinta.

— Lugar infeliz para uma marca de nascença — falei, um tanto nervosa por notar que a posição fosse tão semelhante à da minha.

Patch fez um movimento casual, mas pude perceber que foi para puxar a manga da camisa e cobrir o pulso.

— Você preferiria que fosse em algum lugar mais íntimo?

— Não preferiria que fosse em lugar nenhum. — Eu não estava bem certa de como aquilo tinha soado e tentei de novo: — Não ligaria que você não a tivesse. Tentei pela terceira vez: — Não ligo para sua marca de nascença. Ponto final.

— Mais alguma pergunta? Algum comentário? — ele disse.

— Não.

— Então até a aula de biologia.

Pensei em dizer a Patch que ele nunca mais iria me ver. Mas não ia engolir o que disse duas vezes no mesmo dia.

Mais tarde, naquela mesma noite, despertei com um barulho. Com o rosto apertado contra o travesseiro, fiquei quieta, todos os sentidos alertas. Minha mãe ficava fora da cidade pelo menos uma vez por mês, por causa do trabalho, e por isso eu estava acostumada a dormir sozinha. Já tinham se passado meses desde que eu

imaginara ter ouvido o som de passos se arrastando pelo corredor rumo ao meu quarto. A verdade era que eu nunca me sentia completamente sozinha. Logo depois que meu pai foi morto a tiros em Portland, enquanto comprava um presente de aniversário para minha mãe, uma estranha presença surgiu em minha vida. Como se alguém estivesse orbitando em torno do meu mundo, observando-me à distância. A princípio a presença fantasmagórica me apavorava, mas, como nada de mal aconteceu, minha preocupação foi passando. Imaginava se havia naquilo algum sentido cósmico. Talvez fosse o espírito do meu pai por ali. O pensamento costumava ser confortante, mas naquela noite foi diferente. A presença era como gelo sobre a pele.

Virando a cabeça ligeiramente, vi uma sombra comprida no chão do quarto. Mudei de posição para olhar a janela. Os raios embaçados do luar eram a única claridade no cômodo capaz de fazer sombra. Mas não havia nada ali. Apertei o travesseiro e disse a mim mesma que aquilo não passava de uma nuvem atravessando o céu. Ou um pedaço de lixo voando ao vento. De qualquer maneira, levou muitos minutos até que meu coração se acalmasse.

Quando reuni coragem para sair da cama, o quintal sob minha janela estava silencioso e imóvel. O único ruído vinha dos ramos das árvores, que esbarravam na casa, e do meu coração ressoando no peito.

CAPÍTULO 3

O técnico McConaughy estava postado diante do quadro-negro no meio de uma lenga-lenga infinita sobre algum assunto, mas minha mente vagava bem distante das complexidades da ciência.

Eu estava ocupada em reunir motivos que justificassem por que Patch e eu não deveríamos mais nos sentar juntos e os anotava em uma lista no verso de um antigo questionário. Assim que a aula acabasse, eu apresentaria meus argumentos ao técnico. *Não coopera para a realização dos deveres, escrevi. Demonstra pouco interesse no trabalho de grupo.*

Mas eram as razões que não tinham sido listadas as que mais me incomodavam. Achei o local da marca de nascença de Patch assustador e estava apavorada com o incidente da janela na noite anterior. Não estava tão certa de que Patch estivesse me espionando, mas não podia deixar de ignorar a coincidência. Tinha praticamente certeza de que alguém ficara olhando pela minha janela apenas algumas horas depois de termos nos encontrado.

Ao pensar na possibilidade de Patch andar me espionando, retirei dois comprimidos de suplemento de ferro de um fiasco dentro do bolso da frente de minha mochila e os engoli a seco. Eles ficaram presos na garganta por um momento, mas acabaram descendo.

Pelo canto do olho, percebi que Patch erguia as sobrancelhas.

Cogitei explicar a ele que eu era anêmica e que tinha de tomar comprimidos à base de ferro algumas vezes ao dia, especialmente quando estava sob pressão, mas mudei de ideia. A anemia não representava uma ameaça à minha vida... desde que eu tomasse doses regulares do remédio. Não estava tão paranoica a ponto de achar que Patch queria me fazer mal, mas, de qualquer forma, meu problema de saúde era uma vulnerabilidade e me pareceu melhor mantê-lo em segredo.

— Nora?

O técnico estava na frente da sala, com a mão estendida em um gesto que demonstrava que ele esperava alguma coisa: minha resposta. Senti o rosto lentamente começar a queimar.

— O senhor poderia repetir a pergunta? — pedi.

A turma caiu na gargalhada.

— Que qualidades atraem você em um possível parceiro?
— disse o técnico, ligeiramente irritado.

— Possível parceiro?

— Vamos logo, não temos a tarde toda.

Eu podia ouvir Vee dando gargalhadas atrás de mim.

— O senhor quer que eu faça uma lista de características de um...? — Minha garganta pareceu se fechar.

— Possível parceiro, sim, ajudaria muito.

Sem querer, olhei para o lado, na direção de Patch. Ele estava recostado na cadeira, quase jogado, estudando-

me com ar de satisfação. Abriu aquele sorriso de cafajeste e balbuciou: *Estamos esperando*.

Coloquei as mãos sobre a mesa, na esperança de parecer mais sob controle do que realmente estava.

— Nunca parei para pensar no assunto.

— Então pense rápido.

— Será que você poderia ouvir primeiro outra pessoa?

O técnico fez gestos impacientes para a minha esquerda.

— Você, Patch.

Ao contrário de mim, Patch falou com confiança. Na posição em que estava, seu corpo ficava ligeiramente virado na minha direção, nossos joelhos separados por apenas alguns centímetros.

— Inteligente. Atraente. Vulnerável.

O técnico ocupou-se em escrever os adjetivos no quadro.

— Vulnerável? — perguntou. — Por quê?

— Isso tem relação com a matéria? — interrompeu Vee.

— Porque não consigo encontrar nada sobre as qualidades desejadas em um parceiro em nosso livro.

O técnico parou de escrever um instante, só para olhar por cima do ombro.

— Todos os animais do planeta atraem parceiros com o objetivo de se reproduzir. O corpo dos sapos incha. Os gorilas machos batem no peito. Já viu o macho da lagosta levantar nas pontas das patas e estalar as garras para

atrair a atenção da fêmea? A atração é o primeiro elemento de toda a reprodução animal, inclusive da humana. Por que não nos apresenta sua lista, srta. Sky?

Vee mostrou os cinco dedos da mão.

— Deslumbrante, rico, generoso, altamente protetor e só um pouquinho perigoso. — A cada adjetivo, ela descia um dedo. Patch soltou uma risada.

— O problema com a atração humana é você não saber se será correspondido.

— Muito bem pensado — disse o técnico.

— Os seres humanos são vulneráveis — prosseguiu Patch —, porque são capazes de sofrer.

Nesse momento, o joelho de Patch esbarrou no meu. Afastei-me, sem ousar pensar no que ele queria dizer com esse gesto. O técnico assentiu com a cabeça.

— A complexidade da atração entre os seres humanos e da reprodução é uma das características que nos distinguem das outras espécies.

Pensei ter ouvido Patch bufar, mas foi tão baixo que não tive certeza.

— Desde a aurora dos tempos — prosseguiu o técnico —, as mulheres sentem atração por parceiros com mais habilidades ligadas à sobrevivência, como inteligência e força física, porque homens com tais qualidades têm mais chances de trazer comida para casa no final do dia. — Ele apontou os polegares para o alto e sorriu. — Comida é o mesmo que sobrevivência, equipe.

Ninguém riu.

— Da mesma forma — continuou —, os homens se sentem atraídos pela beleza porque é um indicativo de saúde e de juventude. Não há sentido em acasalar com uma mulher doente que talvez mais tarde não esteja por perto para cuidar das crianças.

O técnico colocou os óculos na ponta do nariz e deu uma risadinha.

— Isso é tão machista — protestou Vee. — Diga algo que tenha a ver com uma mulher do século XXI.

— Se você abordar a reprodução sob a ótica da ciência, srta. Sky, verá que a prole é fundamental para a sobrevivência da espécie. E quanto mais filhos tiver, maior será a contribuição para o *pool* genético.

Eu podia praticamente ouvir Vee revirando os olhos:

— Acho que finalmente chegamos perto do assunto do dia. Sexo.

— Quase — disse o técnico, erguendo um dedo. — Antes do sexo vem a atração, mas antes da atração vem a linguagem corporal. É preciso comunicar ao possível parceiro que existe interesse sem usar palavras.

O técnico apontou para o meu lado.

— Muito bem, Patch. Digamos que você esteja numa festa. O lugar está cheio de garotas de todas as formas e tamanhos. Você encontra louras, morenas, ruivas algumas meninas com cabelo preto. Umas são tagarelas, outras aparentam ser tímidas. Você encontrou uma

garota que se encaixa em seu perfil: atraente, inteligente e vulnerável. Como mostra a ela que está interessado?

— Eu a escolho. Vou falar com ela.

— Muito bem. Agora é a hora da pergunta importante: como é que você sabe se ela está a fim ou se quer que você dê o fora?

— Eu a observo — disse Patch. — Descubro o que está pensando e sentindo. Ela não vai ser direta e me dizer, por isso preciso prestar atenção. Ela vira o corpo na minha direção? Olha nos meus olhos e então desvia o olhar? Morde o lábio e brinca com o cabelo, como Nora está fazendo bem agora?

A gargalhada tomou conta da sala. Deixei minhas mãos caírem no colo.

— Se é assim, está no papo — disse Patch, esbarrando de novo na minha perna. E eu ainda fiquei vermelha.

— Muito bom! Muito bom! — disse o técnico, com a voz animada, muito satisfeito com a atenção.

— Os vasos capilares do rosto de Nora estão se dilatando e a pele dela se aquece — disse Patch. — Ela sabe que está sendo avaliada. Gosta da atenção, mas não sabe muito bem como lidar com isso.

— Não estou corando.

— Está nervosa — disse Patch. — Passa a mão no braço a fim de desviar a atenção de seu rosto para o corpo, ou talvez para sua pele, ambos bastante atrativos.

Quase engasguei. *Ele está de gozação*, disse a mim mesma. Não, ele é doido. Eu não tinha experiência alguma em lidar com lunáticos, e isso estava na cara. Minha sensação era de que eu passava a maior parte do tempo olhando para Patch estarecida e de boca aberta. Precisava de uma nova abordagem se queria manter qualquer ilusão de poder colocá-lo em seu lugar.

Apoiei as mãos na mesa, levantei o queixo e tentei demonstrar que ainda possuía alguma dignidade.

— Que ridículo!

Com muita dissimulação, Patch esticou o braço para as costas da minha cadeira. Tive a estranha sensação de que era uma ameaça dirigida apenas a mim e que ele não consciência ou se lixava para a forma como a turma encararia aquilo. Todos riram, mas ele não pareceu ouvir, prendendo meu olhar ao dele com tanta intensidade que eu quase acreditei que ele havia construído um pequeno mundo particular para nós dois, ao qual ninguém mais teria acesso.

Vulnerável, ele fez com os lábios.

Prendi meus tornozelos nos pés da cadeira e me inclinei para a frente, sentindo peso do braço dele despencar no encosto. *Eu não era vulnerável*.

— E aí está! — exclamou o técnico. — A biologia em ação.

— Será que podemos falar sobre sexo agora? — perguntou Vee.

— Amanhã. Leiam o capítulo sete e estejam prontos para debater o assunto.

O sinal tocou e Patch empurrou a cadeira para trás.

— Foi divertido. Vamos repetir a dose um dia desses.

Antes que eu pudesse pensar em uma resposta mais contundente do que simplesmente *Não, obrigada*, ele se esgueirou por trás de mim e desapareceu porta afora.

— Vou passar um abaixo-assinado pedindo a demissão do técnico — disse Vee, aproximando-se da minha mesa.

— O que aconteceu na aula de hoje? Foi quase pornografia. Ele praticamente colocou você e Patch sobre a mesa do laboratório, na horizontal, sem roupas, fazendo aquilo...

Lancei-lhe um olhar que dizia: *Não precisa me lembrar disso*.

— O.k. o.k. — disse Vee, dando um passo para trás.

— Preciso falar com o técnico. Encontro você em frente ao seu armário daqui a dez minutos.

— Tudo bem.

Fui até a mesa do técnico, que estava sentado, debruçado sobre um livro de jogadas de basquete. À primeira vista, todos aqueles "X" e "O" marcados no papel faziam parecer que ele estava brincando de jogo da velha.

— Olá, Nora — disse ele, sem levantar o olhar. — Em que posso ajudá-la?

— Vim lhe dizer que a mudança de lugares e seu plano de aulas estão me deixando constrangida.

O técnico inclinou-se para trás e cruzou as mãos por trás da cabeça.

— Gosto da mudança de lugares. Quase tanto quanto gosto da nova tática homem a homem que aplicarei no jogo de sábado.

Coloquei uma cópia do regulamento escolar e dos direitos dos alunos sobre o livro.

— Pela lei, nenhum estudante deve se sentir ameaçado enquanto estiver nas dependências da escola.

— Você se sente ameaçada?

— Eu me sinto constrangida. E gostaria de propor uma solução. — Como o técnico não me interrompeu, respirei fundo, confiante. — Eu me ofereço para monitorar qualquer aluno de qualquer uma de suas turmas de biologia... se deixar que eu volte a me sentar com a Vee.

— Patch bem que precisa de um monitor. Resisti à vontade de ranger os dentes.

— Isso vai contra o que estou lhe pedindo.

— Você viu hoje? Ele participou da discussão. Passei o ano inteiro sem ouvi-lo dizer uma palavra, mas bastou colocá-lo ao seu lado e... Bingo! A nota dele vai melhorar.

— E a de Vee vai cair.

— É o que acontece quando não dá para olhar para o lado e copiar a resposta certa — disse ele secamente.

— O problema de Vee é a falta de dedicação. Eu posso monitorá-la.

— Nada disso — ele disse, olhando para o relógio. — Estou atrasado para uma reunião. Já acabamos?

Queimei o cérebro tentando encontrar mais um argumento, mas aparentemente eu estava sem inspiração.

— Vamos ver como ficam as mudanças daqui a algumas semanas. Ah, e eu estava falando sério sobre o fato de Patch precisar de um reforço. Conto com você.

O técnico não esperou resposta. Começou a assobiar e saiu.

Às sete da noite, o céu já se tingira de um azul muito escuro. Fechei o zíper do casaco para me proteger do frio. Vee e eu nos dirigíamos ao estacionamento do cinema, depois de assistir a *O Sacrifício*. Eu estava encarregada de fazer resenhas de filmes para o eZine e como já havia visto tudo o que estava em cartaz, precisamos nos conformar em assistir ao mais novo filme de terror urbano.

— Esse foi o filme mais esquisito que eu já vi — disse Vee. — Vamos combinar que não devemos ver mais nada que lembre de longe um filme de terror.

Por mim, tudo bem. Considere que alguém andou espreitando a janela do meu quarto na noite anterior. Some a isso o fato de que acabamos de assistir à história de um maníaco perseguidor no cinema. Não era de espantar que eu estivesse começando a me sentir um pouco paranóica.

— Dá para imaginar? — disse Vee. — Passar a vida inteira sem ter noção de que você só continua viva para ser oferecida em sacrifício.

Nós duas trememos.

— E aquele altar? — prosseguiu ela, perturbadoramente alheia ao fato de que eu feria falar sobre o ciclo de vida dos fungos a discutir o filme. — Por que o vilão esquentava a pedra no fogo antes de amarrar a garota? Eu cheguei a ouvir o chiado da carne queimando.

— O.K.! praticamente gritei. — Para onde vamos?

— E, caramba, se *algum dia* um sujeito me beijar daquela forma, vou vomitar. Chamar aquela boca de repugnante é pouco. Era maquiagem, não era? Sério: ninguém tem uma boca daquelas na vida real...

— Preciso entregar a resenha até a meia-noite — interrompi.

— Ah. Certo. Vamos para a biblioteca, então? — Vee destrancou as portas de seu carro, um Dodge Neon 1995 roxo. — Você anda muito nervosinha, sabia? Deslizei para o assento do carona.

— A culpa é do filme.

A culpa era do tarado que estava à minha janela na noite anterior.

— Não estou falando só de hoje. Eu percebi — disse ela, com um sorrisinho malicioso — que nos últimos dois dias você tem ficado bem rabugenta depois das aulas de biologia.

— Fácil. A culpa é do Patch.

O olhar de Vee se dirigiu ao espelho retrovisor. Ela o ajustou para poder olhar melhor a boca, passou a língua nos dentes e deu um sorriso ensaiado.

— Preciso admitir: o lado negro dele me atrai.

Não tinha desejo algum de admitir, mas Vee não era a única. Eu sentia uma atração por Patch que nunca havia sentido por ninguém. Havia um magnetismo sombrio entre nós. Perto dele, eu me sentia seduzida pelo perigo. A qualquer momento, parecia que ele poderia me fazer passar dos limites.

— Depois dessa, fiquei com vontade de...

Fiz uma pausa, tentando pensar exatamente o que eu me sentia tentada a fazer mesmo diante de nossa atração por Patch. Seria algo desagradável.

— Vai me dizer que não acha ele bonito? — provocou Vee. — Se disser, prometo nunca mais tocar no nome dele.

Liguei o rádio. Devia haver alguma coisa melhor a fazer com a nossa noite do que estragá-la convidando Patch, mesmo que virtualmente, a participar dela. Sentar ao lado dele durante uma hora por dia, cinco dias por semana, era bem mais do que eu podia suportar. Não ia dedicar a ele também as minhas noites.

— E aí? — insistiu Vee.

— Ele pode até ser bonito, mas eu seria a última saber. Meu julgamento não é imparcial. Sinto muito.

— O que você está querendo dizer?

— É que a personalidade dele me incomoda tanto que beleza alguma pode compensar.

— Não estamos falando de beleza. Ele é... agressivo. Sexy.. Revirei os olhos.

Vee buzinou e pisou no freio quando um carro cortou sua frente.

— O quê? Não concorda? Ou rude-e-rústico não é o seu tipo?

— Não tenho um tipo — disse. — Não sou uma pessoa tão limitada.

Vee caiu na gargalhada.

— Você, meu bem, é muito mais do que limitada: é presa. Travada. Seu leque de possibilidades é tão amplo quanto um daqueles microorganismos do técnico. São pouquíssimos os meninos da escola para quem você daria mole. Se é que existe algum.

— Não é verdade — pronunciei as palavras de forma instintiva. Só depois de dizê-las me questionei quanto seriam verdadeiras. Nunca tinha me interessado seriamente por alguém. Isso é assim tão bizarro? — Não tem a ver com os caras. É o... amor. Ainda não encontrei.

— Não estamos falando de amor — disse Vee. — Estamos falando de diversão.

Levantei as sobrancelhas, em dúvida.

— Beijar um cara que eu não conheço, por quem não sinto nada, isso é diversão?

— Você não prestou atenção às aulas de biologia? É muito mais do que beijar.

— Ah — disse com um tom cheio de sabedoria. — O pool genético já está bem desvirtuado sem a minha contribuição.

— Quer saber quem eu acho que deve ser gostoso de verdade?

— Gostoso?

— *Gostoso* — repetiu ela com um sorriso indecente.

— Acho que não.

— Seu parceiro.

— Não chame ele assim — disse. — "Parceiro" tem uma conotação positiva. Vee espremeu o carro em uma vaga perto da entrada da biblioteca e desligou o motor.

— Você nunca imaginou como seria dar um beijo nele? Nunca deu uma olhada para o lado e imaginou se jogar nos braços de Patch e encostar sua boca na dele?

Encarei-a com um olhar que eu esperava que transmitisse quanto estava horrorizada.

— Você já?

Vee sorriu.

Tentei imaginar o que Patch faria se soubesse disso. Por menos que o conhecesse, percebia a aversão que nutria

por Vee como algo tão concreto que poderia ser tocado.

— Ele não é bom o bastante para você — disse eu.

— Cuidado — ela gemeu. — Assim vou querer mais ainda.

Na biblioteca, escolhemos uma mesa no andar principal, perto das obras de ficção para adultos. Abri o laptop e digitei: *O Sacrifício, duas estrelas e meia*. Duas estrelas e meia era provavelmente uma nota um tanto baixa. Mas eu estava com a cabeça cheia demais e não me sentia particularmente justa.

Vee abriu um saco com chips de maçã desidratada.

— Quer?

— Não, obrigada.

Ela olhou dentro do saco.

— Se você não quiser, vou ter que comer. Eu realmente não queria fazer isso.

Vee estava fazendo a dieta das frutas, baseada em um quadro de cores. Três frutas vermelhas por dia. Duas roxas. Um punhado de verdes...

Ela pegou um chip de maçã e começou a examiná-lo.

— Qual é a cor? — perguntei.

— Verde asqueroso, eu acho.

Naquele momento, Marcie Millar — a única aluna da segunda série do ensino médio na história de Coldwater High a entrar para uma equipe universitária principal de

líderes de torcida — sentou-se numa cadeira na beirada da nossa mesa. O cabelo ruivo estava arrumado em tranças finas e, como sempre, a pele escondida embaixo de meio vidro de base. Eu estava bem certa sobre a quantidade porque não havia sinal das sardas. Não via as sardas de Marcie desde a sétima série, o mesmo ano em que ela descobrira a maquiagem. Havia só um centímetro de saia cobrindo sua calcinha... se é que ela estava usando calcinha.

— Oi, Tamanho GG — disse Marcie para Vee.

— Oi, Sardenta Maluca — respondeu Vee.

Mamãe está procurando modelos para trabalhar neste fim de semana. Paga nove dólares por hora. Achei que você poderia ter interesse.

A mãe de Marcie é gerente da loja de departamentos CPenney na região e nos fins de semana coloca Marcie e as outras líderes de torcida usando biquínis nas vitrines que ficam de frente para a rua.

— Ela tem muita dificuldade de encontrar modelos para lingerie tamanho grande — disse Marcie.

— Tem comida nos seus dentes — disse Vee para Marcie.

— Entre os dois dentes da frente. Parece aquele chocolate laxante...

Marcie passou a língua nos dentes e saiu de fininho. Enquanto ela se afastava rebolando, Vee colocou um dedo na boca, fazendo de conta que estava vomitando.

— Ela tem sorte de estarmos na biblioteca — falou Vee.

— Tem sorte de a gente não ter esbarrado em algum beco escuro. Última chance: quer maçã?

— Dispensso.

Vee levantou-se para jogar fora o petisco. Minutos depois, voltou com um romance. Sentou-se ao meu lado, mostrou a capa e disse:

— Nós vamos ser como essa daí um dia desses. Violentadas por vaqueiros seminus. Como deve ser beijar lábios queimados pelo sol e cobertos de poeira?

— Uma sujeira — murmurei, sem parar de digitar.

— Por falar em sujeira... — o tom da voz dela subiu inesperadamente. — Olhe ali nosso homem.

Parei de digitar apenas pelo tempo suficiente para olhar por cima da tela do laptop. Meu coração deu um pulo. Patch estava do outro lado da sala, na fila de saída. Como se percebesse meu olhar, ele se virou. Ficamos nos encarando por um, dois, três segundos. Fui a primeira a desviar os olhos, não antes de receber um sorriso preguiçoso.

Meu coração batia descompassado e disse a mim mesma que precisava assumir o controle da situação. Eu não ia cair naquela. Não com Patch. A menos que eu estivesse ficando maluca.

— Vamos embora — falei para Vee.

Fechei o laptop e o coloquei na pasta. Joguei meus livros dentro da mochila, mas alguns acabaram caindo no chão.

— Estou tentando ler o título do livro que ele está segurando... — disse Vee. — Pera aí... *Como perseguir pessoas.*

— Ele não está pegando emprestado um livro com esse título. — Mas eu não estava tão certa assim.

— É esse ou então *Como ser sexy sem fazer força*.

— Shh!

— Fique fria, ele não pode nos ouvir. Está falando com a bibliotecária. Está finalizando o empréstimo.

Ao confirmar a informação com uma olhadela rápida, percebi que se saíssemos naquele momento provavelmente o encontraríamos na porta. E então eu teria de falar com ele. Retornei para a cadeira e comecei uma busca cuidadosa (por nada) nos bolsos da mochila, enquanto ele terminava de acertar o empréstimo.

— Você não acha esquisito que ele esteja aqui na mesma hora que a gente? — perguntou Vee.

— Você acha?

— Acho que ele está seguindo você.

— Acho que é coincidência.

Isso não era inteiramente verdade. Se precisasse fazer uma lista dos dez lugares mais prováveis para encontrar Patch numa noite qualquer, a biblioteca pública não estaria entre eles. Não estaria nem entre os cem primeiros. Então, o que ele estava fazendo ali?

A pergunta era particularmente perturbadora depois do que tinha acontecido na noite anterior. Não contei para Vee porque esperava que tudo perdesse a importância e desaparecesse da minha memória como se simplesmente não tivesse acontecido. Ponto final.

— *Patch!* — Vee fez de conta que estava sussurrando. — Você está perseguindo a Nora?

Tampeí com a mão a boca de Vee.

— Pare com isso. Estou falando sério. — E fiz cara de zangada.

— Aposto que ele a está seguindo — disse Vee, afastando minha mão. — Aposto também que ele tem histórico de perseguir garotas. Aposto que está cumprindo alguma medida cautelar de afastamento. Poderíamos bisbilhotar na secretaria. Vamos encontrar tudo na ficha dele.

— Não vamos bisbilhotar na secretaria.

— Eu poderia desviar a atenção. Sou boa em chamar atenção. Ninguém veria você entrar. Poderíamos agir como espiãs.

— Não somos espiãs.

— Você sabe o sobrenome dele? — perguntou Vee.

— Não.

— Você sabe alguma coisa sobre ele?

— Não. E prefiro assim.

— Qual é? Você adora uma boa história de mistério, e não existem muitas histórias de mistério melhores por aí.

— As melhores histórias de mistério costumam incluir um cadáver. Não temos um cadáver.

— Não temos ainda! — Vee soltou um gritinho.

Peguei dois comprimidos de suplemento de ferro do fiasco que estava na minha mochila e os engoli de uma só vez.

Vee parou o Neon na entrada da casa dela pouco depois das 21h30. Desligou o motor e balançou as chaves na minha cara.

— Você não vai me levar para casa? — perguntei. Desperdício de fôlego, porque eu sabia a resposta.

— Muita neblina.

— Em algumas "partches" do caminho. Vee sorriu.

— Puxa vida. Você não tira ele da cabeça. Não a culpo, claro. Pessoalmente, espero sonhar com ele esta noite.

Eu, hein.

— E a neblina sempre piora perto da sua casa — prosseguiu Vee. — Fico apavorada lá depois que escurece.

Peguei as chaves.

— Muito obrigada.

— Não ponha a culpa em mim. Diga a sua mãe que se mude para mais perto. Diga a ela que existe um novo clube chamado civilização e que vocês duas deveriam se associar.

— Imagino que queira que eu passe para pegar você amanhã antes da escola?

— Sete e meia seria uma boa hora. O café da manhã é por minha conta.

— É melhor que seja um ótimo café da manhã.

— Seja boazinha com meu carrinho. — Ela deu tapinhas no carro. — Mas não tão boazinha. Não quero que ele pense que pode ter vida melhor em outro lugar.

No caminho para casa, permiti que meus pensamentos fizessem uma breve viagem até Patch. Vee estava certa: alguma coisa nele era extremamente atraente. E extremamente assustadora. Quanto mais pensava, mais me convencia de que havia algo nele... de errado. O fato de que ele gostava de me contrariar não era exatamente uma novidade, mas havia diferença entre implicar comigo na aula e talvez se dar o trabalho de me seguir até a biblioteca para levar a implicância adiante. Pouca gente faria isso... a não ser que tivesse bons motivos.

Na metade do caminho, começou a cair uma chuva fina das poucas nuvens de neblina que pairavam sobre a estrada. Dividindo a atenção entre a estrada e o controle do volante, tentei encontrar o comando dos limpadores de para-brisa.

A luz dos postes piscava lá no alto, e fiquei imaginando se uma tempestade estava se aproximando. Ali tão perto do oceano o clima mudava constantemente, e uma garoa podia rapidamente se transformar em uma enxurrada. Pisei no acelerador do Neon.

As lâmpadas vacilaram mais uma vez. Senti um calafrio na nuca e os pelos dos meus braços se eriçaram. Meu sexto sentido entrou em alerta máximo. Perguntei a mim mesma se achava que estava sendo seguida. Não havia faróis no espelho retrovisor. Nem carros adiante. Eu estava sozinha. Não era um pensamento lá muito reconfortante. Acelerei até os 70 quilômetros por hora.

Encontrei o comando dos limpadores do para-brisa, mas mesmo na velocidade máxima eles não conseguiam dar conta da chuva forte. O sinal ficou amarelo, então diminuí até parar, verifiquei se vinha outro carro e atravessei o cruzamento.

Ouvi o impacto antes de registrar que um vulto negro deslizava pelo capô do carro.

Gritei e pisei fundo no freio. O vulto bateu contra o para-brisa e ouvi um barulho de vidro quebrado.

Por impulso, virei o volante para a direita. O Neon saiu de traseira e girou no cruzamento. O vulto rolou e desapareceu por trás do capô.

Prendendo a respiração e agarrada ao volante com tanta força que as duas mãos estavam quase dormentes, tirei os pés dos pedais. O carro deu um tranco e parou.

Ele estava agachado a alguns metros, observando-me. Não parecia nem um pouco... machucado.

Estava todo vestido de negro e se confundia com a noite, o que tornava difícil dizer qual era a sua aparência. A princípio não consegui distinguir os traços de seu rosto, mas então percebi que ele usava uma máscara de esquiador.

Ele ficou de pé e se aproximou. Espalmou as mãos contra a janela do lado do motorista. Nossos olhos se encontraram pelo orifício da máscara. Um sorriso letal parecia brotar de seus olhos.

Deu outro golpe. O vidro vibrava entre nós.

Liguei o carro. Tentei sincronizar as ações de passar a primeira marcha, pisar no acelerador e soltar a embreagem. O motor ligou, no entanto o carro mais uma vez deu um solavanco e morreu.

Dei a partida de novo, mas me distraí com um estranho ruído metálico. Observei aterrorizada que a porta começava a ceder. Ele a estava... arrancando.

Engatei a primeira marcha. Meus sapatos escorregavam nos pedais. O motor roncou, enquanto o conta-giros no painel avançava para a zona vermelha.

O punho atravessou a janela com uma explosão de cacos de vidro. A mão tateou meu ombro e segurou meu braço. Dei um grito rouco, pisei fundo no acelerador e soltei a embreagem. O Neon cantou pneus ao entrar em movimento. Ele continuou pendurado, segurando meu braço, correndo ao lado do carro por muitos metros antes de me largar.

A adrenalina me fez avançar a toda a velocidade. Verifiquei o espelho retrovisor para ter certeza de que ele não estava me perseguindo e então afastei o espelho para o outro lado. Tive que apertar os lábios para não cair no choro.

CAPÍTULO 4

Descendo a Hawthorne a toda velocidade, passei pela minha casa, fiz o contorno, cortei pela Beech e me dirigi de volta ao centro de Coldwater. Usei a discagem rápida para ligar para Vee.

— Aconteceu uma coisa... eu... ele... do nada... o Neon...

— Não estou conseguindo entender. O que houve?

Sequei o nariz nas costas da mão. Estava tremendo da cabeça aos pés.

— Ele apareceu do nada.

— Quem?

— Ele... — Tentei organizar os pensamentos e transformá-los em palavras. — Pulou na frente do carro.

— Caramba. Caramba, caramba. Você atropelou um *veado*? Está tudo bem com você? E o Bambi? — Ela meio que choramingava e resmungava. — O Neon?

Abri a boca, mas Vee me interrompeu.

— Deixe pra lá. Tenho seguro. Mas me diz que não tem pedaços de veado por todo o meu carrinho... Nenhum pedaço, certo?

A resposta que eu estava a ponto de dar desapareceu. Minha mente estava dois passos à frente. Um veado. Talvez eu pudesse fazer com que toda aquela história se tratasse do atropelamento de um veado. Eu queria confiar em Vee, mas também não queria parecer maluca.

Como explicaria o fato de ter visto o cara que atropelou se levantar e começar a arrancar a porta do carro? Puxei a gola para observar meu ombro. Não havia sinal de marca vermelha na região em que ele me agarrara...

Voltei a mim com um susto. Eu estava mesmo considerando a hipótese de negar o que acontecera? Eu sabia o que tinha visto. Não era minha imaginação.

— Que doideira — disse Vee. — Você não respondeu. O veado está preso no farol do carro, é isso? Você está dirigindo com ele preso na frente do carro como se fosse um trator de limpar neve.

— Posso dormir na sua casa?

Queria sair das ruas. Da escuridão. Com um suspiro repentino, percebi que, para chegar à casa de Vee, precisaria passar novamente pelo cruzamento onde o havia atropelado.

— Estou no meu quarto — disse Vee. — Entre quando chegar. Vejo você logo.

Segurando o volante com força, acelerei o Neon em meio à chuva, rezando para que o sinal estivesse verde para mim na Hawthorne. Estava, e voei pelo cruzamento, olhando fixamente para a frente, mas ao mesmo tempo tentando dar uma olhada nas sombras na lateral da pista. Não havia vestígio do cara com a máscara de esquiador.

Dez minutos depois, estacionei o Neon na garagem de Vee. A porta tinha sido tão danificada que precisei empurrá-la com os pés para abrir caminho e sair. Então fui correndo até a porta da frente, tranquei-a e desci depressa a escada até o subsolo.

Vee estava sentada na cama de pernas cruzadas, com o caderno apoiado nos joelhos, fones no ouvido e iPod ligado no volume máximo.

— Será que eu vou querer ver o prejuízo hoje à noite ou devo deixar para depois de pelo menos sete horas bem dormidas? — exclamou num volume mais alto que a música.

— Talvez a opção número 2.

Vee fechou o caderno com força e tirou os fones.

— Vamos lá.

Quando chegamos do lado de fora, fiquei olhando o Neon por um bom tempo. Não era uma noite quente, mas não foi a temperatura que causou os arrepios que eriçaram meus pelos dos braços. Não havia sinal de qualquer dano na janela do lado do motorista. Nenhum amassado na porta.

— Tem alguma coisa errada — disse eu. Mas Vee não estava ouvindo. Estava muito ocupada inspecionando cada centímetro quadrado do Neon.

Dei um passo à frente e apalpei a janela do motorista. O vidro estava intacto. Fechei os olhos. Quando os abri novamente, a janela continuava intacta.

Dei a volta até a traseira do carro. Tinha praticamente completado 360 graus quando parei subitamente.

Uma fenda fina dividia o para-brisas em duas partes.

Vee notou ao mesmo tempo.

— Tem certeza de que não foi um esquilo?

Voltei a ver em minha mente os olhos letais na máscara de esquiador. Eram tão negros que eu não conseguia distinguir a íris e as pupilas. Negros como... os olhos de Patch.

— Olhe pra mim. Estou chorando de alegria — disse Vee, jogando-se sobre o capô do Neon para um abraço. — Um arranhãozinho de nada. Só isso. Forcei um sorriso, mas meu estômago estava embrulhado. Cinco minutos antes, a janela estava destroçada e a porta, amassada. Olhando para o carro naquele momento, parecia impossível. Não, parecia maluquice. Mas eu vi o punho socar o vidro e senti as unhas se cravarem em meu ombro.

Não foi?

Quanto mais tentava me lembrar do acidente, mais difícil se tornava. Pequenos lapsos de informação abriam-se em minha memória. Os detalhes estavam desaparecendo. Como ele era? Alto? Baixo? Magro? Forte? Disse alguma palavra?

Eu não conseguia lembrar. E isso era o mais assustador.

Na manhã seguinte Vee e eu saímos de casa às 7h15 e dirigimos até o Enzo's Bistrô para tomar leite quente. Com as mãos em volta da minha xícara de porcelana, tentei afastar o frio intenso que me consumia por dentro. Tinha tomado uma chuveirada, vestido uma camiseta e um cardigã de Vee e passado alguma maquiagem, mas mal me lembrava de ter feito isso.

— Não olhe agora — disse Vee —, mas o sr. Suéter Verde não para de olhar para cá, avaliando suas pernas compridas nesses jeans... Ih! Ele acabou de me fazer uma saudação. É sério. Uma saudação militar com dois dedos. Que gracinha.

Eu não estava escutando. Passara a noite revivendo o acidente da véspera, o que espantou qualquer possibilidade de sono. Meus pensamentos estavam enredados, meus olhos, secos e pesados. Não conseguia me concentrar.

— O sr. Suéter Verde parece normal, mas seu escudeiro tem jeito de ser um garoto bastante malcomportado — disse Vee. — Tem uma certa aura de "não mexa comigo". Diga só se você não acha que ele parece filho do Drácula. Diga que é minha imaginação.

Levantando os olhos apenas o suficiente para espiar, sem dar pinta, observei o rosto bonito, de traços finos. O cabelo louro caía na altura dos ombros. Olhos cor de cromo. Barba por fazer. Impecavelmente vestido com uma jaqueta ajustada sobre o suéter verde e jeans escuros de marca.

— Você está imaginando coisas — eu disse.

— Não viu aqueles olhos fundos? O topete? O porte alto e esguio? Talvez ele seja alto o bastante para mim.

Vee está chegando perto de 1,80 metro de altura, mas tem fixação por saltos. Saltos altos. Também tem fixação por não sair com sujeitos mais baixos.

— Muito bem. O que há de errado? — Vee perguntou. — Você ficou incomunicável. Não tem a ver com o arranhão em meu para-brisa, tem? Qual é o problema de você ter

batido em um bicho? Podia ter acontecido com qualquer um. É claro que as chances disso acontecer seriam bem menores se a sua mãe resolvesse sair do fim do mundo.

Contaria a Vee a verdade sobre o que havia acontecido. Logo. Só precisava de um tempinho para reconstituir alguns detalhes. O problema era que eu não sabia como conseguiria fazer isso. Os únicos detalhes que sobraram eram vagos, na melhor das hipóteses. Era como se uma borracha tivesse apagado minhas lembranças. Rememorando, eu me lembrava da chuva pesada descendo pela janela do carro, deixando tudo mais indistinto. Será que eu realmente não havia atropelado um veado?

— Hum. Fique ligada — disse Vee. — O sr. Suéter Verde está se levantando da cadeira. Hum, aquele corpo frequenta a academia regularmente. Ele está vindo na nossa direção, com olhos em suas posses, ou melhor, com os olhos em você.

Menos de um segundo depois fomos saudadas com um "Olá" em tom baixo e agradável.

Vee e eu olhamos ao mesmo tempo. O sr. Suéter Verde estava em pé perto da nossa mesa, com os polegares escondidos nos bolsos dos jeans. Tinha olhos azuis, cabelos louros charmosamente desarrumados caindo na testa.

— Olá você — disse Vee. — Sou Vee. Essa é Nora Grey.

Fiz uma cara feia para Vee. Não gostei de ela ter acrescentado meu sobrenome, achei que violava um acordo tácito entre meninas, para não falar de melhores amigas, ao conhecer garotos desconhecidos. Acenei sem

muita vontade e levei a xícara à boca, queimando a língua no mesmo momento.

Ele arrastou uma cadeira da mesa ao lado e sentou-se de costas, apoiando o braço no encosto. Estendeu a mão para mim e disse:

— Sou Elliot Saunders. — Apertei a mão dele, achando aquilo formal demais. — E esse é Jules — acrescentou, projetando o queixo na direção do amigo, aquele que Vee havia subestimado muito ao chamar de "alto".

Jules abaixou-se todo para se sentar ao lado de Vee, fazendo a cadeira parecer de brinquedo.

— Acho que você talvez seja o cara mais alto que já vi — ela disse para ele. — Fala sério, qual é sua altura?

— Dois metros e dez centímetros — balbuciou Jules, curvando-se no assento e cruzando os braços.

Elliot pigarreou.

— Será que eu poderia pedir alguma coisa para as senhoritas comerem?

— Eu estou satisfeita — disse, erguendo a xícara. — Já pedi. Vee me chutou por debaixo da mesa.

— Ela vai querer um donut recheado com creme de baunilha. Peça dois.

— E a dieta vai para o ralo, é? — perguntei a Vee.

— Fica na sua. A fava da baunilha é uma fruta. Uma fruta marrom.

— É um legume.

— Tem certeza?

Eu não tinha.

Jules fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. Aparentemente, compartilhávamos o mesmo entusiasmo pela companhia um do outro.

Enquanto Elliot se dirigia ao balcão, deixei meus olhos o acompanharem. Com toda a certeza ele cursava o ensino médio, mas nunca o vira na Coldwater High School. Teria lembrado. Ele tinha uma personalidade atraente e extrovertida que se destacava. Se eu não estivesse tão abalada, poderia até mesmo ficar interessada. Em amizade, ou talvez em algo mais.

— Você mora por aqui? — perguntou Vee a Jules.

— Hum, hum.

— Vai para a escola?

— Kinghorn Prep. — Havia um tom de superioridade em sua voz.

— Nunca ouvi falar.

— Escola particular. Em Portland. As aulas começam às nove horas. — Ele arregaçou a manga e olhou o relógio.

Vee mergulhou o dedo na espuma do leite e lambeu.

— É cara?

Jules olhou diretamente para ela pela primeira vez. Os olhos se arregalaram, mostrando um pouco do branco.

— Você é rico? Aposto que é — disse ela.

Jules olhou para Vee como se ela tivesse acabado de matar uma mosca esmagando-a contra a testa dele. Arrastou a cadeira alguns centímetros, afastando-se de nós.

Elliot voltou com uma caixa de meia dúzia de donuts.

— Dois com recheio de creme de baunilha, para as moças — disse ele, empurrando a caixa na minha direção —, e quatro com glacê, para mim. É melhor que eu me abasteça, porque não sei como é o refeitório da Coldwater High.

Vee quase derramou o leite. Você estuda na CHS?

— A partir de hoje. Acabei de ser transferido para lá, da Kinghorn Prep.

— Eu e Nora estudamos na CHS — disse Vee. — Espero que você seja capaz de apreciar sua sorte. Qualquer coisa que queira saber, inclusive quem deve convidar para o Baile de Primavera, é só perguntar. Nora e eu, aliás, não temos acompanhantes... Por enquanto.

Decidi que estava na hora de ir embora. Jules estava obviamente entediado e nervoso, e estar em sua companhia não ajudava meu humor impaciente. Fiz uma grande cena ao olhar no relógio do celular e falei:

— Está na hora de irmos para a escola, Vee. Precisamos estudar para a prova de biologia. Elliot e Jules, muito prazer em conhecê-los.

— Nossa prova de biologia é só na sexta — disse Vee.

Fiz uma careta por dentro. Por fora, sorri entre os dentes.

— Isso. O que eu queria dizer é que tenho prova de *inglês*. Sobre as obras de... Geoffrey Chaucer.

Todo mundo sabia que eu estava mentindo. Fiquei um pouco incomodada por minha grosseria, especialmente porque Elliot nada tinha feito para merecer aquele tratamento. Mas eu não queria ficar mais naquele lugar. Queria continuar avançando, distanciando-me da noite anterior. Talvez não fosse tão ruim assim a perda da memória. Quanto mais rápido eu esquecesse o acidente, mais rápido minha vida retomaria o ritmo normal.

— Espero que você tenha um ótimo primeiro dia. Talvez nos encontremos na hora do almoço — disse para Elliot.

Então puxei Vee pelo cotovelo e a arrastei até a porta.

O horário de aulas estava quase encerrado. Só faltava a de biologia, e depois de passar rapidamente em meu armário para trocar os livros encaminhei-me para a sala. Vee e eu chegamos antes de Patch. Ela deslizou no assento vazio onde ele deveria estar, começou a mexer no interior da mochila até retirar uma caixa de jujubas.

— Hora de uma fruta vermelha — disse, oferecendo-me a caixa.

— Deixe ver... Canela é fruta? — Afastei a caixa.

— Você também não comeu nada no almoço — disse Vee fazendo uma cara feia.

— Não estou com fome.

— Mentirosa. Você sempre está com fome. Isso tem a ver com Patch? Você não está achando que ele tem mesmo seguido você, está? Porque, na noite passada, tudo aquilo que falei na biblioteca era gozação com a sua cara.

Massageei as têmporas em pequenos círculos. A dor sem fim que tinha se instalado atrás dos meus olhos intensificou-se diante da menção a Patch.

— Patch é a menor das minhas preocupações — disse. Não era exatamente verdade.

— Meu lugar, com licença.

Vee e eu levantamos os olhos ao mesmo tempo ao ouvir o som da voz de Patch.

Ele soou bastante educado, mas não parou de encarar Vee enquanto ela se levantava e pendurava a mochila no ombro. Parecia que ela não conseguia se mover rápido o bastante. Ele gesticulou para o corredor, convidando-a a sair do caminho.

— Linda como sempre — disse para mim ao sentar na cadeira.

Recostou-se, estendendo as pernas diante de si. Eu já percebera que ele era alto, mas nunca tinha pensado qual era a altura. Agora, ao observar a extensão de suas pernas, eu chutaria que ele tinha mais de 1,85 metro. Talvez 1,90 metro.

— Obrigada — respondi sem pensar.

Imediatamente, quis engolir minhas palavras. Obrigada? De tudo o que eu poderia ter dito, "obrigada" era o pior.

Não queria que Patch achasse que eu apreciava seus elogios. Porque não apreciava... na maioria das vezes. Não era preciso ser muito esperta para perceber que ele era encrenca, e eu já tinha passado por encrenca o bastante na vida. Não precisava de mais. Talvez se eu o ignorasse, ele acabaria desistindo de puxar assunto. Então poderíamos nos sentar lado a lado em harmonia silenciosa, como todas as outras duplas na sala.

— Também está com um perfume gostoso — disse Patch.

— Chama-se chuveiro. — Eu estava com o olhar fixo para a frente. Como ele não respondeu, virei-me de lado. — Sabão. Xampu. Água quente.

— Nua. Sei como é.

Abri a boca para mudar de assunto quando o sinal me interrompeu.

— Guardem os livros — disse o técnico, sentado à mesa.
— Vou entregar um questionário a fim de que vocês se preparem para o teste de sexta. — Ele parou diante de mim, lambendo o dedo enquanto tentava separar os exercícios. — Quero 15 minutos de silêncio enquanto vocês respondem as perguntas. Então discutiremos o capítulo sete. Boa sorte.

Passei pelas primeiras perguntas respondendo com um despejo rítmico de fatos memorizados. Pelo menos o exercício prendeu minha atenção, colocando em segundo plano o acidente da noite anterior e a voz no fundo da minha mente que questionava minha própria sanidade. Quando parei para descansar a mão que escrevia senti Patch se curvar na minha direção.

— Você está com uma cara cansada. Noite ruim? — sussurrou.

— Vi você na biblioteca.

Fui cuidadosa em manter meu lápis deslizando sobre o exercício, aparentemente entretida com o trabalho.

— O ponto alto da minha noite.

— Você estava me seguindo?

Ele jogou a cabeça para trás e riu suavemente.

— Então o que estava fazendo ali? — Tentei uma abordagem diferente.

— Pegando um livro emprestado.

Senti os olhos do técnico sobre mim e mergulhei no exercício. Depois de responder a várias outras perguntas, dei uma olhada para a esquerda. Fiquei surpresa ao descobrir que Patch estava me observando. Ele sorriu.

Meu coração deu um pulo inesperado, aturdido com aquele sorriso estranhamente sedutor. Para meu horror, fiquei tão sem graça que deixei cair o lápis, que quicou no tampo da mesa algumas vezes antes de rolar da quina. Patch se curvou para pegá-lo. Segurou-o com a palma da mão, e precisei me concentrar para não tocar sua pele ao pegá-lo de volta.

— Depois da biblioteca — sussurrei —, aonde você foi?

— Por quê?

— Você me seguiu? — questionei em voz baixa.

— Você parece um pouco perturbada, Nora. O que aconteceu? As sobrelanceiras dele se ergueram com um ar de preocupação. Era tudo só fachada, pois havia um fulgor zombeteiro em seus olhos negros.

— Você está me seguindo?

— Por que eu ia querer seguir você?

— Responda a minha pergunta.

— Nora..

O tom ameaçador na voz do técnico me devolveu ao exercício, mas eu não parei de pensar em qual teria sido a resposta de Patch. Queria ir para o mais longe possível dele. Para o outro lado da sala. Para o outro lado do universo.

O técnico usou o apito.

— Acabou o tempo. Passem os questionários para a frente. Vocês encontrarão questões semelhantes nesta sexta-feira. E agora — ele disse batendo uma das mãos contra a outra, com um som que me fez tremer —, vamos cuidar da lição do dia. Srta. Sky, gostaria de apresentar nosso tema?

— S-e-xo — anunciou Vee.

Assim que ela terminou de falar, saí do ar. Patch estava me seguindo? Seria dele o rosto escondido pela máscara de esquiador? Se é que havia mesmo um rosto atrás da máscara. O que ele queria? Cruzei os braços com força, subitamente sentindo muito frio. Queria que minha vida voltasse a ser como era antes de Patch aparecer em meu caminho.

No final da aula, não deixei que ele saísse.

— Será que nós poderíamos conversar?

Ele já estava de pé, por isso sentou-se na beirada da mesa.

— O que houve?

— Sei que você não quer sentar junto de mim mais do que eu quero sentar junto de você. Acho que o técnico talvez considere uma mudança de lugares se você falar com ele. Se explicar a situação...

— A situação?

— Não somos... compatíveis.

Ele passou a mão no queixo. Um gesto de avaliação que já se tornara familiar para mim depois de uns poucos dias.

— Não somos?

— Não estou dando nenhum furo de reportagem aqui.

— Quando o técnico me pediu uma lista de características desejáveis em uma parceira, descrevi você.

— Retire o que disse.

— Inteligente. Atraente. Vulnerável. Você discorda?

Ele estava fazendo aquilo com o único propósito de me provocar, e isso só me irritava mais.

— Você vai pedir ao técnico para mudar de lugar ou não?

— Negativo. Fiquei apegado.

O que eu deveria dizer diante aquilo? Obviamente ele estava tentando provocar em mim alguma reação. O que não era difícil, considerando que eu nunca sabia se ele estava brincando ou sendo sincero.

Tentei aplicar uma dose de compostura à minha voz.

— Acho que você ficaria bem melhor se sentasse com outra pessoa. Acho que você sabe disso. — Sorri, tensa, porém educada.

— Mas eu poderia acabar ao lado de Vee. — O sorriso parecia tão educado quanto o meu. — Não vou arriscar.

Vee apareceu junto a nossa mesa, olhando alternadamente para mim e para Patch.

— Estou interrompendo?

— Não — eu disse fechando bruscamente a mochila. — Estava perguntando a Patch quais páginas devemos ler hoje. Não conseguia me lembrar do que o técnico determinou.

— O dever está no quadro-negro, como sempre — Vee falou. — Como se você já não tivesse lido tudo.

Patch caiu na gargalhada, como se estivesse curtindo sozinho uma piadinha particular. Não foi a primeira vez que desejei saber em que ele estava pensando. Porque algumas vezes eu tinha certeza de que essas piadinhas tinham tudo a ver comigo.

— Algo mais, Nora? — perguntou.

— Não — respondi. — Até amanhã.

— Mal posso esperar. — Ele piscou. Piscou de verdade.

Quando Patch já não poderia ouvir, Vee agarrou meu braço.

— Boa notícia. *Cipriano*. É o sobrenome dele. Vi na basta de chamada do técnico.

— E isso é algo que deve me deixar feliz porque...?

— Todo mundo sabe que os alunos são obrigados a registrar medicamentos controlados na enfermaria. — Ela puxou o bolso dianteiro de minha mochila, no qual guardo os comprimidos de ferro. — Todo mundo sabe também que a enfermaria é localizada convenientemente dentro da secretaria, onde, por acaso, ficam guardadas as fichas dos alunos.

Com os olhos brilhando, Vee segurou meu braço e me empurrou na direção da porta.

— Está na hora de fazer uma investigação de verdade.

CAPÍTULO 5

— Em que posso ser útil?

Obriguei-me a sorrir para a secretária, esperando não parecer tão desonesta quanto me sentia.

— Tem um medicamento que tomo diariamente na escola, e minha amiga...

Minha voz falhou naquela palavra, e perguntei a mim mesma se, depois daquele dia, teria vontade de voltar a chamar Vee de amiga.

— Minha amiga me informou que devo registrar o medicamento com a enfermeira. A senhora saberia me dizer se isso está correto?

Não podia acreditar que estava ali com a intenção de fazer algo ilegal. Ultimamente, eu não andava me comportando como eu mesma. Primeiro, fui atrás de Patch até um fliperama de má reputação tarde da noite. Agora estava a ponto de bisbilhotar a ficha de um aluno. Qual era o meu problema? Não. Qual era o problema com Patch?, pois quando tinha a ver com ele eu não conseguia parar de tomar decisões erradas.

— Ah, sim — disse a secretária solenemente. — Todos os medicamentos precisam ser registrados. A sala da enfermeira é ali atrás, terceira porta à esquerda, em frente ao arquivo dos alunos. — Ela gesticulou para o corredor atrás dela. — Se a enfermeira não estiver lá, você pode se sentar na maca dentro da sala. Ela deve voltar a qualquer momento.

Fabriqueei outro sorriso. Realmente não esperava que fosse tão fácil.

Andando pelo corredor mal iluminado, parei diversas vezes para olhar para trás. Ninguém vinha. O telefone na entrada da secretaria estava tocando, mas o som parecia estar vindo do outro lado do mundo. Eu estava sozinha, livre para fazer o que quisesse.

Parei diante da terceira porta à esquerda. Respirei fundo e bati, mas era óbvio, por causa do escuro do outro lado do vidro, que a sala estava vazia. Empurrei a porta. Ela se moveu com dificuldade, rangendo, e ao se abrir revelou uma sala compacta revestida de azulejos desgastados. Fiquei parada na porta por um instante, quase desejando que a enfermeira aparecesse para não ter escolha além de registrar meu suplemento de ferro e partir. Uma rápida olhada do outro lado do corredor revelou uma porta com uma janela de vidro onde estava escrito ARQUIVOS DOS ALUNOS. Estava escuro demais.

Voltei minha atenção para um pensamento incômodo no fundo da cabeça. Patch garantia que não frequentara a escola no ano anterior. Eu estava certa de que ele estava mentindo, mas, se não estivesse, será que ele teria ficha no arquivo? Precisava ter, pelo menos, um endereço residencial, raciocinei. E uma caderneta de vacinas, e as notas do último semestre. Até aquela data. Uma possível suspensão parecia ser um preço alto demais para dar uma olhada na caderneta de vacinas de Patch.

Apoiei um ombro contra a parede e olhei meu relógio. Vee me dissera para aguardar seu sinal. Disse que seria algo óbvio.

Que beleza.

O telefone da secretaria tocou de novo e a moça atendeu.

Mordendo os lábios, arrisquei uma segunda olhada na porta em que estava escrito ARQUIVOS DOS ALUNOS. Havia uma boa chance de que estivesse trancada. As pastas com a documentação provavelmente eram consideradas altamente confidenciais. Não importava o que Vee inventasse para desviar a atenção. Se a porta estivesse fechada, eu não poderia entrar.

Passei a mochila para o outro ombro. Mais um minuto se passou. Disse a mim mesma que talvez eu devesse sair dali...

Por outro lado, e se Vee estivesse certa e ele andasse me seguindo? Como sua parceira de biologia, mantendo contato regular com ele, eu poderia estar em perigo. Tinha responsabilidade pela minha própria proteção... não tinha?

Se a porta estivesse destrancada e as pastas em ordem alfabética, eu não teria dificuldade de localizar rapidamente a de Patch. Mais alguns segundos para examinar qualquer informação que chamasse atenção em sua ficha e talvez eu pudesse dar o fora em menos de um minuto. Tão rápido que nem pareceria que entrara lá.

Estava estranhamente silencioso na secretaria. Subitamente, Vee dobrou em um corredor. Ela avançou na minha direção, curvada, grudada à parede, olhando disfarçadamente sobre o ombro. Era o tipo de andar adotado pelos espões em filmes antigos.

— Está tudo sob controle — sussurrou.

- O que aconteceu com a secretária?
- Precisou deixar a sala por um minuto.
- Precisou? Você não a deixou inválida, deixou?
- Não dessa vez.

Agradei ao deus das pequenas bênçãos.

— Liguei do orelhão lá fora para dar alarme de bomba — disse Vee. — A secretária ligou para a polícia e então escapou para procurar o diretor.

— Vee!

Ela apontou para o pulso sucessivas vezes.

— O tempo está passando. Não queremos ser encontradas aqui quando a polícia chegar.

Claro que não.

Vee e eu avaliamos a porta para o arquivo.

— Saia daí — disse Vee me dando uma bundada.

Ela abaixou a manga até o punho e deu um soco na janela. Nada aconteceu.

— Esse foi só para pegar o jeito — disse ela e se preparou para dar outro soco.

Eu segurei seu braço.

— Talvez não esteja trancada. — Virei a maçaneta e a porta se abriu.

— Não foi tão divertido — disse Vee.

Questão de gosto.

— Você entra — instruiu ela. — Vou ficar de guarda. Se tudo correr bem, nos encontramos em uma hora no restaurante mexicano na esquina das ruas Drake e Beech. — Ela mais uma vez abaixou-se próxima à parede para atravessar o corredor.

Eu fiquei meio dentro, meio fora do cômodo estreito e com as paredes repletas de arquivos. Antes que minha consciência me fizesse desistir, fechei a porta atrás de mim, empurrando-a com as costas.

Respirando fundo, liberei-me da mochila e avancei depressa, acompanhando com o dedo a frente das gavetas. Encontrei a gaveta que estava marcada com CAR-CUV. Com um puxão, ela se abriu com estardalhaço. As etiquetas nas pastas tinham sido escritas à mão, e fiquei pensando se Coldwater High seria a última escola do país sem computador.

Meus olhos esbarraram no nome "Cipriano".

Puxei a pasta com força da gaveta abarrotada. Segurei-a nas mãos por um momento, tentando me convencer de que não havia nada de muito errado com o que estava prestes a fazer. Qual era o problema se havia informações particulares ali? Como colega de Patch em biologia, eu tinha o direito de tomar conhecimento.

Do lado de fora, vozes invadiram o corredor.

Abri a pasta de forma desajeitada e imediatamente tomei um susto. Aquilo não fazia sentido.

As vozes se aproximavam.

Joguei a pasta em qualquer lugar dentro da gaveta e a empurrei, fechando o armário mais uma vez com estardalhaço. Ao virar, congelei. Do outro lado da janela, com o olhar grudado em mim, o diretor interrompeu o passo.

O que quer que ele estivesse dizendo ao grupo, que provavelmente consistia de todos os principais integrantes do corpo docente, ficou pela metade.

— Com licença — eu o ouvi dizer.

Os demais continuaram adiante. Ele ficou. Abriu a porta.

— O acesso a esta área é proibido aos estudantes.

Tentei fazer cara de indefesa.

— Sinto muito. Estava tentando encontrar a sala da enfermeira. A secretária me disse que era na terceira porta à direita, mas acho que me enganei. — Ergui as mãos para o alto. — Estou perdida.

Antes que ele pudesse reagir, abri o zíper da mochila.

— Parece que preciso fazer um registro disto aqui. Comprimidos à base de ferro — expliquei. — Tenho anemia.

Ele me estudou por um minuto, franzindo o cenho. Achei que podia vê-lo examinando as opções: ficar por ali e lidar comigo ou lidar com uma ameaça de bomba. Ele indicou a porta com o queixo.

— Você precisa sair do prédio imediatamente.

Ele abriu a porta até o canto, e passei por baixo do seu braço, meu sorriso desmoronando.

Uma hora depois, sentei-me no reservado em um canto do restaurante mexicano na esquina da Drake com a Beech. Um cactus de cerâmica e um coiote empalhado estavam pendurados na parede acima de mim. Um homem com um sombrero maior que ele saracoteou na minha direção. Dedilhando o violão, cantou para mim enquanto a recepcionista deixava os menus sobre a mesa. Franzi a testa quando vi o nome na capa do menu. Borderline. Nunca fora ali antes, mas algo naquele nome me soava levemente familiar.

Vee chegou por trás de mim e desmoronou no assento à minha frente. O garçom a seguia.

— Quatro *chimis* com creme azedo extra, uma porção de *nachos* e outra de feijão preto — disse ela, sem consultar o menu.

— Um burrito vermelho — disse eu.

— Contas separadas? — perguntou ele.

— Não vou pagar a dela — dissemos Vee e eu ao mesmo tempo. Quando nosso garçom partiu, eu disse:

— Quatro *chimis*. Estou louca para saber qual é a equivalência em frutas.

— Nem começa. Estou morrendo de fome. Não comi nada desde o almoço. — E completou após uma pausa: — Isso sem contar as jujubas, e eu não conto.

Vee é voluptuosa, clara como uma escandinava e, de uma forma pouco ortodoxa, incrivelmente sexy. Já houve

dias em que nossa amizade era o único sentimento que barrava minha inveja. Perto de Vee, a única característica que eu tinha a meu favor eram as pernas. E talvez o metabolismo. Mas definitivamente o cabelo nem se comparava.

— É melhor que ele traga os *nachos* logo — disse Vee. — Vou ter um treco se não consumir alguma comida com sal nos próximos 45 segundos. E você sabe muito bem o que eu quero fazer com essa dieta.

— Fazem o molho com tomate — observei. — É vermelho. E abacate é uma fruta. Eu acho.

O rosto dela se iluminou.

— E vamos beber daiquiris de morango sem álcool.

Vee estava certa. Era bem fácil seguir aquela dieta.

— Já volto — disse ela saindo do reservado. — Tô naqueles dias. Depois quero saber de tudo.

Enquanto a esperava, comecei a prestar atenção ao ajudante de garçom que estava a algumas mesas de distância. Parecia bem ocupado, passando um pano sobre o tampo de uma mesa. Havia algo estranhamente familiar na forma como ele se movia, na forma como a camisa caía sobre o arco bem definido das costas. Quase como se suspeitasse estar sendo observado, ele ficou ereto e se virou. Seus olhos encontraram os meus no mesmo instante em que entendi o que era tão familiar naquele ajudante de garçom.

Patch.

Não podia acreditar. Tive vontade de me dar um tapinha na testa quando lembrei que ele dissera que trabalhava no Borderline.

Enxugando as mãos no avental, ele se aproximou, aparentemente adorando meu constrangimento enquanto eu olhava para todos os lados, à procura de um jeito de escapar, e descobria que não havia saída além de me abaixar ali no reservado.

— Muito bem — disse ele. — Você não se contenta em ficar comigo cinco dias por semana? Também precisa me ver à noite?

— Peço desculpas pela infeliz coincidência.

Ele se acomodou no assento de Vee. Quando descansou os braços, notei que eram tão longos que atravessavam metade da mesa. Ele pegou meu copo e ficou girando-o nas mãos.

— Todos os assentos estão ocupados — eu disse. Como ele não respondeu, peguei o copo de volta e dei um gole, engolindo acidentalmente um cubo de gelo. Queimou toda a minha garganta. — Você não deveria estar trabalhando em vez de confraternizar com os clientes? — disse engasgada.

Ele sorriu.

— O que você vai fazer domingo à noite?

Minha respiração saiu com um ronco. Acidentalmente.

— Está me convidando para sair?

— Você está ficando atrevida. Gosto disso, Anjo.

— Não ligo para o que você gosta. Não vou sair com você. Não para ter um encontro. Sozinha. — Quis me bater por sentir calor ao imaginar como poderia ser uma noite sozinha com Patch. Provavelmente não era aquilo o que ele queria dizer. Muito provavelmente ele estava armando para cima de mim por motivos que só ele sabia. — Calma aí. Você acabou de me chamar de Anjo? — perguntei.

— E se chamei?

— Não gosto. Ele sorriu.

— Continua sendo Anjo.

Ele se curvou sobre a mesa, levantou a mão até meu rosto e passou o polegar no canto da minha boca. Afastei-me tarde demais.

Ele esfregou o *gloss* no polegar e no indicador.

— Você ficaria melhor sem isso.

Tentei me lembrar do que estávamos falando, mas não tanto quanto tentei parecer inabalável diante do toque dele. Joguei o cabelo para trás do ombro e retomei a conversa anterior.

— De qualquer maneira, não posso sair na véspera de dias de aula.

— Que pena. Tem uma festa na praia. Achei que poderíamos ir.

Ele até parecia sincero.

Não conseguia entendê-lo. De forma alguma. O calor que eu sentira permanecia no sangue. Tomei outro longo gole, tentando refrescar meus sentimentos com uma dose de líquido gelado. Ficar sozinha com Patch seria fascinante e perigoso. Não sabia exatamente por quê, mas estava certa da minha intuição.

Fingi bocejar.

— Bem, como disse, no dia seguinte tem aula. — Com muita esperança de me convencer disso, acrescentei: — Se você se interessa pela tal festa, tenho quase certeza de que eu não me interessaria.

Perfeito. Pensei. Caso encerrado. Então, de repente, perguntei:

— Por que está me convidando?

Até então, vinha dizendo a mim mesma que não me importava com o que Patch pensava sobre mim. Mas, naquele momento, eu sabia que isso era uma mentira. Embora provavelmente fosse me arrepender depois, estava tão curiosa a respeito de Patch que iria com ele a praticamente qualquer lugar.

— Quero ficar sozinho com você — disse Patch. No mesmo momento, minhas defesas se reconstituíram.

— Olhe só, Patch, não quero ser grosseira, mas...

— É claro que você quer ser.

— Bem, você começou! — Que bonito. Muito madura. — Não posso ir à tal festa. Final da história.

— Porque você não pode sair na véspera de um dia de aula ou porque tem medo de ficar sozinha comigo?

— Pelas duas razões. — A confissão simplesmente escapou.

— Você tem medo de todos os caras... ou só de mim?

Revirei os olhos como se quisesse dizer *não vou responder uma pergunta tão idiota*.

— Você não fica à vontade comigo?

A boca dele permaneceu uma linha neutra, mas detectei um sorriso curioso aprisionado ali.

Sim, para falar a verdade, ele me deixava pouco à vontade. Também tinha a tendência de eliminar todo pensamento lógico da minha cabeça.

— Sinto muito — disse. — Do que estávamos falando?

— De você.

— De mim?

— De sua vida pessoal.

Eu ri, insegura do que deveria responder.

— Se você vai falar de mim... Do sexo oposto... Descanse, porque a Vee já me fez esse discurso. Não preciso ouvi-lo duas vezes.

— E o que a sábia Vee disse?

Minhas mãos estavam agitadas e as tirei de vista.

— Não consigo entender por que está tão interessado.

Ele sacudiu a cabeça suavemente.

— Interessado? Estamos falando sobre você. Estou fascinado.

Ele sorriu, e era um sorriso fantástico. O resultado foi um descompasso — descompasso do meu coração.

— Acho que você deveria voltar ao trabalho — disse.

— Se quer minha opinião, gosto da ideia de que não haja na escola um cara que atenda suas expectativas.

— Esqueci que você é uma autoridade sobre as minhas pretensas expectativas — desdenhei.

Ele me examinou de uma forma que me fez sentir transparente.

— Você não é tão fechada, Nora. Nem tímida. Só precisa de uma boa razão para se dar o trabalho de conhecer alguém.

— Não quero mais falar sobre mim.

— Você acha que sabe tudo sobre todo mundo.

— Não é verdade — disse eu. — Por exemplo, bem, não sei muito sobre... você.

— Não está pronta para saber.

Não havia descontração alguma na forma como ele disse aquilo. Na realidade, a expressão dele estava afiada como uma lâmina.

— Olhei sua pasta nos arquivos de alunos da escola.

Minhas palavras pairaram no ar por um momento antes de os olhos de Patch se alinharem com os meus.

— Acredito que isso seja ilegal — ele disse calmamente.

— Sua pasta estava vazia. Não havia nada. Nem uma caderneta de vacinação.

Ele nem tentou fingir surpresa. Recostou-se no assento, com os olhos negros brilhando.

— Está me dizendo isso porque teme que eu provoque uma epidemia? Sarampo ou caxumba?

— Estou dizendo isso porque quero que saiba que eu sei que há algo de errado com você. Você não enganou todo mundo. Vou descobrir o que quer. Vou fazer você mostrar tudo.

— Estou ansioso por isso.

Corei, percebendo tarde demais o duplo sentido. Por cima da cabeça de Patch pude ver Vee abrindo caminho entre as mesas.

— Vee está chegando — eu disse. — Você precisa sair.

Ele ficou no lugar, olhando para mim com atenção, pensativo.

— Por que você está me olhando desse jeito? — provoquei-o.

Ele se inclinou para a frente, preparando-se para levantar.

— Porque você é cem por cento diferente do que eu esperava.

— Você também — retruquei. — É muito pior.

CAPÍTULO 6

Na manhã seguinte, fiquei surpresa em ver Elliot aparecer para o primeiro tempo de educação física quando o último sinal tocava. Estava vestido com shorts de basquete que iam até os joelhos e camiseta branca da Nike. Os tênis de cano longo pareciam novos e caros. Depois de entregar um papel para a srta. Sully, ele me viu. Acenou discretamente e se juntou a mim na arquibancada.

— Estava pensando quando a gente se esbarraria novamente — disse ele. — A secretaria percebeu que eu não tive educação física nos últimos dois anos. Não é uma disciplina obrigatória nas escolas particulares. Estão discutindo como vão incluir quatro anos de educação física nos próximos dois anos. E aqui estou eu. Tenho educação física no primeiro e no quarto tempos.

— Você não contou por que se transferiu para cá — disse.

— Perdi a bolsa, e meus pais não podiam bancar a mensalidade.

A srta. Sully apitou.

— Imagino que o apito tenha algum significado — Elliot disse para mim.

— Dez voltas em torno da quadra sem cortar caminho. — Levantei da arquibancada. — Você é atleta?

Elliot deu um salto e girou nos calcanhares. Deu alguns socos e ganchos no ar. Terminou com um cruzado que parou bem perto de meu queixo. Sorridente, ele disse:

— Atleta? Até a alma.

— Então vai adorar o que a srta. Sully chama de diversão.

Elliot e eu corremos juntos as dez voltas e então nos dirigimos para fora, onde o ar estava impregnado por uma neblina fantasmagórica. Aquilo parecia entrar em meus pulmões, sufocando-me. Algumas gotas de chuva caíam do céu, que parecia querer desaguar uma tempestade na cidade de Coldwater. Olhei para as portas do prédio, mas sabia que não adiantaria. A srta. Sully era dura.

— Preciso de dois capitães para o softball — urrou ela. — Vamos, ânimo! Quero ver algumas pessoas levantando a mão! Melhor que sejam voluntários ou serei eu quem vai escolher as equipes, e nem sempre jogo limpo.

Elliot ergueu a mão.

— Muito bem — disse a srta. Sully para ele. — Venha aqui, no lado do time da casa. E que tal... Marcie Millar como capita do time vermelho?

Os olhos de Marcie examinaram Elliot de cima a baixo.

— Vamos lá.

— Elliot, vá em frente e escolha o primeiro — disse a srta. Sully.

Passando os dedos no queixo, Elliot examinou a turma, aparentemente procurando avaliar só pela aparência nossas habilidades em campo e com o bastão.

— Nora — disse ele.

Marcie jogou a cabeça para trás e riu.

— Obrigada — disse para Elliot, abrindo um sorriso venenoso que, por razões que eu desconhecia, fascinava o sexo oposto.

— Obrigada por quê? — perguntou Elliot.

— Por ter nos entregado o jogo. — Marcie apontou para mim. — Existe uma centena de razões que fazem com que eu seja líder de torcida e Nora não. *Coordenação motora* é a primeira da lista.

Estreitei os olhos numa careta para Marcie, e então me encaminhei para o lado de Elliot e vesti uma camiseta azul.

— Nora e eu somos amigos — Elliot disse calmamente para Marcie, quase com frieza.

Era um exagero, mas eu não ia corrigi-lo. Marcie parecia ter recebido um balde de água fria, e eu estava gostando daquilo.

— Só porque você ainda não conheceu ninguém melhor. Como eu.

Ela enrolou o cabelo no dedo.

— Marcie Millar. Logo vai saber tudo sobre mim.

Ou o olho dela tremeu, ou ela piscou para ele.

Elliot não demonstrou qualquer reação, e meu conceito sobre ele subiu alguns pontos. Um cara inferior teria se ajoelhado e implorado a Marcie por qualquer migalha de atenção que conviesse a ela lhe dispensar.

— Vamos ficar aqui a manhã toda, esperando a chuva cair, ou vamos resolver isso logo? — perguntou a srta. Sully.

Depois de organizar os times, Elliot levou o nosso para o banco e determinou a ordem dos rebatedores. Entregou-me o bastão e enfiou um capacete na minha cabeça.

— Você é a primeira. Tudo o que precisamos é alcançar uma base.

Ao ensaiar uma jogada, quase o atingi.

— Puxa, mas estava a fim de fazer um *home run* — eu disse em seguida.

— Também podemos cuidar disso.

Ele me mandou ir para a nossa base.

— Fique em posição e dê tudo de si.

Equilibrei o bastão no ombro, achando que talvez devesse ter prestado mais atenção aos jogos da World Series. Tudo bem, talvez eu devesse ter assistido à World Series. O capacete escorregou, cobrindo meus olhos, e eu o afastei, tentando calcular as distâncias do campo, que estava coberto por nuvens aterradoras de neblina.

Marcie Millar assumiu sua posição no montinho do arremessador. Estendeu a bola diante de si, e percebi que exibia o dedo do meio para mim. Abriu outro sorriso venenoso e lançou a bola na minha direção.

Cheguei a raspar nela, mandando-a para o chão no lado errado da linha de falta.

— Strike! — exclamou a srta. Sully de sua posição, entre a primeira e a segunda bases.

Elliot urrou do banco.

— Essa bola tinha muito efeito. Mande uma bola limpa para ela!

Precisei de um tempo para perceber que ele estava se dirigindo a Marcie e não a mim.

Mais uma vez a bola deixou a mão de Marcie desenhando um arco no céu carregado. Bati e perdi completamente.

— Segundo strike — disse Anthony Amowitz por trás da máscara de apanhador.

Olhei feio para ele.

Afastando-me da posição, dei algumas rebatidas no ar só para praticar. Não percebi que Elliot vinha por trás de mim. Ele pôs os braços à minha volta e posicionou as mãos no bastão, junto às minhas.

— Deixa eu lhe mostrar — disse ao pé do meu ouvido. — Assim. Percebe? Relaxe, agora use os quadris, está tudo nos quadris.

Eu sentia meu rosto aquecer com os olhares que a turma toda nos dirigia.

— Acho que entendi, obrigada.

— Vão para um quarto! — exclamou Marcie.

Os jogadores no campo interno caíram na gargalhada.

— Se você lançasse uma bola decente — respondeu Elliot —, ela devolveria.

— Estou pronta para arremessar.

— Ela está pronta para rebater. — Elliot baixou o tom de voz, falando só para mim: — Você para de olhar nos olhos dela no minuto em que ela soltar a bola. Os arremessos dela não são limpos, por isso você precisa se esforçar para rebater.

— Estamos prendendo a bola, pessoal! — exclamou a srta. Sully.

Nesse exato momento, algo no estacionamento, além do limite do banco, chamou minha atenção. Achei que tivesse ouvido meu nome. Virei e, logo em seguida, percebi que não tinham pronunciado meu nome em voz alta. O nome soara dentro de minha cabeça.

Nora.

Patch estava usando um boné de beisebol azul desbotado e agarrava com os dedos a malha da cerca, apoiando-se nela. Sem casaco, apesar do tempo. Vestido de preto dos pés à cabeça. Os olhos eram opacos e impenetráveis enquanto ele me observava, mas suspeito que muitas ideias se passavam por trás deles.

Outra sequência de palavras passou pela minha cabeça.

Aulas de rebatida? Que boa... pegada.

Respirei fundo para recuperar o equilíbrio e disse a mim mesma que havia imaginado as palavras. Porque a

alternativa seria a hipótese de que Patch tinha o poder de colocar pensamentos na minha mente. O que não podia acontecer. A menos que eu estivesse perdendo a cabeça. Aquilo me assustou mais do que a ideia de que ele dispensava os métodos normais de comunicação e podia, se quisesse, falar comigo sem sequer abrir a boca.

— Grey! Volte para o jogo.

Pisquei, voltando à vida a tempo de ver a bola voando pelos ares na minha direção. Preparava-me para rebater quando ouvi outras palavras.

Ainda... não.

Eu me detive, esperando que a bola se aproximasse. Quando ela perdeu altura, dei um passo adiante e bati com toda a minha força.

Uma forte pancada ecoou e o bastão vibrou nas minhas mãos. A bola foi na direção de Marcie, que caiu de costas no chão, passou entre o interbases e a segunda base quicou na grama fora do campo.

— Corra! — gritou meu time, do banco. — Corra, Nora!

Corri.

— Solte o bastão! — eles gritaram.

Eu o larguei de lado.

— Fique na primeira base!

Não fiquei.

Passando pelo canto da primeira base, eu a contornei, avançando na direção da segunda. O jardineiro esquerdo

estava com a bola agora, em posição para me botar para fora. Baixei a cabeça, estiquei os braços e tentei lembrar como os craques na ESPN faziam para deslizar e atingir a base. Primeiro os pés? Primeiro a cabeça? Parar, cair e rolar?

A bola partiu na direção do segundo jogador de base, girando como um ponto branco em algum lugar no canto do meu campo de visão. Um refrão animado com a palavra "Escorrega!" vinha do banco, mas eu ainda não tinha decidido o que atingiria o chão primeiro — meus sapatos ou minhas mãos.

O segundo jogador de base capturou a bola no ar. Mergulhei de cabeça, com os braços esticados. A luva veio do nada, caindo em cima de mim. Atingiu meu rosto, com um cheiro forte de couro. Meu corpo se desmanchou no chão, enquanto um punhado de terra e areia dissolvia-se sob minha língua.

— *Strike out!* — gritou a srta. Sully.

Rolei para o lado, procurando examinar os danos. Minhas coxas queimavam com uma estranha mistura de calor e frio. Quando levantei o moletom, seria pouco dizer que parecia que dois gatos tinham brigado nas minhas coxas. Manquei de volta até o banco e desabei.

— Bonito — disse Elliot.

— A cena que armei ou minha perna machucada?

Encolhendo a perna junto ao peito, limpei com cuidado o máximo de sujeira possível.

Elliot inclinou-se e soprou meu joelho. Vários dos pedaços maiores de sujeira caíram no chão.

Seguiu-se um momento de silêncio constrangedor.

— Você consegue andar? — perguntou.

De pé, demonstrei que embora minha perna estivesse coberta de arranhões e sujeira, ainda tinha condições de funcionamento.

— Posso levá-la para a enfermaria, se quiser. Para fazer um curativo — disse ele.

— Juro, estou ótima.

Olhei de relance para a cerca onde vira Patch pela última vez. Ele não estava mais lá.

— Aquele junto da cerca era seu namorado? — perguntou Elliot.

Fiquei surpresa pelo fato de Elliot tê-lo notado. Ele havia ficado de costas para

— Não — respondi. — É só um amigo. Para falar a verdade, nem isso. É meu parceiro na aula de biologia.

— Você está corando.

— Provavelmente por causa da friagem.

A voz de Patch ainda ecoava na minha cabeça. Meu coração batia mais rápido, mas, pelo menos, meu sangue corria mais frio. Ele tinha falado diretamente com meus pensamentos? Havia algum tipo de elo inexplicável entre nós que permitia que isso acontecesse? Ou será que eu estava ficando maluca?

Elliot não parecia completamente convencido.

— Você tem certeza de que não há nada entre vocês dois? Não quero correr atrás de uma garota que não está disponível.

Ou nada que eu fosse deixar acontecer.

Calma aí. O que Elliot acabara de dizer?

— O que foi?

Ele sorriu.

— O Delphic Seaport reabre no sábado à noite. Jules e eu estamos pensando em dar um pulo lá. O tempo não deve estar muito ruim. Será que você e a Vee não gostariam de ir conosco?

Levei um momento para pensar sobre o convite. Eu estava bem convencida de que Vee me mataria se recusasse a oferta de Elliot. Além do mais, sair com Elliot parecia uma boa maneira de escapar de minha desconfortável atração por Patch.

— Combinado — eu disse.

CAPÍTULO 7

Era sábado à noite, Dorothea e eu estávamos na cozinha.

Ela acabara de colocar uma travessa no forno e examinava a lista de tarefas que mamãe pendurara na geladeira com um ímã.

— Sua mãe ligou. Não vai voltar para casa antes de domingo à noite — disse Dorothea enquanto esfregava a pia da cozinha com Ajax com tanto vigor que eu sentia o meu próprio cotovelo doer. — Ela deixou um recado na secretária. Quer que você ligue para ela. Você tem ligado todas as noites antes de dormir?

Eu estava sentada em um banco, comendo um bagel com manteiga. Acabara de dar uma grande mordida, e Dorothea me olhava como se esperasse que eu lhe desse uma resposta.

— Mm-hmm — tentei dizer, acenando positivamente com a cabeça.

— Chegou uma carta da escola hoje. — Ela meneou o queixo na direção da pilha de correspondência sobre o balcão. — Você sabe do que se trata?

Dei de ombros com o ar mais inocente possível e falei:

— Não faço ideia.

Mas eu tinha uma boa noção do que a carta tratava. Doze meses antes, eu tinha aberto a porta da frente e me deparado com policiais. *Temos uma notícia ruim*, tinham dito. O enterro do meu pai foi uma semana

depois. Desde então, todas as tardes de segunda-feira eu aparecia pontualmente para uma sessão com o dr. Hendrickson, o psicólogo da escola. Havia perdido as duas últimas e, se não compensasse naquela semana, estaria em encrenca. A carta, muito provavelmente, era uma advertência.

— Tem planos para hoje à noite? Você e Vee estão com alguma carta na manga? Talvez assistir a um filme em casa?

— Talvez. De verdade, Dorth: eu posso limpar a pia mais tarde. Sente aí... Quer a outra metade do meu *bagel*?

O coque cinza de Dorothea estava se desfazendo enquanto ela esfregava.

— Vou assistir a uma conferência amanhã — disse ela. — Em Portland. A dra. Melissa Sanchez vai falar. Ela diz que você pode usar o pensamento para se transformar em uma pessoa mais sexy. Os hormônios são poderosos. A menos que digamos a eles o que queremos, eles podem nos trair. Trabalham contra nós. — Dorothea voltou-se, apontando o frasco de Ajax para enfatizar seu ponto de vista. — Agora eu acordo de manhã, levo o batom vermelho para o espelho. "Sou sexy", escrevo. "Os homens me desejam." Hoje em dia, ter 65 anos é como ter 25 anos em outros tempos.

— Você acha que funciona? — perguntei, esforçando-me muito para não sorrir.

— Está funcionando — disse Dorothea em tom sério.

Lambi a manteiga da ponta dos dedos, procurando uma resposta adequada.

— Então você vai passar o fim de semana reinventando seu lado sexy.

— Toda mulher precisa reinventar seu lado sexy. Gosto disso. Minha filha colocou próteses de silicone. Disse que fez isso para ela, mas qual é a mulher que aumenta os peitos para satisfação própria? Eles são um transtorno. Ela aumentou os seios por causa de um homem. Espero que você não faça besteiras para agradar a um rapaz, Nora. — Ela sacudiu o dedo na minha cara.

— Pode acreditar, Dorth, não há garotos na minha vida.

Tudo bem, talvez houvesse dois espreitando nas margens, vigiando a distância, mas como eu não conhecia nenhum deles muito bem, e um deles me deixava completamente apavorada, parecia mais seguro fechar os olhos e fingir que não estavam ali.

— Isso é bom e ruim — disse Dorothea em tom de crítica.
— Quando você encontra o garoto errado, está procurando encrenca. Se encontrar o garoto certo, encontra o amor. — A voz dela suavizou-se, cheia de lembranças. — Quando eu era uma garotinha na Alemanha, precisei escolher entre dois rapazes. Um era muito perverso. O outro era o meu Henry. Estamos casados e felizes há 41 anos.

Hora de mudar de assunto.

— Como está, hum, seu afilhado... Lionel? Os olhos dela se arregalaram.

— Você está interessada no jovem Lionel? — Nãããão.

— Posso dar um jeito...

— Não, Dorothea, falando sério. Muito obrigada, mas... estou realmente focada nas minhas notas nesse momento. Quero entrar em uma boa universidade.

— Se você quiser, no futuro...

— Pode deixar, eu aviso.

Terminei o *bagel* ao som da monótona tagarelíce de Dorothea, introduzindo alguns acenos e monossílabos aqui e ali, nas ocasiões em que ela interrompia a conversa o suficiente para esperar pela minha resposta. Estava ocupada decidindo se queria mesmo me encontrar com Elliot à noite. Inicialmente, o encontro parecera uma ótima ideia. Quanto mais eu pensava no assunto, porém, mais dúvidas me invadiam. Para começar, eu conhecera Elliot havia apenas alguns dias. Além disso, não sabia ao certo o que minha mãe acharia da combinação. Estava ficando tarde, e Delphic ficava a pelo menos meia hora de carro. E, principalmente: nos fins de semana Delphic tinha a reputação de ser um lugar barra-pesada.

O telefone tocou, e o número de Vee apareceu no identificador de chamadas.

— Vamos fazer algo hoje à noite? — ela queria saber.

Abri a boca, calculando a resposta cuidadosamente. Assim que eu contasse para ela a proposta de Elliot, não haveria como recuar.

— Minha nossa! — Vee berrou. — Minha nossa, minha nossa, minha nossa. Acabei de derramar esmalte no sofá. Espere aí, vou pegar papel. Você sabe se esmalte sai com água? — Um momento depois, ela voltou. — Acho que estraguei o sofá. Precisamos sair hoje à noite. Não

quero estar por aqui quando descobrirem minha mais recente obra de arte accidental.

Dorothea tinha caminhado pelo corredor até o lavabo. Eu não estava com a menor vontade de passar o restante da noite ouvindo ela reclamar das louças e dos metais do banheiro enquanto limpava, por isso tomei uma decisão.

— Que tal irmos ao Delphic Seaport? Elliot e Jules vão. Querem encontrar com a gente.

— Você escondeu o jogo! Informação vital, Nora. Pego você em 15 minutos. — Em seguida a ouvi desligar o telefone.

Fui para o andar de cima e peguei um suéter branco de caxemira, bem confortável, jeans escuros e mocassins azul-marinho. Arrumei o cabelo emoldurando o rosto com os cachos definidos com o dedo — era esse o jeito de domar meus cachos naturais — e... *voilà!* Espirais quase decentes. Dei um passo para trás, para me examinar cuidadosamente no espelho, e concluí que estava uma mistura de despreocupada e quase sexy.

Exatamente 15 minutos depois, Vee jogou o Neon na entrada da garagem de casa e apertou a buzina em *staccato*. Eu costumava levar dez minutos para percorrer de carro a distância entre nossas casas, mas normalmente respeitava o limite de velocidade. Vee compreendia a palavra velocidade, mas limite não fazia parte do vocabulário.

— Vou ao Delphic Seaport com Vee — avisei a Dorothea.
— Se a mãe ligar, você diz isso a ela?

Dorothea saiu do lavabo.

— Vai até o Delphic? A essa hora?

— Aproveite a conferência! — disse eu, escapulindo pela porta antes que ela pudesse protestar ou ligar para minha mãe.

O cabelo louro de Vee estava arrumado em um rabo de cavalo alto, com grandes e voluptuosos cachos que se derramavam. Argolas douradas penduradas nas orelhas. Batom vermelho cereja. Rímel preto para alongar os cílios.

— Como é que você consegue? — perguntei. — Teve cinco minutos para se arrumar.

— Sempre alerta. — Vee abriu um sorriso. — Sou a garota dos sonhos de um escoteiro.

Ela fez uma avaliação crítica da minha produção.

— O que foi? — eu disse.

— Vamos nos encontrar com garotos esta noite.

— Até onde sei, vamos.

— Garotos gostam de garotas que parecem... garotas.

— Levantei as sobrancelhas.

— E eu pareço o quê?

— Parece que acabou de sair do chuveiro e resolveu que isso bastava para estar apresentável. Não me leve a mal. As roupas são ótimas, o cabelo está direito, mas o resto... Olhe aqui. — Ela pôs a mão dentro da bolsa. — Como eu sou uma amigona, vou lhe emprestar o batom. E o rímel,

mas só se você me jurar que não tem nenhuma doença contagiosa nos olhos.

— Eu não tenho nada nos olhos!

— Só para ter certeza.

— Não, obrigada.

Vee ficou de boca aberta, meio brincalhona, meio séria.

— Acho que você adoraria essa sensação — disse.

Para falar a verdade, eu estava meio em dúvida em relação a sair sem pintura. Não por me sentir mesmo nua, mas porque Patch me sugerira abolir a maquiagem. Em um esforço para me sentir melhor, disse a mim mesma que minha dignidade não estava em jogo. Nem meu orgulho. Recebi uma sugestão e tinha a cabeça aberta o suficiente para experimentar. O que eu não queria reconhecer era que eu escolhera testar a ideia justamente numa noite em que sabia que não veria Patch.

Meia hora depois, Vee atravessou os portões do Delphic Seaport. Fomos obrigadas a estacionar no ponto mais afastado do estacionamento por causa do grande movimento no fim de semana de abertura. Construído na costa, o Delphic não é conhecido pelo clima ameno. Um vento baixo ganhara força, varrendo nossos calcanhares com sacos de pipoca e embalagens de bala, enquanto nós duas íamos até a bilheteria. As árvores tinham perdido as folhagens havia muito, e os galhos pairavam sobre nós como dedos deformados. O Delphic Seaport ganhava vida durante o verão inteiro com um parque de diversões, festas à fantasia, cabines para leitura da sorte, músicos ciganos e um show de aberrações. Nunca

soube muito bem se as deformidades humanas exibidas eram reais ou falsas.

— Uma inteira, por favor — disse para a mulher na bilheteria.

Ela pegou o dinheiro e passou uma pulseira pela janela. Então sorriu, deixando à mostra dentes de vampiro de plástico, manchados de batom vermelho.

— Divirta-se — ela disse com a voz afobada. — E não deixe de experimentar nossa atração recém-reformada. — Ela deu pancadinhas do lado de dentro do vidro, apontando na direção de uma pilha de mapas e um panfleto.

No panfleto estava escrito:

PARQUE DE DIVERSÕES DELPHIC

A NOVA SENSAÇÃO!

O ARCANJO

REFORMADO E RENOVADO!

CAIA EM DESGRAÇA COM

UM MERGULHO VERTICAL DE 30 METROS.

Vee leu o anúncio por cima do meu ombro. As unhas dela quase rasgaram pele do meu braço.

— Precisamos andar nisso! — gritou.

— Por último — Prometi, esperando que ela se esquecesse daquilo depois de termos andado em todos os outros brinquedos.

Não sentia medo de altura havia anos, talvez por ter convenientemente evitado alturas. Eu não sabia se eu estava pronta para descobrir se o tempo curara esse medo.

Depois de andarmos na roda-gigante, nos carrinhos de bate-bate, no tapete mágico e de passarmos por algumas barracas de jogos, Vee e eu decidimos que estava hora de procurar Elliot e Jules.

— Hum — disse Vee olhando para os dois lados do caminho que atravessava todo o parque.

Ficamos em silêncio.

— O fliperama — disse eu, finalmente.

— Boa.

Tínhamos acabado de atravessar as portas do fliperama quando eu o vi. Não era Elliot. Nem Jules. Patch.

Ele tirou os olhos do jogo. O mesmo boné de beisebol que usava quando eu o vira durante a educação física escondia a maior parte de seu rosto, mas eu tinha certeza de ter visto a ponta de um sorriso. A primeira vista, parecia amistoso, mas então me lembrei de como ele penetrara em meus pensamentos e fiquei completamente gelada.

Se eu estivesse com sorte, Vee não o teria visto. Eu a conduzi através da multidão, deixando Patch fora de vista. A última coisa de que eu precisava era que ela me sugerisse ir até ele e começar um papo.

— Lá estão eles! — disse Vee, acenando no alto. — Jules! Elliot! Aqui!

— Boa noite, senhoritas — disse Elliot, passando entre as pessoas. Jules o seguia, parecendo tão animado quanto um bolo de carne preparado três dias antes. — Será que posso comprar uma Coca-Cola para vocês?

— Ótima ideia — disse Vee. Estava encarando Jules. — Aceito uma Zero. Jules balbuciou qualquer frase sobre precisar ir ao banheiro e mergulhou de volta na multidão.

Cinco minutos depois, Elliot voltou com os refrigerantes. Depois de nos entregar, esfregou as mãos e observou a área.

— Por onde começamos?

— E Jules? — perguntou Vee.

— Ele nos encontra.

— Pelo Air Hockey — disse eu imediatamente.

O jogo ficava do outro lado do salão. Quanto mais longe de Patch, melhor. Disse para mim mesma que era coincidência que ele estivesse ali, mas meu instinto discordava.

— Puxa, vejam só — exclamou Vee. — Totó! — Ela já ziguezagueava até a mesa desocupada — Jules e eu contra vocês dois. Os perdedores pagam a pizza.

—Muito justo — disse Elliot.

Totó seria ótimo se a mesa não estivesse tão perto do lugar onde Patch estava jogando. Disse para mim mesma que deveria ignorá-lo. Se ficasse de costas, mal perceberia que ele estava lá. Talvez Vee também não notasse.

— Ei, Nora, aquele ali não é o Patch? — disse Vee.

— Hum? — perguntei com ar inocente. Ela apontou.

— Ali. É ele, não é?

— Duvido. Elliot e eu estamos no time branco, certo?

— Patch é o parceiro de Nora na turma de biologia — Vee explicou para Elliot. Ela piscou maldosamente para mim, mas fez cara de inocente na hora em que Elliot lhe deu atenção. Balancei a cabeça devagar, mas com firmeza, transmitindo uma mensagem silenciosa: "Pare com isso."

— Ele fica olhando para cá — disse Vee em voz baixa. Ela se curvou sobre a mesa de totó, tentando fazer com que a conversa comigo parecesse particular, mas sussurrava em um tom alto o bastante para que Elliot não tivesse escolha senão ouvir. — Ele vai ficar pensando o que você está fazendo aqui com... — Ela inclinou a cabeça na direção de Elliot.

Fechei os olhos e me imaginei batendo a cabeça contra a parede.

— Patch deixou bem claro que gostaria de ser mais do que o parceiro de biologia de Nora — prosseguiu Vee. — Quem pode culpá-lo?

— Verdade? — disse Elliot me encarando com um olhar que dizia que ele não estava surpreso. Suspeitara daquilo o tempo todo. Percebi que ele deu um passo para se aproximar.

Vee me lançou um sorriso triunfante. *Agradeça mais tarde*, era o que parecia dizer.

— Não é bem assim — corriji. — É...

— Muito pior do que parece — disse Vee. — Nora suspeita que ele anda seguindo ela. A polícia está prestes a entrar nessa história.

— Vamos jogar? — exclamei bem alto.

Soltei a bolinha no meio da mesa. Ninguém reparou.

— Você quer que eu fale com ele? — perguntou Elliot. — Vou explicar que não estamos procurando confusão. Vou dizer que você está comigo e que, se ele tiver algum problema, é melhor resolver comigo.

Não era o rumo que eu queria que a conversa tomasse. De maneira alguma.

— O que aconteceu com Jules? — perguntei. — Ele saiu há algum tempo. -lh , vai ver que caiu dentro do vaso — disse Vee.

— Deixe que eu fale com Patch — disse Elliot.

Embora eu apreciasse a preocupação, não gostava da ideia de um encontro cara a cara entre Elliot e Patch. Patch era uma caixinha de surpresas: intangível, assustador e desconhecido. Quem poderia dizer do que ele seria capaz? Elliot era legal demais para ser jogado contra Patch.

— Ele não me assusta — disse Elliot, como se para contrariar meus pensamentos.

Obviamente discordávamos nesse ponto.

— Não é uma boa ideia — disse eu.

— Ótima ideia — retorquiu Vee. — Senão, Patch pode se tornar... violento. Lembra-se da última vez? *Última vez?!*, balbuciei.

Não tinha noção do que estava levando Vee a fazer aquilo, a não ser sua queda por tornar tudo tão dramático quanto possível. Sua concepção de drama era minha concepção de humilhação mórbida.

— Sem querer ofender ninguém, o sujeito é esquisito — disse Elliot. — Deixe eu conversar dois minutos com ele.

Ele começou a se encaminhar na direção de Patch.

— Não! — exclamei, puxando a manga de sua camisa para impedi-lo. — Ele... uh... Talvez fique violento de novo. Deixe que eu cuido disso. — Fiz cara feia para Vee.

— Você tem certeza? — perguntou Elliot. — Ficaria feliz em cuidar disso.

— Acho que é melhor que eu mesma resolva.

Esfreguei a palma das mãos no jeans e, depois de um suspiro profundo, comecei a diminuir a distância entre Patch e mim, que era de apenas alguns consoles de jogos. Não tinha ideia do que diria quando chegasse lá. Na melhor das hipóteses, apenas um cumprimento rápido. Então poderia voltar e garantir a Elliot e Vee que tudo estava sob controle.

Patch usava o figurino habitual: camisa preta, jeans pretos e um delicado cordão de prata que contrastava com sua figura escura. As mangas estavam dobradas nos antebraços, e eu via os músculos trabalharem conforme ele socava os botões. Era alto, esguio e musculoso, e eu não ficaria surpresa se, debaixo das roupas, ele

escondesse diversas cicatrizes, lembranças de brigas de rua e de outras atitudes imprudentes. Não que eu quisesse olhar debaixo das roupas dele.

Quando cheguei no console ocupado por Patch, dei um tapinha na lateral para chamar sua atenção. Na voz mais calma do mundo, perguntei:

— É PacMan? Ou é Donkey Kong?

Para falar a verdade, parecia algo mais violento e militar. Um sorriso preguiçoso se abriu em seu rosto.

— Beisebol. Talvez você pudesse ficar atrás de mim e me dar uma ajudinha. Bombas explodiam na tela, corpos voavam pelo ar ao som de gritos. Obviamente não era beisebol.

— Qual é o nome dele? — perguntou Patch, acenando de forma quase imperceptível na direção da mesa de totó.

— Elliot. Escute, preciso ser rápida. Estão esperando.

— Eu já o vi?

— Aluno novo. Acaba de ser transferido.

— Primeira semana na escola e já fez amigos. Cara de sorte. — Patch me lançou um olhar. — Pode ser que ele tenha um lado sinistro e perigoso que a gente ignore.

— Isso parece ser minha especialidade.

Esperei que entendesse a deixa, mas ele se limitou a dizer:

— Quer jogar?

Ele inclinou a cabeça na direção do fundo da sala. Por entre a multidão, com alguma dificuldade, percebi que havia mesas de sinuca.

— Nora! — Vee exclamou. — Volte aqui. Elliot está ganhando de mim!

— Não posso — disse a Patch.

— Se eu ganhar — disse ele, como se não tivesse a mínima intenção de aceitar uma recusa —, você diz para Elliot que aconteceu alguma coisa. Diz para ele que não está mais livre esta noite.

Não resisti. Ele era arrogante demais.

— E se eu ganhar? — perguntei.

Os olhos dele me examinaram da cabeça aos pés.

— Acho que não precisamos nos preocupar com isso.

Antes que eu pudesse me impedir, dei um soco leve no braço dele.

— Cuidado — ele falou baixo. — Podem achar que está rolando um clima. Fiquei com vontade de bater em mim mesma, porque era exatamente o que estava acontecendo. Mas não era culpa minha — a culpa era de Patch. Quando estava perto dele, experimentava uma confusa duplicidade de desejos. Parte de mim queria sair correndo, gritando Fogo!, a outra, mais irresponsável, ficava tentada a ver quanta proximidade eu suportaria sem... entrar em combustão.

— Uma partida de sinuca — provocou.

— Estou aqui com outra pessoa.

— Vá até as mesas de sinuca. Eu cuido do resto.

Cruzei os braços, esperando parecer séria e um tanto exasperada, mas ao mesmo tempo precisei morder os lábios para impedir uma demonstração ligeiramente mais positiva.

— O que você vai fazer? Brigar com Elliot?

— Se for necessário.

Eu tinha quase certeza de que ele estava brincando. Quase.

— Uma mesa de sinuca acabou de ficar livre. Vá pegá-la.

Eu... a... desafio. Fiquei rígida.

— Como fez isso?

Como ele demorou a negar, fui tomada por uma onda de pânico. Era real. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Minhas mãos ficaram úmidas de suor.

— Como fez isso? — repeti.

Ele me lançou um sorriso dissimulado.

— Fiz o quê?

— Pare — ameacei. — Não finja que não fez.

Ele apoiou um ombro no console, baixou os olhos e me observou.

— Diga o que supostamente estou fazendo.

— Meus... pensamentos.

— Qual é o problema?

— Pare com isso, Patch.

Ele olhou em volta de forma teatral.

— Você não está querendo dizer... Que estou falando com sua mente? Você sabe que isso parece maluquice, não é?

Engolindo em seco, disse com a voz mais calma possível.

— Você me assusta, e não sei se me faz bem.

— Posso fazer você mudar de ideia.

— Noooora! — exclamou Vee, junto a um burburinho de vozes e bipes eletrônicos.

— Encontre comigo no Arcanjo — disse Patch. Dei um passo para trás.

— Não — retruquei num impulso.

Patch passou por trás de mim e um calafrio subiu pela minha espinha.

— Vou esperar — disse em meu ouvido. E desapareceu no fliperama.

CAPÍTULO 8

Voltei atordoada para a mesa de totó. Elliot estava curvado sobre ela com o rosto concentrado, demonstrando competitividade. Vee dava gritinhos e ria. Jules continuava desaparecido. Vee tirou os olhos do jogo.

— E aí? O que aconteceu? O que ele falou?

— Nada. Disse para ele não encher nosso saco. Ele foi embora. — Minha voz estava inexpressiva.

— Ele não parecia estar furioso quando foi embora — disse Elliot. — O que falou para ele deve ter funcionado.

— Que pena — disse Vee —, estava esperando que a noite tivesse alguma emoção.

— Estamos prontos para jogar? — perguntou Elliot. — Estou ficando com vontade de comer a pizza que vou ganhar.

— Claro, se Jules resolver voltar — disse Vee. — Estou começando a achar que ele não vai com a nossa cara. Fica sumindo. Estou começando a achar que é uma indireta.

— Está brincando? Ele adora vocês — disse Elliot com entusiasmo demais. — Ele só demora a ficar à vontade com gente nova. Vou procurá-lo. Não saiam daqui.

— Sabe que eu vou matar você, não sabe? — falei assim que Vee e eu ficamos sozinhas.

Ela ergueu as mãos e deu um passo para trás.

— Estava lhe fazendo um favor. Elliot está doido por você. Depois que você saiu, contei para ele que uns dez caras têm ligado para você todas as noites. Devia ter visto a cara dele. Mal conteve o ciúme.

Grunhi.

— É a lei da oferta e da procura — falou Vee. — Quem ia imaginar que estudar economia poderia ser útil?

Olhei para a porta do fliperama.

— Preciso de alguma coisa.

— Você precisa de Elliot.

— Não, preciso de açúcar. De muito açúcar. Preciso de algodão-doce.

O que eu precisava mesmo era de uma borracha grande o suficiente para apagar todas as evidências da presença de Patch em minha vida. Particularmente, daquele negócio de falar dentro da minha cabeça. Tremi. Como ele fazia aquilo? E por que eu? A menos... Que eu tivesse imaginado aquilo. Como havia imaginado ter atropelado alguém com o Neon.

— Bem que eu também gostaria de um pouquinho de açúcar — disse Vee. — Vi um vendedor perto da entrada do parque, quando entramos. Vou ficar aqui para que Jules e Elliot não achem que a gente fugiu e você providencia o algodão-doce.

Lá fora, refiz o caminho até a entrada, mas, quando encontrei o vendedor de algodão-doce, distraí-me com algo que estava um pouco mais à frente. O Arcanjo aparecia acima da copa das árvores. Uma fileira de

carros deslizou rapidamente sobre trilhos iluminados e então mergulhou para fora da vista. Fiquei pensando por que Patch queria se encontrar comigo. Senti uma pontada no estômago, e provavelmente deveria ter levado isso em consideração, mas, apesar de minhas boas intenções, peguei-me seguindo em frente, rumo ao Arcanjo.

Segui o fluxo da multidão, mantendo o olhar nos trilhos, que desenhavam círculos no céu. O vento havia mudado de frio para gelado, mas não era isso que fazia eu me sentir cada vez mais desconfortável. A sensação voltara. Aquela sensação gelada, perturbadora, de que alguém estava me observando.

Disfarçadamente, olhei para os dois lados. Nada de anormal na minha visão periférica. Girei 180 graus. Um pouco mais atrás, diante de uma pequena fileira de árvores, uma figura encapuzada se virou e desapareceu na escuridão.

Com o coração batendo mais rápido, ultrapassei um grupo grande de pedestres, afastando-me da clareira. Depois de muitos passos, voltei a olhar para trás. Ninguém parecia estar me seguindo.

Quando olhei para a frente novamente, esbarrei em alguém.

— Desculpe! — balbuciei, tentando recuperar o equilíbrio.

Patch sorriu.

— É difícil resistir a mim. Pisquei.

— Me deixe em paz.

Tentei me esquivar, mas ele pegou meu cotovelo.

— O que aconteceu? Você parece a ponto de vomitar.

— É a reação que você provoca em mim — improvisei. Ele riu. Senti vontade de lhe dar um chute na canela.

— Você está precisando de uma bebida.

Ele ainda segurava meu cotovelo e me puxou até o vendedor de limonada. Finquei meus calcanhares no chão.

— Quer me ajudar? Fique longe de mim. Ele afastou um cacho do meu rosto.

— Adoro o seu cabelo. Adoro quando está descontrolado. É como ver um lado seu que precisa aparecer com mais frequência.

Arrumei o cabelo enfurecidamente. Assim que percebi que parecia que eu estava tentando parecer mais apresentável para ele, disse:

— Preciso ir. Vee está esperando. — Pausa angustiada. — Acho que vejo você na aula, segunda-feira.

— Ande comigo no Arcanjo.

Ergui o pescoço para observar melhor a montanha-russa. Gritos agudos ecoavam enquanto os carros desciam os trilhos com um estrondo.

— Duas pessoas por carro. — O sorriso dele ganhara um ar preguiçoso e provocante.

— Não.

Nenhuma chance.

— Se você continuar fugindo de mim, nunca vai entender o que realmente está se passando.

O comentário, naquele momento, deveria ter me levado a sair correndo. Mas não foi isso o que aconteceu. Era quase como se Patch soubesse o que dizer para despertar minha curiosidade. Exatamente na hora certa.

— O que está havendo? — perguntei.

— Só tem um jeito de você descobrir.

— Não posso. Tenho medo de altura. Além do mais, Vee está esperando.

Só que, subitamente, a ideia de subir àquela altura não me assustava. Não mais. De uma forma absurda, eu me sentia segura sabendo que estaria com Patch.

— Se você aguentar toda a viagem sem gritar, peço ao técnico para trocar de lugar.

— Já tentei. Ele não vai mudar de ideia.

— Talvez eu consiga ser mais convincente do que você. Considerarei o comentário um insulto pessoal.

— Eu não grito — disse. — Não por causa de uma montanha-russa. — E não por você.

No mesmo passo que Patch, percorri o caminho até o final da fila que conduzia ao Arcanjo. Uma onda de gritos encheu o ar e então desapareceu lá no alto do céu escuro.

— Nunca tinha visto você no Delphic — disse Patch.

— Você vem muito aqui?

Fiz uma anotação mental para não voltar a fazer visitas ao Delphic nos fins de semana.

— Tenho um passado neste lugar.

Avançávamos à medida que os carros se esvaziavam e um novo grupo de caçadores de emoções embarcava.

— Deixe-me adivinhar — eu disse. — Você matou aula aqui, em vez de ir à escola no ano passado.

Eu estava sendo sarcástica, mas Patch respondeu:

— Se eu respondesse essa pergunta, desvendaria o meu passado. E prefiro mantê-lo envolto em sombras.

— Por quê? O que há de errado com o seu passado?

— Não acho que seja uma boa hora para falarmos disso. Meu passado pode assustá-la.

Tarde demais, pensei.

Ele se aproximou um passo, e nossos braços roçaram, provocando uma conexão que deixou os pelos de meu braço arrepiados.

— As coisas que tenho a confessar não são as do tipo que você contaria para sua petulante parceira de biologia — disse ele.

O vento gelado me envolveu e, quando inspirei, meus pulmões se encheram de frio. Mas não se comparava com o calafrio que as palavras de Patch tinham causado em mim.

Patch levantou o queixo na direção da rampa.

— Parece que é a nossa vez.

Passei pela porta giratória. Ao chegarmos na plataforma de embarque, os únicos carros vazios eram o primeiro e o último. Patch dirigiu-se para o primeiro da fila.

A estrutura da montanha-russa não me inspirava muita confiança, reformada ou não. Parecia ter mais de um século. Era feita de madeira e passava muito tempo exposta ao implacável clima do Maine. As pinturas nas laterais eram ainda menos inspiradoras.

O vagão que Patch escolheu tinha um conjunto de quatro pinturas. A primeira retratava um grupo de demônios chifrados arrancando as asas de um anjo que gritava. A pintura seguinte mostrava o anjo sem asas pousado sobre uma sepultura, observando crianças brincando a distância. Na terceira, o anjo sem asas estava próximo das crianças, apontando o dedo para uma garotinha de olhos verdes. Na última, o anjo atravessava o corpo da menina como se fosse um fantasma. Os olhos dela estavam negros, não havia mais sorriso, e ela agora tinha chifres como os demônios na primeira pintura. Uma fatia de lua pairava sobre as pinturas.

Desviei o olhar e garanti para mim mesma que era a frieza do ar que fazia minhas pernas tremerem. Deslizei para dentro do vagão, ao lado de Patch.

— Seu passado não me assustaria — eu disse, apertando o cinto de segurança em meu colo. — Muito provavelmente ficaria chocada.

— Chocada — ele repetiu.

O tom da voz me fez crer que ele aceitava a acusação. Era estranho, pois Patch nunca se diminuía.

Os carros foram para trás e então avançaram para a frente. De uma forma não muito suave, nós nos afastamos da plataforma, subindo progressivamente. Os odores de suor, ferrugem e água salgada enchiam o ar. Patch estava perto o bastante de mim, e eu sentia seu cheiro. Senti vestígios quase imperceptíveis de sabonete de hortelã.

— Você está pálida — disse ele, abaixando-se para que sua voz pudesse ser ouvida apesar do ruído dos trilhos.

Estava pálida, mas não dava o braço a torcer.

No alto de uma das colinas, os carros pararam um momento. Eu podia ver a quilômetros de distância dali; percebia onde o mato escuro se combinava com os pontos de luz dos subúrbios e gradualmente dava lugar às luzes de Portland. O vento parou por um instante, permitindo que o ar úmido envolvesse minha pele.

Sem querer, dei uma olhada em Patch. Senti um toque de conforto por estar ao lado dele. Ele então abriu um sorriso.

— Assustada, Anjo?

Agarrei com força a barra de metal colocada na frente do vagão à medida que senti meu peso pender para a frente. Deixei escapar uma risada vacilante.

Nosso carro voava, diabolicamente veloz. Meu cabelo tremulava atrás de mim. Virando para a esquerda e então para a direita, avançamos ruidosamente pelos trilhos. Sentia por dentro meus órgãos subirem e

descerem com os movimentos da viagem. Olhei para baixo, tentando me concentrar em algo que não estivesse se mexendo.

Foi então que percebi que meu cinto estava desatado.

Tentei gritar para Patch, mas minha voz foi engolida pela corrente de ar. Senti meu estômago ficar gelado e soltei uma das mãos da barra de metal para tentar prender o cinto. O vagão disparou para a esquerda. Bati com o ombro em Patch com tamanha força que chegou a doer. O carro voltou a subir e eu o senti sair dos trilhos, não completamente preso a eles.

Mergulhamos. As luzes que brilhavam nas laterais me cegaram. Não consegui distinguir a direção dos trilhos no final do mergulho.

Era tarde demais. O carro se jogou para a direita. Senti uma onda de pânico, e então aconteceu. Meu ombro esquerdo bateu com força contra a porta do vagão, que se abriu, e fui jogada para fora enquanto o carro avançava pela montanha-russa sem mim. Rolei pelos trilhos e procurei agarrar em algo. Minhas mãos nada encontraram, e caí pela beirada dos trilhos, mergulhando direto no vazio negro. O chão se aproximava depressa. Abri a boca para soltar um berro.

Minha lembrança seguinte é do carro freando ruidosamente na plataforma de desembarque.

Meus braços doíam pela força com que Patch me segurava.

— Isso é o que eu chamo de gritar — disse, sorrindo para mim. Atordoada, observei enquanto ele colocava uma das mãos sobre a orelha como se meu grito ainda

ecoasse. Sem muita certeza do que tinha acontecido, olhei para a área do braço dele onde minhas unhas tinham deixado semicírculos tatuados em sua pele. Então meus olhos se dirigiram ao cinto de segurança. Estava preso em volta da minha cintura.

— Meu cinto de segurança... — comecei a dizer. — Pensei...

— Pensou o quê? — Patch perguntou, parecendo interessado de verdade.

— Pensei... que tivesse voado para fora do carro. Pensei literalmente que... eu ia morrer.

— Acho que o objetivo é esse.

Meus braços tremiam. Meus joelhos cederam ligeiramente ao peso do corpo.

— Acho que vamos continuar como parceiros — disse Patch.

Suspeitei ter ouvido uma ponta de vitória em sua voz. Eu estava atordoada demais para discutir.

— O Arcanjo — murmurei, olhando para trás, para a montanha-russa e os vagões que iniciavam uma nova subida.

— Significa anjo de uma categoria elevada. — Definitivamente havia presunção na voz dele. — Quanto mais alto, maior a queda.

Comecei a abrir a boca, querendo dizer que estava certa de ter deixado o carro por um momento e que forças além da minha capacidade de explicar haviam me

devolvido à segurança e à proteção do cinto de segurança. Em vez disso, disse:

— Acho que sou uma garota que simpatiza mais com os anjos da guarda. Patch deu outro sorriso forçado. Conduzindo-me pelo caminho, ele disse:

— Vou levá-la de volta ao fliperama.

CAPÍTULO 9

Atravessei a multidão no interior do fliperama, passando pela lanchonete e pelos banheiros. Quando cheguei às mesas de totó, Vee não estava em nenhuma delas. Nem Elliot, nem Jules.

— Parece que foram embora — disse Patch. Os olhos dele talvez demonstrassem um brilho sutil de divertimento. Mas, de qualquer maneira, em se tratando de Patch, poderia muito bem ser qualquer outra emoção. — Acho que você precisa de uma carona.

— Vee não iria embora sem mim — falei, subindo na ponta dos pés para olhar por cima das pessoas. — Provavelmente estão jogando tênis de mesa.

Esgueirei-me pela multidão enquanto Patch me seguia, entornando uma lata de refrigerante que comprara no caminho. Ele havia se oferecido para comprar uma bebida para mim, mas, no estado em que me encontrava, eu não tinha certeza de poder segurar algo no estômago.

Não havia sinal de Vee nem de Elliot na área de tênis de mesa.

— Talvez estejam jogando *pinball* — sugeriu Patch. Definitivamente, ele estava gozando da minha cara. Senti que estava corando. *Onde estava Vee?*

Patch me ofereceu a latinha.

— Tem certeza de que não quer um gole?

Olhei para a lata e então para Patch. O fato de sentir o sangue ferver diante da ideia de colocar minha boca no mesmo lugar onde a dele havia estado não me obrigava a contar isso para ele.

Revirei a bolsa e peguei o celular. A tela estava escura e o aparelho se recusava a ligar. Não compreendi como a bateria podia ter acabado, pois eu a havia carregado pouco antes de sair. Apertei novamente o botão, mas nada aconteceu.

— Minha oferta ainda está de pé — disse Patch.

Pensei que talvez fosse mais seguro pedir carona a um desconhecido. Ainda estava abalada com o que havia acontecido no Arcanjo. Apesar de me esforçar para tirar aquilo da cabeça, a imagem da queda se repetia. Estava caindo... e então o passeio acabava. Bem assim. Era a situação mais aterradora pela qual eu já havia passado. A outra questão quase tão aterradora era que eu era a única pessoa que parecia ter notado. Nem mesmo Patch, que estava bem ao meu lado, percebera.

Bati a palma da mão contra a testa.

— O carro dela. Provavelmente ela está me esperando no estacionamento. Trinta minutos depois, eu havia esquadrinhado toda a área. O Neon não estava mais lá. Não conseguia acreditar que Vee tivesse ido embora sem mim. Talvez tivesse acontecido uma emergência. Não havia como saber, porque eu não podia verificar as mensagens no celular. Tentei manter minhas emoções sob controle. Mas ela havia me abandonado. Eu tinha um amplo suprimento de raiva fervilhando sob a superfície, pronto para transbordar.

— Acabaram as opções? — perguntou Patch.

Mordi os lábios, examinando as alternativas. Não havia nenhuma. Infelizmente, não tinha certeza de estar pronta para aceitar a oferta dele. Em qualquer dia comum, ele exalava perigo. Naquela noite, havia uma mistura potente de perigo, ameaça e mistério, tudo combinado.

Por fim, suspirei e rezei para não estar prestes a cometer um erro.

— Você vai me levar direto para casa — disse. Pareceu mais uma pergunta do que uma ordem.

— Se é o que você quer.

Estava quase perguntando a Patch se ele havia percebido algo de estranho no Arcaño quando me contive. Estava apavorada demais para perguntar. E se eu não tivesse caído? E se tivesse imaginado tudo? E se estivesse vendo coisas que não estavam acontecendo de verdade? Primeiro o cara com a máscara de esquiador. Agora isso. Estava bem certa de que ouvir os pensamentos de Patch em minha mente era um fato, mas e o restante? Não tinha tanta certeza.

Patch passou por algumas vagas. Uma motocicleta preta e reluzente descansava no apoio. Ele montou e fez um sinal com a cabeça, na direção do assento do carona.

— Pode subir.

— Uau. Bela moto — afirmei.

O que era uma mentira. Parecia uma máquina mortífera brilhante. Eu jamais havia andado de motocicleta. Não tinha certeza de querer experimentar naquela noite.

— Adoro a sensação do vento no meu rosto — prossegui, esperando que minha pretensa coragem mascarasse o terror de me deslocar em velocidades superiores a 90 quilômetros por hora sem algo me protegendo da estrada.

Havia um capacete — negro, com o visor escurecido —, e ele me ofereceu.

Aceitei. Passei a perna sobre a moto e percebi como me sentia insegura com nada além de um assento estreito sob mim. Enfiei o capacete sobre os cachos e o preendi sob o queixo.

— É difícil de dirigir? — perguntei.

O que eu queria dizer na verdade era *é seguro?*

— Não — disse Patch, respondendo à pergunta formulada e à imaginada. Ele riu suavemente. — Você está tensa. Relaxe.

Quando ele começou a se afastar da vaga, a explosão de movimento me assustou. Estivera segurando de leve a camisa dele, apenas o suficiente para manter o equilíbrio. Agora eu o envolvia com os braços em uma espécie de abraço de urso pelas costas.

Patch acelerou para pegar a estrada. Minhas coxas o apertavam. Esperava ser a única a perceber.

Quando chegamos à minha casa, Patch foi com a moto até a entrada da garagem, desligou o motor e saltou. Tirei o capacete e o equilibrei cuidadosamente no banco à minha frente. Abri a boca para dizer algo do tipo *Obrigada pela carona*, até segunda.

As palavras se perderam à medida que Patch atravessou a entrada e se dirigiu aos degraus da varanda.

Não dava tempo de especular o que ele estava fazendo. Acompanhando-me até a porta? Altamente improvável. Então... o que era?

Subi os degraus da varanda atrás dele e o encontrei na porta. Observei, dividida entre a confusão e uma preocupação crescente, quando ele retirou do bolso um molho de chaves muito familiar e encaixou uma delas na fechadura.

Tirei a bolsa do ombro e abri o zíper do bolso em que guardava as chaves. Não estavam lá.

— Devolva minhas chaves — eu disse, desconcertada por não saber como elas tinham ido parar em suas mãos.

— Você as deixou cair no fliperama, quando estava procurando o celular — disse ele.

— Não quero saber onde caíram. Devolva.

Patch ergueu as mãos em sinal de inocência e se afastou da porta. Recostouse no muro e observou enquanto eu me dirigia à fechadura. Tentei girar a chave. Ela não virou.

— Você prendeu a chave na fechadura — eu disse, tentando sacudi-la. Desci um degrau. — Vá em frente. Experimente. Está presa.

Ele deu a volta na chave, fazendo um sonoro clique. Com a mão na maçaneta, ergueu as sobrancelhas como se estivesse dizendo *Posso?*

Engoli em seco, tentando dominar uma onda de fascínio e inquietude.

— Entre. Você não vai encontrar ninguém. Estou sozinha em casa.

— A noite inteira?

Imediatamente, percebi que aquela não era exatamente a informação mais inteligente a dar.

— Dorothea vai chegar em breve. — Era mentira. Dorothea tinha ido embora havia muito tempo. Já era quase meia-noite.

— Dorothea?

— Nossa empregada. Ela é velha, mas é forte. Muito forte. — Tentei me espremer para passar por ele. Sem sucesso.

— Parece amedrontadora — disse ele, retirando a chave da fechadura e oferecendo-a para mim.

— Ela pode limpar uma privada por dentro e por fora em menos de um minuto. É aterrorizante.

Pegando a chave, fui tentando passar de fininho por ele. Minha intenção era trancar a porta entre nós, mas, quando me virei, Patch havia tomado conta do portal, no qual apoiava os braços.

— Você não vai me convidar para entrar? — perguntou.

Pisquei. Convidá-lo para entrar? Na minha casa? Sem outra pessoa lá?

— Está tarde — disse Patch. Seus olhos seguiam os meus de perto, refletindo um brilho incompreensível. — Você deve estar morrendo de fome.

— Não. Sim, quer dizer, sim, mas... De repente ele estava lá dentro.

Dei três passos para trás. Ele empurrou a porta com o pé, para fechá-la.

— Você gosta de comida mexicana? — perguntou.

— Eu... — *gostaria de saber o que você está fazendo dentro da minha casa!*

— Tacos?

— Tacos? — repeti.

Ele parecia estar achando graça naquilo.

— Tomate, alface, queijo.

— Eu sei o que é um taco!

Antes que pudesse impedi-lo, ele passou por mim e avançou casa adentro. No final do corredor, virou à esquerda. Na cozinha.

Foi até a pia e abriu a torneira, ensaboando metade dos braços. Depois, aparentemente já se sentindo à vontade, passou primeiro na despensa, então examinou a geladeira, pegando ingredientes aqui e ali — molho, queijo, alface e tomate. Então revirou as gavetas até achar uma faca.

Suspeito que naquele momento me encontrava à beira do pânico, diante da imagem de Patch com uma faca na

mão, quando outra coisa chamou minha atenção. Dei dois passos para a frente e vi meu reflexo em uma das frigideiras penduradas no suporte para panelas. Meu cabelo! Parecia que um amaranto gigante havia caído na minha cabeça. Tapei a boca.

Patch sorriu.

— Seu cabelo é naturalmente vermelho? Encarei ele.

— Não tenho cabelo vermelho.

— Detesto ter que lhe dar a notícia, mas é vermelho. Dá para queimá-lo em uma fogueira e não ficará mais vermelho do que já está.

— É *castanho*. — Talvez eu tenha um mínimo, infinitesimal toque avermelhado no cabelo. Mas eles ainda eram castanhos. — É a luz — eu disse.

— É, talvez sejam as lâmpadas. — Quando ele sorriu, erguendo os dois cantos da boca, apareceram covinhas.

— Já volto — eu disse, saindo com pressa da cozinha.

Fui para cima e preendi o cabelo em um rabo de cavalo. Com esse problema resolvido, tentei organizar meus pensamentos. Não estava completamente à vontade com a ideia de ter Patch vagando livremente pela minha casa — armado com uma faca. E minha mãe me mataria se descobrisse que eu tinha convidado ele para entrar sem que Dorothea estivesse por lá.

— Podemos fazer isso em outra ocasião? — perguntei, ao encontrá-lo ainda ocupado na cozinha, dois minutos depois. Coloquei a mão sobre o estômago para dar a

entender que estava indisposta. — Estou enjoada — disse. — Acho que foi a Viagem de volta para casa.

Ele parou de picar e levantou os olhos.

— Estou quase acabando.

Percebi que ele havia trocado a faca por outra, maior e mais afiada. Como se pudesse ler meus pensamentos, ele levantou a faca e começou a examiná-la. A lâmina reluzia. Senti um aperto no estômago.

— Abaixete a faca — pedi com tranquilidade.

Patch olhou para mim, para a faca e para mim de novo. Depois de um minuto ele a pousou à sua frente.

— Não vou machucá-la, Nora.

— Puxa... que alívio — consegui dizer, mas a garganta estava seca e apertada. Ele girou a faca, apontando na minha direção.

— Venha cá. Vou ensiná-la a fazer tacos.

Não me mexi. Havia um fulgor nos olhos de Patch que dizia que eu deveria ter medo dele... e eu tinha. Mas o medo também era atração. Era extremamente perturbador estar perto dele. Na sua presença, eu não confiava em mim mesma.

— Vamos fazer um... trato? — O rosto dele estava abaixado, na sombra, e ele me fitava através dos cílios. O quadro dava uma impressão de confiabilidade. — Ajude-me a fazer os tacos e respondo algumas das suas perguntas.

— Minhas perguntas?

— Acho que você sabe o que quero dizer.

Eu sabia perfeitamente o que ele queria dizer. Ia me fazer vislumbrar seu mundo particular. Um mundo onde ele podia falar dentro da minha cabeça. Mais uma vez, ele sabia exatamente o que dizer, no momento certo.

Sem dizer uma palavra, fui para seu lado. Ele colocou a tábua de cortar à minha frente.

— Primeiro — disse ele, vindo por trás de mim e colocando as mãos no balcão, bem próximas das minhas —, escolha o tomate. — Ele baixou a cabeça de modo que sua boca ficou na altura da minha orelha. Seu hálito era morno. Fazia cócegas. — Muito bem. Agora pegue a faca.

— O chefe de cozinha sempre fica assim, tão próximo dos auxiliares? — perguntei, incerta sobre gostar ou temer a agitação que a proximidade provocava em mim.

— Se ele estiver revelando segredos culinários, fica. Segure a faca com vontade.

— Estou segurando.

— Muito bem. — Dando um passo para trás, ele me observou com atenção, aparentemente procurando as falhas, seus olhos indo para cima e para baixo, para um lado e outro. Por um momento irritante, achei ter visto um sorriso disfarçado, de aprovação. — Não se pode ensinar ninguém a cozinhar — disse Patch. — É algo que nasce com você. Ou você sabe ou não sabe. É como a química. Você acha que está pronta para a química?

Finquei delicadamente a faca no tomate, que se dividiu em dois, as metades balançando suavemente sobre a tábua.

— Responda você. Estou pronta para a química?

Patch emitiu um som grave, que eu não consegui decifrar, e sorriu.

Depois do jantar, Patch levou os pratos para a pia. — Eu lavo. Você seca.

Revirando as gavetas ao lado da pia, ele encontrou um pano de prato e o jogou para mim com ar brincalhão.

— Estou pronta para fazer as perguntas — disse eu. — Começando por aquela noite na biblioteca. Você me seguiu...?

Minha voz falhou. Patch estava apoiado preguiçosamente contra o balcão. Os cabelos negros escapavam do boné de beisebol. Um sorriso fazia sua boca se abrir. Meus pensamentos se dissolveram, e de um momento para outro, um novo pensamento aflorou em minha mente.

Eu queria beijá-lo. Bem ali.

Patch levantou as sobrancelhas.

— O quê?

— Ah... nada. Nada mesmo. Você lava. Eu seco.

Não levou muito tempo para lavarmos os pratos, e quando acabamos, percebemos que estávamos apertados no espaço próximo à pia. Patch avançou para tirar o pano de prato da minha mão, e nossos corpos se

tocaram. Nenhum dos dois se mexeu, mantendo a frágil ligação que nos unia.

Fui a primeira a me afastar.

— Assustada? — ele murmurou.

— Não?

— Mentirosa.

Meu coração começou a bater mais rápido. — Não tenho medo de você.

— Não?

Falei sem pensar.

— Talvez eu só tenha medo de... — Xinguei a mim mesma por ter sequer começado a frase. O que eu deveria dizer agora? Não ia admitir para Patch que tudo nele me assustava. Seria como lhe dar permissão para me provocar ainda mais. — Talvez eu só tenha medo de... de... — Gostar de mim?

Aliviada por não precisar concluir minha própria frase, respondi automaticamente sim. Percebi tarde demais o que havia acabado de confessar.

— Quer dizer, não! Definitivamente não. Era não que eu estava tentando dizer! Patch riu baixinho.

— A verdade é que parte de mim realmente não fica à vontade quando você está por perto — respondi.

— Mas?

Agarrei-me ao balcão atrás de mim para garantir o equilíbrio.

— Mas ao mesmo tempo sinto uma atração assustadora por você. Patch abriu o sorriso.

— Você é metido demais — eu disse, usando a mão para afastá-lo um pouco de mim.

Ele a segurou em seu peito e puxou a manga da minha blusa até o punho, cobrindo minha mão. Com igual rapidez, fez o mesmo com a outra manga. Segurava minha blusa pelos punhos, minhas mãos presas. Minha boca se abriu para protestar.

Puxou-me para mais perto e não parou até que eu estivesse bem diante dele. Subitamente, ele me levantou e me sentou no balcão. Meu rosto estava na mesma altura do dele. Lançou para mim um sorriso convidativo e sombrio. Foi então que percebi que esse momento vinha rondando minhas fantasias mais íntimas havia vários dias.

— Tire o boné — eu disse, despejando as palavras sem conseguir me conter. Ele virou o boné, deixando a aba para trás.

Deslizei para a ponta do balcão com as pernas balançando em volta dele. Algo dentro de mim me dizia para parar — mas varri aquela voz para o fundo da minha mente.

Ele abriu as mãos sobre o balcão bem na altura dos meus quadris. Curvando a cabeça para um lado, ele se aproximou. Seu cheiro me fazia lembrar terra úmida e escura e me dominava.

Inspirei fundo duas vezes. Não. Não estava certo. Isso não, não com Patch. Ele era assustador. De uma forma boa. Mas também de uma forma ruim. De uma forma muito ruim.

— Você precisa ir — suspirei. — Com toda certeza, precisa ir.

— Para cá? — A boca dele estava no meu ombro. — Ou para lá? — Dirigiu-se então para o meu pescoço.

Meu cérebro não conseguia produzir um único pensamento lógico. A boca de Patch avançava para cima, um pouco acima da mandíbula, pressionando os lábios suavemente na minha pele...

— Minhas pernas estão bambas — balbuciei.

Não era completamente mentira. Uma sensação de formigamento percorria todo o meu corpo, inclusive as pernas.

— Posso resolver esse problema. — As mãos de Patch agarraram meus quadris.

De repente, o celular tocou. Pulei quando ele soou e procurei-o desajeitadamente em meu bolso.

— Olá, querida — disse mamãe em tom animado.

— Posso ligar para você daqui a pouco?

— Claro. O que está acontecendo?

Desliguei o telefone.

— Você precisa ir embora — disse para Patch. — Agora.

Ele virou de novo o boné. Sob a aba, só conseguia ver sua boca, desenhando um sorriso malicioso.

— Você não está usando maquiagem.

— Devo ter esquecido.

— Sonhe com os anjos.

— Claro, tudo bem. O que ele tinha dito?

— Sobre aquela festa amanhã à noite...

— Vou pensar no assunto — foi tudo o que consegui dizer.

Patch enfiou um pedaço de papel no meu bolso. Seu toque me fez sentir um calor que desceu até minhas pernas.

— Aqui está o endereço. Vou esperar por você. Vá sozinha.

Um momento depois, ouvi a porta da frente se fechar. Um rubor quente subiu até o meu rosto. Perto demais, pensei. Não havia nada de errado com o fogo... desde que você não chegasse perto demais. Um lembrete.

Apoiei-me nos armários da cozinha, com a respiração agitada.

CAPÍTULO 10

Fui arrancada do sono pelo som da campainha do meu telefone. Ainda perdida em sonhos, escondi a cabeça debaixo do travesseiro para tentar abafar o barulho. Mas o telefone tocou. E tocou.

A chamada caiu na secretária eletrônica. Cinco segundos depois, a campainha voltou a soar.

Estiquei o braço do lado da cama, tateei até encontrar meu jeans e tirei o celular do bolso.

— Alô? — disse bocejando, ainda de olhos fechados. Alguém bufava raivosamente do outro lado da linha.

— O que aconteceu com você? O que aconteceu com o algodão-doce que você foi buscar? E já que estamos tocando no assunto, que tal me dizer onde você está para que eu possa estrangulá-la com minhas próprias mãos?

Bati com o punho na testa algumas vezes.

— Achei que você tivesse sido sequestrada! — prosseguiu Vee. — Achei que você tivesse sido abduzida! Achei que você tivesse sido *assassinada!*

Tentei encontrar o relógio na escuridão. Esbarrei em uma foto emoldurada sobre a mesa de cabeceira e todas as outras atrás dela caíram, como se fossem peças de dominó.

— Tive um imprevisto — eu disse. — Quando voltei para o fliperama, vocês já tinham ido embora.

— Imprevisto? Que tipo de desculpa é "imprevisto"?

Os números vermelhos do relógio entraram em foco. Eram duas e pouco da manhã.

— Rodei no estacionamento durante uma hora — disse Vee. — Elliot caminhou pelo parque mostrando a única foto que eu tinha de você no meu celular. Tentei ligar para você um zilhão de vezes. Espera aí. Você está em casa? Como conseguiu chegar em casa?

Esfreguei o canto dos olhos.

— Patch.

— *Patch, o perseguidor?*

— Bem, eu não tinha muitas opções, tinha? — disse sucintamente. — Você foi embora sem mim.

— Você parece cansada. Cansada de verdade. Não, não é isso. Você parece agitada...aturdida... excitada. — Eu podia praticamente ver que os olhos dela se arregalavam. Ele beijou você, não foi?

Nenhuma resposta.

— Ele beijou você! Eu sabia! Já reparei no jeito que ele olha para você. Já estava esperando. Já estava esperando por isso havia um tempão.

Eu não queria pensar no assunto.

— Como foi? — insistiu Vee. — Maçã ou salada mista?

— *Como?*

— Foi um estalinho? De boca aberta? Foi de língua? O.k, esqueça. Você não precisa responder. Patch não é o tipo de cara que perde tempo com preliminares. Teve língua. Com toda certeza.

Cobri o rosto com as mãos para tentar me esconder. Patch provavelmente pensava que eu não tinha autocontrole. Desmoronei nos braços dele. Virei manteiga derretida. Um momento antes de mandá-lo embora, eu tinha certeza de ter deixado escapar um som que era uma mistura de suspiro de felicidade e gemido de êxtase.

O que explicava aquele sorriso arrogante.

— Será que a gente poderia falar sobre isso mais tarde?
— perguntei, apertando a ponte do nariz.

— Claro que não. Suspirei.

— Estou morta de cansaço.

— Não posso acreditar que você pensa na hipótese de me deixar curiosa.

— Queria que você esquecesse o assunto.

— Nenhuma chance.

Tentei mentalizar o relaxamento dos músculos do meu pescoço, já prevendo a dor de cabeça que ameaçava se instalar.

— Ainda vamos sair para fazer compras?

— Pego você às quatro.

— Achei que não íamos nos encontrar antes das cinco.

— Mudança de planos. Posso sair ainda mais cedo se conseguir escapar de um encontro familiar. Minha mãe está à beira de um ataque de nervos. Ela acha que a culpa pelas minhas notas ruins é a falta de talento materno. Aparentemente, passar tempo juntas é a solução. Deseje-me boa sorte. Desliguei o telefone e mergulhei nas profundezas da minha cama. Visualizei o sorriso malcomportado de Patch e seus reluzentes olhos negros. Depois de me revirar na cama por vários minutos, desisti da ideia de tentar me sentir confortável. A verdade era que, enquanto Patch estivesse na minha cabeça, conforto seria impossível.

Quando eu era pequena, Lionel, afilhado de Dorothea, quebrou um dos copos da cozinha. Varreu todos os cacos de vidro, mas deixou um e me desafiou a lambê-lo. Imaginei que me apaixonar por Patch seria um pouco como lamber o caco de vidro. Sabia que era uma estupidez. Sabia que terminaria me cortando. Depois de tantos anos, uma coisa ainda não havia mudado: eu me sentia atraída pelo perigo.

Subitamente sentei-me na cama e procurei o celular. Liguei o abajur.

A bateria parecia estar completamente carregada.

Senti um calafrio percorrer minha espinha. O celular supostamente estava descarregado. Então como minha mãe e Vee tinham conseguido ligar?

A chuva fustigava as marquises coloridas das lojas na beira do cais e se derramava pela calçada. Os antigos postes de iluminação a gás que se alinhavam dos dois lados da rua ganharam vida. Enquanto nossos guardachuvas se esbarravam, Vee e eu nos

acotovelávamos pelas calçadas até chegar ao toldo listrado de rosa e branco da Victoria's Secret. Fechamos os guarda-chuvas em perfeita sincronia e os deixamos apoiados contra a parede, bem na entrada, do lado de fora. Um trovão fez com que entrássemos correndo.

Bati os pés para tirar a água da chuva dos sapatos e senti um tremor de frio. Vários difusores de óleo queimavam num mostruário no meio da loja, cercandonos com perfumes intensos e exóticos.

Uma mulher vestida com uma calça folgada e camiseta justa pretas deu um passo à frente. Tinha uma fita métrica enrolada no pescoço e fez menção de pegá-la.

— Será que as meninas não gostariam de tirar as medidas gratuitamente...?

— Guarde a porcaria dessa fita métrica — ordenou Vee.
— Sei muito bem meu tamanho. Não preciso que fiquem me lembrando.

Dei um sorriso para a mulher que era em parte um pedido de desculpas, enquanto ia atrás de Vee rumo às prateleiras de liquidação, nos fundos da loja.

— Não precisa se envergonhar de usar tamanho grande — disse para Vee. Peguei um sutiã de cetim azul e comecei a procurar a etiqueta com o preço.

— Quem disse que eu tenho vergonha? — perguntou Vee.
— Não tenho vergonha. Por que teria vergonha? A única garota de 16 anos que tem peitos do tamanho dos meus está cheia de silicone, e todo mundo sabe disso. Por que eu ficaria com vergonha? — Ela inspecionava furiosamente uma das prateleiras. — Você acha que eles vendem sutiãs capazes de diminuir meus melões?

— Chamam-se sutiãs esportivos e têm o desagradável efeito colateral de deixar os dois parecendo um só — falei com os olhos em uma peça de renda preta que estava em uma pilha.

Eu não deveria estar examinando *lingerie*. Naturalmente, aquilo me fez ter pensamentos sensuais. Como beijos. Como Patch.

Fechei os olhos e revi nossa noite juntos. O toque da mão de Patch em minha coxa, seus lábios em meu pescoço...

Vee me pegou desprevenida e jogou em meu peito uma calcinha turquesa com estampa de leopardo.

— Ficaria ótima em você — disse. — Só vai precisar de uma bunda do tamanho da minha.

Onde eu estava com a cabeça? Tinha chegado tão perto de beijar Patch. O mesmo Patch que podia estar invadindo meus pensamentos. O mesmo Patch que me salvara de despencar para a morte no Arcanjo — porque eu tinha certeza de que aquilo havia acontecido, embora não houvesse explicação lógica. Imaginei que ele talvez tivesse feito o tempo parar e tivesse me pegado durante a queda. Se era capaz de falar com meus pensamentos, talvez, quem sabe, tivesse outras habilidades.

Ou talvez, pensei com um arrepio, eu não pudesse mais confiar na minha mente.

Ainda tinha o pedaço de papel que Patch enfiara no meu bolso, mas não havia a menor chance de ir na tal festa naquela noite. Eu apreciava em segredo a atração que existia entre nós, mas o mistério e o medo falavam mais alto. Dali para a frente, eu apagaria Patch da minha vida — e dessa vez, estava falando sério. Seria como entrar

em uma dieta de desintoxicação. O problema era que a única dieta que eu já tentara teve o efeito oposto. Uma vez, tentei passar um mês inteiro sem chocolate. Sem um pedacinho sequer. Ao final de duas semanas, não resisti e devorei mais chocolate do que teria comido em três meses.

Esperava que o fracasso da minha dieta sem chocolate não fosse uma prévia do que aconteceria se tentasse evitar Patch.

— O que está fazendo? — perguntei, com a atenção voltada agora para Vee.

— O que parece que estou fazendo? Estou descolando a etiqueta de preços de um desses sutiãs da liquidação e colando no que não está com desconto. Assim, posso comprar um sutiã supersexy pelo preço de um qualquer.

— Não pode fazer isso. Ela vai ler o código de barras na hora de pagar. Vai perceber o que você fez.

— Código de barras? Eles não leem os códigos de barras.
— Ela não parecia muito convencida.

— Leem, eu juro. Juro por Deus. — Achei que mentir para Vee era melhor do que vê-la atrás das grades.

— Puxa, parecia uma ideia tão boa...

— Você precisa dessa — eu disse para Vee, jogando para ela um retalho de seda, esperando desviar sua atenção.

Ela segurou a calcinha. Havia pequenos caranguejos vermelhos bordados no tecido.

— É a coisa mais ridícula que eu já vi. Por outro lado, gosto do sutiã preto que você está segurando. Acho que deveria comprá-lo. Vá pagar enquanto eu continuo a olhar.

Paguei. Então, achando que seria mais fácil me esquecer de Patch se estivesse ocupada com algum assunto mais inofensivo, perambulei até a parede em que ficavam os perfumes. Estava cheirando um vidro de Dream Angels quando senti uma presença familiar perto de mim. Era como se alguém tivesse deixado cair uma colher de sorvete nas minhas costas. O mesmo estremecimento que eu sentia quando Patch se aproximava.

Vee e eu ainda éramos as únicas clientes na loja, mas vi através da vitrine uma figura encapuzada se esconder sob um toldo do outro lado da rua. Desorientada, fiquei imóvel por um minuto inteiro antes de me recompor e ir atrás de Vee.

— Hora de irmos — disse.

Ela estava vasculhando uma arara de camisolas.

— Uau. Veja só, pijamas de flanela com 50% de desconto. Preciso de pijamas de flanela.

Mantive o olhar grudado na vitrine.

— Acho que tem alguém me seguindo. A cabeça de Vee se levantou.

— Patch?

— Não. Olhe lá, do outro lado da rua. Vee forçou a vista.

— Não vejo ninguém.

Nem eu via. Um carro havia passado, interrompendo minha linha de visão.

— Acho que entrou numa loja.

— Como você sabe que está sendo seguida?

—Tenho um pressentimento ruim.

— Parecia alguém conhecido? Por exemplo... Uma combinação de Píppi Meialonga com a Bruxa Má do Oeste resultaria naturalmente em Marcie Millar.

— Não era Marcie — disse, com os olhos ainda grudados do outro lado da rua.

Na noite passada, quando saí do fliperama para comprar algodão-doce, notei que alguém me vigiava. Acho que é a mesma pessoa.

— Isso é sério? Por que você só me contou isso agora? Quem é? Eu não sabia. Era o que mais me assustava.

Procurei uma vendedora.

— Existe uma saída pelos fundos da loja?

Ela tirou os olhos da gaveta que estava arrumando.

— Apenas para funcionários.

— Você sabe dizer se a pessoa é homem ou mulher? — perguntou Vee.

— Não sei.

— Muito bem, por que você acha que está sendo seguida? O que querem?

— Querem me assustar. — Aquilo me parecia bastante razoável.

— Por que alguém iria querer assustá-la? Mais uma vez, eu não sabia o que responder.

— Precisamos de algo para desviar a atenção — eu disse para Vee.

— Era exatamente o que eu estava pensando — exclamou ela. — E nós sabemos que sou muito boa nisso. Me dê sua jaqueta jeans.

Eu a encarei.

— De jeito nenhum. Não sabemos nada sobre essa pessoa. Não vou deixar você sair por aí vestida com as minhas roupas. E se a pessoa estiver armada?

— Algumas vezes sua imaginação me assusta — disse Vee.

Devo admitir que a ideia de que alguém estivesse armado e com a intenção de me matar era um tanto absurda. Mas com tantos acontecimentos esquisitos ultimamente, eu não me culpava por estar tão tensa e imaginar o pior.

— Eu saio primeiro — disse Vee. — Se me seguirem, você vai atrás. Vou para a colina, na direção do cemitério. Então nós vamos encurralá-lo e conseguir algumas respostas.

Um minuto depois, Vee deixou a loja usando a jaqueta jeans. Pegou meu guarda-chuva vermelho, mantendo-o bem baixo, encobrindo sua cabeça. Descontando o fato de ela ser alguns centímetros mais alta do que eu e um

tanto voluptuosa por causa daqueles quilinhos a mais, podia se passar por mim. Fiquei agachada atrás da arara de camisolas e observei a figura encapuzada deixar a loja do outro lado da rua e seguir Vee. Arrastei-me para ficar mais perto da vitrine. Embora o suéter largo e o jeans servissem para dar certo ar andrógino, o andar da figura era feminino. Com toda certeza, era feminino.

Vee e a garota dobraram a esquina, desaparecendo, e eu corri para a porta.

Lá fora, a chuva havia se transformado em aguaceiro. Agarrei o guarda-chuva de Vee e acelerei o passo, mantendo-me sob os toldos e evitando a chuva pesada. Podia sentir que a barra da minha calça jeans estava ficando úmida. Desejei estar calçando botas.

Atrás de mim, o caos dava lugar ao oceano cinza. A minha frente, a fileira de lojas terminava na base de uma encosta íngreme e coberta de grama. No alto da colina, eu mal distinguia a cerca de ferro do cemitério da região.

Destranquei o Neon, liguei o desembaçador no máximo e coloquei os limpadores de para-brisa funcionando a toda a velocidade. Deixei o estacionamento e virei à esquerda, acelerando à medida que subia a colina sinuosa. As árvores do cemitério assomavam adiante, com galhos que, no rápido vaivém dos limpadores, davam a impressão de estar vivos. As sepulturas de mármore tranco se destacavam na escuridão. As cinzentas se camuflavam na paisagem.

De repente, um objeto vermelho foi lançado contra o para-brisa. Estilhaçou o vidro bem diante dos meus olhos e então voou por cima do carro. Pisei no freio, e o Neon parou bruscamente na beira da estrada.

Abri a porta e saí. Corri até a traseira do carro, tentando descobrir o que havia me atingido.

Houve um momento de confusão enquanto minha mente tentava decifrar o que via. Meu guarda-chuva vermelho estava preso no mato. Estava quebrado, como seria de se esperar se tivesse sido lançado contra outro objeto mais resistente.

Ouvi um soluço abafado em meio à chuva inclemente.

— Vee? — chamei.

Atravessei a rua correndo, protegendo os olhos da chuva para observar ao redor. Um corpo estava encolhido bem adiante. Corri mais rápido.

— Vee!

Caí de joelhos ao lado dela. Estava deitada de lado, com as pernas encolhidas junto ao peito. Gemia de dor.

— O que houve? Você está bem? Consegue se mover?

Joguei minha cabeça para trás, piscando por causa da chuva. *Pense!*, disse para mim mesma. O celular. No carro. Eu precisava ligar para a emergência.

— Vou chamar socorro — falei.

Ela gemeu e agarrou minha mão. Abaixei-me para me aproximar dela, segurando-a com força. Meus olhos ardiam com as lágrimas.

— O que aconteceu? Foi a pessoa que seguiu você? Ela fez isso com você? O que ela fez?

Vee murmurou alguma palavra incompreensível que talvez fosse "bolsa". De fato, sua bolsa não estava ali.

— Você vai ficar bem. — Esforcei-me para manter a voz firme.

Um sentimento sombrio ameaçava tomar conta de mim, e eu tentava mantê-lo sob controle. Eu tinha certeza de que a pessoa que me observara no Delphic e que me seguira nas compras era a responsável. Mas me culpava por ter colocado Vee em perigo. Voltei correndo ao Neon e disquei o número da emergência no celular.

Tentei manter a voz sem vestígios de histeria enquanto dizia:

— Preciso de uma ambulância. Minha amiga acaba de ser assaltada e agredida.

CAPÍTULO 11

Passei a segunda-feira atordoada. Fui de aula em aula, a espera do sinal da saída no final do dia. Tinha ligado para o hospital antes de ir para a escola. Haviam me informado que Vee estava sendo conduzida para o centro cirúrgico. O braço esquerdo fora quebrado durante a agressão. Como o osso não estava no lugar, ela precisava de cirurgia. Eu queria vê-la, mas não seria possível até o final da tarde, quando passaria o efeito da anestesia e ela seria transferida para um quarto particular. Era especialmente importante que eu ouvisse sua versão do ataque antes que ela se esquecesse dos detalhes ou resolvesse caprichar neles. Qualquer lembrança poderia preencher as lacunas e me ajudar a compreender quem poderia ter feito aquilo.

Enquanto as horas avançavam lentamente e a manhã se transformava em tarde, parei de pensar em Vee e me concentrei na garota na porta da Victoria's Secret. Quem era ela? O que queria? Talvez fosse apenas uma coincidência perturbadora que Vee tivesse sido agredida minutos depois de eu ter visto a garota segui-la, mas meu instinto dizia que não. Eu queria ter mais detalhes sobre a aparência dela. O suéter volumoso com capuz e o jeans, combinados com a chuva, tinham colaborado para que ficasse bem disfarçada. Pelo que eu sabia, poderia ter sido Marcie Millar. Mas lá no fundo não me parecia que essa fosse a resposta certa.

Passei por meu armário para pegar o livro de biologia e em seguida me dirigi para a última aula do dia. Entrei na sala e logo percebi que a cadeira de Patch estava desocupada. Normalmente, ele chegava no último

momento possível, junto com o último sinal, mas a campainha soou, o técnico assumiu posição diante do quadro-negro e começou a discorrer sobre o equilíbrio.

Fiquei pensando sobre a cadeira vazia de Patch. Uma vozinha no fundo da minha cabeça especulava que talvez sua ausência tivesse ligação com a agressão a Vee. Era um pouco estranho que ele faltasse à aula justo na manhã seguinte. E eu não conseguia me esquecer do calafrio gélido que sentira momentos antes de olhar para fora da loja e perceber que estava sendo vigiada. Todas as vezes que havia sentido aquilo era porque estava perto de Patch.

A voz da razão rapidamente eximiu Patch de qualquer envolvimento. Ele podia estar resfriado. Ou ter ficado sem gasolina a caminho da escola e estar parado a quilômetros de distância. Ou talvez as apostas estivessem quentes no Fliperama do Bo e ele tivesse chegado à conclusão de que era mais proveitoso jogar sinuca do que passar uma tarde aprendendo as complexidades do corpo humano.

Ao final da aula, o técnico me abordou enquanto eu saía pela porta.

— Espere um minuto, Nora.

Virei-me e coloquei a mochila no ombro.

— Sim?

Ele me entregou uma folha de papel dobrada.

— A srta. Greene passou por aqui antes da aula e me pediu que lhe entregasse isso — disse ele.

Peguei o bilhete.

— Srta. Greene? — Não tinha professora alguma com esse nome.

— A nova psicóloga da escola. Ela acaba de substituir o dr. Hendrickson. Desdobrei a folha e li o bilhete rabiscado nela.

Querida Nora,

Estou substituindo o dr. Hendrickson na função de psicóloga da escola. Reparei que você perdeu as duas últimas sessões com o dr. H. Por favor, venha logo me visitar para que possamos nos conhecer. Já enviei uma carta para sua mãe, informando a mudança.

Atenciosamente.

Srta. Greene

— Obrigada — disse ao técnico, dobrando o papel até que ficasse pequeno o bastante para caber no bolso.

No corredor, misturei-me à multidão. Não adiantava protelar — precisava ir. Percorri os corredores que conduziam até a porta fechada da sala do doutor Hendrickson. De fato, havia uma nova placa com um novo nome. O metal polido reluzia na porta de carvalho sem graça: SRTA. D. GREENE, PSICÓLOGA.

Bati na porta, e um momento depois ela se abriu. A srta. Greene tinha uma pele impecavelmente pálida, olhos azuis como o mar, boca voluptuosa, cabelos louros finos e lisos, que iam até os cotovelos e estavam partidos ao meio, e rosto ovalado. Na ponta do nariz, um óculos gatinha turquesa. Vestia-se com formalidade: saia lápis cinza e blusa de seda cor-de-rosa. A silhueta era esguia, mas feminina. Não podia ser mais do que cinco anos mais velha do que eu.

— Você deve ser Nora Grey. Parece muito com o retrato guardado em sua pasta — disse ela, apertando minha mão com firmeza. A voz era brusca, mas sem rudeza Professional.

Deu um passo para trás e fez um sinal para que eu entrasse na sala.

— Você quer tomar algo, suco, água? — perguntou.

— O que aconteceu com o dr. Hendrickson?

— Decidiu aposentar-se mais cedo. Eu estava de olho nesse emprego há algum tempo, e por isso não quis perder a oportunidade. Estudei na Florida State, mas cresci em Portland, e meus pais ainda moram por aqui. É bom estar perto da família novamente.

Examinei a pequena sala. Havia mudado drasticamente desde a última vez em que eu estivera ali, algumas semanas antes. As estantes que cobriam as paredes agora estavam repletas de livros de capa dura com temas acadêmicos, mas sem muita personalidade, todos encadernados em cores neutras e adornados com letras douradas. O dr. Hendrickson aproveitava as prateleiras para exibir retratos da família, mas não havia qualquer foto da vida particular da srta. Greene. A mesma

samambaia pendia perto da janela, mas sob os cuidados do dr. Hendrickson ela era mais marrom do que verde. Bastaram alguns dias com a srta. Greene para que parecesse saudável e cheia de vida. Havia uma poltrona cor-de-rosa do outro lado da mesa e várias caixas empilhadas em um canto.

— Sexta foi meu primeiro dia — ela explicou, ao ver meus olhos pousarem sobre as caixas. — Ainda estou desempacotando. Sente-se, por favor.

Tirei a mochila e sentei na poltrona. Nada naquela pequena sala me dava qualquer indicação sobre a personalidade da srta. Greene. Havia uma pilha de pastas sobre a mesa — não muito organizada, mas nada bagunçada também — e uma caneca branca com o que parecia ser chá. Não havia vestígio de perfume ou de aromatizador de ambientes. A tela do computador estava apagada.

A srta. Greene agachou-se diante de um arquivo atrás da mesa, retirou de lá uma pasta novinha em folha e escreveu meu nome na aba com caneta hidrocor preta. Colocou a pasta sobre a mesa, próximo à antiga, que tinha algumas manchas de café da caneca do dr. Hendrickson.

— Passei o fim de semana inteiro examinando as fichas do meu colega. — disse ela — Cá entre nós, a letra dele me deu enxaqueca. Por isso, vou copiar tudo. Fiquei impressionada por ele não usar computador para digitar as anotações. Quem ainda escreve à mão nos dias de hoje?

Ela se acomodou na cadeira giratória, cruzou as pernas e sorriu para mim educadamente.

— Bem, por que não me conta um pouquinho sobre seus encontros com o dr. Hendrickson? Mal pude decifrar as anotações dele. Ao que parece vocês dois andaram conversando sobre seus sentimentos em relação ao novo emprego de sua mãe.

— Não é tão novo assim. Ela trabalha há um ano.

— Ela costumava ser mãe em tempo integral, certo? E, depois do falecimento de seu pai, passou a trabalhar em tempo integral. — Ela forçou a vista para contemplar uma folha de papel guardada em minha pasta. — Ela trabalha para um leiloeiro, certo? Aparentemente, coordena leilões de bens em toda a costa. — A srta. Greene olhou para mim por cima dos óculos. — Isso deve exigir que ela passe muito tempo fora de casa.

— Nós queríamos permanecer em nossa casa de fazenda — eu disse, em um tom que beirava o defensivo —, mas não conseguiríamos arcar com a hipoteca se ela arranjasse um emprego na região. — Eu não costumava exatamente adorar minhas sessões com o dr. Hendrickson, mas me peguei ressentida por ele ter se aposentado e me abandonado nas mãos da srta. Greene. Ela estava começando a me dar nos nervos e parecia ser muito atenta aos detalhes. Senti que estava doida para cavucar os cantos mais obscuros da minha vida.

— Sim, mas você deve se sentir muito solitária lá.

— Temos uma empregada que fica comigo todos os dias até as nove ou dez da noite.

— Mas uma empregada não é o mesmo que sua mãe. Fitei a porta. Nem tentei ser discreta.

— Você tem um grande amigo? Um namorado? Alguém com quem conversar nas situações em que sua empregada... não se enquadra?

Ela afundou um saquinho de chá na caneca e então a ergueu para dar um gole.

— Tenho uma grande amiga.

Decidi dizer o mínimo possível. Quanto menos falasse, mais curta seria a sessão. Quanto mais curta a sessão, mas rapidamente eu poderia visitar Vee.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Namorado?

— Não.

— Você é uma garota atraente. Imagino que deva despertar interesse no sexo oposto.

— Olhe só — disse com o máximo de paciência possível.
— Eu aprecio muito o que está tentando fazer, mas eu tive exatamente a mesma conversa com o dr. Hendrickson há um ano, quando meu pai morreu. Reencená-la não ajuda. É como voltar no tempo e reviver tudo. Sim, foi uma situação trágica e horrível, e lido com ela todos os dias. Mas o que eu realmente preciso agora é virar a página.

O relógio na parede tiquetaqueava entre nós duas.

— Bem — disse a srta. Greene finalmente, forçando um sorriso. — É muito proveitoso conhecer seu ponto de vista, Nora. É isso o que estou tentando compreender o tempo todo. Vou fazer uma anotação sobre seus

sentimentos na ficha. Há mais alguma informação que gostaria de me passar?

— Não.

Sorri, para confirmar que eu realmente estava indo bem.

Ela folheou mais algumas páginas da minha ficha. Eu não tinha a mínima ideia do que tratavam as observações que o dr. Hendrickson imortalizara ali, e não queria esperar para descobrir.

Tirei minha mochila do chão e escorreguei para a beirada da poltrona.

— Não queria interromper nada, mas preciso estar em outro lugar às quatro. É?

Não estava com a menor vontade de falar sobre a agressão a Vee para a srta. Greene.

— Preciso fazer uma pesquisa na biblioteca.

— Para qual matéria?

Respondi a primeira que me passou pela cabeça.

— Biologia.

— Falando de matérias, como estão indo seus estudos? Alguma preocupação nessa área?

— Não.

Ela virou mais algumas páginas.

— Excelentes notas — observou. — Aqui diz que você está monitorando seu colega de biologia Patch Cipriano.

Ela ergueu o olhar, querendo aparentemente que eu confirmasse a informação. Fiquei surpresa que a monitoria fosse tão importante que merecesse entrar nos registros da psicóloga da escola.

— Até agora, não tivemos nenhuma reunião. Desencontro de agendas. — Dei de ombros como se dissesse "Sobe como é?"

Ela pousou a pasta na mesa, arrumando todas as folhas de papel soltas até formarem uma pilha organizada, que em seguida inseriu na nova pasta com a etiqueta que escrevera.

— Para ser justa com você, vou falar com o sr. McConaughy e conversar sobre alguns parâmetros para essas aulas de reforço. Gostaria que todos os encontros acontecessem aqui na escola, sob a supervisão direta de um professor ou de outro membro do corpo docente. Não quero que você estude com Patch fora da escola. Principalmente, não quero que vocês dois se encontrem a sós.

Senti um calafrio.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Não posso falar sobre isso.

A única razão que eu podia imaginar para ela não querer que eu ficasse sozinha com Patch era porque ele era perigoso. Meu passado pode assustá-la, ele me dissera na plataforma de embarque do Arcanjo.

— Obrigada por aparecer. Não vou mais prendê-la — disse a srta. Greene.

Ela andou até a porta e a manteve aberta com a ajuda do quadril estreito. Abriu um sorriso de despedida, mas me pareceu forçado.

Depois de sair da sala da srta. Greene, liguei para o hospital. A cirurgia de Vee havia acabado, mas ela ainda estava na sala de recuperação e não poderia receber visitas até as sete da noite. Consultei o relógio do celular. Faltavam três horas. Encontrei o Fiat no estacionamento dos alunos e me joguei dentro dele, na esperança de que passar à tarde na biblioteca, debruçada sobre o dever de casa, tirasse da minha cabeça aquela longa espera.

Fiquei a tarde toda na biblioteca, e, antes que pudesse perceber, os ponteiros do relógio da parede haviam avançado silenciosamente. Já anoitecia. Meu estômago roncou no silêncio do ambiente. Lembrei-me da máquina de lanches que ficava logo na entrada. O final do dever de casa podia esperar um pouco, mas ainda havia um trabalho que exigia a ajuda dos equipamentos da biblioteca. Em casa, minha internet era discada e o meu computador, um IBM ultrapassado. Para não arrancar os cabelos desnecessariamente, eu preferia usar o computador do laboratório de informática da biblioteca. Precisava escrever uma resenha sobre a peça *Otelo* que deveria estar na mesa do editor do eZine às nove da noite. Combinei comigo mesma de ir procurar algo para comer depois de acabá-la.

Juntei meus pertences e me encaminhei ao elevador. Dentro da cabine, apertei o botão para fechar a porta, mas não indiquei de imediato o andar. Peguei o celular e liguei de novo para o hospital.

— Olá — saudei a enfermeira que atendeu o telefone. — Minha amiga está se recuperando de uma cirurgia, e

quando liguei mais cedo disseram que ela voltaria para o quarto esta noite. O nome dela é Vee Sky.

Houve uma pausa e o ruído de teclas de computador.

— Parece que ela será levada para um quarto particular em uma hora.

— Quando termina o horário de visitas?

— Às oito.

— Muito obrigada — desliguei e apertei o botão do terceiro andar, começando a subida.

No terceiro andar, segui a sinalização para as coleções de periódicos, na esperança de me inspirar depois de ler algumas resenhas do jornal local.

— Com licença — dirigi-me para a bibliotecária na mesa das coleções.

— Estou tentando encontrar exemplares do *Portland Press Herald* do último ano. Em especial, a coluna de peças de teatro.

— Não mantemos nada tão atual nesta seção — explicou-me —, mas, se procurar na internet, acredito que encontrará no site do próprio Portland Press Herald. Vá em frente naquele corredor atrás de você e lá, à esquerda, encontrará o laboratório de mídia.

No laboratório, acessei um dos computadores. Estava a ponto de mergulhar na tarefa quando uma ideia passou pela minha cabeça. Como não havia pensado naquilo antes? Depois de confirmar que ninguém me observava, procurei no Google por "Patch Cipriano". Talvez

encontrasse alguma informação que pudesse lançar luz sobre o passado dele. Ou talvez ele mantivesse um blog. Os resultados da busca foram decepcionantes. Nada. Nada no Facebook, nada no MySpace, nenhum blog. Era como se ele não existisse.

— Qual é a sua história, Patch? — murmurei. — Quem é você, de verdade? Meia hora mais tarde já tinha lido diversas resenhas teatrais, e meus olhos estavam cansados. Ampliei minha busca on-line para que incluísse todos os jornais do Maine. Surgiu um link para o jornal da escola Kinghorn Prep. Alguns segundos se passaram antes que eu percebesse de onde conhecia aquele nome. Elliot estudava em Kinghorn Prep antes de ser transferido. Por um capricho, resolvi visitar o link. Se a escola era tão importante quanto dizia Elliot, provavelmente tinha um jornal digno de respeito.

Cliquei no link. Rolei com o mouse pela página dos arquivos e escolhi aleatoriamente a data de 21 de março. Um segundo depois a manchete estava na tela:

ESTUDANTE SUBMETIDO A INTERROGATÓRIO PARA ESCLARECER

ASSASSINATO EM KINGHORN PREP

Aproximei minha cadeira do computador, atraída pela ideia de ler algo mais excitante do que resenhas de teatro.

Foram retiradas as acusações contra o aluno de 16 anos da Kinghorn Preparatory que prestou depoimento no

inquérito do que ficou conhecido como "O enforcamento de Kinghorn". Depois que o corpo de Kjirsten Halverson, de 18 anos, foi encontrado pendurado em uma árvore no campus da escola, a polícia colocou sob suspeita o aluno do segundo ano Elliot Saunders, visto com a vítima na noite de sua morte.

Meu cérebro digeriu a informação lentamente. Elliot fora interrogado em uma investigação de assassinato?

Kjirsten trabalhava como garçoneiro no Blind Joe's. A polícia confirmou que a garota e Elliot foram vistos caminhando juntos pelo campus tarde da noite no sábado. O corpo de Kjirsten Halverson foi encontrado na manhã de domingo. Elliot Saunders foi liberado na segunda-feira, depois de ser encontrado um bilhete suicida no apartamento da vítima.

— Encontrou alguma informação interessante?

Dei um pulo ao ouvir a voz de Elliot atrás de mim. Girei na cadeira e o vi apoiado no batente da porta. Os olhos estavam ligeiramente apertados, a boca, sem expressão. Uma sensação gelada me invadiu, como se fosse um rubor, só que ao contrário.

Deslizei a cadeira de rodinhas ligeiramente para a direita, tentando me colocar diante do monitor do computador.

— Estou... estou acabando o dever de casa. E você? O que está fazendo? Não ouvi você entrar. Há quanto tempo está aí? — O ritmo das minhas palavras estava fora de controle.

Elliot afastou-se da porta e entrou no laboratório. Tateei cegamente em busca do botão que liga e desliga o monitor. Falei:

— Estou tentando caprichar na inspiração para a resenha de uma peça que devo entregar para meu editor hoje, mais tarde.

Ainda estava falando rápido demais. Onde estava o botão? Elliot olhou ao redor.

— Resenhas de teatro?

Meus dedos esbarraram em um botão, e ouvi o som do monitor desligando nas minhas costas.

— E aí, o que você está fazendo por aqui?

— Estava passando quando a vi. Algum problema? Você parece... apreensiva.

— Ah... hipoglicemia. — Coloquei meus papéis e livros em uma pilha e os empurrei para dentro da mochila. — Não como nada desde o almoço. Elliot pegou uma cadeira próxima e a arrastou para perto da minha. Ele se sentou nela com o encosto para a frente, contra o qual se inclinava para ficar mais perto, invadindo meu espaço.

— Talvez eu possa ajudá-la a fazer a resenha. Recuei.

— Puxa, você é muito legal, mas já estava encerrando por hoje. Está numa boa hora para parar.

— Deixe que eu pago o jantar — disse ele. — Não tem um restaurante bem na esquina?

— Muito obrigada, mas minha mãe estará me esperando. Ela ficou fora a semana inteira e volta hoje.

Fiquei em pé e tentei passar por ele. Ele estendeu o celular, que me atingiu no umbigo.

— Ligue para ela.

Baixei os olhos até o telefone e inventei uma desculpa.

— Não tenho permissão para sair em dia de aula.

— Existe uma coisa chamada mentira, Nora. Diga a ela que o dever de casa está demorando mais do que você esperava. Diga que precisa passar mais uma hora na biblioteca. Ela nem vai perceber.

A voz de Elliot tinha assumido um tom que eu nunca ouvira antes. Os olhos azuis transmitiam uma frieza que eu até então desconhecia. A boca parecia mais fina.

— Minha mãe não gosta que eu saia com garotos que ela não conhece — disse. Elliot sorriu, mas não havia simpatia.

— Nós dois sabemos que você não liga muito para as regras da sua mãe, já que estava comigo no Delphic no sábado à noite.

Eu tinha pendurado a mochila no ombro e agarrava a alça. Não disse nada. Passei por Elliot e saí apressada do laboratório, lembrando que se ele ligasse o monitor veria o artigo. Mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Quando estava no meio do corredor, chegando na seção de coleções, ousei olhar para trás. As paredes de vidro revelavam que o laboratório estava vazio. Elliot tinha desaparecido. Voltei até o computador, alerta para o caso de ele reaparecer. Liguei o monitor, e a matéria sobre a investigação do assassinato ainda estava lá. Mandei uma cópia para a impressora mais próxima e depois a guardei dentro de meu fichário. Desliguei o computador e saí correndo.

CAPÍTULO 12

Celular vibrou em meu bolso e, depois de confirmar que a bibliotecária não estava me olhando de cara feia, atendi.

— Mãe?

— Boas-novas — disse ela. — O leilão terminou cedo. Peguei a estrada uma hora antes do previsto e logo chegarei em casa. Onde você está?

— Oi! Só estava esperando você mais tarde. Estou saindo da biblioteca. Como estava o norte de Nova York?

— Cansativo. — Ela riu, mas parecia exausta. — Mal consigo esperar a hora de ver você.

Procurei um relógio. Queria parar no hospital e ver Vee antes de ir para casa.

— Só tem um problema — falei para minha mãe. — Preciso visitar Vee. Talvez me atrase uns minutinhos. Serei rápida, prometo.

— Claro. — Detectei um levíssimo desapontamento em sua voz. — Alguma novidade? Recebi seu recado de manhã falando da cirurgia.

— A cirurgia acabou. Vão levá-la para o quarto a qualquer momento.

— Nora. — Ouvi surgir uma nota de emoção. — Estou tão feliz que não tenha sido você. Não suportaria que qualquer coisa lhe acontecesse. Principalmente depois

que seu pai... — Ela não conseguiu terminar a frase. — Estou aliviada porque nós duas estamos em segurança. Mande um beijo para Vee. Até logo, querida. Beijos e abraços.

— Eu amo você, mãe.

O Centro Médico de Coldwater fica em um prédio de tijolos vermelhos de três andares, com uma passarela coberta que conduz até a entrada principal. Passei pelas portas giratórias de vidro e parei na recepção para perguntar por Vee. Fui informada de que ela havia sido transferida para o quarto meia hora antes e que as visitas se encerrariam dali a 15 minutos. Encontrei o elevador e apertei o botão para subir até o andar.

Empurrei a porta do quarto 207.

— Vee — puxei atrás de mim um buquê de balões de gás, atravessei um pequeno corredor e encontrei Vee recostada na cama com o braço esquerdo engessado repousando sobre o corpo. — Olá! — exclamei quando vi que ela estava acordada.

Vee soltou um suspiro profundo.

— Adoro drogas. Juro. São incríveis. Melhores do que um *cappuccino* do Enzo. Ei, ficou bonito. *Cappuccino* do Enzo. É um sinal. Meu destino é ser poeta. Quer ouvir mais? Sou boa em improvisos.

— Ah...

Uma enfermeira entrou rápida como um raio e ajeitou o soro de Vee.

— Está se sentindo bem? — perguntou a Vee.

— Deixe para lá essa história de poeta — disse Vee. — Meu destino é ser uma comediante. Toc, Toc.

— O que é isso? — perguntei. A enfermeira revirou os olhos.

— Quem bate?

— Peggy — disse Vee.

— Que Peggy?

— Peggy a toalha que vamos para a praia!

— Talvez fosse melhor ela tomar um pouquinho menos de analgésicos — falei para a enfermeira.

— Tarde demais. Acabei de lhe dar outra dose. Espere para ver como ela vai estar daqui a dez minutos. — A mulher saiu tão rápido quanto entrou.

— E então? — perguntei a Vee. — Qual é o veredito?

— O veredito? Meu médico é um babaca. Parece muito com um Umpa-Lumpa. Não faça essa cara. Da última vez que passou por aqui, começou a fazer a dança da galinha. E não para de comer chocolate. Principalmente bichinhos de chocolate. Sabe aqueles coelhos de chocolate que estão vendendo para a Páscoa? Foi o jantar do Umpa-Lumpa. Almoçou um pato de chocolate com uma guarnição de docinhos de *marshmallow* amarelo em formato de pintinhos.

— Estava falando sobre o veredito... — Apontei para toda a parafernália médica que a cercava.

— Ah. Um braço quebrado, concussão, cortes, hematomas e ferimentos variados. Graças a meus reflexos rápidos, consegui pular para longe antes que danos maiores fossem causados. Quando se trata de reflexos, sou como um gato. Sou a Mulher Gato. Sou invulnerável. Ele só me pegou por causa da chuva. Gatos não gostam de água. Ela nos prejudica. É nossa criptonita.

— Sinto tanto — disse para Vee com sinceridade. — Eu é que deveria estar num leito de hospital.

— E ficar com todas as drogas? Não, não. Nem pensar.

— A polícia encontrou alguma pista? — perguntei.

— Nadica de nada.

— Nenhuma testemunha?

— A gente estava no cemitério no meio da maior tempestade — argumentou Vee. — A maioria das pessoas normais estava entre quatro paredes.

Ela estava certa. A maioria das pessoas normais estava entre quatro paredes. Naturalmente, Vee e eu nos encontrávamos do lado de fora... junto com a misteriosa garota que seguiu Vee na saída da Victoria's Secret.

— Como foi que aconteceu? — indaguei.

— Eu estava caminhando para o cemitério, como tínhamos planejado, quando de repente ouvi passos se aproximando pelas minhas costas — explicou Vee. — Quando olhei para trás, foi tudo muito rápido. Vi um revólver de relance e o cara apontando a arma para mim. Como contei aos policiais, meu cérebro não estava

exatamente me mandando registrar todos os detalhes da aparência dele. Estava pensando: "Caramba! Vou levar um tiro!" O sujeito grunhiu, deu umas três ou quatro coronhadas em mim, pegou minha bolsa e saiu correndo.

Eu estava mais confusa do que nunca.

— Peraí, era um cara? Você viu o rosto dele?

— Claro que era um cara. Tinha olhos cinzentos... Como carvão. Mas foi tudo o que vi. Ele usava uma máscara de esquiador.

Quando ouvi a menção à máscara de esquiador, meu coração disparou. Era o mesmo sujeito que tinha pulado na frente do carro de Vee, eu tinha certeza. Eu não havia imaginado nada: Vee era a prova. Lembrei-me de como todos os sinais da batida haviam desaparecido. Talvez essa parte também não fosse imaginação. Esse cara, não importava quem fosse, era real. E estava lá fora. Mas se eu não havia imaginado as avarias do Neon, o que realmente acontecera naquela noite? Será que minha visão, ou minha memória, tinham sido alteradas de algum modo?

Depois de um momento, uma série de perguntas secundárias tomou conta da minha cabeça. O que ele queria dessa vez? Será que tinha ligação com a garota que estava do lado de fora da Victoria's Secret? Como sabia que eu ia fazer compras no cais? O fato de estar com uma máscara de esquiador indicava algum planejamento, isto é, ele sabia de antemão onde eu estaria. E não queria que eu reconhecesse seu rosto.

— Você contou para alguém que a gente ia fazer compras? — perguntei a Vee repentinamente.

Ela ajustou um travesseiro atrás do pescoço, tentando ficar mais confortável.

— Conte para mamãe.

— Só para ela? Para mais ninguém?

— Posso ter mencionado para Elliot.

Subitamente, parecia que meu sangue tinha parado de circular.

— Você contou para Elliot?

— Qual é o problema?

— Tem algo que eu preciso contar para você — disse muito séria. — Lembra a noite em que eu dirigi o Neon até em casa e atropeliei um veado?

— Sim? — disse ela, franzindo o rosto.

— Não era um veado. Era um cara. Um cara com uma máscara de esquiador.

— Não brinca — sussurrou. — Está querendo me dizer que o ataque que eu sofri não foi aleatório? Quer dizer que esse sujeito quer alguma coisa de mim? Não, calma. Ele quer alguma coisa de você. Eu estava vestindo sua jaqueta. Ele pensou que eu fosse você.

Senti o corpo pesado como chumbo. Depois de segundos em silêncio, ela disse:

— Você tem certeza de que não disse nada para Patch sobre as compras? Porque, pensando bem, acho que o cara tinha o jeito do Patch. Meio alto. Meio esguio. Meio forte. Meio sexy. Isso se descontarmos a agressão.

— Os olhos de Patch não são cinzentos como carvão. São pretos. — Destaquei, mas percebi com desconforto que tinha contado a Patch que íamos fazer compras no cais.

Vee levantou os ombros demonstrando indecisão.

— Talvez os olhos dele fossem pretos. Não consigo lembrar. Aconteceu muito rápido. Mas tenho certeza sobre o revólver — disse prestativa. — Estava apontado para mim. Bem para mim.

Mexi mentalmente com algumas peças daquele quebra-cabeça. Se Patch tivesse atacado Vee, ele devia tê-la visto saindo da loja com minha jaqueta e pensado que era eu. Quando descobriu que estava seguindo a garota errada, deu coronhadas em Vee por estar furioso e desapareceu. O único problema era que eu não conseguia imaginar Patch machucando Vee. Parecia fora do perfil dele. Além disso, ele supostamente passaria a noite inteira numa festa.

— O sujeito que a atacou parecia um pouco com Elliot? — perguntei. Observei Vee meditar sobre o assunto. Não sabia qual era a droga que ela estava tomando, mas seu raciocínio parecia mais lento. Dava para praticamente ouvir as engrenagens do cérebro entrando em ação.

— Tinha uns dez quilos a menos e uns dez centímetros a mais do que Elliot.

— A culpa é toda minha — disse. — Nunca deveria ter permitido que você saísse da loja com a minha jaqueta.

— Eu sei que você não vai querer ouvir isso — disse Vee, que parecia lutar contra um bocejo provocado pela medicação. — No entanto, quanto mais penso no assunto, mais semelhanças vejo entre Patch e o sujeito

que me atacou. Mesmo corpo, mesmas pernas longas. Péssimo que não haja nada sobre ele na pasta do arquivo da escola. Precisamos de um endereço. Precisamos investigar a área. Precisamos encontrar uma vizinha velhinha e crédula que possa ser convencida a montar uma webcam na janela, apontada para a casa dele. Porque tem algo errado com Patch.

— Jura que acredita que Patch pode ter feito isso com você? — perguntei, ainda sem estar convencida.

Vee mordeu o lábio.

— Acho que ele está escondendo algo. Algum fato importante. Eu não iria contradizê-la.

Vee se afundou no leito.

— Meu corpo está formigando. Estou me sentindo toda bem.

— Não temos um endereço — lembrei —, mas sabemos onde ele trabalha.

— Está pensando no mesmo que eu? — Vee perguntou, e seus olhos brilharam um instante, apesar da névoa de sedação química.

— Considerando as experiências anteriores, espero que não.

— A verdade é que precisamos exercitar nossos talentos de detetive — disse Vee. — Se a gente não pratica, perde a habilidade, é o que o técnico diz. Precisamos descobrir mais coisas sobre o passado de Patch. Ei, aposto que, se documentarmos tudo, o técnico vai nos dar pontos extras.

Muito duvidoso, porque se Vee estivesse envolvida a investigação muito provavelmente esbarraria em alguma ilegalidade. Sem falar que o trabalho em questão não tinha nenhuma relação com biologia. Nem a mais remota ligação.

O leve sorriso que Vee arrancara de mim desapareceu. Por mais divertido que fosse tentar manter o humor diante da situação, eu estava assustada. O cara com a máscara de esqui ainda estava lá fora, planejando o próximo ataque. Até que fazia algum sentido imaginar que Patch talvez soubesse o que estava acontecendo. O cara com a máscara pulou na frente do Neon um dia depois de Patch ter se tornado meu parceiro em biologia. Talvez não fosse coincidência.

Bem naquele momento a enfermeira apareceu na porta, somente a cabeça à vista.

— São oito horas — disse, batendo no relógio de pulso. — Acabou o horário de visita.

— Já vou sair — falei.

Logo que passos se afastaram pelo corredor, tranquei a porta do quarto de Vee. Queria privacidade antes de lhe contar sobre a investigação de assassinato que envolvia Elliot. Porém, quando voltei para a cama, estava claro que a medicação tinha surtido efeito.

— Lá vem — disse Vee com uma expressão de pura felicidade. — A onda da droga... a qualquer momento... uma onda de calor... Tchauzinho, sra. Dor...

— Vee...

— Toc, toc.

— Tenho uma coisa importante para dizer.

— *Toc, toc.*

— É sobre Elliot...

— Toc, tooooooc — falou como se estivesse cantando. Suspirei.

— Quem bate?

— Chu.

— Quem é Chu?

— Chu-if Alguém chora, mas não sou eu! — Ela começou a gargalhar histericamente.

Percebi que era inútil insistir no assunto.

— Ligue para mim amanhã — eu disse —, depois que você tiver alta. — Abri o zíper da mochila. — Antes que eu esqueça, trouxe seu dever de casa. Onde quer que eu deixe?

Ela apontou a lixeira.

— Vai ficar muito bem guardado.

Estacionei o Fiat na garagem e pus as chaves no bolso. Não havia estrelas no céu no caminho de casa e, como era de se esperar, uma chuva fraca começou a cair. Puxei a porta da garagem, abaixando-a até o chão e trancando-a. Entrei pela cozinha. Uma luz estava acesa no andar de cima, e um minuto depois mamãe desceu a escada correndo e me abraçou.

Mamãe tem cabelos escuros e ondulados e olhos verdes. É mais baixa que eu uns dois centímetros, mas temos a mesma estrutura óssea. Ela sempre cheira ao perfume Love, de Ralph Lauren.

— Estou tão feliz que você esteja em segurança — disse, apertando-me com força. *Mais ou menos em segurança*, pensei.

CAPÍTULO 13

As sete da noite seguinte, o estacionamento do Borderline estava lotado. Depois de passar quase uma hora implorando, convencemos os pais de Vee de que precisávamos comemorar a primeira noite dela fora do hospital com pimentas recheadas e daiquiris de morango — sem álcool. Pelo menos, foi o que dissemos. Mas tínhamos outras motivações. Espremi o Neon numa vaga apertada e desliguei o motor.

— Eca! — exclamou Vee quando tirei as chaves e meus dedos esbarraram nos dela. — Será que você poderia suar só um pouquinho mais?

— Estou nervosa.

— Puxa, eu nem imaginava. Olhei sem querer para a porta.

— Sei no que você está pensando — disse Vee, apertando os lábios. — E a resposta é não. De jeito nenhum.

— Você não sabe no que estou pensando. Vee beliscou meu braço.

— Ah, sei, sim.

— Eu não ia fugir — disse — Não eu.

— Mentirosa.

Terça-feira era dia de folga de Patch, e Vee me convenceu de que seria a ocasião perfeita para fazer

perguntas aos colegas dele. Imaginei-me rebolando até o bar, lançando para o *barman* um olhar recatado à la Marcie Millar, e depois de alguma lenga-lenga desviando o assunto para Patch. Eu precisava do endereço residencial. Precisava saber se ele já tinha sido preso. Precisava saber se tinha alguma ligação com o cara com a máscara de esquiador, por mais tênue que fosse. E precisava descobrir qual era a relação do cara com a máscara de esquiador e da garota misteriosa com a minha vida.

Olhei dentro da bolsa, verificando se a lista de perguntas que eu tinha preparado ainda estava comigo. Um dos lados do papel tinha perguntas sobre a vida pessoal de Patch. O outro, dicas de paquera. Só para garantir.

— Ei, ei, ei — exclamou Vee. — O que é isso?

— Nada — disse eu, dobrando a lista.

Vee tentou arrancar a folha da minha mão, mas fui mais rápida e a enfiei na bolsa antes que ela pudesse pegada.

— Regra número um — ensinou Vee. — Não se sai por aí com dicas de paquera.

— Toda regra tem uma exceção.

— E você não é essa exceção!

Vee pegou duas sacolas de supermercado do banco traseiro e saiu do carro. Logo que saltei, ela usou o braço bom para jogar para mim as duas sacolas, que estavam pousadas sobre o Neon.

— O que é isso? — perguntei, pegando as sacolas.

Alguém dera um nó nas alças e eu não conseguia ver o que havia dentro, mas a ponta inconfundível de um salto agulha ameaçava perfurar o plástico.

— Tamanho 38. Pele de tubarão. Fica mais fácil interpretar o papel quando se está vestida de acordo.

— Não consigo andar com saltos altos.

— Que bom que eles não são altos.

— Parecem altos — exclamei, observando o salto aparente.

— Quase 12 centímetros. Com mais de 10 centímetros, "alto" já não se aplica. Que beleza. Se eu não quebrasse meu pescoço, poderia me humilhar tentando seduzir os colegas de trabalho de Patch para que me contassem os segredos dele.

— Então — disse Vee enquanto caminhávamos pela calçada até a porta principal. — Eu meio que convidei algumas pessoas. Quanto mais, melhor, certo?

— Quem você convidou? — perguntei, sentindo meu estômago se apertar com maus pressentimentos.

— Jules e Elliot.

Antes que eu tivesse tempo de contar para Vee quanto eu achava a ideia ruim, ela me disse:

— Hora da verdade: andei saindo com Jules. Em segredo.

— O quê?

— Você precisa ver a casa dele. Deixa para trás até Bruce Wayne. Os pais dele devem ser chefões do tráfico na

América do Sul ou então pertencem a uma família tradicional de milionários. Como ainda não os conheci, não sei. Eu estava sem palavras. Minha boca abriu e fechou, mas nada saiu.

— Quando isso aconteceu? — finalmente consegui perguntar.

— Logo depois daquela fatídica manhã no Enzo.

— Fatídica? Vee, você nem imagina...

— Espero que eles tenham chegado primeiro e reservado uma mesa — disse.

Vee esticando o pescoço ao observar a multidão aglomerada perto da porta. — Não quero esperar. Estou a dois minutinhos de morrer de fome.

Agarrei o cotovelo bom de Vee e a puxei para o canto.

— Tem uma coisa que eu preciso lhe contar...

— Sei, sei — disse ela. — Você acha que há uma chance mínima de Elliot ter me atacado no domingo à noite. Bem, você confundiu Elliot com Patch. E depois das investigações de hoje, os fatos vão me apoiar. acredite em mim, quero saber tanto quanto você quem me atacou. Talvez mais. Virou um assunto pessoal. E enquanto estamos dando conselhos uma para a outra, deixe eu lhe dar um. Fique longe de Patch. Por segurança.

— Fico feliz por você ter chegado a essa conclusão — disse laconicamente. — Mas tem uma coisa. Encontrei uma matéria no jornal...

A porta do Borderline se abriu. Uma lufada de ar quente nos envolveu, trazendo o cheiro de limão e coentro e o som dos mariachi nos alto-falantes.

— Bem-vindos ao Borderline — saudou a recepcionista.
— São apenas dois lugares?

Elliot estava postado atrás dela, dentro do saguão à meia-luz. Nós nos vimos ao mesmo tempo. A boca dele abriu um sorriso, mas não pareceu sincero.

— Senhoritas — disse ele, esfregando as mãos enquanto se aproximava. — Maravilhosas como sempre.

Minha pele ficou arrepiada.

— Onde está seu cúmplice? — perguntou Vee, passando os olhos pelo saguão.

Lanternas de papel pendiam do teto, e um mural que retratava uma aldeia mexicana ocupava duas paredes. Todos os lugares estavam ocupados. Não havia sinal de Jules.

— Más notícias — disse Elliot. — O cara está doente. Terão de se contentar comigo.

— Doente? — quis saber Vee. — O que ele tem? Que tipo de desculpa é essa?

— Doente de uma forma que as coisas saem por uma ponta e outra.

Vee tampou o nariz.

— Excesso de informação.

Ainda estava com dificuldades para aceitar o fato de que estava acontecendo algo entre Vee e Jules. Jules parecia mal-humorado, introspectivo e completamente desinteressado na companhia de Vee ou de qualquer outra pessoa. Não me sentia minimamente à vontade com a ideia de que Vee ficasse a sós com Jules. Não necessariamente por ele ser desagradável ou pelo fato de saber pouco sobre ele, mas por causa da única informação que eu tinha: ele era muito amigo de Elliot.

A recepcionista retirou três cardápios de uma caixa e nos levou até um reservado tão próximo da cozinha que eu podia sentir o calor dos fornos atravessando as paredes. À nossa esquerda estava o bufê de molhos. À direita, portas de vidro umedecidas pela condensação conduziam ao pátio interno. Minha blusa de algodão já grudava nas costas. O suor talvez fosse reação mais às notícias sobre Vee e Jules do que ao calor.

— Que tal? — perguntou a garçonete, gesticulando na direção do reservado.

— Está ótimo — disse Elliot, tirando a jaqueta de couro.
— Adoro esse lugar. Se o ambiente não fizer você suar, a comida com certeza fará.

A recepcionista abriu um sorriso.

— Você já esteve aqui antes. Que tal começar com chips e o novíssimo molho com *jalapeño*? É o mais picante da casa.

— Eu gosto de tudo bem quente — disse Elliot.

Eu tinha quase certeza de que ele estava sendo ambíguo. Eu tinha sido generosa demais ao achar que ele não se nivelava com Marcie. Eu tinha sido generosa

demais em relação ao seu caráter. Ponto. Principalmente agora que eu sabia que ele escondia no armário uma investigação criminosa e sabe-se lá quantos esqueletos.

A recepcionista o brindou com um olhar de avaliação.

— Volto já com *chips* e molho. A garçonete logo vai estar aqui para anotar seus pedidos.

Vee desabou primeiro no banco. Deslizei para junto dela e Elliot sentou-se a minha frente. Nossos olhares se encontraram, e havia algo de sinistro no dele. Provavelmente ressentimento. Talvez até hostilidade. Fiquei pensando se ele sabia que eu tinha visto a matéria.

— Púrpura é a sua cor, Nora — disse ele, acenando para meu cachecol enquanto eu o tirava do pescoço e o amarrava na alça da bolsa. — Deixa seus olhos mais brilhantes.

Vee cutucou meu pé. Ela realmente acreditava que ele estava fazendo um elogio.

— E aí — eu disse para Elliot com um sorriso artificial —, por que não nos conta sobre Kinghorn Prep?

— Sim — intrometeu-se Vee. — Existem sociedades secretas por lá? Como no cinema?

— Não há muito o que dizer — falou Elliot. — Ótima escola. Final da história.

— Ele pegou o menu e o examinou. — Alguém está interessado em uma entrada? Por minha conta.

— Se é tão boa, por que você pediu transferência?

Mantive os olhos nos dele, sem recuar. Arqueei as sobrancelhas ligeiramente, em desafio.

Um músculo da mandíbula de Elliot saltou logo antes de ele abrir um sorriso. Pelas garotas. Ouvi dizer que as daqui eram bem mais legais. O boato se provou verdadeiro.

Ele piscou para mim, e uma sensação gelada percorreu meu corpo da cabeça aos pés.

— Por que Jules não pediu transferência também? — perguntou Vee. — Poderíamos nos tornar o Quarteto Fantástico, só que com mais poderes. O Quarteto Fenomenal.

— Os pais de Jules são obcecados pela educação dele. Chamar seus estudos de intensos seria pouco. Juro por Deus, ele vai direto para o topo. Ninguém pode segurá-lo. Quer dizer, confesso que sou bom aluno. Melhor do que a maioria. Mas ninguém barra Jules. Ele é o deus dos estudos.

O ar sonhador voltou a tomar conta dos olhos de Vee.

— Nunca me encontrei com os pais de Jules — disse ela. — Nas duas vezes em que fui até a casa dele, estavam fora da cidade ou trabalhando.

— Trabalham muito — anuiu Elliot, voltando a examinar o menu, dificultando que eu lesse qualquer coisa em seu olhar.

— Onde trabalham? — perguntei.

Elliot deu um longo gole no copo d'água. Parecia que estava ganhando tempo para pensar em uma resposta.

— Diamantes. Passam muito tempo na África e na Austrália.

— Não sabia que a Austrália era importante no negócio de diamantes — disse eu. — É. Nem eu — disse Vee.

De fato, eu tinha quase certeza de que na Austrália não havia diamantes. Ponto.

— Por que moram no Maine? — perguntei. — Por que não estão na África? Elliot estudou o menu com mais afinco.

— O que vão querer? Estou achando que as *fajitas* de carne parecem boas.

— Se os pais de Jules estão no ramo dos diamantes, aposto que sabem tudo sobre como escolher o anel de noivado perfeito — disse Vee. — Sempre quis um solitário com corte esmeralda.

Chutei Vee por debaixo da mesa. Ela me atacou com o garfo.

— Aii! — eu disse.

Nossa garçonete parou na ponta da mesa por tempo suficiente para perguntar se queríamos alguma bebida.

Elliot olhou por sobre o menu, primeiro para mim e depois para Vee.

— Coca diet — disse Vee.

— Água com rodela de limão, por favor — disse eu.

A garçonete voltou surpreendentemente rápido com as bebidas. Sua volta foi minha deixa para sair da mesa e iniciar a primeira etapa do Plano, algo de que Vee fez

questão de me lembrar com uma nova garfada, dessa vez debaixo da mesa.

— Vee — disse entre os dentes —, você gostaria de ir comigo até o banheiro? Subitamente, não queria ir adiante com o Plano. Não queria deixar Vee sozinha com Elliot. O que eu queria era arrastá-la dali, contar tudo sobre a investigação do assassinato e então encontrar alguma forma de fazer Elliot e Jules desaparecerem da nossa vida.

— Por que você não vai sozinha? — disse Vee. — Acho que seria o melhor plano. Ela inclinou a cabeça na direção do bar e movimentou os lábios num Vá sem som, enquanto fazia gestos discretos debaixo da mesa.

— Eu planejava ir sozinha, mas realmente preferia que você viesse comigo.

— O que acontece com as garotas? — disse Elliot, sorrindo para nós duas. — Juro. Nunca conheci uma garota que pudesse ir sozinha ao banheiro. — Ele se curvou para a frente e deu um sorriso cúmplice. — Contem para mim o segredo. Falando sério, pago cinco dólares para cada uma. — Ele tateou o bolso traseiro. — Dez se eu puder ir junto e ver como é.

Vee abriu um sorriso maroto.

— Tarado. Não se esqueça disso aqui — ela exclamou, empurrando as sacolas de supermercado em meus braços.

As sobrancelhas de Elliot se levantaram.

— Lixo — explicou Vee com um toque de malícia. — Nossa lixeira está cheia. Minha mãe perguntou se eu

poderia jogar isso fora, já que ia mesmo sair. Elliot não parecia acreditar nela, e Vee não parecia se importar. Levantei com os braços carregados de adereços e engoli minha intensa frustração.

Desviando-me das mesas, peguei o corredor que conduzia até os banheiros. Era pintado com a cor da terracota e decorado com maracas, chapéus de palha e bonecos de madeira. Estava mais quente ali, então sequei a testa. O Plano agora era concluir tudo o mais rápido possível. Tão logo eu voltasse à mesa, inventaria uma desculpa para ir embora e arrastaria Vee. Com ou sem o consentimento dela.

Depois de olhar por baixo das três cabines do banheiro feminino e confirmar que eu estava sozinha, tranquei a porta principal e despejei o conteúdo das sacolas na bancada. Uma peruca loura platinada, um sutiã púrpura de sustentação, um tomara que caia preto, uma minissaia com lantejoulas, meias arrastão rosa choque e um par de sapatos de salto agulha tamanho 38 de pele de tubarão.

Enfie o sutiã, o tomara que caia e as meias de volta nas sacolas. Depois de tirar os jeans, vesti a minissaia. Escondi o cabelo sob a peruca e passei batom. Dei o toque final com uma generosa camada de *gloss* ultrabrilhante.

"Você consegue", disse para meu reflexo no espelho, fechando a tampa do gloss e juntando os lábios para espalhar o brilho. "Você consegue dar uma de Marcie Millar. Seduzir homens em troca de segredos. Não pode ser difícil."

Descalcei com os pés os mocassins, coloquei-os dentro de uma sacola com meus jeans e então empurrei a sacola para baixo da bancada, fora de vista.

"Além disso", prossegui, "não há nada de errado em sacrificar um pouquinho de orgulho em nome da inteligência. Se quisesse encarar a situação com morbidez, poderia até dizer que sua vida estará em risco se você não obtiver respostas. Porque tem alguém por aí querendo lhe fazer mal, goste da ideia ou não."

Balancei os sapatos diante dos olhos. Não eram a coisa mais feia que eu já tinha visto na vida. De fato, poderiam até ser considerados sexy. Uma versão de Tubarão em Coldwater, no Maine. Prendi as tiras e pratiquei caminhada com eles, dando várias voltas pelo banheiro.

Dois minutos depois, acomodei-me em uma banquetta no balcão do bar.

O *barman* me examinou.

— Dezesseis anos? — chutou. — Dezessete?

Parecia dez anos mais velho do que eu e tinha entradas no cabelo castanho, que mantinha bem raspado. Tinha uma argola de prata pendurada no lóbulo da orelha direita. Camiseta branca e jeans Levi's. Não era feio... também não era bonito.

— Não vim beber sem ter idade para isso — exclamei alto, para ser ouvida apesar da música e das conversas a nossa volta. — Estou esperando um amigo. Daqui tenho vista privilegiada para a porta. — Retirei a lista de perguntas da bolsa e disfarçadamente coloquei o papel embaixo do saleiro de vidro.

— O que é isso? — perguntou o *barman*, enxugando as mãos em uma toalha e acenando para a lista.

Escondi melhor a lista embaixo do saleiro.

— Nada — disse, com ar de inocência. Ele ergueu uma sobancelha. Decidi ser flexível com a verdade.

— É uma lista... de compras. Preciso passar no mercado e comprar uns itens para minha mãe no caminho para casa. — *O que houve com a história da paquera?* Perguntei para mim mesma. *O que aconteceu com Marcie Millar?*

Ele me examinou atentamente, fato que não considerei totalmente negativo.

— Depois de cinco anos neste emprego, fiquei muito bom em identificar mentirosos.

— Não sou uma mentirosa. Talvez estivesse mentindo há um momento, mas foi só uma mentirinha. Uma mentirinha não faz de mim uma mentirosa.

— Você parece uma repórter — disse ele.

— Trabalho para o eZine da minha escola. — Queria bater em mim mesma. Repórteres não costumam despertar a confiança das pessoas. As pessoas geralmente suspeitam de repórteres. — Mas não estou trabalhando hoje — emendei rapidamente. — Hoje é só diversão. Nenhum trabalho. Nenhum objetivo oculto. Absolutamente nada.

Depois de alguns segundos de silêncio, resolvi que a melhor saída era seguir com o plano. Limpei a garganta e disse:

— Há muitos alunos do ensino médio trabalhando no Borderline?

— Tem um bocado deles, sim. Recepcionistas e assistentes de garçom e vagas parecidas.

— Jura? — disse, fingindo surpresa. — Talvez eu conheça alguns deles. Diga os nomes, vamos lá.

O *barman* dirigiu o olhar para o teto e cocou a barba por fazer no queixo. A expressão vazia não me inspirava confiança. Sem falar que eu não tinha muito tempo. Elliot poderia derramar drogas letais no refrigerante diet de Vee.

— E Patch Cipriano? — perguntei. — Ele trabalha aqui?

— Patch? É. Ele trabalha aqui. Uma ou outra noite e nos fins de semana. — Ele estava trabalhando no domingo à noite?

Tentei não parecer curiosa demais. Mas precisava saber se era possível que Patch estivesse no cais. Ele dissera que tinha uma festa na costa, mas talvez tivesse mudado de plano. Se alguém confirmasse que ele estava trabalhando na noite de domingo, eu poderia eliminar a possibilidade de ele estar envolvido na agressão a Vee.

— Domingo? — Mais coçadas no queixo. — As noites acabam se misturando. Tente as recepcionistas. Uma delas vai lembrar. Todas dão risinhos e ficam meio maluquinhas quando ele está por perto. — Ele sorriu como se, de algum modo, eu fosse me identificar com as moças.

— Você por acaso teria acesso à ficha dele? — perguntei. Em especial ao endereço residencial.

— A resposta seria não.

— Só por curiosidade. Você saberia me dizer se aqui contratam pessoas com ficha criminal?

— Ficha criminal? — Ele deu uma gargalhada. — Você está brincando?

— Tudo bem, talvez não por um crime, mas quem sabe por uma contravenção?

Ele espalmou as mãos sobre o balcão e se inclinou para a frente.

— Não. — O tom mudou, e ele parecia insultado.

— Que bom. É muito bom saber.

Mudei de posição na banquetta e senti a pele das minhas coxas descolar do vinil. Eu estava suando. Se a regra número 1 da paquera era não usar listas, eu estava bem certa de que a regra número 2 era não suar.

Consultei a lista.

— Você sabe se Patch já recebeu alguma ordem judicial? Se ele esteve envolvido em episódios de perseguição? — Suspeitei que o *barman* estava ficando cismado comigo e por isso resolvi derramar todas as perguntas de uma vez em um último esforço antes que ele resolvesse me mandar embora do bar, ou, ainda pior, me mandasse para fora do restaurante por perturbação da paz e comportamento suspeito. — Ele tem namorada? — balbuciei.

— Pergunte a ele — ele disse. Pestanejei.

— Ele não está trabalhando hoje.

Meu estômago ficou embrulhado diante do sorriso do *barman*.

— Ele não está trabalhando hoje, está? — perguntei com a voz esganiçada. — Ele costuma ter folga às terças.

— É, normalmente. Mas está substituindo Benji. Benji foi para o hospital. Apêndice supurado.

— Você quer dizer que Patch está aqui? Agora? Olhei para trás, mexendo na peruca de modo a disfarçar meu perfil enquanto examinava o salão à procura dele.

— Ele entrou na cozinha há alguns minutos. Eu já estava descendo da banquetta.

Acho que deixei o motor do carro ligado. Mas foi ótimo conversar com você! Corri para o banheiro o mais rápido que pude.

Tranquei a porta assim que entrei, respirei fundo algumas vezes, as costas contra a porta. Em seguida, fui até a pia e joguei água fria no rosto. Patch descobriria que eu tinha tentado espioná-lo. Meu desempenho magnífico garantiria isso. À primeira vista parecia ruim, porque era bem humilhante. Mas ao pensar melhor sobre o assunto precisei considerar o fato de que Patch era uma pessoa muito reservada. Pessoas reservadas não gostavam que fuxicassem sua vida. Como reagiria quando descobrisse que eu estava examinando a vida dele com uma lupa?

E agora eu questionava a razão de ter ido ali, pois lá no fundo eu não acreditava que Patch fosse o cara com a máscara de esquiador. Talvez ele tivesse segredos

sombrios e perturbadores, mas correr por aí vestido com uma máscara de esqui não estava em seu repertório.

Fechei a torneira e, quando olhei de volta para o espelho, o rosto de Patch estava refletido nele. Soltei um grito e me virei.

Ele não estava sorridente e não parecia estar se divertindo muito.

— O que você está fazendo aqui? — eu disse ofegante.

— Eu trabalho aqui.

— Eu quero dizer aqui dentro. Não sabe ler? Tem uma placa na porta...

— Estou começando a achar que você tem me seguido. Basta eu me virar e lá está você.

— Queria dar uma volta com Vee — expliquei. — Ela esteve internada no hospital — Meu tom era defensivo. Estava certa de que isso só me fazia parecer mais culpada. — Nunca imaginei que o encontraria. Supostamente, essa é sua noite de folga. E que história é essa? "Basta eu me virar e lá está você."

Os olhos de Patch eram penetrantes, intimidantes, devoradores. Calculavam o peso de cada uma das minhas palavras, de cada um de meus movimentos. — Quer explicar o motivo desse cabelo brega? — disse ele. Arranquei a peruca e a joguei na pia.

— Quer explicar por onde você andou? Perdeu os dois últimos dias de aula. Eu tinha quase certeza de que Patch não revelaria o que andara fazendo, mas ele respondeu:

— Andei jogando *paintball*. E o que você estava fazendo no bar?

— Conversando com o *barman*. É crime?

Apoiei uma das mãos sobre a pia e levantei o pé para desafivelar o sapato. Curvei-me ligeiramente, e então a lista de perguntas escorregou do decote e caiu no chão.

Fiquei de joelhos para pegá-la, mas Patch foi mais rápido. Segurou-a sobre a cabeça enquanto eu pulava, tentando recuperá-la.

— Devolva! — gritei.

— Existem ordens judiciais contra Patch? — leu ele. — Patch é um criminoso?

— Devolva isso! — guinchei furiosamente.

Patch soltou uma gargalhada suave, e eu sabia que ele tinha visto a pergunta seguinte.

— Patch tem namorada?

Patch colocou o papel no bolso traseiro. Eu estava profundamente tentada a recuperado, apesar da localização.

Ele se apoiou na pia e olhou em meus olhos.

— Se você está procurando informações, prefiro que faça as perguntas para mim.

— Essas perguntas — gesticulei na direção do lugar onde ele as havia guardado — eram uma piada. Vee as escreveu. — Acrescentei então com uma inspiração súbita: — É tudo culpa dela.

— Conheço sua letra, Nora.

— O.k, tudo bem.

Comecei a procurar uma resposta inteligente, mas levei tempo demais e perdi a chance.

— Nenhuma ordem judicial — disse ele. — Nenhum crime. Levantei o queixo.

— Namorada?

Disse para mim mesma que não me importava com a resposta dele. Qualquer uma estava boa para mim.

— Não é da sua conta.

— Você tentou me beijar — lembrei a ele. — Passou a ser da minha conta.

O esboço de um sorriso travesso pairou no canto da boca dele. Tive a impressão de que ele estava se lembrando de todos os detalhes daquele quase beijo, inclusive do meu suspiro-barra-gemido.

— Tenho uma ex-namorada — disse ele, depois de um momento.

Senti um frio no estômago quando um pensamento subitamente invadiu minha mente. Será que a garota no Delphic Seaport e na Victoria's Secret era a exnamorada de Patch? E se ela tivesse me visto conversando com Patch no fliperama e — erradamente — presumido que havia algo mais entre nós? Se ela ainda se sentisse atraída por Patch, faria sentido que tivesse ciúme suficiente para me seguir. Algumas peças do quebra-cabeça pareciam se encaixar... E então Patch falou.

— Mas ela não está aqui.

— O que você quer dizer com isso? — Ela se foi. Nunca mais vai voltar.

— Você está me dizendo... que ela morreu? — perguntei. Patch não negou.

Meu estômago subitamente parecia pesado e embrulhado. Não esperava por aquilo. Patch teve uma namorada e ela estava morta.

A porta do banheiro feminino estremeceu com alguém tentando entrar. Eu tinha esquecido que trancara a porta. O que me fez pensar em como Patch conseguira entrar. Ou ele tinha uma chave ou havia outra explicação. Uma explicação que eu provavelmente não gostaria de saber, do tipo deslizar por baixo da porta como ar. Como fumaça.

— Preciso voltar ao trabalho — disse Patch. Ele me deu uma conferida que demorou um pouco abaixo dos quadris. — Saia de matar. Pernas de matar.

Antes que eu conseguisse formular um único pensamento coerente, ele já havia atravessado a porta.

A senhora que esperava para entrar olhou para mim e então para Patch, que desapareceu pelo corredor.— Meu bem — disse ela —, ele parece ser escorregadio como sabão.

— Boa descrição — resmunguei. Ela ajeitou o cabelo curto e grisalho.

— Uma garota bem que adoraria se ensaboar num sabão daqueles.

Depois de trocar de roupa, voltei para o reservado e me ajeitei ao lado de Vee. Elliot checou o relógio e levantou as sobrancelhas ao olhar para mim.

— Desculpem-me pela demora. Perdi alguma coisa?

— Não — disse Vee. — Tudo na mesma, tudo na mesma.
— Ela bateu em meu joelho e a pergunta implícita era: E aí?

Antes que eu pudesse devolver a cutucada, Elliot disse:

— A garçonete passou por aqui. Pedi um burrito apimentado para você. — Um sorriso assustador abriu-se na sua boca.

Vi a oportunidade.

— Para falar a verdade, não sei se estou com fome. — Forcei uma cara de enjoo que não era tão falsa assim. — Acho que peguei a doença de Jules.

— Puxa vida — disse Vee. — Você está bem? Balancei negativamente a cabeça.

— Vamos procurar a garçonete e pedir a comida para viagem — sugeriu Vee, procurando as chaves na bolsa.

— E eu? — disse Elliot, meio brincando, meio a sério.

— Fica para uma próxima? — disse Vee. *Bingo*, pensei.

CAPÍTULO 14

Voltei para casa um pouco antes das oito. Virei a chave na fechadura, agarrei a maçaneta e empurrei a porta com o quadril. Tinha ligado para minha mãe algumas horas antes do jantar. Ela estava no escritório, resolvendo alguns problemas, e não sabia muito bem quando chegaria. Eu esperava encontrar a casa silenciosa, escura e fria.

No terceiro empurrão, a porta se abriu, eu joguei a bolsa na escuridão e lutei com a chave que ainda estava presa na fechadura. Desde a noite em que Patch passara por lá, a fechadura andava de mau humor. Fiquei pensando se Dorothea já havia percebido isso.

— Me devolva... essa... porcaria... de chave — eu disse, até finalmente conseguir.

O relógio de pêndulo no corredor deu a hora e oito batidas reverberaram no silêncio. Eu estava entrando na sala de estar para acender o fogo no aquecedor a lenha quando ouvi um farfalhar de tecido e um rangido baixo do outro lado do cômodo.

— Nora! — disse minha mãe, jogando para o lado um cobertor e ajeitando-se para ficar sentada no sofá. — O que está acontecendo?

Uma de minhas mãos estava sobre o coração, e a outra estava espalmada na Parede, na qual me apoiei.

— Você me assustou.

— Eu adormeci. Se tivesse ouvido você entrar, teria dito alguma coisa. — Ela afastou o cabelo do rosto e piscou sonolenta. — Que horas são?

Desabei na poltrona mais próxima e tentei recuperar a frequência cardíaca normal. Minha imaginação havia enxergado um par de olhos cruéis atrás de uma máscara de esquiador. Agora que eu tinha certeza de que ele não era invenção minha sentia uma vontade avassaladora de contar tudo para minha mãe, do momento em que ele pulou diante do Neon até a agressão a Vee. Ele estava me perseguindo e era violento. Precisávamos de novas fechaduras nas portas. E parecia lógico envolver a polícia. Eu me sentiria muito mais segura com uma viatura estacionada na calçada.

— Estava esperando um pouco para tocar no assunto — disse mamãe, interrompendo minha sequência de pensamentos —, mas acho que não vai haver um momento perfeito para falar disso.

Franzi o cenho.

— O que está acontecendo?

Ela soltou um suspiro longo e preocupado.

— Estou pensando em colocar o casarão à venda.

— O quê? Por quê?

— Estamos batalhando há um ano, e não estou ganhando tanto quanto eu esperava. Já pensei em arranjar um segundo emprego, mas, honestamente, não sei se o dia tem tantas horas assim. — Ela riu sem nenhum vestígio de humor. — O salário de Dorothea é modesto, mas é um dinheiro a mais que não temos. A

única alternativa que consigo conceber é a mudança para uma casa menor. Ou para um apartamento.

— Mas esta é a nossa casa.

Todas as lembranças estavam ali. As memórias do meu pai estavam ali. Não podia acreditar que ela não sentisse o mesmo. Eu faria o que fosse necessário para permanecer ali.

— Vou esperar mais três meses — disse ela. — Mas não quero alimentar esperanças.

Naquele momento, eu soube que não podia falar para minha mãe sobre o cara com a máscara de esquiador. Ela abandonaria o emprego no dia seguinte. Arranjaria um trabalho nas redondezas e não teríamos escolha senão vender a casa.

— Vamos falar de um assunto mais agradável — disse mamãe, forçando um sorriso. — Como foi o jantar?

— Ótimo — disse eu com má vontade.

— E Vee? Como ela está se recuperando?

— Ela vai poder voltar para a escola amanhã. Mamãe sorriu ironicamente.

— Que bom que ela quebrou o braço esquerdo. Senão, não poderia fazer anotações em sala, e posso apenas imaginar como seria decepcionante para ela.

— Há! Há! — eu disse. — Vou preparar um chocolate quente. — Fiquei de pé e apontei para a cozinha, por cima do ombro.

— Quer? — Acho uma ótima ideia. Vou acender o fogo.

Depois de uma rápida ida à cozinha para juntar canecas, açúcar e a lata de chocolate voltei e encontrei mamãe com a chaleira de água sobre o fogão a lenha. Sentei-me no braço do sofá e lhe entreguei a caneca.

— Como soube que estava apaixonada por papai? — perguntei, esforçandome para empregar um tom casual.

Sempre havia a possibilidade, ao falar de papai, de começarmos uma grande choradeira, algo que eu pretendia evitar.

Mamãe acomodou-se no sofá e pousou os pés na mesa de centro.

— Não soube. Pelo menos até mais ou menos um ano depois de termos nos casado.

Não era essa a resposta que eu esperava. — Então... por que você se casou com ele?

— Porque achava que estivesse apaixonada. E quando você acha que está apaixonada, fica disposta a insistir e a fazer dar certo até o que se tem virar amor de verdade.

— Você teve medo?

— De me casar com ele? — Ela riu. — Essa foi a parte divertida. Comprar o vestido, reservar a igreja, usar minha aliança de noivado.

Pensei no sorriso malicioso de Patch.

— Você nunca sentiu medo de papai?

— Sempre que o time dele perdia.

Quando os New England Patriots perdiam um jogo, meu pai ia para a garagem e descontava na serra elétrica. Dois outonos antes, ele havia carregado a serra elétrica para o bosque atrás de nossa propriedade, derrubado dez árvores e cortado toda a madeira. Ainda tínhamos mais de metade daquela lenha para nos aquecer.

Mamãe deu batidinhas ao lado dela no sofá, e eu me aconcheguei ali, descansando a cabeça em seu ombro.

— Sinto falta dele — falei. Eu também.

— Tenho medo de esquecer como ele era. Não como ele era nos retratos, mas quando estava por aqui, sábado de manhã, de moletom, preparando ovos mexidos. Mamãe entrelaçou os dedos dela nos meus. — Você sempre foi muito parecida com ele. Desde pequena.

— Verdade? — Sentei-me ereta. — De que jeito?

— Ele era bom aluno, muito inteligente. Não era exibido nem extrovertido, mas as pessoas o respeitavam.

— Papai alguma vez se comportou... de forma misteriosa? Mamãe pareceu pensar antes de responder.

— Pessoas misteriosas têm muitos segredos. Seu pai era muito transparente.

— Em algum momento ele foi rebelde? Ela soltou uma gargalhada breve e surpresa.

— Você consegue imaginar isso? Harrison Grey, o contador mais ético do mundo... Um rebelde? — Ela fez uma cara de assombro exagerado. — Não mesmo! Ele até usou o cabelo comprido por uns tempos. Era ondulado e louro... parecida cabelo de surfista. É claro

que os óculos com aro de tartaruga estragavam o *look*. Mas... posso perguntar como entramos nesse assunto?

Eu não tinha ideia de como explicar a minha mãe meus conflituosos sentimentos por Patch. Não tinha ideia de como explicar Patch, ponto. Minha mãe provavelmente esperaria uma descrição que incluísse o nome dos pais, a média acadêmica, os esportes que ele praticava e em quais universidades planejava estudar. Não queria alarmá-la dizendo que podia apostar meu cofre de porquinho que Patch tinha uma ficha criminal.

— Tem um cara — disse, incapaz de deixar de sorrir ao pensar nele. — A gente tem se visto muito ultimamente. Geralmente para assuntos da escola.

— Ah, um garoto — disse ela num tom de mistério. — E aí? Ele é do Clube de Xadrez? Do Conselho Estudantil? Da equipe de tênis?

— Nada — disse.

— Um nadador! E ele é bonitinho como o Michael Phelps? Naturalmente, sempre preferi o Ryan Lochte no quesito aparência.

Cogitei corrigir mamãe, mas, repensando, resolvi que seria melhor não tentar esclarecer. Nada, nadar... não tinha muita diferença, certo?

O telefone tocou, e mamãe se esticou no sofá para atendê-lo. Dez segundos de conversa depois ela despencou novamente no assento e bateu com a mão na testa.

— Não, não é um problema. Vou passar lá correndo, apanho tudo e levo amanhã bem cedo.

— Hugo? — perguntei, depois que ela desligou.

Hugo era o chefe de mamãe, e dizer que ele ligava o tempo todo era pouco. Uma vez, ele a chamou para trabalhar em um domingo porque não sabia mexer na copiadora.

— Ele deixou uma papelada por preencher no escritório e precisa que eu vá até lá. Tenho que fazer algumas cópias, mas não vou demorar mais do que uma hora. Já acabou o dever de casa?

— Ainda não.

— Então vou dizer a mim mesma que não íamos mesmo passar mais tempo juntas, ainda que eu pudesse ficar aqui. — Ela deu um suspiro e se levantou. — Até daqui a uma hora?

— Diga ao Hugo que ele precisa lhe pagar mais.

Ela riu.

— Muito mais.

Logo que fiquei sozinha em casa, tirei da mesa a louça do café da manhã e abri espaço para os livros. Inglês, história geral, biologia. Munida de um lápis número dois novinho em folha, abri o primeiro livro da pilha e comecei a trabalhar.

Quinze minutos depois, minha mente rebelou-se, recusando-se a digerir mais um parágrafo sequer sobre o sistema feudal europeu. Fiquei pensando no que Patch estaria fazendo depois de sair do trabalho. Dever de casa? Difícil de acreditar. Pizza e um jogo de basquete na televisão? Talvez, mas não parecia ser seu gênero.

Sinuca e apostas no Fliperama do Bo? Parecia um bom palpite.

Tive uma vontade inexplicável de dirigir até o Fliperama e explicar a ele meu comportamento de mais cedo, mas caí na real bem rápido, pelo simples fato de que não havia tempo. Minha mãe voltaria para casa antes que eu concluísse a viagem de meia hora até lá. Sem falar que Patch não era o tipo de cara atrás de quem eu poderia ir assim, sem mais nem menos. Até então, nossos encontros haviam funcionado conforme a vontade dele, e não minha. Sempre.

Subi as escadas para trocar minhas roupas por outras mais confortáveis. Empurrei a porta do quarto e cheguei a dar três passos para dentro antes de parar bruscamente. As gavetas tinham sido arrancadas da cômoda. As roupas estavam jogadas pelo chão. A cama tinha sido revirada. As portas do armário estavam abertas, pendendo desajeitadamente das dobradiças. Livros e portaretratos se amontoavam no piso.

Vi o reflexo de um movimento na janela do outro lado do quarto e me virei. Ele estava encostado na parede atrás de mim, vestido de negro dos pés à cabeça, usando a máscara de esquiador. Meu cérebro ficou nublado, tentando começar a dizer às pernas que corressem, quando a pessoa disparou para a janela, abriu-a e saltou para fora com grande agilidade.

Desci a escada pulando os degraus de três em três. Saltei por cima do corrimão, voei pelo corredor até a cozinha e disquei 911.

Quinze minutos depois, um carro de polícia chegou na entrada da minha casa. Trêmula, destranquei a porta e

deixei que os dois policiais entrassem. O primeiro era baixo, atarracado, de cabelos grisalhos. O outro, alto e magro, tinha cabelos quase tão escuros quanto os de Patch, mas aparados na altura das orelhas. De uma forma estranha, ele me lembrava um pouco Patch. Feições mediterrâneas, rosto simétrico, olhos observadores.

Eles se apresentaram. O policial de cabelos escuros era o detetive Basso. Seu parceiro, o detetive Holstijic.

— Você é Nora Grey? — perguntou Holstijic. Fiz que sim com a cabeça.

— Seus pais estão em casa?

— Minha mãe saiu minutos antes do meu telefonema para o 911.

— Então está sozinha em casa? Fiz que sim de novo.

— Por que não nos conta o que aconteceu? — perguntou, cruzando os braços e com os pés afastados, enquanto o detetive Basso caminhava um pouco pela casa para olhar.

— Cheguei às oito e fiz um pouco do dever de casa. Quando fui para o quarto, eu o vi. Estava tudo uma bagunça. Ele virou o quarto de cabeça para baixo.

— Você o reconheceu?

— Ele usava uma máscara de esquiador, e as luzes estavam apagadas.

— Algum sinal? Tatuagens?

— Não.

— Altura, peso?

Fiz um esforço para consultar minha memória. Não queria reviver o momento, mas era importante que eu me lembrasse de qualquer pista.

— Altura mediana, só que mais para alto. Mais ou menos a altura do detetive Basso.

— Ele disse alguma coisa? Balancei a cabeça negativamente.

O detetive Basso reapareceu e disse "Tudo tranquilo" para o parceiro. Então foi para o segundo andar. O assoalho rangia no andar de cima à medida que ele caminhava pelo corredor, abrindo e fechando portas.

O detetive Holstijic abriu a porta da frente e abaixou-se para examinar a tranca.

— Essa porta estava destrancada ou quebrada quando você chegou em casa?

— Não. Usei minha chave para entrar. Minha mãe estava cochilando na sala de estar.

O detetive Basso apareceu no alto da escada.

— Você poderia nos mostrar o que foi danificado?— pediu.

O detetive Holstijic e eu subimos a escada juntos. Fui na frente até encontrar o detetive Basso parado na porta do meu quarto, com as mãos nos quadris, inspecionando o interior.

Fiquei completamente paralisada, sentindo um formigamento de medo tomar conta de mim. A cama estava arrumada. O pijama, dobrado sobre o travesseiro, do jeito que eu o deixara de manhã. As gavetas da cômoda estavam fechadas, e sobre ela, os porta-retratos cuidadosamente arranjados. O baú aos pés da cama estava fechado. O chão, limpo. As cortinas pendiam arrumadas, uma de cada lado da janela fechada.

— Você disse que viu um invasor — disse o detetive Basso.

Ele me fitava com uma dureza que não deixaria escapar nenhum detalhe. Com olhos especializados em flagrar mentiras.

Entrei no quarto, mas faltavam ali o conforto e a segurança. Havia um sinal de violação e ameaça implícito. Apontei para a janela, do outro lado do quarto, tentando manter a mão firme.

— Quando entrei, ele pulou pela janela. O detetive Basso espiou para fora.

— Bem distante do chão — observou. Tentou abrir a janela. — Você a trancou depois que ele partiu?

— Não. Eu corri para o andar de baixo e telefonei.

— Alguém a trancou. — O detetive Basso ainda me observava com olhar cortante, a boca contraída em uma linha.

— Não sei bem se uma pessoa seria capaz de escapar após um salto desses — disse o detetive Holstijic ao se juntar ao parceiro na beira da janela. — Teria sorte se só quebrasse uma perna.

— Talvez ele não tenha pulado. Talvez tenha descido pela árvore — eu disse. O detetive Basso virou a cabeça bruscamente.

— E aí? O que aconteceu, então? Ele desceu ou pulou? Poderia ter passado por você e saído pela porta. Esta seria a opção lógica. É o que eu teria feito. Vou perguntar mais uma vez. Pense com cuidado. Você viu mesmo alguém em seu quarto esta noite?

Ele não acreditava em mim. Achava que eu tinha inventado tudo. Por um momento, senti-me tentada a concordar com ele. O que havia de errado comigo? Por que minha noção de realidade estava tão turbulenta? Por que a verdade nunca fazia sentido? Em nome da minha sanidade, disse a mim mesma que não era culpa minha. Era ele. O cara com a máscara de esquiador. Era ele quem estava "fazendo aquilo. Eu não sabia como, mas a culpa era dele.

O detetive Holstijic rompeu aquele silêncio tenso.

— Quando seus pais estarão de volta?

— Moro com a minha mãe. Ela teve que dar uma passada no escritório.

— Precisamos fazer algumas perguntas às duas — ele prosseguiu. Fez um gesto para que eu me sentasse na cama, mas balancei a cabeça negativamente. — Você terminou com algum namorado recentemente?

— Não.

— E drogas? Faz ou já fez uso de drogas?

— Não.

— Você mencionou que mora com sua mãe. E seu pai? Onde está?

— Foi um erro — disse eu. — Sinto muito. Não deveria ter ligado.

Os dois policiais trocaram olhares. O detetive Holstijic fechou os olhos e massageou as têmporas. O outro, Basso, parecia ter decidido que já desperdiçara tempo demais e estava pronto para esquecer o assunto.

— Temos coisas a fazer — disse ele. — Você vai ficar bem, aqui sozinha, até sua mãe chegar?

Eu mal escutei. Não conseguia tirar os olhos da janela. Como ele fizera aquilo? Quinze minutos. Ele teve quinze minutos para dar um jeito de entrar novamente na casa e arrumar o quarto antes de a polícia chegar. E enquanto eu estava no andar inferior. Ao perceber que tínhamos ficado sozinhos na casa, juntos, eu estremeci.

O detetive Holstijic me estendeu um cartão de visitas.

— Você poderia pedir a sua mãe que ligue assim que chegar?

— Pode deixar que nós encontramos a saída — disse o detetive Basso, já quase no corredor.

CAPÍTULO 15

— Acha que Elliot assassinou alguém?

— Psiu! — chiei para Vee, observando as fileiras de mesas do laboratório para ter certeza de quem ninguém tinha ouvido. — Sem querer ofender ninguém, querida, mas isso está começando a ficar ridículo. Primeiro, ele me agrediu. Agora, é um assassino. Pelo amor de Deus, Elliot? Assassino? Ele é um dos caras mais legais que já conheci. Quando foi a última vez que ele se esqueceu de abrir a porta para você passar? Hum... Isso mesmo... nunca.

Vee e eu estávamos na aula de biologia. Ela estava deitada de barriga para cima sobre a mesa. Estávamos fazendo exames de pressão sanguínea, e Vee deveria repousar silenciosamente durante cinco minutos. Normalmente, eu fazia a atividade com Patch, mas o técnico nos concedeu um dia livre, o que queria dizer que podíamos escolher nossos parceiros. Vee e eu estávamos no fundo da sala. Patch estava ocupado com um atleta chamado Thomas Rookery na frente.

— Ele prestou depoimento como suspeito em uma investigação de assassinato — sussurrei, sentindo que os olhos do técnico se desviavam para nós duas. Rabisquei algumas anotações na ficha do laboratório. *A paciente está calma e relaxada. A paciente evitou falar por três minutos e meio.* — Obviamente, a polícia achou que ele tinha motivo e meios de fazer aquilo.

— Você tem certeza de que é o mesmo Elliot?

— Quantos Elliot Saunders estariam matriculados em Kinghorn em fevereiro?

Vee tamborilou os dedos no abdômen.

— É que parece difícil de acreditar. De qualquer maneira, qual é o problema de ele ter sido interrogado? O importante é que ele foi descartado. Não acharam que era culpado.

— Porque a polícia encontrou um bilhete suicida escrito por Halverson.

— E quem é Halverson?

— Kjirsten Halverson — eu disse com impaciência. — A garota que supostamente teria se enforcado.

— Talvez ela tenha mesmo se enforcado. E se um belo dia ela acordou dizendo "Puxa, a vida é uma droga" e resolveu se amarrar em uma árvore? Isso acontece.

— Você não acha coincidência demais que o apartamento tivesse sinais de arrombamento quando o bilhete foi encontrado?

— Ela morava em Portland. Arrombamentos acontecem.

— Acho que alguém colocou o tal bilhete lá. Alguém que queria livrar a cara de Elliot.

— Quem ia querer livrar a cara de Elliot? — perguntou Vee. Olhei para ela com meu melhor olhar de sarcasmo.

Vee se apoiou no cotovelo bom.

— Você então quer dizer que Elliot arrastou Kjirsten até uma árvore, amarrou uma corda no pescoço dela,

pendurou num galho e depois arrombou o apartamento para plantar provas que indicassem o suicídio.

— Por que não?

Vee devolveu o olhar de sarcasmo.

— Porque os policiais já analisaram tudo. Se concluíram que foi suicídio, concordo com eles.

— E então, por que poucas semanas depois de ser liberado do inquérito, Elliot mudou de escola? Por que alguém sairia da Kinghorn Prep para estudar na CHS?

— Nisso você tem razão.

— Acho que ele está tentando fugir do passado. Acho que ficou desagradável assistir às aulas no mesmo lugar onde matou Kjirsten. Ele está com a consciência pesada.
— Bati o lápis contra os lábios. — Preciso ir até Kinghorn e fazer umas perguntas. Ela morreu há dois meses. Todos ainda devem falar disso por lá.

— Não sei, Nora. Estou achando uma péssima ideia começar uma operação de espionagem em Kinghorn. Quer dizer, você vai lá fazer perguntas especificamente sobre Elliot? E se ele descobrir? O que vai pensar?

Olhei para ela.

— Ele só precisa se preocupar se for culpado.

— Então vai matar você para garantir seu silêncio. —Vee abriu um sorriso parecido com o do Gato Risonho. Eu não. — Quero descobrir quem me agrediu tanto quanto você — prosseguiu ela, em um tom mais sério —, mas juro pela minha vida que o cara não era Elliot. Revi

minhas lembranças umas cem vezes. Não tem nada a ver. Nem chega perto. Pode acreditar.

— Muito bem. Talvez Elliot não seja o autor da agressão — disse eu, tentando satisfazer Vee, mas sem querer livrar a cara de Elliot. — Mas ainda existem muitos fatos contra ele. Para começar, esteve envolvido em uma investigação de assassinato. E depois, ele é bonzinho *demais*. Chega a assustar. E, em terceiro lugar, é amigo de Jules. Vee franziu a testa.

— Jules? Qual é o problema com Jules?

— Você não acha esquisito que Jules desapareça sempre que estamos com os dois?

— O que isso quer dizer?

— Na noite em que fomos ao Delphic Seaport, Jules foi ao banheiro praticamente na hora em que chegamos. Quando foi que ele voltou? Depois que saí para comprar algodão-doce por acaso Elliot encontrou com ele?

— Não, mas eu deduzi que ele estivesse com algum problema de "vazamento".

— Então, na noite passada, ele misteriosamente avisou que estava doente. — Esfreguei a borracha da ponta do lápis em meu nariz, pensando. — Ele parece ficar doente com *muita* frequência.

— Acho que você está exagerando. Talvez... talvez ele tenha SII. — SII?

— Síndrome do Intestino Irritável.

Descartei a sugestão de Vee e fiquei tentando achar a explicação que estava logo ali, mas eu não enxergava. Kinghorn Prep ficava a pelo menos uma hora de distancia de carro. Se a escola era tão exigente quanto Elliot alegava, como Jules tinha tanto tempo para dirigir até Coldwater e fazer visitas? Eu o via quase todas as manhãs, no caminho para a escola, no Enzo's Bistrô, na companhia de Elliot. Além disso, ele dava carona para Elliot depois das aulas. Era quase como se Elliot tivesse Jules na palma da mão.

Mas não era tudo. Esfreguei a borracha no nariz com mais força ainda. O que estava me escapando?

— Por que Elliot mataria Kjirsten? — pensei em voz alta.
— Talvez ela tenha visto ele fazendo alguma coisa ilegal. E então a matou para garantir seu silêncio.

Vee deixou escapar um suspiro.

Isso está começando a entrar no território das Coisas Que Não Fazem o Menor Sentido.

— Tem algo mais. Algum detalhe que não estamos vendo.

Vee me olhou como se minha lógica tivesse ido passear no espaço sideral.

— Acho que você está vendo demais. Parece até uma caça às bruxas.

E então, subitamente, eu sabia o que estava faltando. Aquilo tinha me incomodado o dia inteiro, gritava do fundo da minha mente, mas eu estava envolvida demais com tudo que acontecera para prestar atenção. O detetive Basso me perguntara se eu havia dado por falta

de alguma coisa. Só agora eu percebia que algo desaparecera. Eu tinha deixado o artigo sobre Elliot em cima da cômoda na noite anterior. Mas naquela manhã — consulte a memória para ter certeza — não estava mais lá. Tinha sumido.

— Minha nossa! — exclamei. — Elliot entrou em minha casa na noite passada Foi ele! Ele roubou o artigo.

Como o artigo estava bem à vista, era óbvio que Elliot revirara meu quarto para me aterrorizar, possivelmente para me punir por ter encontrado a tal matéria.

— O quê? — questionou Vee.

— Qual é o problema? — perguntou o técnico, parando bem ao meu lado.

— Sim, qual é o problema? — repetiu Vee. Ela apontou para mim e riu pelas costas do técnico.

— Hum. A paciente não parece ter pulso — eu disse, dando um beliscão forte em Vee.

Enquanto o técnico buscava o pulso de Vee, ela fez uma cena de desmaio e se abanou. O técnico grudou o olhar no meu, observando-me por cima dos óculos.

— Está bem aqui, Nora. Alto e forte. Tem certeza de que a paciente evitou qualquer atividade, até mesmo falar, por cinco minutos? O pulso não está tão lento quanto eu esperava.

— A paciente resistiu à etapa em que não deveria falar — interveio Vee. — E a paciente tem dificuldades em relaxar em uma mesa dura como pedra na sala de biologia. A paciente gostaria de propor trocar de lugar

com Nora. — Vee usou a mão direita para me segurar e se levantar.

— Não faça com que eu me arrependa de ter deixado vocês escolherem seus parceiros — exclamou o técnico.

— Não faça com que eu me arrependa de ter vindo à escola hoje — disse Vee com doçura.

O técnico lançou-lhe um olhar de advertência, então pegou minha ficha do laboratório, passando os olhos pela folha praticamente em branco.

— A paciente acha a aula de biologia no laboratório o equivalente a sedativos de tarja preta — disse Vee.

O técnico apitou, e todos os olhares da turma se dirigiram para nós. — Patch? — chamou. — Você se importa de vir para cá? Parece que nós temos um problema entre parceiras.

— Eu só estava brincando — disse; Vee rapidamente. — Olhe, vou fazer a tarefa.

— Você deveria ter pensado nisso há quinze minutos — disse o técnico. — Perdoe-me, por favor — pediu ela, piscando os olhos com ar angelical. O técnico enfiou o caderno debaixo do braço bom de Vee.

— Não.

Sinto muito!, Vee fez com os lábios, olhando para trás, enquanto caminhava com relutância para a frente da sala.

Um momento depois, Patch sentou-se à mesa, ao meu lado. Deixou as mãos descansarem entre os joelhos e

ficou me encarando.

— O que foi? — perguntei, um tanto nervosa com a intensidade do olhar. Ele sorriu.

— Estava me lembrando dos sapatos de tubarão. Da noite passada.

Senti o friozinho no estômago que Patch costumava provocar em mim e, como sempre, não sabia dizer se era uma sensação boa ou ruim.

— Como foi sua noite? — perguntei, com uma voz cuidadosamente casual, em uma tentativa de quebrar o gelo.

Minhas aventuras como espiã ainda pairavam entre nós de forma desagradável.

— Interessante. E a sua?

— Nem tanto.

— O dever de casa foi uma dureza, não é? Ele estava rindo da minha cara.

— Não peguei no dever.

O sorriso dele era o de uma raposa.

— Então em quem você pegou?

Fiquei sem palavras por um instante. Ali, de pé, com a boca ligeiramente aberta.

— Isso foi uma indireta?

— Só estou curioso em saber quem é o meu concorrente.

— Cresça.

O sorriso dele aumentou.

— Relaxe.

— Já estou em uma situação delicada com o técnico, então me faça um favor e vamos nos concentrar no laboratório. Não estou no clima para bancar a cobaia, assim, se você não se importar... — Olhei claramente na direção da mesa.

— Não posso. Não tenho coração. Disse a mim mesma que não era literalmente aquilo que ele queria dizer. Deitei-me na cama e coloquei as mãos sobre a barriga.

— Avise-me quando passarem os cinco minutos.

Cerrei os olhos, preferindo não observar os olhos negros de Patch me examinando.

Minutos depois, abri ligeiramente um dos olhos.

— Acabou o tempo — disse Patch.

Levantei o pulso para que ele pudesse verificar minha frequência cardíaca. Patch pegou minha mão, e uma onda de calor disparou pelo meu braço até terminar com um aperto no estômago.

— A frequência cardíaca da paciente se elevou com o contato — disse ele.

— Não escreva isso.

Era para soar indignada. No entanto, parecia mais que eu estava tentando não sorrir.

— O técnico quer que sejamos minuciosos.

— O que *você* quer? — perguntei.

Os olhos de Patch se fixaram nos meus. Por dentro, ele estava sorrindo. Eu sabia.

— Além *daquilo* — completei.

Depois das aulas, passei na sala da srta. Greene para nosso encontro marcado. Ao final do dia, o dr. Hendrickson sempre deixava a porta aberta, como um convite implícito para que os alunos parassem por lá. Todas as vezes que passara por aquele trecho do corredor nos últimos tempos, a porta da srta. Greene estava fechada. Completamente fechada. *Não incomodem* era a mensagem implícita.

— Nora — disse ela, abrindo a porta depois que eu bati —, entre, por favor. Sente-se.

A sala estava sem caixas e completamente redecorada. Ela trouxera diversas plantas novas. Uma série de gravuras botânicas emolduradas estava arrumada na parede acima da mesa dela.

— Andei pensando muito sobre o que você me disse na semana passada — a srta. Greene falou. — Cheguei à óbvia conclusão de que nosso relacionamento precisa ser construído sobre bases de confiança e respeito. Não vamos falar sobre seu pai novamente, a não ser que você queira.

— Tudo bem — respondi com alguma preocupação: sobre o quê, então, a gente conversaria?

— Ouvi algumas notícias decepcionantes — disse ela. O sorriso desapareceu, Ela se inclinou para a frente, descansando os cotovelos sobre a mesa. Estava segurando uma caneta e a rolava entre as palmas. — Não tenho intenção de me intrometer em sua vida particular, Nora, mas achei que tinha deixado bem claro o que pensava sobre seu envolvimento com Patch.

Eu não tinha muita ideia de para onde aquilo se encaminhava.

— Não estudei com ele.

E por acaso isso era da conta dela?

— Na noite de sábado, Patch lhe deu uma carona para casa na saída do Delphic Seaport. E você o convidou para entrar.

Lutei para sufocar uma exclamação de protesto.

— Como sabe disso?

— Parte do meu trabalho como psicóloga da escola é lhe fornecer orientação — disse a srta. Greene. — Por favor, prometa que será muito, muito cuidadosa quando Patch estiver por perto. — Ela me encarava como se estivesse realmente esperando que eu promettesse aquilo.

— É uma história meio complicada — expliquei. — Eu me perdi da minha carona no Delphic. Não tive escolha. Não é como se eu estivesse à procura de oportunidades para ficar com Patch.

Bem, a não ser pela noite anterior, no Borderline. Em minha defesa, eu honestamente não esperava encontrar Patch, deveria ter sido a noite de folga dele.

— Estou feliz em ouvir isso — respondeu a srta. Greene, como se não estivesse completamente convencida da minha inocência. — Agora que encerramos esse assunto, há algo que você gostaria de me dizer hoje? Alguma coisa que esteja passando pela sua cabeça?

Eu não ia contar a ela que Elliot tinha entrado na minha casa. Não confiava na srta. Greene. Não sabia dizer por quê, mas algo nela me incomodava. E não gostava da forma como ela ficava insinuando que Patch era perigoso, sem me dizer o motivo. Era como se ela tivesse alguma intenção com isso.

Levantei minha mochila do chão e abri a porta.

— Não tenho, não — disse.

CAPÍTULO 16



Vee estava apoiada no meu armário, rabiscando no gesso com uma caneta hidrocor roxa.

— Oi — disse, quando não havia mais ninguém entre nós no corredor. — Por onde andou? Procurei você no laboratório do eZine e na biblioteca.

— Eu tinha um encontro com a srta. Greene, a nova psicóloga da escola — falei com muita naturalidade, mas por dentro carregava um sentimento de vazio e insegurança. Não conseguia parar de pensar que Elliot tinha invadido a minha casa. O que o impediria de repetir a dose? Ou de fazer algo pior?

— O que aconteceu? — perguntou Vee.

Usei a combinação para abrir a tranca do armário e troquei os livros.

— Você sabe quanto custa um bom sistema de alarme?

— Sem querer ofender, querida, ninguém vai querer roubar seu carro. Fuzilei Vee com um olhar zangado.

— Para a minha casa. Quero ter certeza de que Elliot não vai conseguir entrar de novo.

Vee olhou em volta e limpou a garganta.

— O que foi? — perguntei. Ela ergueu as mãos.

— Nada. Nada mesmo. Se você ainda quer botar a culpa disso no Elliot... é um direito seu. Um direito maluco, mas, puxa vida, é um direito seu.

Bati com a porta do armário, e a pancada ecoou pelo corredor. Reprimi a vontade de dizer que, dentre todas as pessoas do mundo, era ela quem deveria acreditar em mim. Em vez disso falei:

— Vou para a biblioteca, e estou com um pouco de pressa.

Saímos do prédio e atravessamos o terreno que nos separava do estacionamento. Parei subitamente. Olhei em volta, em busca do Fiat, então lembrei que minha mãe havia me deixado na escola no caminho para o trabalho naquela manhã. E, com o braço quebrado, Vee não estava dirigindo.

— Droga — disse ela, lendo meus pensamentos. — Estamos sem carro. Protegendo a vista do sol, estreitei os olhos para ver a rua.

— Acho que isso quer dizer que vamos ter que andar.

— Nós não, querida. Você. Eu até iria, mas meu limite de visitas à biblioteca é de uma vez por semana.

—Você ainda não foi à biblioteca esta semana — lembrei-a.

— É. Mas talvez precise ir lá amanhã.

— Amanhã é quinta. Alguma vez na vida você já estudou em uma quinta-feira? Vee tamborilou com a ponta de uma unha no lábio, com uma expressão pensativa.

— Já estudei em alguma quarta?

— Não que eu lembre.

— Está vendo? Não posso ir. Seria quebrar uma tradição.

Trinta minutos depois, subi os degraus que levavam à porta principal da biblioteca. Lá dentro, coloquei o dever de casa de lado e fui diretamente ao laboratório de informática, onde vasculhei a internet na tentativa de encontrar mais informações sobre "O Enforcamento em Kinghorn". Não achei muitas notícias. A princípio houve muito alarde, mas depois que o bilhete suicida apareceu e Elliot foi liberado, as notícias rarearam.

Estava na hora de fazer uma viagem a Portland. Eu não descobriria muito mais peneirando matérias jornalísticas em arquivos, mas talvez tivesse mais sorte fazendo trabalho de campo lá.

Desliguei o computador e liguei para minha mãe.

— Preciso chegar a casa hoje às nove da noite?

— Sim, por quê?

— Estava pensando em pegar um ônibus para Portland.

Ela deu uma daquelas risadas do tipo "Você deve estar pensando que eu enlouqueci"

— Preciso entrevistar alguns alunos de Kinghorn Prep — disse. — É para um trabalho de pesquisa.

Não era mentira. Não chegava a ser. Naturalmente, seria bem mais fácil se eu não estivesse sentindo o peso da culpa de esconder dela o arrombamento e a visita policial

que se seguira. Pensei em contar, mas todas as vezes que abria a boca as palavras fugiam. Estávamos lutando para sobreviver. Precisávamos da renda de mamãe. Se eu lhe contasse sobre Elliot, ela abandonaria o emprego imediatamente.

— Você não pode ir sozinha à cidade. Tem aula amanhã, e logo vai escurecer. Além disso, quando você chegar lá os alunos já terão ido embora.

Soltei um suspiro.

— Tudo bem. Daqui a pouco eu chego a casa.

— Sei que lhe prometi uma carona, mas estou enrolada no escritório. — Ouvi o som de papéis sendo arrumados ao fundo e imaginei que ela estava com o telefone preso ao queixo e com o fio enrolado várias vezes em volta do corpo. — Seria demais lhe pedir para ir andando?

O tempo estava um tanto fresco. Eu estava de jaqueta jeans e tinha duas pernas. Podia caminhar. O plano parecia bem mais razoável na minha cabeça — na prática, a ideia de caminhar para casa me deixava deprimida. Mas, a não ser passar a noite na biblioteca, não havia outra saída.

Eu estava quase passando pela porta da biblioteca quando ouvi alguém chamar meu nome. Ao virar, vi Marcie Millar se aproximando.

— Ouvi falar sobre o que aconteceu com Vee — disse ela. — É muito triste. Quer dizer, quem ia querer agredi-la? A menos, você sabe, que fosse inevitável. Talvez tenha sido em legítima defesa. Ouvi dizer que estava escuro e que chovia. Seria fácil confundir Vee com um alce. Ou um

urso, ou um búfalo. Realmente, poderia ser qualquer animal de grande porte.

— Puxa, foi ótimo falar com você, mas tem um monte de coisas que eu preferia estar fazendo agora, como colocar a mão dentro do triturador de lixo.

Fui em direção à saída.

— Espero que ela tenha evitado aquelas refeições no hospital — disse Marcie, seguindo-me. — Ouvi dizer que contêm muita gordura. Ela não pode ganhar ainda mais peso.

Virei-me.

— Chega. Mais uma palavra e eu vou... — Nós duas sabíamos que era uma ameaça vazia.

Marcie deu um sorriso de deboche.

— Você vai o quê?

— Vaca — disse eu.

— Nerd.

— Piranha.

— Esquisitona.

— Porca anoréxica.

— Uau — disse Marcie, cambaleando para trás de forma melodramática, com a mão apertada contra o coração. — Devo parecer ofendida? Deixe eu lhe contar uma coisa. Isso não é nenhuma novidade. Pelo menos eu sei como ter algum autocontrole.

O segurança na porta pigarreou.

— Muito bem, vamos parar. Resolvam isso lá fora ou vou levar as duas para o escritório e telefonar para seus pais.

— Fale com ela — disse Marcie, apontando um dedo para mim. — Eu estava tentando ser simpática. Ela me atacou verbalmente. Só ofereci minhas condolências à amiga dela.

— Eu disse para irem lá para fora.

— Você fica muito bem de uniforme — Marcie disse a ele, abrindo o sorriso venenoso, sua marca registrada.

Ele fez um sinal com a cabeça na direção da porta.

— Saiam daqui. — Mas já não parecia tão zangado. Marcie rebolou até a porta.

— Você se importa de abrir para mim? Estou com as mãos ocupadas.

Ela segurava um livro. E não era nem de capa dura. O guarda apertou o botão para a passagem de cadeirantes e as portas automaticamente se abriram.

— Puxa, muito obrigada — disse Marcie, jogando-lhe um beijo.

Eu não a segui. Não estava certa do que poderia acontecer se eu fosse atrás dela, mas estava tão cheia de sentimentos negativos que poderia fazer alguma coisa da qual me arrependeria depois. Eu estava muito acima de atitudes como xingar e brigar. A não ser que estivesse lidando com Marcie Millar.

Dei meia-volta e entrei na biblioteca. Peguei o elevador e apertei o botão para o subsolo. Poderia ter esperado alguns minutos até que Marcie partisse, mas conhecia outro caminho e decidi tomá-lo. Cinco anos antes, o município havia aprovado a mudança da biblioteca pública para aquele prédio histórico bem no centro da parte antiga de Coldwater. A construção de tijolos vermelhos datava da década de 1850, e o prédio tinha uma cúpula de arquitetura romântica e uma sacada que permitia a observação dos veleiros que se aproximavam. Infelizmente, não havia estacionamento, e por isso um túnel foi construído para ligar a biblioteca à garagem subterrânea do fórum, do outro lado da rua. O espaço servia agora aos dois prédios.

O elevador chegou ao andar fazendo barulho e eu saí. O túnel estava iluminado por luzes fluorescentes que brilhavam com um tom púrpura pálido. Levei um momento para obrigar meus pés a iniciarem a caminhada. Fui assaltada pela súbita lembrança de meu pai na noite em que foi assassinado. Fiquei pensando se ele estava em uma rua tão remota e sombria quanto o túnel que se abria à minha frente.

Fique firme, disse para mim mesma. Aquilo foi um ato aleatório de violência. Você passou o último ano paranoica em relação a todos os becos escuros, todos os quartos escuros, todos os armários escuros. Não pode passar o resto da vida apavorada pela perspectiva de ter um revólver apontado para você.

Determinada a provar que o medo estava só na minha cabeça, eu me dirigi para o túnel, ouvindo o som dos meus passos no concreto. Enquanto mudava a posição da mochila para o ombro esquerdo, calculei quanto tempo demoraria para andar de volta para casa e se eu

estava ou não disposta a encarar o atalho que cruzava os trilhos do trem, agora que já escurecera. Esperava que, ao manter os pensamentos positivos e ocupados, eu não tivesse tempo para me concentrar na crescente sensação de alarme.

O túnel terminou, e uma silhueta escura estava postada do outro lado.

Interrompi o passo e meu coração perdeu o ritmo. Patch vestia uma camiseta preta, jeans folgados e botas com bico de metal. Os olhos não pareciam nada bem-comportados. O sorriso era um tanto malicioso demais para oferecer conforto.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, afastando o cabelo do rosto e tentando ver, atrás dele, a saída de carros que conduzia até a superfície. Sabia que estava bem adiante, mas muitas das luzes fluorescentes no teto estavam queimadas, dificultando minha visão. Se estupro, assassinato ou outras atividades criminosas passavam pela cabeça de Patch, ele havia me encurralado no lugar perfeito.

Enquanto ele se movia na minha direção, eu recuava. Esbarrei em um carro e vi minha chance. Dei a volta e parei do lado oposto a Patch, com o carro entre nós dois.

Ele olhou por cima do carro, as sobrancelhas erguidas.

— Tenho perguntas — disparei. — Muitas.

— Sobre?

— Sobre tudo.

A boca dele estremeceu, e eu tive praticamente certeza de que ele tentava reprimir um sorriso.

— E se minhas respostas não a satisfizerem, você vai tentar chegar ali? — Gesticulou para a saída da garagem.

O plano era esse. Mais ou menos. Talvez com algumas falhas gritantes, como o fato de que Patch era bem mais rápido do que eu.

— Vamos ouvir essas perguntas — disse ele.

— Como você sabia que eu ia estar na biblioteca hoje?

— Achei que era um bom palpite.

Eu não acreditei por um segundo que Patch estivesse ali por conta de um palpite. Havia algo nele que era quase predatório. Se as forças armadas ouvissem falar dele, fariam de tudo para recrutá-lo.

Patch disparou para a esquerda. Eu fiz o movimento oposto, fugindo para trás do carro. Quando ele parou, eu também parei. Ele estava na frente do carro, e eu, na traseira.

— Onde esteve no domingo à tarde? — perguntei. — Você me seguiu enquanto eu fazia compras com Vee?

Patch talvez não fosse o cara da máscara de esquiador, mas isso não significava que ele não estivesse envolvido na recente série de eventos perturbadores. Estava escondendo algo de mim. Vinha escondendo algo desde o dia em que nos conhecemos. Seria uma coincidência que o último dia normal da minha vida tivesse sido a véspera daquele dia fatídico? Eu achava que não.

— Não. Como foi, aliás? Comprou alguma coisa?

— Talvez — disse eu, pega de surpresa.

— Como o quê?

Pensei de novo. Vee e eu só tínhamos passado na Victoria's Secret. Gastara trinta dólares em um sutiã preto de renda, mas eu não iria contar esse tipo de coisa. Em vez disso, relatei como tinha sido aquela noite, começando pela sensação de estar sendo seguida e terminando com Vee na beira da estrada, vítima de um assalto brutal.

— Então? — exigi saber quando acabei. — Você tem alguma coisa para dizer?

— Não.

— Você não tem a mínima ideia do que aconteceu com Vee?

— Também não.

— Não acredito em você.

— É porque você tem dificuldade de confiar nas pessoas.

— Ele colocou as mãos abertas sobre o carro, apoiando-se no capô. — Já tivemos essa conversa.

Senti o sangue ferver. Patch tinha mudado o rumo da conversa mais uma vez. Em vez de iluminarem-no, os holofotes se voltavam para mim. E eu realmente não gostava de ser lembrada de que ele sabia todo tipo de informação a meu respeito. Coisas particulares. Como minha dificuldade em confiar nas pessoas.

Patch avançou no sentido horário. Fugiu dele, parando quando ele parava. Estávamos mais uma vez em um impasse, o olhar dele fixado no meu, quase como se ele estivesse tentando ler nos meus olhos qual seria meu próximo movimento.

— O que aconteceu no Arcanjo? Você me salvou? — perguntei.

— Se eu tivesse salvado você, não estaríamos aqui tendo esta conversa.

— Você quer dizer que se não tivesse me salvado nós não estaríamos aqui. Eu teria morrido.

— Não foi o que eu disse.

Eu não tinha ideia do que ele queria dizer.

— Por que não estaríamos aqui?

— Você ainda estaria. — E fez uma pausa. — Mas eu provavelmente não. Antes que eu pudesse entender o que Patch estava dizendo, ele disparou na minha direção mais uma vez, agora atacando pela direita. Fiquei confusa por um instante, deixei que a distância entre nós diminuísse. Em vez de parar, Patch deu uma volta completa em torno do carro. Tentei fugir, indo na direção do acesso à garagem.

Cheguei a passar por três carros antes que ele me segurasse pelo braço. Ele me virou e me jogou contra um pilar de concreto.

— O plano falhou — disse ele.

Olhei-o com raiva. Mas havia um bocado de pânico escondido atrás da raiva. Ele mostrou um sorriso que transbordava intenções sombrias, confirmando que eu tinha todos os motivos para suar descontroladamente.

— O que está acontecendo? — exclamei, esforçando-me em parecer hostil. — Como é que eu posso jurar ouvir sua voz na minha cabeça? E por que você disse que veio para a escola por minha causa?

— Estava cansado de admirar suas pernas a distância.

— Quero a verdade. — Engoli em seco. — Mereço saber de tudo.

— Saber de tudo — ele repetiu, com um sorriso maldoso. — Será que tem alguma relação com a promessa que você fez de me desnudar? Sobre o que estamos falando?

Eu não conseguia me lembrar do que estávamos falando. Tudo o que eu sabia era que o olhar de Patch parecia queimar. Precisei parar de olhar nos olhos dele, então fitei minhas mãos. Elas brilhavam com o suor, por isso as escondi atrás de mim.

— Preciso ir embora — falei. — Tenho dever de casa.

— O que aconteceu lá? — Ele apontou o queixo na direção dos elevadores.

— Nada.

Antes que pudesse impedi-lo, ele apertou a palma da mão contra a minha, juntando nossas mãos. Deslizou os dedos entre os meus, prendendo-me.

— Os nós de seus dedos estão brancos — disse ele, passando os lábios sobre eles. — E você apareceu com uma expressão perturbada.

— Deixe. E eu não estou perturbada. Nem um pouco. Se me der licença, tenho dever de casa...

— Nora — Patch pronunciou meu nome suavemente, mas com toda intenção de obter o que queria.

— Tive uma briga com Marcie Millar. — Não sabia de onde saía essa confissão. A última coisa que eu queria era dar a Patch mais uma janela para olhar dentro de mim. — Satisfeito? Vai me deixar ir agora?

— Marcie Millar?

Tentei soltar meus dedos, mas não era essa a intenção de Patch.

— Você não sabe quem é Marcie? — perguntei em tom de cinismo. — Difícil crer, em primeiro lugar, porque você frequenta Coldwater High. Em segundo lugar, porque você tem um cromossomo Y.

— Conte-me sobre a briga — disse ele.

— Ela chamou Vee de gorda.

— E?

— Eu a chamei de porca anoréxica.

Patch parecia estar fazendo um esforço enorme para não dar uma gargalhada.

— Foi só isso? Nada de socos? Nada de mordidas, arranhões ou puxões de cabelo?

Olhei para ele de cara feia.

— Vou ter que ensinar você a lutar, Anjo?

— Eu sei lutar. — Levantei o queixo, apesar da mentira. Dessa vez ele não se deu o trabalho de reprimir o sorriso.

— Para falar a verdade, tive aulas de boxe. — Kick boxing. Na academia. Uma vez. Patch estendeu a mão, como se fosse um alvo.

— Pode bater. O mais forte que puder.

— Não sou... fã da violência gratuita.

— Estamos sozinhos aqui embaixo.

As botas de Patch estavam alinhadas com o bico dos meus sapatos.

— Um cara como eu poderia se aproveitar de uma garota como você. É melhor me mostrar que sabe se defender.

Dei um passo para trás, e a moto negra de Patch entrou em meu campo visual.

— Vou lhe dar uma carona — ofereceu ele.

— Vou a pé.

— Está tarde. E escuro.

Ele estava certo, gostasse eu ou não.

Mas por dentro eu estava envolvida em um feroz cabo de guerra. Era idiotice pensar em voltar a pé para casa, para começar, e agora restavam duas opções ruins: ir de

carona com Patch ou me arriscar a encontrar alguém ainda pior lá fora.

— Estou começando a pensar que a única razão para você me oferecer caronas é porque sabe como detesto essa coisa.

Soltei um suspiro nervoso, vesti o capacete e então pulei na garupa, atrás de Patch. Não foi inteiramente culpa minha o fato de ter ficado aconchegada tão perto dele. O assento não era exatamente espaçoso.

Patch parecia estar se divertindo.

— Consigo pensar em mais algumas razões.

Ele seguiu a toda pela rampa da garagem, rumo à saída. Uma cancela vermelha e branca e uma máquina de venda de bilhetes interrompiam a passagem. Eu estava justamente pensando se Patch ia diminuir a velocidade o suficiente para jogar dinheiro na máquina quando ele fez a moto parar suavemente, jogando-me ainda mais perto dele. Colocou as moedas e então dirigiu rua acima.

Patch embicou a moto na entrada da minha garagem. Eu me segurei nele para manter o equilíbrio enquanto descia. Entreguei-lhe o capacete.

— Obrigada pela carona — eu disse.

— O que você vai fazer no sábado à noite? Momento de pausa.

— Tenho um encontro com meu par de sempre. A frase pareceu despertar seu interesse.

— Par de sempre?

— Dever de casa.

— Cancele.

Eu estava me sentindo bem mais relaxada. Patch era quente, forte e tinha um perfume fantástico. Parecido com hortelã e terra úmida. Ninguém pulara sobre nós no caminho de casa e havia luz em todas as janelas do andar térreo do casarão. Pela primeira vez no dia me senti segura.

A não ser por Patch ter me encurralado em um túnel escuro e, possivelmente, andar me seguindo.

Talvez eu não estivesse tão segura.

— Não saio com estranhos — retruquei.

— Sorte sua que eu saio. Pego você às cinco.

CAPÍTULO 17



Uma chuva fria caiu durante todo o sábado, e eu fiquei sentada próximo à janela, observando as poças no gramado aumentarem de tamanho. Eu tinha uma cópia muito usada de Hamlet no colo, uma caneta apoiada sobre a orelha e uma caneca vazia de chocolate quente aos pés. A folha com o questionário de interpretação de texto, na mesa lateral, continuava tão em branco como na ocasião em que a sra. Lemon a distribuía, dois dias antes. O que não era bom.

Minha mãe tinha saído para a aula de ioga havia quase trinta minutos. Embora eu tivesse ensaiado diversas maneiras de contar sobre meu encontro com Patch, acabei deixando que ela passasse pela porta sem lhe dizer nada. Disse a mim mesma que não era um problema. Eu tinha 16 anos e podia decidir quando e por que sair de casa, mas a verdade era que eu deveria ter contado a ela que ia sair. Perfeito. Agora eu desfilaria por aí com minha culpa a noite inteira.

Quando o relógio de parede no corredor soou anunciando 16h30, fiquei satisfeita em deixar o livro de lado e subi correndo para o quarto. Tinha passado a maior parte do dia envolvida com dever de casa e tarefas domésticas, e isso tinha ajudado minha cabeça a não pensar sobre o encontro à noite. Mas agora que faltavam apenas os minutos finais, a ansiedade superava tudo. Não importava se eu queria ou não pensar no assunto, Patch e eu tínhamos questões mal resolvidas. Nosso último

beijo fora interrompido. Mais cedo ou mais tarde, aquele beijo precisaria de um desfecho. Eu não tinha dúvidas de que queria o desfecho, só não tinha certeza de estar pronta naquela noite. Além do mais, não ajudava o fato de eu ficar me lembrando o tempo todo do aviso de Vee, como se fosse um alerta vermelho no fundo da minha mente. *Fique longe de Patch.*

Fui para a frente do espelho e comecei a me examinar. A maquiagem era mínima, apenas uma leve camada de rímel. Cabelo demais e fora de controle, mas qual era a novidade? Os lábios bem que precisavam de um pouco de gloss. Lambi o lábio inferior, que ganhou um brilho úmido. Aquilo me fez pensar mais sobre o "quase beijo" com Patch e, involuntariamente, senti uma onda de calor. Se um "quase beijo" era capaz de provocar aquilo, imaginei como seria um beijo inteiro. Meu reflexo no espelho sorriu.

"Não é nada demais", disse a mim mesma enquanto experimentava os brincos. O primeiro par era grande, cheio de aros, turquesa... Chamava muita atenção. Guardei-o e experimentei outro, com gotas de topázio. Melhor. Fiquei pensando no que Patch teria em mente. Jantar? Cinema?

"Isto é muito parecido com um encontro para estudar biologia", disse ao meu reflexo, com ar indiferente. "Só que não tem biologia nem estudos."

Vesti uma calça jeans justa e sapatilhas. Passei um lenço de seda azul em volta da cintura e amarrei as pontas atrás do pescoço para criar uma blusa de frente única. Ajeitei o cabelo e então ouvi uma batida na porta.

— Já estou indo! — gritei, enquanto descia a escada.

Dei mais uma olhada no espelho do corredor e então abri a porta da frente, onde encontrei dois homens com capa de chuva escura diante da varanda.

— Nora Grey — disse o detetive Basso, mostrando o distintivo policial. — Novamente nos encontramos.

Levei um momento para recuperar a voz.

— O que vocês estão fazendo aqui? Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Você se lembra do meu parceiro, o detetive Holstijic. Importa-se que a gente entre e lhe faça algumas perguntas?

Ele não parecia estar pedindo permissão. Na verdade, o tom era quase ameaçador.

— O que houve? — perguntei, dividindo o olhar entre os dois.

— Sua mãe está em casa? — perguntou o detetive Basso.

— Está na aula de ioga. Por quê? O que aconteceu? Os dois limparam os pés no tapete e entraram.

— Pode nos contar o que houve entre você e Marcie Millar na biblioteca, na noite de quarta? — perguntou o detetive Holstijic, desabando no sofá.

O detetive Basso continuou de pé, examinando as fotos de família distribuídas na prateleira sobre a lareira.

Precisei de um momento para entender. A biblioteca. Quarta à noite. Marcie Millar.

— Está tudo bem com Marcie? — perguntei.

Não era segredo para ninguém que eu não tinha um lugar especial para Marcie no meu coração. Mas isso não significava que eu a quisesse metida em encrenca ou, pior, correndo perigo. Principalmente se a encrenca aparentemente me envolvesse.

O detetive Basso pôs as mãos nos quadris.

— O que faz você pensar que ela não está bem?

— Eu não fiz nada com Marcie.

— Por que as duas estavam discutindo? — perguntou Holstijic. — O segurança da biblioteca disse que o clima entre vocês estava ficando pesado.

— Não foi bem assim.

— Como foi então?

— A gente trocou insultos — eu disse, esperando que isso bastasse.

— Que tipo de insultos?

— Grosserias estúpidas — disse, lembrando-me.

— Vou precisar ouvir essas grosserias, Nora.

— Eu a chamei de porca anoréxica.

Meu rosto ficou corado e minha voz deixou transparecer a humilhação. Se a situação não fosse tão séria, eu preferiria ter inventado algum xingamento mais cruel e insultante. Ou alguma coisa que fizesse mais sentido.

Os detetives se entreolharam.

— Você a ameaçou? — perguntou o detetive Holstijic.

— Não.

— Para onde foi depois de sair da biblioteca?

— Para casa.

— Você seguiu Marcie?

— Não. Como eu disse, vim para casa. Vai me dizer o que aconteceu com Marcie?

— Você tem alguma testemunha disso? — perguntou o detetive Basso.

— Meu colega de biologia. Ele me viu na biblioteca e me ofereceu carona.

Eu estava com o ombro apoiado na porta dupla que se abria para a sala. O detetive Basso se aproximou e ficou bem à minha frente, do outro lado do portal.

— Fale-me sobre esse colega de biologia.

— Que tipo de pergunta é essa? Ele abriu as mãos.

— É uma pergunta bem simples. Mas se quiser que eu seja mais específico, posso ser. Quando eu estava no ensino médio, só oferecia carona para as garotas que me interessavam. Vamos um pouquinho adiante. Qual é o seu relacionamento com esse colega de biologia... fora da sala de aula?

— Você está brincando, não está?

Um canto da boca do detetive Basso se ergueu.

— Foi o que pensei. Você mandou seu namorado dar uma surra em Marcie Millar?

— Marcie levou uma surra?

Ele se afastou do portal e se colocou bem à minha frente, com os olhos penetrantes fixados em mim.

— Você queria mostrar a ela o que acontece com garotas que não ficam de boca fechada? Achou que ela merecia apanhar um pouquinho? Conheci garotas como Marcie quando estava na escola. Elas pedem por isso, não é? Marcie estava pedindo que isso acontecesse, Nora? Alguém deu uma bela surra nela na noite de quarta, e acho que você sabe mais do que está dizendo.

Eu estava me esforçando muito para refrear os pensamentos, com medo que pudessem ser lidos em meu rosto. Talvez fosse apenas uma coincidência que eu tivesse me queixado de Marcie a Patch na mesma noite em que ela levou a surra. Mas, novamente, talvez não.

— Vamos precisar falar com seu namorado — disse o detetive Holstijic.

— Ele não é meu namorado. É meu colega de biologia.

— Ele está vindo para cá agora?

Eu sabia que deveria dizer tudo. Mas depois de refletir um pouco, não conseguia admitir que Patch pudesse machucar Marcie. Marcie não era a melhor pessoa do mundo e tinha conquistado mais que uma meia dúzia de inimigos. Alguns poderiam ser capazes daquela brutalidade, mas Patch não era um deles. Violência gratuita não era bem seu estilo.

— Não — falei.

O detetive Basso deu um sorriso sem graça.

— Toda arrumada para passar a noite de sábado em casa?

— Mais ou menos isso — disse no tom mais frio que ousei empregar.

O detetive Holstijic retirou um bloquinho do bolso do casaco, abriu-o e apertou a caneta.

— Vamos precisar do nome dele e do telefone.

Dez minutos depois de os detetives partirem, um Jeep Commander preto subiu na calçada. Patch correu na chuva até a varanda, vestido com jeans escuros, botas e uma camiseta cinza de mangas compridas.

— Carro novo? — perguntei, depois de abrir a porta. Ele me deu um sorriso misterioso.

— Ganhei há algumas noites, na mesa de sinuca.

— Alguém apostou um *carro*?

O cara não ficou muito feliz. Vou me manter longe de becos escuros por algum tempo.

— Você soube do que aconteceu com Marcie Millar? — soltei, esperando que ele se surpreendesse com a pergunta.

— Não, o que houve?

A resposta veio com naturalidade, e eu decidi que provavelmente isso queria dizer que ele estava sendo

verdadeiro. Infelizmente, quando o assunto era mentir, Patch não me parecia um amador.

— Alguém deu uma surra nela.

— Que pena.

— Tem ideia de quem poderia fazer uma coisa dessas?

Se Patch percebeu a preocupação em minha voz, não demonstrou. Apoiou-se na grade da varanda e coçou o queixo, pensativo.

— Não.

Perguntei a mim mesma se ele estaria escondendo algo. Mas detectar mentiras não era um dos meus pontos fortes. Eu não tinha muita experiência. Normalmente eu me cercava de pessoas em que eu confiava... Normalmente.

Patch estacionou o Jeep atrás do Fliperama do Bo. Quando chegamos na frente da fila, o caixa pousou os olhos primeiro em Patch e depois em mim. E continuou nesse lá e cá, como se estivesse tentando entender aquilo.

— E aí? — disse Patch, e colocou três notas de dez sobre o balcão.

O caixa transferiu o olhar atento para mim. Tinha percebido que eu não conseguia parar de fitar as tatuagens verde-mofo que cobriam todos os centímetros possíveis de seus antebraços. Ele passou algo — chiclete? tabaco? — para o outro lado de seu lábio inferior e disse:

— Está vendo alguma coisa aqui?

— Gosto das suas tat... — comecei.

Ele deixou à mostra dentes caninos afiados.

— Não acho que ele goste de mim — sussurrei para Patch quando estávamos a uma distância segura.

— Bo não gosta de ninguém.

— Esse é que é o Bo, do Fliperama do Bo?

— Esse é o Bo Júnior, do Fliperama do Bo. O Bo "pai" morreu há alguns anos.

— Como? — indaguei.

— Briga de bar. Lá embaixo.

Senti um desejo avassalador de voltar correndo para o Jeep e dar o fora.

— Estamos em segurança? — perguntei. Patch me lançou um olhar enviesado.

— Anjo.

— Só estou perguntando.

Lá embaixo, a sinuca parecia exatamente como na primeira noite em que eu passara por lá. Paredes de blocos de concreto pintadas de preto. Mesas de sinuca forradas de feltro vermelho no centro do cômodo. Mesas de pôquer espalhadas nas laterais. Trilhos de luz baixa atravessando o teto. O cheiro concentrado de fumaça de charuto poluindo o ar.

Patch escolheu a mesa mais distante da escada. Pegou dois 7Ups no bar e usou a beirada do balcão como abridor de garrafas.

— Nunca joguei sinuca — confessei.

— Escolha um taco.

Ele mostrou a prateleira com tacos pregada na parede. Tirei um e voltei para a mesa de sinuca. Patch colocou a mão na boca para esconder um sorriso.

— O que foi? — perguntei.

— Não tem *home run* no jogo de sinuca. Fiz que sim com a cabeça.

— Sem *home runs*. Entendi. O sorriso dele aumentou.

— Você está segurando o taco como se fosse um bastão de beisebol.

Olhei minhas mãos. Ele tinha razão. Eu estava segurando o taco como se fosse um bastão.

— É assim que fico mais à vontade.

Ele se moveu para trás de mim, pôs as mãos nos meus quadris e me colocou diante da mesa. Deslizou os braços à minha volta e segurou o taco.

— Assim — disse ele, conduzindo minha mão direita alguns centímetros para o alto do taco. — E... assim — ele prosseguiu, pegando minha mão esquerda e formando um círculo com meu polegar e meu indicador. Em seguida, plantou minha mão esquerda na mesa, como se fosse um tripé. Empurrou a ponta do taco de

sinuca pelo círculo, por sobre o nó do meu dedo médio.
— Incline o corpo.

Eu me curvei sobre a mesa de sinuca, sentindo a respiração de Patch aquecer meu pescoço. Ele deu um puxão para trás, e o taco deslizou por dentro do círculo.

— Qual é a bola que você quer acertar? — perguntou, referindo-se ao triângulo de bolas arrumado na outra ponta da mesa. — A amarela, na frente, é uma boa escolha.

— Vermelho é a minha cor favorita.

— Que seja a vermelha.

Patch fez o taco deslizar para a frente e para trás pelo círculo, mirando na bola, ensaiando a tacada.

Forcei a vista na direção da bola branca, e depois para enxergar o triângulo de bolas, mais distante na mesa.

— Você está um pouquinho fora de posição — disse eu. Senti que ele sorria.

— Aposto quanto?

— Cinco dólares.

Senti que ele balançava suavemente a cabeça.

— Prefiro sua jaqueta.

— Você quer a minha jaqueta?

— Quero você sem ela.

Meu braço foi para a frente, e o taco deslizou por entre meus dedos, acertando a bola branca, que por sua vez avançou, atingiu a bola vermelha e desfez o triângulo. As bolas ricochetearam em todas as direções.

— Tudo bem — eu disse, tirando a jaqueta jeans —, talvez tenha conseguido me impressionar um pouquinho.

Patch examinou minha blusa frente única feita com o lenço. Os olhos estavam tão negros quanto o oceano à meia-noite, a expressão, contemplativa.

— Bonita — disse ele.

Em seguida andou pela mesa, examinando a disposição das bolas.

— Cinco dólares que você não consegue encaçar a bola azul listrada — eu disse, escolhendo-a de propósito. Estava protegida da bola branca, no meio de um escudo de bolas coloridas.

— Não quero seu dinheiro — disse Patch.

Nossos olhares se encontraram e uma covinha mínima formou-se no rosto dele. Minha temperatura subiu mais um grau.

— O que você quer? — perguntei.

Patch abaixou o taco até a mesa, ensaiou uma vez a tacada e acertou com força a bola branca. Ela atingiu a verde lisa, que bateu na bola 8, que em seguida empurrou a bola azul listrada para dentro da caçapa.

Dei uma risada nervosa e tentei disfarçar estalando os dedos, um tique que eu nunca me permitia.

— Tudo bem, talvez agora eu esteja mais do que um pouquinho impressionada. Patch ainda estava curvado sobre a mesa, e levantou o olhar na minha direção.

Aquilo esquentou minha pele.

— Não tínhamos combinado a aposta — disse eu, resistindo à tentação de mudar de posição.

O taco estava um tanto escorregadio na minha mão. Discretamente passei-a na coxa.

Como se eu já não estivesse suando o bastante, Patch disse:

— Você fica me devendo. Um dia vou cobrar. Ri, mas sem muita convicção.

— Vai sonhando.

Passos ressoaram na escada do outro lado da sala. Um sujeito alto e esguio com nariz aquilino e cabelos pretos desgrenhados apareceu. Olhou primeiro para Patch e então se voltou para mim. Um sorriso vagaroso apareceu em seu rosto, ele se aproximou e deu um gole no refrigerante que eu tinha deixado na beirada da mesa de sinuca.

— Com licença, acho que... — comecei a falar.

— Você não contou que ela era tão agradável aos olhos — ele disse para Patch, enxugando a boca com a parte de trás da mão, e tinha um forte sotaque irlandês.

— Também não contei para ela como você é desagradável — devolveu Patch, com a boca relaxada antes de mostrar um sorriso.

O sujeito se apoiou ao meu lado na mesa de sinuca e estendeu a mão na minha direção.

— Meu nome é Rixon, querida. Com relutância, apertei a mão dele.

— Nora.

— Será que estou interrompendo alguma coisa? — perguntou Rixon, lançando um olhar questionador para nós dois.

— Não — exclamei na mesma hora em que Patch disse "Sim".

De repente, ele pulou sobre Patch, com ar brincalhão, e os dois caíram no chão, rolando e trocando socos. Houve o som de risadas, de punhos batendo contra a carne e de tecido sendo rasgado; as costas nuas de Patch apareceram diante dos meus olhos. Duas cicatrizes espessas as atravessavam. Começavam na altura dos rins e subiam até as escápulas, unindo-se para formar um V de cabeça para baixo. As marcas eram tão grotescas que quase engasguei de horror.

— Ei, saia de cima de mim! — urrou Rixon.

Patch saiu e, enquanto se levantava, a camisa rasgada se abriu. Ele a tirou e a jogou na lata de lixo, no canto.

— Sua camisa — ele disse para Rixon.

Rixon me lançou uma piscada mal-intencionada.

— O que você acha, Nora? Devemos dar uma camisa a ele?

Patch avançou sobre ele, brincalhão, e as mãos de Rixon voaram até seus ombros.

— Calminha — disse, recuando.

Ele tirou o suéter e o jogou para Patch, revelando uma camiseta branca justa por baixo.

Enquanto Patch enfiava o suéter sobre músculos abdominais tão definidos que me causaram um frio na barriga, Rixon se voltou para mim.

— Ele contou como ganhou o apelido?

— Como?

— Antes de nosso amigo Patch aqui se envolver com a sinuca, o rapaz gostava de boxe irlandês, sem luvas. Não era muito bom. — Rixon sacudiu a cabeça. — Para falar a verdade, era completamente patético. Passei muitas noites remendando o sujeito, que parecia uma colcha de retalhos, um patchwork, e logo depois todo mundo começou a chamá-lo de Patch. Disse para ele parar com o boxe, mas não me ouvia.

Olhei para Patch, que me deu um sorriso medalha de ouro em brigas de bar. O sorriso por si só já era bastante assustador, mas sob a fachada áspera guardava um tom de desejo. Mais do que um tom, para falar a verdade. Uma sinfonia inteira de desejo.

Patch inclinou a cabeça na direção da escada e estendeu a mão para mim.

— Vamos sair daqui — disse.

— Para onde vamos? — perguntei, com o estômago em polvorosa.

— Você vai ver.

Enquanto subíamos a escada, Rixon gritou para mim:

— Boa sorte com esse aí, querida!

CAPÍTULO 18



O caminho de volta, Patch pegou a saída em Topsham e estacionou perto da histórica fábrica de papel de Topsham, às margens do rio Androscoggin. No passado, a fábrica tinha sido usada para transformar polpa de árvores em papel. Agora se lia em uma placa grande ao lado do prédio: *SEA DOG BREWING CO.* O rio era largo e agitado, com árvores envelhecidas em ambas as margens.

Ainda chovia muito e a noite tinha baixado sobre nós. Eu devia chegar em casa antes da minha mãe. Não havia contado para ela que estava saindo porque... bem, a verdade era que Patch não era o tipo de cara que fazia as mães sorrirem. Ele era aquele tipo que fazia com que elas trocassem as fechaduras de casa.

— Podemos pedir para viagem? — perguntei. Patch abriu a porta do motorista.

— Algum pedido?

— Um sanduíche de peru. Sem picles. Ah, e sem maionese.

Eu tinha certeza de que mereci um daqueles sorrisos que não chegavam completamente à superfície. Eu parecia provocar muitos sorrisos desse tipo. Dessa vez, eu não conseguia entender a graça.

— Verei o que posso fazer — disse ele, afastando-se.

Patch deixou as chaves na ignição e a calefação ligada. Nos primeiros minutos, revi nossa noite até aquele momento. Então me ocorreu que eu estava sozinha no Jeep de Patch. Seu espaço particular.

Se eu fosse Patch e quisesse esconder alguma coisa altamente secreta, não esconderia no quarto, no armário da escola, nem mesmo na mochila, que poderiam ser confiscados ou revistados sem qualquer aviso. Esconderia em meu reluzente Jeep negro com um sofisticado sistema de alarme.

Soltei o cinto de segurança e vistoriei a pilha de livros escolares que estava aos meus pés, sentindo um sorriso misterioso abrir-se em minha boca diante da ideia de descobrir algum dos segredos de Patch. Não estava esperando encontrar nada em particular. Ficaria satisfeita com a combinação do cofre de seu armário ou com o número do celular. Remexendo em antigos trabalhos escolares que se amontoavam sobre os tapetes, encontrei um purificador de ar com perfume de pinho usado, um CD do AC/DC — *Highway to Hell* —, pontas de lápis e uma nota fiscal de uma loja 7-Eleven de quarta às 22h18. Nada especialmente surpreendente ou revelador.

Abri o porta-luvas e vasculhei o manual de operações e outros documentos. Vislumbrei um reluzir cromado, e as pontas dos meus dedos esbarraram em metal. Extraí de lá de dentro uma lanterna de aço e a liguei, mas nada aconteceu. Desatarraxei a parte de baixo, pensando que a lanterna parecia um pouco leve. De fato, estava sem pilha. Fiquei pensando por que Patch guardava uma lanterna inútil no porta-luvas. Foi o último pensamento

que tive antes que meus olhos batessem no líquido cor de ferrugem que secara em uma das pontas da lanterna.

Sangue.

Muito cuidadosamente, devolvi a lanterna ao porta-luvas e fechei a porta. Disse para mim mesma que havia um monte de situações em que se poderia manchar uma lanterna com sangue. Como segurá-la com uma mão machucada, usá-la para empurrar um animal morto para a beira da estrada... batê-la com força contra um corpo, repetidamente, até sangrar.

Com o coração aos pulos, precipitei-me a concluir a primeira ideia que me passou pela cabeça. Patch havia mentido. Tinha atacado Marcie. Tinha me deixado em casa na quarta à noite, trocado a moto pelo Jeep e partido para procurá-la. Ou talvez seus caminhos houvessem se cruzado por acaso e ele tivesse reagido por impulso. De uma forma ou de outra, Marcie estava ferida, havia policiais no meio e Patch era o culpado.

Racionalmente, eu sabia que se tratava de uma conclusão apressada e uma forçação de barra, mas do ponto de vista emocional os riscos eram grandes demais para que eu me desse ao luxo de dar um passo atrás e pensar com cuidado. Patch tinha um passado assustador e muitos, muitos segredos. Se a violência insensata e brutal era um deles, eu não estava segura andando por aí com ele.

O brilho de um relâmpago distante iluminou o horizonte. Patch deixou o restaurante e atravessou o estacionamento correndo, segurando uma sacola parda em uma das mãos e dois refrigerantes na outra. Deu a volta até o lado do motorista e entrou no Jeep. Tirou o

boné de beisebol para sacudir a chuva do cabelo. Ondas escuras se espalharam. Ele me entregou a sacola parda.

— Um sanduíche de peru, sem maionese nem picles, e alguma bebida para ajudar a engoli-lo.

— Você agrediu Marcie Millar? — perguntei calmamente.
— Quero a verdade... agora.

Patch afastou o 7Up da boca. Os olhos dele penetraram nos meus.

— O quê?

— A lanterna no porta-luvas. Explique-a.

— Você foi fuxicar o porta-luvas? — Ele não parecia incomodado, mas também não parecia estar gostando daquilo.

— Tem sangue seco na lanterna. A polícia apareceu mais cedo na minha casa. Acham que estou envolvida. Marcie foi agredida na quarta à noite, logo depois que eu contei para você que não a suporto.

Patch soltou uma gargalhada seca, sem humor.

— Você acha que eu usei a lanterna para bater na Marcie? Ele tateou atrás do banco e retirou uma grande arma. Gritei. Ele veio para a frente e tapou minha boca com a mão.

— Arma de *paintball*— disse ele.

Seu tom de voz tinha esfriado consideravelmente.

Meu olhar ia e vinha entre a arma e Patch, e sentia que meus olhos estavam muito arregalados.

— Joguei paintball no início desta semana — disse ele. — Achei que tínhamos falado sobre isso.

— N-não explica o sangue na lanterna.

— Não é sangue — disse ele —, é tinta. Estávamos disputando a captura da bandeira.

Meus olhos se voltaram para o porta-luvas onde estava guardada a lanterna. A lanterna era... a bandeira. Uma mistura de alívio, estupidez e culpa me invadiram por ter acusado Patch.

— Puxa — exclamei desajeitadamente. — Sinto muito. Mas parecia tarde demais para lamentar.

Patch olhava fixamente o para-brisa, respirando fundo. Fiquei pensando se estaria usando o silêncio para esfriar a cabeça um pouquinho. Afinal, eu havia acabado de acusá-lo de agressão. Eu me sentia péssima, mas minha cabeça estava mexida demais para pedir desculpas adequadamente.

— Pelo que você falou da Marcie, provavelmente ela fez um monte de inimigos — disse ele.

— Tenho certeza de que Vee e eu encabeçamos a lista — eu disse, tentando amenizar os ânimos, mas aquilo também não era inteiramente uma brincadeira.

Patch se aproximou da casa de fazenda e desligou o motor. O boné cobria os olhos, mas agora a boca mantinha a sugestão de um sorriso. Os lábios pareciam macios e suaves, e eu estava tendo muito trabalho para

não olhá-los. Acima de tudo, sentia-me grata por ele aparentemente ter me perdoado.

— Precisamos praticar mais sinuca, Anjo — disse Patch.

— Por falar em sinuca — limpei a garganta. — Queria saber quando e como você vai me cobrar... aquilo que eu fiquei devendo.

— Hoje não. — Os olhos dele observaram os meus detidamente, avaliando minha reação.

Eu oscilava entre o relaxamento e o desapontamento. Principalmente o desapontamento.

— Tenho uma coisa para você — disse Patch.

Ele procurou algum objeto debaixo do assento e retirou lá de baixo um saco de papel branco com pimentas vermelhas impressas. Um saco do Borderline. Ele colocou aquilo entre nós.

— O que é isso? — perguntei, procurando olhar dentro da saco, sem ter a menor ideia do que poderia haver ali.

— Abra.

Retirei do saco uma caixa de cartolina e levantei a tampa. Lá dentro havia um globo de vidro com uma miniatura do parque de diversões do Delphic Seaport. Aros de metal tinham sido transformados em círculo para representar a roda gigante, aros retorcidos eram a montanha-russa. Pequenos pedaços de metal manchado faziam as vezes de tapete mágico.

— É lindo — disse eu, um tanto estarecida por Patch ter pensado em mim e ainda se dado o trabalho de me

comprar um presente. — Muito obrigada. Eu juro. Adorei.

Ele tocou o vidro arredondado.

— Ali está o Arcanjo antes de ser remodelado.

Atrás da roda-gigante, um arame fino subia e descia formando as colinas e os vales do Arcanjo. Um anjo de asas quebradas estava no ponto mais alto, com a cabeça curvada, olhando para baixo sem olhos.

— O que realmente aconteceu naquela noite em que andamos juntos no Arcanjo? — perguntei.

— Você não quer saber.

— Se contar, vai ter que me matar? — eu disse meio jocosamente

— Não estamos sozinhos — respondeu Patch, olhando pelo para-brisa Ergui a vista e vi minha mãe, de pé, diante da porta aberta. Para meu terror, ela saiu e encaminhou-se na direção do Jeep.

— Deixe que eu falo — disse, guardando o globo de vidro de volta na caixa. — Não diga uma palavra, nem uma palavra!

Patch saltou do carro e veio abrir minha porta. Encontramos com minha mãe na metade do caminho.

— Não sabia que você ia sair — disse ela com um sorriso nada descontraído. Era um sorriso que dizia "Vamos falar sobre isso mais tarde."

— Decidimos na última hora — expliquei.

— Voltei para casa logo depois da ioga — disse ela.

O restante estava implícito: sorte a minha, azar o seu. Eu tinha imaginado que ela sairia para tomar suco com os amigos depois da aula. Era o que fazia nove entre dez vezes. Ela voltou a atenção para Patch.

— Estou feliz em finalmente conhecê-lo. Aparentemente minha filha é sua grande fã.

Abri a boca para fazer uma apresentação extremamente concisa e me despedir de Patch, mas mamãe foi mais rápida.

— Sou a mãe de Nora. Blythe Grey.

— Este é Patch — disse eu, vasculhando a cabeça à procura de algo para dizer que interrompesse bruscamente a troca de gentilezas. Mas minhas únicas ideias foram gritar Fogo! ou simular um enfarte. De alguma forma, ambas pareciam mais humilhantes do que encarar uma conversa entre Patch e minha mãe.

— Nora me contou que você nada — disse mamãe. Senti que Patch estremeceu com risadas atrás de mim.

— Nadador?

— Você faz parte da equipe de natação da escola ou da liga municipal?

— É uma atividade mais... recreativa — disse Patch, lançando-me um questionador.

— Recreação também é bom — disse mamãe. — Onde você nada? No centro recreativo?

— Gosto mais de atividades ao ar livre. Rios e lagos.

— Mas não é muito frio? — ela perguntou.

Ao meu lado, Patch me deu um cutucão. Fiquei pensando qual parte da história eu tinha perdido. Nada na conversa parecia extraordinário. E eu precisava concordar com minha mãe naquele ponto. O Maine não era um lugar quente e tropical. Era muito frio para se nadar ao ar livre, mesmo durante o verão. Se Patch realmente nadasse ao ar livre, ele deveria ser maluco ou ter muita resistência à dor.

— Muito bem eu disse, aproveitando-me da pausa. — Patch precisa ir embora.

— Vá!, articulei para ele.

É um Jeep muito bonito — disse mamãe. — Seus pais o compraram para você?

— Eu mesmo comprei.

— Você deve ter um emprego e tanto.

— Sirvo mesas no Borderline.

Patch dizia o mínimo possível, mantendo-se cuidadosamente envolto em mistério. Fiquei pensando em como deveria ser sua vida quando não estava perto de mim. No fundo da minha mente, não conseguia parar de pensar em seu passado amedrontador. Todo aquele tempo eu havia fantasiado sobre a descoberta de seus segredos sombrios e profundos porque queria provar para mim mesma e para Patch que eu era capaz de sacar quem ele era. Mas agora eu queria saber seus segredos porque eram parte dele. E, apesar do fato de negar tudo repetidamente, eu nutria algum sentimento por ele.

Quanto mais tempo passávamos juntos, mais eu sabia que esses sentimentos não desapareceriam.

Mamãe franziu a testa.

— Espero que o trabalho não atrapalhe seus estudos. Pessoalmente, não acredito que estudantes do ensino médio devam trabalhar durante o ano letivo. Vocês já têm muito que fazer.

Patch sorriu.

—Não tem sido um problema.

— Você se importa em me dizer qual é a média geral de suas notas? — perguntou mamãe. — Ou seria muito rude?

— Puxa, está ficando tarde — comecei a dizer alto, consultando um relógio de pulso imaginário.

Não pude acreditar que mamãe estivesse sendo tão pouco legal nessa questão, Era um mau sinal. Só podia querer dizer que a primeira impressão que ela teve de Patch era pior do que eu temia. Aquilo não era uma apresentação. Era uma entrevista.

— Dois ponto dois — disse Patch.

Mamãe olhava fixamente para ele.

— Ele está brincando — respondi depressa. Dei um empurrão discreto em Patch na direção do Jeep. — Patch tem coisas para fazer. Lugares para ir. Sinuca para jogar... — Tapei a boca com a mão.

— Jogar? — perguntou minha mãe, parecendo confusa.

— Nora está se referindo ao Fliperama do Bo — explicou Patch. — Mas não estou indo para lá. Tenho alguns assuntos a resolver.

— Nunca estive no Fliperama — disse ela.

— Não é nada de empolgante — falei. — Você não perdeu nada.

— Espere aí — disse mamãe, como se um sinal de alerta tivesse se acendido em sua memória. — É lá na costa? Perto do Delphic Seaport? Não foi lá que houve um tiroteio há alguns anos?

— A situação anda mais calma do que costumava ser — respondeu Patch. Estreitei os olhos para ele. Ele tinha sido mais rápido. Eu planejava mentir descaradamente sobre qualquer história de violência acontecida no Fliperama do Bo.

— Você gostaria de entrar e tomar sorvete? — perguntou mamãe, parecendo desconcertada, dividida entre a vontade de ser educada e a de agir impulsivamente e me arrastar para dentro, trancando a porta. — Só temos sorvete de baunilha — acrescentou, para desencorajá-lo. — Foi comprado há algumas semanas.

Patch sacudiu a cabeça

— Preciso ir. Quem sabe na próxima vez. Foi bom conhecê-la, Blythe. Tomei a interrupção como uma deixa para arrastar mamãe até a porta da frente, aliviada que a conversa não tivesse sido tão ruim quanto poderia. De repente mamãe se virou para trás.

— O que vocês dois fizeram hoje à noite? — perguntou para Patch. Patch olhou para mim e ergueu ligeiramente

as sobancelhas.

— Jantamos no Topsham — respondi rapidamente. — Sanduíches e refrigerante. Uma noite completamente inofensiva.

O problema era que meus sentimentos por Patch não eram nada inofensivos.

CAPÍTULO 19



Deixei o globo de vidro dentro da caixa e a guardei dentro do armário, atrás de uma pilha de suéteres xadrez que eu roubara do meu pai. Quando abri o presente na frente de Patch, o parque de diversões pareceu reluzente e belo, com a claridade se refletindo nos arames como um arco-íris. Sozinha no quarto, porém, ele parecia assombrado. Uma colônia de férias perfeita para espíritos desencarnados. E eu não estava completamente convencida de que não havia uma câmera escondida lá dentro.

Depois de trocar a roupa por uma camiseta e uma calça de pijamas de florzinhas, liguei para Vee.

— Bem? — disse ela. — Como foi? Obviamente, ele não matou você. O que é um bom começo.

— Jogamos sinuca.

— Você odeia sinuca.

— Ele me ensinou algumas técnicas. Agora que sei o que estou fazendo não é tão ruim.

— Aposto que ele poderia lhe ensinar algumas técnicas em outras áreas da sua vida.

— Hum.

Normalmente o comentário teria provocado algum rubor em mim, mas eu estava compenetrada demais. Estava dando duro, pensando.

— Sei que já disse isso antes, mas Patch não me inspira uma sensação profunda de conforto. — disse Vee. — Ainda tenho pesadelos com o cara da máscara de esquiador. Em um de meus pesadelos, ele arrancava a máscara. Adivinha quem estava lá? Patch. Pessoalmente, acho que você deveria tratá-lo como se fosse um revólver carregado. Tem alguma coisa anormal nele.

Era exatamente sobre isso que eu queria falar.

— O que poderia provocar uma cicatriz com o formato da letra V nas costas de alguém?

Houve um momento de silêncio.

— Bizarro — disse Vee com espanto. — Você o viu pelado? Onde aconteceu? No carro? Na casa dele? Em seu quarto?

— Eu não o vi pelado! Foi meio por acidente.

— Claro. Já ouvi essa desculpa antes — exclamou Vee.

— Ele tinha nas costas uma cicatriz enorme com a forma de um V de cabeça para baixo. Não é um pouco esquisito?

— Claro que é esquisito. Mas estamos falando de Patch. Ele tem alguns parafusos soltos. Vou chutar... Briga de gangues? Cicatrizes da cadeia? Marcas de atropelamento?

Metade do meu cérebro acompanhava a conversa com Vee, mas a outra, subconsciente, divagava. Minhas lembranças voltaram à noite em que Patch me desafiara a andar no Arcanjo. Revi as pinturas assustadoras e bizarras nas laterais dos carros. Lembrei-me das bestas com chifres arrancando as asas do anjo. Lembrei da marca negra em forma de V de cabeça para baixo no lugar em que costumavam ficar as asas.

Quase deixei o telefone cair.

— D-desculpe-me, o que foi? — perguntei a Vee quando percebi que ela levava a conversa adiante e esperava minha resposta.

— O quê. Aconteceu. Depois? — repetiu, pronunciando devagar cada palavra. — Terra chama Nora. Preciso dos detalhes. Estou morrendo de curiosidade.

— Ele entrou numa briga e rasgou a camisa. Final da história. Nada além disso. Vee inspirou profundamente.

— Era sobre isso que eu estava falando. Vocês dois saem juntos... e ele entra numa briga? Qual é o problema dele? Talvez seja mais animal do que humano.

Dentro da minha cabeça, alternava a visão das cicatrizes do anjo na pintura e das cicatrizes de Patch. Ambas tinham a cor de alcaçuz negra, ambas iam das escapulas aos rins e ambas desenhavam uma curva enquanto viajavam por suas costas. Disse para mim mesma que havia a possibilidade de que fosse apenas uma estranhíssima coincidência o fato de as pinturas no Arcanjo descreverem tão perfeitamente as cicatrizes de Patch. Briga de gangues, cicatrizes da cadeia, marcas de atropelamento — como Vee dissera. Infelizmente, todas as desculpas pareciam mentira. Era como se a verdade

estivesse na minha cara, mas eu não tivesse coragem de encará-la.

— Ele foi um anjo? — perguntou Vee. Levei um susto.

— O quê?

— Ele foi um anjo ou fez jus àquele jeitão de *bad-boy*? Porque, com toda a honestidade, não estou acreditando nessa história de que "ele não tentou nada".

— Vee, preciso ir. — Minha voz estava vacilante.

— Sei. Você quer desligar antes de me contar os detalhes do assunto principal.

— Não aconteceu nada durante o encontro, nem depois. Minha mãe nos encontrou na entrada.

— Fala sério!

— Acho que ela não gosta do Patch.

— Jura? — exclamou Vee. — Quem teria imaginado?

— Amanhã eu ligo para você, o.k.?

— Durma com os anjos, menina. *Sem chances*, pensei.

Depois que desliguei o telefone, percorri o corredor até o escritório improvisado de mamãe e liguei o IBM, um calhambeque em forma de computador. O cômodo era pequeno, com teto inclinado, mais uma cumeeira do que propriamente um quarto. Uma janela suja com cortinas cor de laranja dos anos 1970 desbotadas contemplava o quintal. Eu não conseguia ficar ereta em 30% do cômodo. Nos 70% restantes, o alto da cabeça esbarrava nas vigas expostas. Havia uma única lâmpada nua pendurada. Dez

minutos mais tarde, o computador conseguiu completar uma conexão discada com a internet, e eu digitei "anjo asa cicatrizes" na barra de buscas do Google. Demorei um segundo antes de apertar a tecla enter, com medo. Se eu fosse adiante, precisava admitir que estava, na realidade, considerando a hipótese de Patch — bem — não ser humano.

Dei "enter" e cliquei no primeiro link antes que pudesse mudar de ideia.

ANJOS CAÍDOS: A VERDADE ATERRADORA

Quando o jardim do Éden foi criado, os anjos celestiais foram enviados para a Terra a fim de cuidar de Adão e Eva. Pouco depois, porém, alguns anjos puseram os olhos no mundo, além dos limites do jardim. Viram-se como os futuros governantes da população da Terra, desejando Poder, dinheiro e até as mulheres humanas.

Juntos, tentaram e convenceram Eva a comer o fruto proibido, abrindo os portões que protegiam o Éden. Como punição para esse grave pecado e por terem abandonado suas obrigações, Deus tirou as asas desses anjos e os baniu eternamente para a Terra.

Rolei a tela para ler alguns parágrafos, o coração batendo desvairadamente.

Os anjos caídos são os mesmos espíritos perversos (ou demônios) que, segundo a Bíblia, tomam posse de corpos humanos. Vagam pela Terra procurando corpos humanos para molestar e controlar. Tentam os humanos a fazerem o mal ao comunicar pensamentos e imagens diretamente em suas mentes. Se um anjo caído tem sucesso em levar um humano a praticar o mal, ele pode entrar em seu corpo e influenciar suas ações e sua personalidade.

Um corpo humano, porém, só pode ser possuído por um anjo caído durante o mês do Cheshvan do calendário hebraico. Cheshvan, conhecido como "o mês amargo", é o único mês sem qualquer feriado judaico ou jejum, o que o torna profano. Entre as luas nova e cheia do Cheshvan, hordas de anjos caídos invadem corpos de seres humanos.

Meu olhar permaneceu grudado no monitor por mais alguns minutos depois de concluir a leitura. Não pensava em nada. Nada. Só na complexidade das emoções que se agitavam dentro de mim. Espanto, pânico e pressentimentos sinistros entre elas.

Um arrepio involuntário me devolveu os sentidos. Lembrei-me das vezes em que estive convencida de que Patch havia rompido os limites da comunicação convencional e sussurrado diretamente na minha cabeça, exatamente como estava escrito naquele artigo sobre anjos caídos. Comparando as informações com as cicatrizes de Patch, seria possível algo assim... Poderia Patch ser um anjo caído? Será que ele queria possuir o meu corpo?

Passei os olhos rapidamente no restante do artigo, diminuindo o ritmo quando algo ainda mais bizarro.

Anjos caídos que mantêm relações sexuais com humanas produzem filhos super-humanos denominados nefilins. A raça nefilim é perversa, degenerada e não deveria habitar a Terra. Embora muitos acreditem que o Grande Dilúvio dos tempos de Noé tivesse como objetivo limpar a Terra dos nefilins, não temos como saber se essa raça híbrida foi extinta ou se os anjos caídos continuam a se reproduzir com humanas desde então. Parece lógico que tenham continuado, o que significaria que a raça nefilim talvez permaneça na Terra até os dias de hoje.

Afastei-me da escrivaninha. Amontoei em uma pasta mental tudo que havia lido e arqueei. E pus um carimbo — ASSUSTADOR — fora da pasta. Eu não queria pensar naquilo no momento. Precisava examinar melhor mais tarde. Talvez.

O celular vibrou em meu bolso e me fez pular.

Chegamos a decidir se o abacate é verde ou amarelo? — perguntou Vee. —

Já preenchi a cota de frutas verdes do dia, mas se você me disser que o abacate é amarelo, estou dentro.

— Você acredita em super-heróis?

— Depois de ver Tobey Maguire em Homem-Aranha, sim. E então tem o Christian Bale. Mais velho, mas superatraente. Eu deixaria que ele me salvasse de espadachins ninjas.

— Estou falando sério.

— Eu também.

— Quando foi a última vez que você foi à igreja? — perguntei. Ouvi ela estourar uma bola de chiclete.

— No domingo.

— Você acha que a Bíblia é correta? Quer dizer, você acha que o que está ali é verdade?

— Acho que o pastor Calvin é gostoso. De um jeito quarentão. Isso meio que resume minhas convicções religiosas.

Depois de desligar, fui para o quarto e deslizei para debaixo das cobertas. Joguei um cobertor a mais na cama para afastar a súbita friagem. Não sabia se o quarto estava frio ou se aquela sensação gelada vinha de dentro de mim. Palavras assombrosas como "anjo caído", "possessão humana" e "nefilim" embalaram meu sono.

CAPÍTULO 20



Rolei na cama a noite inteira. O vento batia nos campos abertos que circundavam o casarão, jogando detritos contra a janela. Acordei diversas vezes ao som de telhas arrancadas do telhado que rolavam até cair. Todos os pequenos barulhos, do bater das janelas ao rangido das molas da minha cama, faziam-me acordar assustada.

Por volta das seis horas, desisti. Arrastei-me para fora da cama e percorri o corredor em busca de um banho quente. Depois limpei o quarto — o guardaroupa andava bem desfalcado e, de fato, enchi três vezes o cesto com roupas sujas. Estava subindo a escada com uma nova leva quando ouvi alguém batendo na porta da frente. Abri e encontrei Elliot postado na soleira.

Ele estava de jeans, camisa xadrez *vintage* com as mangas dobradas até o cotovelo, óculos escuros e um boné do Red Sox. Por fora, parecia ser um típico rapaz americano. Mas eu não me deixava enganar, e uma injeção de adrenalina era a confirmação.

— Nora Grey — disse Elliot em um tom condescendente. Ele se curvou e sorriu, e senti o bafo azedo de álcool no hálito dele. — Você vem me causando muitos problemas recentemente.

— O que está fazendo aqui?

Ele dirigiu o olhar por trás de mim, examinando a casa.

— O que você acha que estou fazendo? Quero conversar. Não posso entrar?

— Minha mãe está dormindo. Não quero acordá-la.

— Não conheci sua mãe.

Havia algo no seu jeito de falar que eriçou os pelos na minha nuca.

— Desculpe, você precisa de alguma coisa?

O sorriso era meio relaxado, meio de escárnio.

— Você não gosta de mim, não é, Nora Grey?

Em resposta, cruzei os braços sobre o peito.

Ele cambaleou um passo para trás com a mão apertada contra o coração.

— Puxa. Eu estou aqui Nora, em um último esforço para convencê-la de que sou um cara igual aos outros e que você pode confiar em mim. Não me desaponte.

— Escute, Elliot, tem uns assuntos que eu preciso...

Ele deu um soco na casa, batendo com os nós dos dedos contra a parede com força suficiente para soltar algumas lascas de tinta.

— Eu não acabei! — disse de forma ininteligível e em um tom agitado. De repente, ele jogou a cabeça para trás e riu suavemente. Curvou-se, colocou a mão ensanguentada entre os joelhos e gemeu. — Aposto dez dólares como vou me arrepender disso mais tarde.

A presença de Elliot me deixou arrepiada. Lembrei-me de alguns dias antes, quando realmente achava que ele era um sujeito bonito e charmoso. Fiquei pensando por que tinha sido tão idiota.

Estava considerando a hipótese de fechar a porta e trancá-la quando Elliot arrancou os óculos escuros, deixando à mostra olhos vermelhos. Pigarreou, e a voz veio clara.

— Vim aqui porque queria lhe contar que Jules anda sob muita pressão na escola. Provas, assuntos do grêmio, inscrições para bolsa, blá-blá-blá. Ele não está bem. Precisa se afastar por alguns dias. Nós quatro, Jules, eu, você e Vee, deveríamos acampar no feriadão. Partir amanhã para Powder Horn e voltar na terça à tarde. Isso vai dar a Jules a chance de relaxar. — Cada palavra que saía da sua boca parecia estranha e cuidadosamente ensaiada.

— Sinto muito, tenho outros planos.

Deixe-me fazê-la mudar de ideia. Vou planejar toda a viagem. Arranjo as barracas, a comida. Vou mostrar a você que sou um sujeito legal. Vou fazer você se divertir. Acho que você deve ir embora. Elliot apoiou a mão no batente da porta, inclinando-se na minha direção.

— Resposta errada.

Por um momento fugaz, o estupor embaçado de seus olhos desapareceu, coberto algo perverso e sinistro. Involuntariamente, dei um passo para trás. Tinha quase certeza de que Elliot era capaz de matar. Tinha quase certeza de que era o culpado pela morte de Kjirsten.

— Saia ou eu chamarei um táxi — disse.

Elliot abriu a tela de proteção da porta com tanta força que ela bateu contra a parede. Agarrou a frente do meu roupão e me puxou para fora. Então me jogou contra a parede e me prendeu com seu corpo.

— Você vai acampar, querendo ou não.

— Me largue! — exclamei, tentando escapar dele.

— Ou o quê? O que você vai fazer?

Ele me segurou pelos ombros e me lançou de novo contra a casa; meus dentes rangeram.

— Vou chamar a polícia.

Não tinha ideia de como pude dizer aquilo com tanta coragem. Minha respiração estava rápida e curta, minhas mãos, úmidas.

— Você vai chamar a polícia gritando? Ninguém pode ouvi-la. A única maneira de escapar de mim é jurar que vai acampar.

— Nora?

Elliot e eu nos voltamos para a porta da frente, de onde vinha a voz de minha mãe. Elliot manteve as mãos sobre mim por mais um momento, em seguida fez um som de desagrado e me empurrou para longe. Na metade da descida dos degraus da varanda, ele olhou para trás.

— Isto ainda não acabou.

Corri para dentro e tranquei a porta. Meus olhos começaram a arder. Encostei na porta e me deixei cair,

até ficar sentada no tapete da entrada, lutando para não chorar.

Minha mãe apareceu no alto da escada, amarrando o roupão na cintura.

— Nora? O que aconteceu? Quem estava na porta? Pisquei para afastar as lágrimas apressadamente.

— Era um cara da escola. — Não consegui impedir que minha voz tremesse. — Ele... ele. — Eu já estava em uma bela encrenca por causa do encontro com Patch. Sabia que minha mãe planejava ir ao casamento da filha de um amigo do trabalho, mas se lhe dissesse o que Elliot tinha feito, não haveria jeito de ela querer ir. E era a última coisa que eu desejava, porque eu precisava dirigir até Portland e investigar Elliot. Mesmo a mínima prova incriminadora poderia ser o suficiente para levá-lo para trás das grades. E até que isso acontecesse, eu não me sentiria segura. Eu sentia que algo violento crescia dentro dele e não queria ver o que aconteceria se aquilo explodisse sem controle. — Ele queria as anotações que fiz sobre *Hamlet* — disse em tom inexpressivo. — Na semana passada, ele colou do meu questionário e aparentemente está tentando transformar isso em um hábito.

— Puxa, querida. — Ela sentou-se junto de mim, acariciando meu cabelo molhado, que havia ficado gelado desde o banho.

— Posso entender por que você está tão perturbada. Posso ligar para os pais dele, se quiser.

Sacudi a cabeça em negativa.

— Então vou preparar o café da manhã — disse mamãe.
— Termine de se vestir.

Estará tudo pronto quando você descer.

Eu estava diante do armário quando o celular tocou.

— Você já está sabendo? Nós quatro vamos a-c-a-m-p-a-r no feriadão! — exclamou Vee, parecendo estranhamente animada.

— Vee — disse com a voz trêmula. — Elliot está planejando algo. Algo assustador. Ele só quer acampar para poder ficar sozinho conosco. Não vamos.

— O que você está querendo dizer? É uma piada, certo? Puxa, finalmente arranjamos algum programa interessante para fazer no feriadão e você diz que não? Você sabe que minha mãe nunca vai me deixar ir sozinha. Eu faço qualquer coisa. Juro. Faço seu dever de casa durante uma semana. Qual é, Nora? Uma palavrinha. Diga. E a palavrinha começa com a letra S...

A mão que segurava o celular estremeceu. Usei a outra para ajudar a mantê-la firme.

— Elliot apareceu aqui em casa há 15 minutos, bêbado. Ele... ele me ameaçou fisicamente.

Ela ficou quieta por um momento.

— O que você quer dizer com "ameaçou fisicamente"?

— Ele me arrastou para fora de casa e me jogou contra a parede.

— Mas ele estava bêbado, não estava?

— E isso faz diferença? — retorqui.

— Bem, muita coisa aconteceu com ele. Você sabe, ele foi acusado injustamente de estar envolvido no suicídio de uma menina aí e foi obrigado a mudar de escola. Se ele tivesse machucado você, e, diga-se de passagem, não estou justificando o que de fez, talvez precisasse apenas de... aconselhamento, sabe?

— Se ele tivesse me machucado?

— Ele estava mal. Talvez... talvez não soubesse o que estava fazendo. Amanhã vai estar se sentindo péssimo.

Abri e fechei a boca. Não podia acreditar que Vee estivesse do lado de Elliot.

— Preciso desligar — disse secamente. — Falo com você mais tarde.

— Posso ser completamente honesta, *baby*? Sei que você está preocupada com o cara da máscara de esquiador. Não me odeie, mas acho que a única razão para você se esforçar tanto para culpar Elliot é porque você não quer que seja o Patch. Está racionalizando o tudo, e isso está me deixando assustada. Fiquei sem palavras.

— Racionalizando? Patch não apareceu na minha casa esta manhã e me jogou contra a parede.

— Sabe do que mais? Eu não deveria ter tocado no assunto. Esquece, o.k?

— Ótimo — eu disse em tom duro.

— Então... O que você vai fazer hoje?

Botei a cabeça para fora da porta, tentando ouvir minha mãe. O som do batedor de ovos em uma tigela vinha da cozinha. Parte de mim não via razão para contar qualquer outra coisa a Vee, mas outra parte estava ressentida e querendo briga. Ela queria saber quais eram meus planos? Muito bem. Não era problema meu se ela não gostasse deles.

— Vou dirigir até Portland assim que minha mãe sair para um casamento em Old Orchard Beach. — A cerimônia começava às quatro da tarde. Com a recepção depois, minha mãe não chegaria em casa antes das nove da noite. O que me dava tempo suficiente para passar o final da tarde em Portland e ainda chegar antes dela. — Para falar a verdade, eu estava pensando em pegar o Neon emprestado. Não quero que minha mãe veja a quilometragem do carro.

— Puxa, menina. Você vai espionar Elliot, não vai? Você vai xeretar em Kinghorn.

— Vou fazer umas comprinhas e jantar — disse, deslizando os cabides no suporte do armário.

Separei uma camiseta de mangas compridas e um gorro de listas cor-de-rosa e brancas que eu reservava para os dias em que o cabelo estava ruim e para os fins de semana.

— E jantar inclui uma parada em certo restaurante que fica a apenas alguns quarteirões de Kinghorn Prep? Um restaurante onde aquela Kjirsten-não-seide-quê costumava trabalhar?

— Não é uma ideia ruim — disse. — Talvez.

— E você vai mesmo comer ou apenas interrogar os funcionários?

— Talvez eu faça algumas perguntas. Você me empresta ou não o Neon?

— Claro — disse ela. — Para que servem as melhores amigas? Vou até junto com você nessa roubada. Mas primeiro você precisa prometer que vai acampar.

— Esqueça. Vou de ônibus.

— Mais tarde falamos sobre o feriadão! — Vee exclamou antes que eu pudesse desligar.

Eu já havia estado em Portland em muitas ocasiões, mas não conhecia a cidade muito bem. Saltei do ônibus armada com celular, mapa e minha bússola interna.

Os prédios eram de tijolos vermelhos, altos e estreitos, e bloqueavam a luz do pôr do sol, que reluzia atrás de um espesso grupo de nuvens de tempestade, vestindo as ruas com um véu de sombras. A fachada das lojas tinha varandas e placas antigas sobre as portas. As ruas eram iluminadas por luminárias que lembravam chapéus de bruxa negros. Depois de alguns quarteirões, as ruas congestionadas se abriram para uma área arborizada, e vi uma placa sinalizando Kinghorn Prep. Uma catedral, um campanário e a torre do relógio emergiam sobre a copa das árvores.

Fiquei na calçada e dobrei a esquina para pegar a 32nd Street. O cais estava a apenas alguns quarteirões. Vislumbrei barcos passando por trás das lojas enquanto se aproximavam do porto. Depois de descer metade da

rua, vi uma placa do restaurante Blind Joe's. Tirei a lista de perguntas da bolsa e as li pela última vez. Não era para parecer que eu estava fazendo uma entrevista oficial. Esperava que ao mencionar casualmente o assunto "Kjirsten" para os funcionários, pudesse extrair deles alguma informação que um punhado de repórteres antes de mim deixara passar. Joguei a lista na lixeira mais próxima, torcendo para ter guardado todas as perguntas na memória.

Um sino soou quando eu entrei.

O chão era de cerâmica amarela e branca. Havia mesas em reservados com estofados azul-marinho e retratos do porto pendurados na parede. Sentei-me em um reservado perto da porta e tirei o casaco.

Uma garçonete com avental branco manchado apareceu ao meu lado.

— Meu nome é Whitney — disse em tom azedo. — Bem-vinda ao Blind Joe's. O especial do dia é o sanduíche de atum. A sopa do dia é o creme de lagosta. — A caneta estava pousada no bloco, esperando o pedido.

— Blind Joe's? — Franzi a testa e cutuquei o queixo. — Por que o nome me soa tão familiar?

— Você não lê jornal? Estivemos nos noticiários por uma semana inteira no mês passado. Os tais quinze minutos.

— Puxa! — exclamei, como se tivesse entendido tudo subitamente. — Eu lembro. Houve um assassinato, não foi? A garota trabalhava aqui?

— Kjirsten Halverson. — Ela tamborilou com a caneta, sem paciência. — Quer que eu traga logo uma tigela de

sopa para começar?

Eu não queria tomar creme de lagosta. Para falar a verdade, não estava com fome.

— Deve ter sido difícil. Vocês duas eram amigas?

— Caramba, não. Vai fazer o pedido ou não vai? Vou lhe contar um segredinho. Se eu não trabalho, não ganho. Se eu não ganho, não pago o aluguel.

Subitamente, desejei que o garçom que estava do outro lado do salão me atendesse. Ele era baixo, careca até a linha das orelhas e com um corpo que lembrava os palitos de dente no paliteiro na ponta da mesa. Os olhos nunca se elevavam a mais de um metro do chão. Por mais patético que pudesse parecer depois, bastaria um sorriso simpático meu para fazer com que ele me contasse tudo sobre a vida de Kjirsten.

— Sinto muito — disse para Whitney. — Não consigo parar de pensar naquele assassinato. Claro que vocês já estão cansados disso. Devem ter aparecido muitos repórteres fazendo perguntas.

Ela me lançou um olhar penetrante.

— Vai precisar de mais alguns minutos para examinar o menu?

— Pessoalmente, acho que repórteres são irritantes.

Ela se curvou, apoiando uma das mãos no tampo da mesa.

— Acho irritantes fregueses que demoram demais a decidir. Soltei um suspiro silencioso e abri o menu.

— O que você recomenda?

— Tudo é bom. Pergunte ao meu namorado. — Ela deu um sorriso tenso. — Ele é o cozinheiro.

— E por falar em namorados... a Kjirsten tinha namorado? — *Aproveitei bem a deixa*, pensei comigo mesma.

— Diga o que você quer — ordenou Whitney. — Você é da polícia? É advogada? Repórter?

— Apenas uma cidadã preocupada. — A frase pareceu uma pergunta.

— Certo, muito bem. Vou dizer uma coisa. Peça um milkshake, batatas fritas, hambúrguer grande, uma tigela de sopa e me dê uma gorjeta de 25%. Aí eu conto para você o que eu falei para todo mundo.

Avaliei minhas opções: mesada ou respostas.

— Fechado.

— Kjirsten começou a andar com aquele garoto, Elliot Saunders. Aquele dos jornais. Ele estava aqui o tempo inteiro. Acompanhava ela de volta para o apartamento no final do turno.

— Você chegou a falar com Elliot?

— Eu não.

— Acha que Kjirsten cometeu suicídio?

— Como vou saber?

— Li no jornal que encontraram um bilhete no apartamento dela, mas também havia sinais de arrombamento.

— E daí?

— Você não acha isso um pouco... estranho?

— Se você quer saber se eu acho que Elliot poderia ter deixado o bilhete no apartamento, é claro que eu acho. Um garoto rico daqueles pode se livrar de qualquer coisa. Provavelmente contratou alguém para deixar o bilhete lá. É como funciona quando se tem dinheiro.

— Não acho que Elliot tenha muito dinheiro. — Minha impressão sempre foi de que Tules era o rico. Vee nunca parava de delirar com a casa dele. — Acho que ele estudava em Kinghorn Prep como bolsista.

— Bolsista? — ela repetiu com um rosnado. — O que você andou bebendo? Se Elliot não fosse montado na grana, como ele teria comprado o apartamento para Kjirsten? Responda.

Lutei para não demonstrar surpresa.

— Ele comprou um apartamento para ela?

— Kjirsten não parava de falar naquilo e me deixava louca.

— Por que ele compraria um apartamento para ela? Whitney me encarou, com as mãos nos quadris.

— Diga para mim que você não é burra de verdade. Ah. Privacidade. Intimidade. Captei.

Eu falei:

— Você sabe por que Elliot saiu de Kinghorn?

— Não sabia disso.

Examinei mentalmente as respostas dela e as perguntas que ainda queria fazer, tentando recuperá-las na memória.

— Ele encontrou amigos aqui? Alguma pessoa além de Kjirsten?

— Como posso me lembrar disso? — Revirou os olhos. — Pareço uma daquelas pessoas com memória fotográfica?

— Um cara bem alto? Alto mesmo. Cabelo comprido, louro, boa pinta, roupas sob medida.

Ela roeu uma unha quebrada com os dentes da frente e deixou que caísse dentro do bolso do avental.

— Sim, eu me lembro desse cara. Difícil de esquecer. Todo mal-humorado e silencioso. Veio uma ou duas vezes. Foi há pouco tempo. Talvez na época em que Kjirsten morreu. Lembro porque estávamos servindo sanduíches de carneseca para comemorar o dia de São Patrício e não consegui convencê-lo a pedir um. Só ficou olhando feio para mim, como se fosse atravessar a mesa e cortar minha garganta se eu continuasse ali lendo a lista dos pratos do dia. Mas acho que me lembro de um papo entre eles. Não é que eu seja enxerida, mas tenho ouvidos. Às vezes a gente não consegue deixar de ouvir as conversas. Da última vez que o cara alto veio aqui com Elliot, eles ficaram curvados sobre uma mesa, falando de uma prova.

— Uma prova da escola?

— Como vou saber? Pelo que parecia, o cara alto não tinha passado numa prova, e Elliot não estava feliz com isso. Jogou a cadeira para o lado e saiu batendo a porta. Nem terminou de comer o sanduíche.

— Eles mencionaram Kjirsten?

— O cara alto entrou primeiro e perguntou se Kjirsten estava trabalhando. Eu disse que não estava e ele pegou o celular. Dez minutos depois, Elliot entrou. Kjirsten sempre atendia a mesa de Elliot, mas, como eu disse, ela não estava trabalhando, então fiquei com a mesa deles. Se falaram sobre Kjirsten, eu não ouvi. Mas me pareceu que o cara alto não a queria por perto.

— Você se lembra de mais algum detalhe?

— Depende. Você vai pedir sobremesa?

— Acho que vou querer uma fatia de torta.

— Torta? Eu estou lhe dando cinco minutos de meu precioso tempo e tudo o que você pede é torta. Acha que eu não tenho nada melhor para fazer do que jogar conversa fora com você?

Olhei o salão em volta. Estava vazio. Eu era a única cliente além de um homem debruçado sobre um jornal no balcão.

— Tudo bem... — Examinei o menu.

— Você vai querer um refresco de framboesa para acompanhar a torta. — Ela rabiscou no bloco. — E café para arrematar a refeição. — Mais rabiscos. — Não posso

esperar a hora de somar a gorjeta a este valor. — Ela me alfinetou com um sorriso presunçoso, guardou o bloco no avental e rebolou de volta para a cozinha.

CAPÍTULO 21

Lá fora, o clima havia mudado e agora estava frio e chuvoso. Os postes emitiam uma luz pálida e lúgubre que não fazia muito efeito diante da neblina espessa que tomava conta das ruas. Saí correndo do Blind Joe's, feliz por ter consultado a previsão do tempo mais cedo e carregado o guarda-chuva. Enquanto passava diante da vitrine das lojas, vi multidões reunidas nos bares.

Eu estava a alguns quarteirões do ponto de ônibus quando aquela sensação gelada desceu pela minha nuca. Havia sentido aquilo na noite em que tive certeza de que alguém ficara espionando pela minha janela, no Delphic Seaport e novamente antes de Vee sair da Victoria's Secret usando meu casaco. Abaixei-me, fingindo amarrar os sapatos e observei à minha volta disfarçadamente. As calçadas dos dois lados da rua estavam vazias.

O sinal de pedestres abriu, e atravessei a rua. Andando mais rápido, coloquei a bolsa debaixo do braço e torci para que o ônibus não atrasasse. Cortei caminho por um beco atrás de um bar, passei por um punhado de fumantes e saí na outra rua. Andando rápido a rua acima, entrei em outro beco e dei a volta no quarteirão. Verificava se estava sendo seguida a cada segundo.

Ouvi o ronco do ônibus, e logo em seguida ele virou a esquina, aparecendo no meio da neblina. Diminui a velocidade até se aproximar da calçada e eu entrei, rumo à minha casa. Eu era a única passageira.

Depois de escolher um assento algumas fileiras atrás do motorista, escorreguei no banco para não ser vista. Ele puxou a alavanca para fechar a porta e o ônibus ganhou

a rua. Eu estava a ponto de soltar um suspiro de alívio quando recebi uma mensagem de texto de Vee.

ONDE VC TÁ?

PORTLAND, respondi. E VC?

EU TB. FESTA COM JULES E ELLIOT. VAMOS NOS ENCONTRAR. O Q VC ESTÁ FAZENDO EM PORTLAND?!

Não esperei pela resposta. Liguei. Falar era mais rápido. E era urgente.

— Bem? O que me diz? — perguntou Vee. — Está com disposição de encarar uma festa?

— Sua mãe sabe que você está em uma festa em Portland com dois caras?

— Você está começando a parecer neurótica, querida.

— Não posso acreditar que você veio para Portland com Elliot! — Um pensamento desanimador me passou pela cabeça. — Ele sabe que você está comigo ao telefone?

— Para poder ir até aí matar você? Não, sinto muito. Ele e Jules foram correndo pegar alguma coisa em Kinghorn. Estou sozinha, relaxando. Bem que eu precisava de uma acompanhante. Ei! — Vee gritou ao fundo — Tire as mãos daí? T-i-r-e. Nora? Não estou exatamente no melhor lugar da cidade. O tempo urge.

— Onde você está?

— Peraí... Tudo bem, o prédio do outro lado da rua tem o número um-setedois-sete. A rua é Highsmith, tenho quase certeza.

— Chegarei aí o mais rápido possível. Mas não vou ficar. Vou para casa e você vai comigo. Pare o ônibus! — gritei para o motorista.

Ele pisou no freio. Fui jogada contra o assento à minha frente.

— Você poderia me dizer como chego à Highsmith? — perguntei assim que cheguei ao final do corredor.

Ele apontou para fora da janela do lado direito do ônibus.

— É a oeste daqui. Você planeja ir a pé? — Ele me examinou dos pés à cabeça. — Pois preciso lhe avisar. É um bairro complicado.

Que ótimo.

Andei apenas alguns quarteirões antes de constatar que o motorista de ônibus fizera bem em me avisar. A paisagem mudou drasticamente. As fachadas curiosas deram lugar a prédios com pichações das gangues desenhadas a tinta spray. As vitrines eram escuras, com grades de ferro. As calçadas eram caminhos desoladores que se estendiam através da neblina.

Um som arrastado, chacoalhante, atravessou a névoa. Uma mulher empurrando um carrinho repleto de sacos de lixo apareceu à vista. Os olhos eram como passas, pequeninos, reluzentes e escuros, e estreitaram-se enquanto se aproximavam de mim numa avaliação quase predatória.

— O que temos aqui? — exclamou ela, deixando à mostra a gengiva sem dentes.

Dei um discreto passo para trás e apertei a bolsa contra mim.

— Parece um casaco, luvas e um gorro de lã bem bonito — disse ela. — Sempre quis para mim um gorro de lã bem bonito. — Ela pronunciava *bu-ni-tu*.

— Olá — falei, limpando a garganta e tentando parecer amigável. — A senhora poderia me dizer se falta muito para chegar à Highsmith Street?

Ela gargalhou.

— O motorista de ônibus disse que eu deveria seguir nesta direção — disse com menos segurança.

— Ele disse que a Highsmith é por aqui — falou, parecendo irritada. — Sei o caminho para a Highsmith, e não é esse.

Esperei, mas ela não continuou.

— A senhora poderia me dizer como chego? — perguntei.

— Sei como chegar. — Ela tamborilou a cabeça com um dedo que lembrava muito um galho torto e cheio de nós. — Sei de tudo por aqui, eu sei.

— Qual é o caminho? — Tentei encorajá-la a explicar.

— Mas não posso lhe contar de graça — falou em um tom de reprovação. — Tem um preço. Uma moça precisa ganhar seu dinheiro. Ninguém nunca lhe disse que nada na vida é de graça?

— Não tenho dinheiro.

Pelo menos não tinha muito. Só o suficiente para a passagem de volta para casa.

— Você tem um bom casaco, bem quentinho.

Olhei para meu casaco acolchoado. Um vento gelado eriçou meu cabelo e a ideia de despir o agasalho me fez sentir calafrios nos braços.

— Acabei de ganhar o casaco no Natal.

— Meu traseiro está congelando aqui — retrucou. — Você quer saber o caminho ou não quer?

Não podia acreditar que estava ali. Não podia acreditar que estava negociando meu casaco com uma sem-teto. Vee estava tão em débito comigo que talvez nunca conseguisse me compensar.

Tirei o casaco e observei a mulher se vestir e fechar o zíper.

Minha respiração parecia fumaça. Abracei a mim mesma e bati os pés para conservar o calor corporal.

— Agora a senhora pode me dizer, por favor, qual é o caminho para a Highsmith?

— Você quer o caminho curto ou o comprido?

— O c-curto — disse com a voz entrecortada.

— Também vai custar. O caminho curto tem um preço adicional. Como disse sempre quis ter um gorro de lã bem bonito.

Tirei o gorro cor-de-rosa e branco da cabeça.

— Highsmith? — perguntei, tentando manter o tom amigável enquanto eu o entregava.

— Você está vendo aquele beco? — disse ela, apontando atrás de mim. O beco estava a meio quarteirão de distância. — Você atravessa e do outro lado está Highsmith.

— É só isso? — disse com incredulidade. — Um quarteirão?

— A boa notícia é que você precisa andar pouco. A má notícia é que com um tempo desses nada vai parecer perto. Claro, agora estou bem quentinha com um casaco e um gorro bem bonitos. Dê as luvas para mim e eu acompanho você.

Olhei as luvas. Pelo menos as mãos estavam quentes.

— Eu me viro.

Ela deu de ombros e continuou a empurrar o carrinho até a próxima esquina, onde ficou parada, apoiada em uma parede de tijolos.

O beco estava escuro e entulhado com lixeiras, caixas de papelão manchadas e uma protuberância não identificável que poderia ser um aquecedor de água descartado. Também poderia facilmente ser um tapete enrolando um cadáver. Uma cerca alta de malha de aço acompanhava metade do caminho. Em um dia bom eu mal conseguiria escalar uma cerca de um metro de altura, quanto mais uma de três metros. Prédios de tijolos me ladeavam. Todas as janelas estavam sujas, oleosas, e eram gradeadas.

Pisando em caixotes e sacos de lixo, abri caminho pelo beco. Meus sapatos esmagavam cacos de vidro. Uma mancha branca correu entre as minhas pernas, deixando-me sem fôlego. Um gato. Só um gato. Ele desapareceu na escuridão à frente.

Procurei o celular no bolso, para mandar uma mensagem de texto para Vee, dizendo que eu estava próxima e que era para esperar por mim. Lembrei que tinha deixado o telefone no bolso do casaco. *Que ótimo!*, pensei. *Quais as chances de a mulher dos sacos de lixo me devolver o telefone?* Para ser precisa: de praticamente nenhuma a nenhuma.

Decidi que deveria tentar e, ao me virar, vi um seda preto polido passar em velocidade diante da entrada do beco. Subitamente o brilho avermelhado das luzes dos freios se acendeu.

Por razões que eu não poderia explicar além de uma simples intuição, mergulhei nas sombras.

Uma porta de carro se abriu e ouvi o barulho de tiros. Dois. A porta bateu e o carro preto saiu cantando pneus. Podia ouvir o coração martelando dentro do meu peito, som que se fundiu com o de passos apressados. Percebi um momento depois que eram meus próprios passos e que eu corria até a entrada do beco. Virei a esquina e parei abruptamente.

O corpo da mulher dos sacos de lixo estava desmoronado na calçada.

Corri e caí de joelhos ao seu lado.

— Você está bem? — disse freneticamente, virando seu corpo.

A boca estava aberta, e os olhos de passa, vazios. Um líquido escuro escorria do casaco acolchoado que eu usava três minutos antes.

Senti uma ânsia de pular para trás, mas me obriguei a procurar dentro do bolso do casaco. Precisava pedir ajuda. Mas o celular não estava ali.

Havia uma cabine telefônica na esquina, do outro lado da rua. Corri e disquei 911. Enquanto esperava que a telefonista atendesse, olhei de volta para o corpo da mulher dos sacos de lixo, e foi naquele momento que senti uma injeção de adrenalina gelada me atravessando. O corpo havia desaparecido.

Com as mãos trêmulas, desliguei. O som de passos que se aproximavam ecoou em meus ouvidos, mas não podia dizer se estavam perto ou distantes.

Toc, toc, toc

Ele está aqui, pensei. O cara da máscara de esquiador.

Joguei umas moedas no aparelho e agarrei o fone com as duas mãos. Tentei me lembrar do número do celular de Patch. Fechando os olhos com força, visualizei os sete algarismos que ele escrevera com tinta vermelha em minha mão no dia em que nos conhecemos. Antes de duvidar da minha própria memória, disquei o número.

— O que houve? — disse Patch.

Quase soluzei ao ouvir o som de sua voz. Eu podia ouvir o estalar das bolas de sinuca colidindo na mesa, ao fundo, e sabia que ele estava no Fliperama do Bo. Ele poderia estar ali em quinze, talvez vinte minutos.

— Sou eu. — Não ousava falar mais alto do que um sussurro.

— Nora?

— Estou em P-Portland. Na esquina das ruas Hampshire e Nantucket. Você pode vir me pegar? É urgente.

Eu estava encolhida no chão da cabine telefônica, contando silenciosamente até cem, tentando permanecer calma, quando um Jeep Commander preto se aproximou lentamente da calçada. Patch abriu a porta da cabine e agachou-se.

Ele despiu o que usava por cima — uma camisa preta de mangas compridas — ficando com outra também preta. Colocou a gola da camiseta sobre minha cabeça e um momento depois enfiou meus braços nas mangas. A camisa me engolia, as mangas penduradas bem abaixo da ponta dos meus dedos. Senti a combinação dos cheiros de tabaco, de água salgada e de sabonete de hortelã. Algo naquela mistura preenchia com um sentimento de segurança os vazios que eu carregava dentro de mim.

— Vou levá-la até o carro — disse Patch.

Ele me levantou. Envolvi o pescoço dele com meus braços e escondi meu rosto em seu peito.

— Acho que vou vomitar. — As palavras soavam vacilantes, assim como Patch. — Preciso dos comprimidos de ferro.

— Psiu — disse ele, apertando-me contra si. — Tudo vai ficar bem. Estou aqui. Consegui dar um pequeno aceno com a cabeça.

— Vamos dar o fora daqui. Outro aceno.

— Precisamos encontrar Vee — falei. — Ela está em uma festa a um quarteirão daqui.

Enquanto Patch dobrava a esquina com o Jeep, ouvi o som dos meus dentes batendo dentro da boca. Nunca na vida estivera tão assustada. Ver a mulher sem-teto morta me fez pensar no meu pai. Minha vista estava tingida de vermelho e, por mais que eu tentasse, não conseguia eliminar a imagem do sangue.

— Você estava no meio de um jogo de sinuca? — perguntei, lembrando do som das bolas colidindo ao fundo durante nossa breve conversa telefônica.

— Eu estava ganhando um apartamento em um condomínio.

— Um apartamento?

— Em um daqueles condomínios elegantes no lago. Eu teria odiado o lugar. Estamos na Highsmith. Você tem o número?

— Não consigo me lembrar — disse, erguendo-me para poder olhar melhor pelas janelas.

Todos os prédios pareciam abandonados. Não havia sinal de festa. Não havia sinal de vida. Ponto final.

— Você está com o celular? — perguntei a ele. Ele tirou um Blackberry do bolso.

— A bateria está fraca. Não sei se você vai conseguir completar a chamada. Mande uma mensagem de texto para Vee. ONDE ESTÁ vc?

MUDANÇA DE PLANOS, ela respondeu, ACHO QUE NÃO CONSEGUIRAM ENCONTRAR O Q PROCURAVAM. VAMOS PARA CASA.

A tela ficou negra.

— Apagou — disse para Patch.

— Você tem um carregador?

— Não está comigo. — Vee está voltando para Coldwater. Você poderia me deixar na casa dela?

Minutos depois estávamos na estrada costeira, dirigindo bem ao lado de um penhasco sobre o oceano. Eu já havia passado por ali antes, e quando o sol batia na água o resultado era um azul meio acinzentado, com manchas verdeescuras onde as árvores refletiam. Era noite, e o oceano parecia um veneno negro e liso.

— Você vai me contar o que aconteceu? — perguntou Patch.

O júri ainda não havia decidido o veredito. Eu não tinha certeza se deveria contar algo para Patch. Eu poderia dizer que a mulher dos sacos de lixo tinha levado tiros logo depois de ter me feito dar a ela meu casaco. Eu poderia dizer que achava que a bala era para mim. Então poderia tentar explicar que o corpo da mulher dos sacos havia desaparecido misteriosamente.

Lembrei-me do olhar enfurecido do detetive Basso quando lhe disse que alguém entrara em meu quarto. Eu não estava com vontade de ganhar olhares nem de me tornar motivo de piada novamente. Não com Patch. Não naquele momento.

— Eu me perdi e a mulher dos sacos me encurralou — disse eu. — Ela me fez tirar o casaco... — Sequei o nariz com as costas da mão e funguei. — Também ficou com meu gorro.

— O que você estava fazendo ali? — perguntou Patch.

— Ia encontrar com Vee em uma festa.

Estávamos na metade do caminho entre Portland e Coldwater, em um pedaço de estrada coberto de vegetação e despovoado, quando subitamente uma fumaça vazou do capô do Jeep. Patch freou, parando o carro na beira da estrada.

— Fique aí — disse ele, saindo do carro. Abrindo o capô do Jeep, ele desapareceu de vista.

Um minuto depois, ele fechou o capô. Esfregando as mãos nas calças, aproximou-se de minha janela, gesticulando para que eu a abrisse.

— Más notícias. É o motor.

Tentei parecer bem-informada e inteligente, mas tinha a impressão de que minha expressão estava vazia.

Patch ergueu a sobrancelha e disse:

— Que descanse em paz.

— Não vai andar?

Só se a gente empurrá-lo. De todos os carros do mundo, ele tinha de ganhar um carro bichado.

— Onde está o seu celular? — perguntou.

— Eu perdi.

Ele abriu um sorriso.

— Deixe eu adivinhar. Estava no bolso do casaco. A mulher dos sacos de lixo se deu bem, não foi?

Ele examinou o horizonte.

— Duas opções. Podemos pegar uma carona ou andar até a próxima saída e encontrar um telefone.

Saltei do carro, batendo com força a porta atrás de mim. Chutei o pneu dianteiro do Jeep. Sabia que estava usando a raiva para mascarar o medo que sentira naquele dia. Logo que estivesse completamente sozinha, cairia em prantos.

— Acho que tem um motel na próxima saída. Vou chamar um táxi — eu disse com os dentes batendo mais forte. — V-v-você espera aqui com o Jeep.

Ele abriu um leve sorriso, mas não parecia estar se divertindo.

— Não vou deixar você sozinha. Está parecendo um pouco perturbada, Anjo. Vamos juntos.

Cruzando os braços, encarei ele de frente. De tênis, meus olhos ficavam na altura dos ombros dele. Fui obrigada a inclinar o pescoço para trás para olhá-lo nos olhos.

— Não vou a nenhum lugar que lembre um motel com você.

Era melhor parecer firme, para diminuir a probabilidade de mudar de ideia.

— Você acha que a combinação de nós dois e um motel sórdido seria perigosa?

— Para falar a verdade, acho. Patch se apoiou no Jeep.

— Podemos ficar aqui e discutir o assunto. — Ele estreitou os olhos na direção do céu turbulento. — Mas essa tempestade está prestes a ganhar mais força.

Como se a Mãe Natureza quisesse dar sua contribuição para o veredito, o céu se abriu, e uma combinação densa de chuva e neve começou a desabar.

Lancei o olhar mais frio que pude para Patch e dei um suspiro zangado. Como sempre, ele tinha razão.

CAPÍTULO 22

Vinte minutos depois, Patch e eu encharcávamos a entrada de um motel barato. Não dissera uma palavra a ele enquanto corríamos no meio da chuva gelada, nem agora. Eu não estava apenas empapada, mas também completamente... desesperada. A chuva desabava, e eu não acreditava que logo estaríamos de volta ao Jeep. O que fazia com que eu, Patch e um motel estivéssemos na mesma equação por tempo indeterminado.

Uma campainha soou quando entramos, e o recepcionista ergueu-se abruptamente, espanando farelos de Cheetos do colo.

— O que vai ser? — perguntou, lambendo os dedos para retirar as manchas laranja. — Só vocês dois?

— P-p-precisamos usar o telefone — disse, batendo os dentes, esperando que ele pudesse compreender meu pedido.

— Não vai dar. As linhas estão mudas. Culpa da tempestade.

— O que v-você quer dizer com as linhas estão m-mudas? Você tem um celular? O funcionário olhou para Patch.

— Ela quer um quarto para não fumantes — disse Patch.

Virei para encarar Patch, dizendo silenciosamente: Você está ficando maluco?

O homem bateu em algumas teclas do computador.

— Parece que nós temos... Esperem aí... Bingo! Um quarto com cama king size para não fumantes.

— Ficamos com ele — disse Patch.

Ele me olhou de esguelha, e os cantos de sua boca se ergueram. Apertei os olhos.

Foi então que as luzes do teto se apagaram, mergulhando o saguão na escuridão. Ficamos todos em silêncio por um momento, até que o recepcionista tateou à volta e ligou uma lanterna enorme.

— Sou escoteiro — disse ele. — Como nos bons tempos: "Sempre alerta."

— Então você d-d-deve ter um celular? — indaguei.

— Eu tinha. Até que não consegui mais pagar a conta. — Ele deu de ombros.

O que eu posso dizer? Mamãe é pão-duro.

A mãe? Ele devia ter uns 40 anos. Não que fosse da minha conta. Eu estava mais preocupada com o que minha mãe faria quando chegasse do casamento e descobrisse que eu não estava em casa.

— Como vão pagar? — perguntou o recepcionista.

— Em dinheiro — respondeu Patch.

O recepcionista deu uma risadinha, balançando com a cabeça para cima e para baixo.

— Costuma ser uma forma popular de pagamento por aqui. — Ele se curvou para a frente e falou em um tom confidencial. — Nós recebemos muita gente que não

quer deixar rastros de suas atividades extracurriculares. Vocês me entendem.

A metade do meu cérebro que era lógica me dizia que eu não podia estar sequer considerando a possibilidade de passar a noite em um motel com Patch.

— É uma loucura — sussurrei para Patch.

— Eu sou louco. — Ele estava a ponto de sorrir novamente. — Por você. Quanto quer pela lanterna? — perguntou ao recepcionista.

O homem procurou algo embaixo da escrivaninha.

— Tenho uma coisa ainda melhor: velas tamanho gigante — disse ele, colocando duas na nossa frente. Riscando um fósforo, ele acendeu uma delas. — São de graça, não vão custar nada. Coloquem uma no banheiro e outra no quarto e nem vão perceber a diferença. Vou até deixar com vocês uma caixa de fósforos. No mínimo, será uma boa lembrancinha.

— Obrigado — disse Patch, pegando meu cotovelo e me levando pelo corredor. No quarto 106, Patch trancou a porta atrás de nós. Colocou a vela na mesa de cabeceira e então acendeu a outra com ela. Levantando o boné de beisebol, ele sacudiu as pontas do cabelo como se fosse um cachorro molhado.

— Você precisa de um banho quente — falou. Deu alguns passos para trás e pôs a cabeça dentro do banheiro. — Parece que tem sabonete e duas toalhas.

Ergui ligeiramente o queixo.

— Você não p-pode me obrigar a ficar aqui.

Só tinha concordado em ir tão longe porque, em primeiro lugar, não queria ficar lá fora na enxurrada. E, em segundo lugar, tinha muita esperança de encontrar um telefone.

— Isso me pareceu mais uma pergunta do que uma afirmação — disse Patch.

— Então resp-p-onda.

O sorriso vadio insinuou-se.

— É difícil me concentrar nas respostas quando você está desse jeito.

Baixei o olhar e vi a camiseta preta de Patch molhada e grudada em meu corpo. Esbarrei nele e fechei a porta do banheiro entre nós dois.

Abri a torneira de água quente até estar quase escaldante e tirei a camisa de Patch e minhas roupas. Um fio de cabelo negro e comprido estava preso na parede do chuveiro. Usei papel higiênico para capturá-lo e jogá-lo na privada. Então entrei atrás da cortina do chuveiro, observando minha pele ficar vermelha com o calor.

Passando sabonete nos músculos do pescoço e dos ombros, disse a mim mesma que poderia muito bem dormir no mesmo quarto que Patch. Não era o arranjo mais inteligente, nem o mais seguro, mas eu cuidaria pessoalmente para que nada acontecesse. Além disso, eu não tinha escolha... certo?

A metade imprudente do meu cérebro riu de mim. Eu sabia o que estava pensando. Anteriormente, eu me sentira atraída por Patch como se houvesse um misterioso campo de força entre nós. Agora eu me sentia

atraída por algo completamente diferente. Alguma sensação que causava muito calor. Seria inevitável um contato naquela noite. Em uma escala de um a dez, aquilo era um oito no quesito medo. E um nove no quesito excitação.

Fechei a água, saí do chuveiro e enxuguei a pele. Bastou uma olhada em minhas roupas ensopadas para saber que não tinha vontade de vesti-las. Talvez houvesse ali uma secadora de roupas que funcionasse com moedas... uma que não necessitasse de energia elétrica. Suspirei e vesti a blusa e as calcinhas, peças que haviam sobrevivido melhor à tempestade.

— Patch? — sussurrei pela porta.

— Acabou?

— Apague a vela.

— Feito — sussurrou em resposta, pela porta.

A risada dele também parecia tão suave que poderia ter sido sussurrada.

Depois de apagar a vela do banheiro, saí e encontrei a escuridão total. Podia ouvir a respiração de Patch bem diante de mim. Não queria pensar, no que ele estava — ou não estava — vestindo. Sacudi a cabeça para afastar a imagem que se formava na minha mente.

— Minhas roupas estão ensopadas. Não tenho nada para vestir — eu disse. Ouvei o som de tecidos molhados deslizando do corpo dele como se fossem um rodo.

— Sou um cara de sorte.

A camisa aterrissou formando uma pilha úmida aos nossos pés.

— Que situação embaraçosa — reclamei.

Eu podia sentir o sorriso dele. Ele estava perto, perto demais.

— Você deveria tomar um banho — exclamei. — Agora.

— Estou cheirando tão mal?

Para falar a verdade, ele cheirava bem demais. O odor de tabaco havia desaparecido; o de hortelã parecia mais intenso.

Patch desapareceu no banheiro. Tornou a acender a vela e manteve a porta encostada, deixando uma réstia de luz se espalhar pelo chão até a parede.

Deslizei parede abaixo, até estar sentada no chão, e então apoiei a cabeça contra a parede. Honestamente, eu não podia passar a noite ali. Precisava ir para casa. Era errado ficar ali sozinha com Patch, por mais que eu jurasse ser prudente. Eu devia notificar a polícia a respeito do corpo da mulher dos sacos de lixo. Devia mesmo? Como eu faria isso, com o corpo desaparecido? Que loucura! E era essa direção aterradora que meus pensamentos começavam a tomar, de qualquer forma.

Sem querer insistir na ideia de loucura, concentrei-me no ponto original. Eu não podia ficar ali sabendo que Vee estava com Elliot, em perigo, enquanto eu continuava em segurança.

Depois de pensar por um momento, decidi que precisava reorganizar aquela opinião. Segurança era uma questão

de ponto de vista. Enquanto Patch estivesse por perto, eu estava longe do perigo, mas isso não queria dizer que eu achasse que ele agiria como se fosse meu anjo da guarda.

Naquele momento desejei não ter me lembrado daquela história de anjo da guarda. Recorri ao meu poder de persuasão e bani todos os pensamentos sobre anjos — da guarda, caídos e de todos os tipos — da minha cabeça. Disse para mim mesma que provavelmente estava mesmo ficando maluca. Que eu soubesse, tivera alucinações sobre a morte da mulher dos sacos. E alucinações sobre as cicatrizes de Patch.

A água parou de cair, e um momento depois Patch apareceu vestindo apenas a calça jeans ensopada, que pendia bem abaixo da linha da cintura. Deixou a vela do banheiro acesa e a porta aberta. Uma cor suave cintilava no quarto.

Bastou uma olhada para eu perceber que Patch passava muitas horas correndo e levantando pesos. Não era possível ter um corpo tão definido sem muito suor nem exercícios. De repente me senti um tanto constrangida. Para não dizer *flácida*.

— Que lado da cama você prefere? — ele perguntou.

— Ahn?

Um sorriso astuto de raposa.

— Está nervosa?

— Não — disse com tanta segurança quanto seria possível naquelas circunstâncias.

E as circunstâncias eram que eu estava mentindo descaradamente.

— Você não sabe mentir — disse ele, ainda sorridente. — É a pior mentirosa que eu já vi.

Pus as mãos nos quadris, querendo dizer Como assim?

— Venha cá — disse ele, levantando-me.

Senti que a promessa que fizera antes a mim mesma de resistir começava a se desfazer. Tão perto de Patch, em dez segundos minhas defesas se reduziram a frangalhos.

Um espelho estava pendurado na parede atrás dele, e olhando sobre seu ombro eu vi as cicatrizes em forma de V de cabeça para baixo marcando sua pele com um traço negro.

Todo o meu corpo enrijeceu. Pisquei, para tentar fazer as cicatrizes desaparecerem, mas elas estavam ali de verdade.

Sem pensar, deslizei minhas mãos pelo peito dele e contornei as costas. A ponta de um dedo esbarrou na cicatriz à direita.

Patch ficou tenso com meu toque. Congelei. A ponta do meu dedo estremeceu sobre a cicatriz. Precisei de um momento para perceber que não era meu dedo que se movia. Era eu. Eu inteira.

Fui sugada por um redemoinho suave e turvo, e tudo escureceu.

CAPÍTULO 23

Eu estava no andar de baixo do fliperama do Bo com as costas para a parede, observando diversos jogos de sinuca. As janelas haviam sido cobertas com tábuas, e eu não conseguia dizer se era dia ou noite. A vez de Stevie Nicks saía pelas caixas de som, cantando uma canção sobre um pombo de asas brancas e as dores de se estar à beira dos 17 anos. Ninguém pareceu surpreso com a minha súbita aparição.

Então lembrei que não estava vestindo nada além de uma blusa e calcinhas. Não sou tão vaidosa, mas ficar no meio de uma multidão composta inteiramente por membros do sexo oposto praticamente pelada e não ter ninguém olhando para mim? Alguma coisa estava... esquisita.

Belisquei a mim mesma. Estava perfeitamente viva até onde podia conferir.

Abanei a mão para afastar a nuvem de fumaça de charuto e avistei Patch do outro lado do salão. Ele estava sentado em uma mesa de pôquer, jogado para trás, segurando uma série de cartas junto ao peito.

Atravessei o salão descalça, com os braços cruzados no peito, tomando cuidado para me manter coberta.

— Podemos conversar? — sibilei no ouvido dele.

Havia algo estranho na minha voz. O que era compreensível, pois eu não tinha a mínima ideia de como fora parar no Fliperama. Em um momento eu estava no motel, no outro estava ali.

Patch juntou uma pequena pilha de fichas e a colocou sobre a pilha que estava no centro da mesa.

— Que tal agora? — disse eu. — É um tanto urgente...

Calei-me quando meu olhar esbarrou no calendário na parede. Era de oito meses antes. Mostrava agosto do ano anterior. Um pouco antes de eu começar o segundo ano do ensino médio. Meses antes de conhecer Patch. Disse para mim mesma que aquilo era um erro, que a pessoa encarregada de arrancar as folhas andava atrasada, mas ao mesmo tempo considerei rapidamente, contrariada, a possibilidade de o calendário estar certo. Eu é que não estava.

Arrastei uma cadeira da mesa ao lado e me sentei perto de Patch.

— Ele está com um cinco de espadas, um nove de espadas, um ás de copas... Parei ao perceber que ninguém prestava atenção. Não, não era isso. Ninguém estava me vendo.

Passos ressoaram nos degraus do outro lado do salão, e o mesmo caixa que ameaçara me jogar na rua na primeira vez em que eu fui ali apareceu no pé da escada.

— Tem alguém lá em cima que quer dar uma palavra com você — falou para Patch.

Patch ergueu as sobrancelhas, transmitindo uma pergunta silenciosa.

— Ela não quis dizer o nome — respondeu o caixa, como se se desculpasse. — Perguntei algumas vezes. Disse que você estava no meio de um jogo, mas ela não quis ir embora. Posso expulsá-la, se quiser.

— Não, peça para ela descer.

Patch terminou de jogar sua mão, juntou as fichas e empurrou a cadeira.

— Estou fora.

Caminhou até a mesa de sinuca mais próxima da escada, na qual se recostou, e deslizou as mãos para dentro dos bolsos.

Eu o segui enquanto atravessava o salão. Estalei os dedos diante de seu rosto. Chutei suas botas. Cheguei a socar seu peito. Ele não reagiu, não se moveu.

Passos leves ressoaram na escada, ficando mais próximos, e quando a srta. Greene deixou a escadaria escurecida, experimentei um momento de confusão. O cabelo louro estava solto até a cintura e completamente liso. Ela usava jeans justíssimos, uma camiseta cor-de-rosa de alças e estava descalça. Vestida daquele jeito parecia ainda mais da minha idade. Chupava um pirulito.

O rosto de Patch é sempre como uma máscara, e nunca consigo adivinhar no que ele está pensando. Mas assim que colocou os olhos na srta. Greene, eu sabia que ele estava surpreso. Recuperou-se rapidamente, as emoções desaparecendo enquanto o olhar tornava-se cauteloso e atento.

— Dabria?

Meu coração acelerou. Tentei organizar minhas ideias, mas meu único pensamento era que se realmente eu estava oito meses no passado, como então a srta Greene e Patch se conheciam? Ela não trabalhava na escola ainda. E por que ele a chamava pelo primeiro nome?

— Como você está? — a srta. Greene/Dabria perguntou com um sorriso tímido jogando o pirulito na lixeira.

— O que está fazendo aqui?

Os olhos de Patch ficaram ainda mais atentos, como se com Dabria valesse o ditado "nem tudo o que parece é".

— Eu escapuli. — O sorriso apareceu de um lado só. — Precisava ver você de novo. Venho tentando há muito tempo, mas a segurança, bem, você sabe, não é exatamente frouxa. Os da sua espécie e os da minha... não devemos nos misturar. Mas você sabe disso.

— Foi uma péssima ideia vir até aqui.

— Sei que já faz muito tempo, mas eu esperava uma reação ligeiramente mais amistosa — disse ela, fazendo beicinho.

Patch não respondeu.

— Não parei de pensar em você. — Dabria baixou a voz para um tom suave e sexy e deu um passo para ficar mais próxima de Patch. — Não foi nada fácil descer até aqui. Lucianna está dando desculpas pela minha ausência. Estou arriscando o futuro dela e o meu também. Você não quer pelo menos ouvir o que tenho a dizer?

— Diga.

As palavras de Patch não demonstravam a mínima confiança.

— Não desisti de você. Depois de todo esse tempo... — Ela se interrompeu e piscou para conter um súbito

acesso de lágrimas. Quando voltou a falar, a voz estava mais composta, porém ainda tinha uma nota trêmula. — Sei como você pode recuperar suas asas.

Ela sorriu para Patch, mas ele não lhe devolveu o sorriso.

— Assim que recuperá-las, você poderá voltar para casa.
— falou, agora com mais segurança. — Tudo será como antes. Nada mudou. Não mudou de verdade...

— Qual é a armadilha?

— Não há armadilha. Você precisa salvar uma vida humana. Muito apropriado considerando o crime pelo qual foi banido para cá, para começar.

— Qual será o meu posto?

Toda a segurança desapareceu dos olhos de Dabria, e tive a impressão de que ele perguntara aquilo que ela esperava evitar.

— Acabei de lhe dizer como pode recuperar suas asas — disse ela, parecendo um pouquinho condescendente. — Acho que mereço um *obrigado*.

— Responda à pergunta.

Mas o sorriso sombrio me dizia que ele já sabia. Ou tinha um bom palpite. Qualquer que fosse a resposta de Dabria, ele não gostaria dela.

— Tudo bem. Você será um anjo da guarda, está bem?

Patch inclinou a cabeça para trás e riu suavemente.

— O que há de errado em ser um guardião? — Dabria exigiu saber. — Por que não é bom o bastante para você?

— Estou planejando algo melhor.

— Escute, Patch. Não há nada melhor. Você está se enganando. Qualquer outro anjo caído faria tudo para aproveitar a chance de recuperar as asas e se tornar um guardião. Por que não pode fazer o mesmo? — A voz dela parecia sufocada pelo espanto, pela irritação e pela rejeição.

Patch se afastou da mesa de sinuca.

— Foi bom vê-la de novo, Dabria. Faça uma boa viagem.

Inesperadamente, ela enfiou os dedos na camiseta dele, puxou-o para perto e o beijou com força na boca. Muito lentamente, o corpo de Patch se voltou para ela, a postura mais relaxada. Ele levantou as mãos e acariciou seus braços.

Engoli em seco, tentando ignorar a onda de ciúmes e de confusão em meu coração. Parte de mim queria virar as costas e chorar, parte queria atropelar os dois e sair gritando. Não que fizesse diferença. Eu estava invisível. Obviamente a srta. Greene... Dabria... quem quer que ela fosse... e Patch tinham um envolvimento romântico anterior. Será que ainda estavam juntos agora — no futuro? Será que ela havia se candidatado ao emprego em Coldwater High para ficar mais perto de Patch? Seria por isso que ela estava tão determinada a me afastar dele?

— Tenho que ir — disse Dabria, libertando-se. — Já fiquei tempo demais. Prometi para Lucianna que seria rápida. — Ela abaixou a cabeça contra o peito dele — Sinto sua falta — sussurrou. — Salve a vida de um humano e você voltará a ter asas. Volte para mim — implorou. — Volte para casa. — Ela se afastou subitamente. — Preciso ir.

Ninguém pode descobrir que estive aqui embaixo. Amo você.

Enquanto Dabria se afastava, a angústia desapareceu de seu rosto. Uma expressão astuta de segurança a substituiu. Era o rosto de alguém que havia blefado com uma composição de cartas bem complicada.

Sem aviso, Patch agarrou-a pelo pulso.

— Agora me conte por que mesmo você veio até aqui — exclamou.

Estremeci diante de um quê sombrio no tom de voz de Patch. Para um estranho, ele pareceria perfeitamente calmo. Mas era evidente para qualquer pessoa que o conhecesse minimamente. O olhar dele dizia a Dabria que ela havia ultrapassado os limites e que o melhor para ela seria recuar... naquele instante.

Patch a conduziu até o bar. Colocou-a em um dos bancos e deslizou para outro ao lado. Ocupei um ao lado de Patch, abaixando-me para ouvi-lo sem que a música atrapalhasse.

— O que você está querendo dizer? O que estou fazendo aqui? — gaguejou Dabria. — Eu lhe disse.

— Você está mentindo. Ela ficou boquiaberta.

— Não posso acreditar... você acha...

— Quero a verdade. Agora — disse Patch.

Dabria hesitou. Lançou-lhe um olhar intenso e furioso. Então falou:

— Ótimo. Eu conheço seus planos.

Patch soltou uma gargalhada. Era uma gargalhada que dizia: *tenho muitos planos. A qual deles você está se referindo?*

— Sei que ouviu boatos sobre *O livro de Enoque*. Também sei que você acha que pode fazer o mesmo, mas não pode.

Patch cruzou os braços sobre o balcão.

— Mandaram você aqui para me persuadir a escolher um caminho diferente, não foi? — Um sorriso despontou em seu olhar. — Se sou uma ameaça, os boatos devem ser verdadeiros.

— Não são. São apenas boatos.

— Se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo.

— Nunca aconteceu. Você sequer se deu o trabalho de ler *O livro de Enoque* antes da queda? — desafiou. — Sabe exatamente o que diz, palavra santa por palavra santa?

— Talvez você possa me emprestar um exemplar.— Isso é blasfêmia! Você está proibido de ler — gritou. — Você traiu todos os anjos do céu quando caiu.

— Quantos deles sabem o que estou procurando? — perguntou. — Que tipo de ameaça eu represento?

Ela sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Não posso dizer. Já falei mais do que devia.

— Vão tentar me impedir?

— Os anjos vingadores vão.

Ele a encarou com intensidade.

— A não ser que pensem que você me convenceu do contrário.

— Não me olhe assim. — Parecia que ela estava reunindo toda a sua coragem para parecer firme. — Não vou mentir para protegê-lo. O que você está tentando fazer é errado. Não é natural.

— Dabria. — Patch pronunciou o nome dela como uma delicada ameaça.

Em vez disso, poderia muito bem ter agarrado o braço dela e o torcido nas costas.

— Não posso ajudar você — disse ela com tranquila convicção. — Não dessa forma. Tire isso da cabeça. Torne-se um anjo da guarda. Concentre-se nisso e esqueça *O livro de Enoque*.

Patch plantou os cotovelos no balcão, imerso em pensamentos. Falou depois de um momento:

— Diga a eles que nós conversamos e que eu demonstrei interesse em me tornar um guardião.

— Interesse? — questionou ela, um pouco de incrédula.

— Interesse — repetiu ele. — Diga que pedi um nome. Se vou salvar uma vida, preciso saber quem está no começo da lista das partidas. Sei que você, como anjo da morte, tem acesso privilegiado a essa informação.

— Essa informação é sagrada, restrita e imprevisível. Os acontecimentos mundanos se alteram a cada momento, dependendo das escolhas humanas...

— Um nome, Dabria.

— Prometa primeiro que você vai esquecer *O livro de Enoque*. Dê-me sua palavra.

— Você confiaria na minha palavra?

— Não — respondeu ela. — Não confiaria.

Patch riu com frieza e, depois de pegar um palito do paliteiro, caminhou em direção à escada.

— Patch, espere... — Ela saltou do banco do bar. — Patch, espere, por favor. Ele virou a cabeça.

— Nora Grey — disse ela, tapando a boca com as mãos imediatamente.

A expressão de Patch demonstrou um ligeiro abalo — fechou a cara, num misto de descrença e aborrecimento. O que não fazia o menor sentido se o mês do calendário estivesse correto, pois ainda não havíamos nos conhecido. Meu nome não deveria ser familiar.

— Como ela vai morrer? — perguntou.

— Alguém quer matá-la.

— Quem?

— Eu não sei — disse ela, tapando os ouvidos e sacudindo a cabeça. — Há muito ruído e confusão por aqui. As imagens se misturam. Tudo vem rápido demais.

Não consigo enxergar com clareza. Preciso ir para casa. Preciso de paz e tranquilidade.

Patch ajeitou uma mecha do cabelo de Dabria atrás da orelha dela e lhe lançou um olhar persuasivo. Ela estremeceu com o toque, acenou a cabeça afirmativamente e então fechou os olhos.

— Não consigo... Não vejo nada... É inútil.

— Quem quer matar Nora Grey? — insistiu Patch.

— Espere, eu a vejo — disse Dabria. A voz dela ficou angustiada. — Há uma sombra atrás dela. É ele. Ele a segue. Ela não o vê... mas ele está bem ali. Por que ela não o vê? Por que ela não corre? Não consigo ver o rosto dele, está na sombra...

Os olhos de Dabria se arregalaram. De repente, ela respirou fundo.

— Quem é? — perguntou Patch.

Dabria pousou as mãos sobre a boca. Tremia quando levantou os olhos para encontrar os de Patch.

— É você — sussurrou.

Meu dedo deixou a cicatriz de Patch e a ligação se desfez. Precisei de um momento para me refazer e Patch me pegou desprevenida, atirando-me na cama no instante seguinte. Ele prendeu meus punhos sobre a minha cabeça.

— Não deveria ter feito isso. — Havia uma raiva controlada no rosto, sombrio e intenso. — O que você viu?

Levantei o joelho e chutei as costelas dele.

— Você... me... solte!

Ele prendeu meus quadris com as pernas, imobilizando-me. Com os braços ainda levantados sobre a cabeça e sob o peso dele, eu não podia fazer nada além de me contorcer.

— Solte... ou... vou começar a gritar!

— Você já está gritando. E nada vai acontecer num lugar desses. Isto aqui é mais um bordel do que um motel. — Ele deu um sorriso agressivo, cheio de letalidade. — Última chance, Nora. O que você viu?

Eu estava tentando não chorar. Meu corpo inteiro fora tomado por uma emoção tão estranha que eu não consegui sequer identificá-la.

— Você me enoja! — exclamei. — Quem é você? Quem é você, de verdade? A boca ficou ainda mais sombria.

— Estamos chegando mais perto.

— *Você quer me matar!*

O rosto de Patch nada dizia, mas os olhos ficaram mais frios.

— O Jeep não quebrou de verdade, não é? — disse eu. — Você mentiu. Trouxe-me aqui para poder me matar. É o que Dabria disse que você queria fazer. Bem, o que está

esperando? — Eu não tinha a mínima ideia do que estava fazendo nem me importava. Estava cuspidando palavras em uma tentativa de manter meu pavor sob controle. — Você vem tentando me matar todo esse tempo. Desde o começo. Vai me matar agora?

Encarei-o com dureza, sem pestanejar, tentando impedir que as lágrimas se derramassem enquanto eu me lembrava do dia fatídico em que ele aparecera em minha vida.

— É tentador.

Eu me contorci. Tentei me virar para a direita, depois para a esquerda. Finalmente percebi que estava desperdiçando muita energia e parei. Patch voltou os olhos para mim. Estavam mais negros do que eu jamais os vira.

— Aposto que está gostando disso — disse eu.

— Seria uma aposta inteligente.

Senti meu coração reverberando até a ponta dos meus pés.

— Então faça logo! — exclamei, desafiadora.

— Matar você?

Fiz que sim com a cabeça.

— Mas primeiro preciso saber a razão. De todos os bilhões de pessoas no mundo, por que eu?

— Genes ruins.

— É isso? É a única explicação que vou receber?

— No momento, sim.

— O que isso quer dizer? — Minha voz se elevou novamente. — Só vou saber o restante da história depois que você perder o controle e me matar?

— Não preciso disso para matá-la. Se quisesse sua morte há cinco minutos, você teria morrido há cinco minutos.

Engoli em seco diante dessa informação não muito animadora. Ele passou o polegar em minha marca de nascença. O toque era enganadoramente suave, o que tornava tudo ainda mais doloroso de suportar.

— E Dabria? — perguntei, ainda resfolegando. — Ela é a mesma coisa que você, não é? Vocês dois são... anjos. — Minha voz vacilou ao dizer aquilo.

Patch aliviou ligeiramente o peso sobre meus quadris, mas continuou prendendo meus punhos.

— Se eu soltar, você vai me ouvir?

Se ele me soltasse, eu sairia correndo para tentar alcançar a porta.

— E você se importaria se eu saísse correndo? Apenas me arrastaria de volta para cá.

— Verdade, mas causaria uma cena.

— Dabria é sua namorada?

Eu podia sentir meu peito subindo e descendo com a respiração entrecortada. Eu não tinha certeza de querer ouvir a resposta. Não que importasse. Agora que eu

sabia que Patch queria me matar, era ridículo me importar com aquilo.

— Ela foi. Há muito tempo, antes que eu fosse para o lado negro. — Ele deu um sorriso duro, tentando fazer graça. — Também foi um erro.

Ele se sentou nos calcanhares, soltando-me devagar, testando para ver se eu reagiria. Fiquei caída no colchão, respirando com dificuldade, apoiada nos cotovelos. Conteí até três e me lancei sobre ele com toda a força que tinha.

Joguei-me contra seu peito, mas ele só balançou ligeiramente e não se moveu. Eu me contorci e comecei a bater nele com as mãos cerradas. Golpeei seu peito até meus pulsos começarem a doer.

— Acabou? — perguntou.

— Não! — Dei uma cotovelada na coxa dele. — Qual é o problema? Você não sente nada?

Levantei-me, equilibrando-me no colchão, e comecei a chutá-lo na barriga com toda a força.

— Você tem só mais um minuto — disse ele. — Ponha toda a raiva para fora. Então eu assumo.

Eu não sabia o que ele queria dizer com "eu assumo" e não queria descobrir. Dei um pulo para fora da cama, na direção da porta. Ele me agarrou ainda no ar e me jogou contra a parede. As pernas dele estavam apertadas contra as minhas, frente a frente, por toda a extensão das nossas coxas.

— Quero a verdade! — exclamei, lutando para não chorar. — Você foi para a escola para me matar? Era esse seu objetivo desde o início?

Um músculo do queixo de Patch se contraiu.

— Era.

Enxuguei uma lágrima que ousou escapular.

— Você está se sentindo triunfante? Conseguiu o que queria, não foi? Me fez confiar em você para jogar isso depois na minha cara?

Eu sabia que estava tomada por uma ira irracional. Deveria estar aterrorizada e agitada. Deveria estar fazendo todo o possível para fugir. A parte mais irracional de minha mente ainda não queria acreditar que ele me mataria, e, por mais que eu tentasse, não conseguia abafar esse pedacinho ilógico de confiança.

— Entendo que você esteja zangada... — disse Patch.

— Estou furiosa! — berrei.

As mãos dele deslizaram pelo meu pescoço, escaldantes. Ele apertou suavemente os polegares contra minha garganta e jogou minha cabeça para trás. Senti seus lábios pressionando os meus com tanta força que ele conseguiu silenciar qualquer xingamento que estivesse prestes a sair. As mãos dele desceram até meus ombros, escorregaram pelos meus braços e se detiveram no final das minhas costas. Pequenos calafrios de pânico e de prazer me atravessaram. Ele tentou me apertar contra si, mas eu mordi seu lábio.

Ele lambeu o lábio com a ponta da língua.

— Você me mordeu?

— Isso tudo é uma brincadeira para você? — perguntei. Passou novamente a língua nos lábios.

— Nem tudo.

— O que não é?

— Você.

A noite toda parecia fora dos eixos. Era difícil confrontar alguém tão indiferente quanto Patch. Não, ele não era indiferente. Era perfeitamente controlado. Até a última célula de seu corpo.

Ouvi uma voz dentro da minha cabeça. *Relaxe. Confie em mim.*

— Minha nossa — exclamei com uma explosão de lucidez. — Você está fazendo aquilo de novo, não é? Confundindo minha cabeça. — Lembrei o artigo que encontrara na internet ao procurar por anjos caídos no Google. — Você pode colocar mais do que palavras em minha mente, não é? Pode colocar imagens, imagens muito realistas, lá dentro.

Ele não negou.

— O Arcanjo. — Eu finalmente compreendia. — Você tentou me matar naquela noite, não foi? Mas algo deu errado. Depois você me fez pensar que o celular estava sem bateria para que eu não ligasse para Vee. Você estava planejando me matar durante a viagem para casa? Quero saber como me faz ver o que quer!

O rosto dele estava cuidadosamente sem expressão.

— Ponho palavras e imagens lá dentro, mas é você quem decide se acredita ou não. É um enigma. As imagens se sobrepõem à realidade, e você precisa decidir o que é real.

— Esse é um poder especial de anjo? Ele balançou a cabeça.

— Poder de anjo caído. Nenhum outro tipo de anjo invadiria sua privacidade, embora pudesse.

Porque os outros anjos eram bons. E Patch não era.

Patch apoiou as mãos contra a parede atrás de mim, uma de cada lado da minha cabeça.

— Coloquei na cabeça do técnico a ideia de mudar a disposição dos lugares porque precisava ficar perto de você. Fiz você acreditar que tinha despencado do Arcanjo porque queria matá-la, mas não consegui ir adiante. Quase fiz isso, mas parei. Em vez disso, resolvi assustada. Então fiz com que você pensasse que seu celular estava sem bateria, porque queria lhe dar uma carona para casa. Quando entrei em sua casa, peguei uma faca. Queria matá-la naquele momento — A voz dele se suavizou. — Você me fez mudar de ideia.

Respirei fundo.

— Não compreendo. Quando contei que meu pai tinha sido assassinado você pareceu lamentar sinceramente. Quando você conheceu minha mãe, foi gentil

— Gentil — repetiu Patch. — Vamos manter isso entre nós.

Minha cabeça girava cada vez mais rápido. Podia sentir uma pulsação nas têmporas. Já havia sentido esse pânico, essa aceleração do coração antes. Precisava dos meus comprimidos de ferro. Era isso, ou então Patch estava me fazendo acreditar que precisava deles.

Ergui o queixo e apertei os olhos.

— Saia da minha cabeça. *Agora!*

— Não estou na sua cabeça, Nora.

Curvei-me para a frente, apoiando as mãos nos joelhos, inspirando com força.

— Você está. Eu sinto. É isso o que vai fazer? Me sufocar?

Estalos suaves ecoavam em meus ouvidos, e manchas negras apareceram diante dos meus olhos. Tentei encher os pulmões, mas era como se o ar tivesse desaparecido. O mundo perdeu o foco. Patch saiu do meu campo visual. Apoiei a mão na parede para me equilibrar. Quanto mais eu tentava inspirar, mais apertada ficava minha garganta.

Patch avançou na minha direção, mas joguei a mão para a frente.

— Afaste-se!

Ele apoiou um ombro na parede e me encarou, com a boca apertada em se preocupação.

— Afaste-se... de... mim! — balbuciei. Ele não se afastou.

— Não... consigo... respirar! — disse engasgada, agarrando a parede com das mãos e a garganta com a

outra.

De repente, Patch me levantou e me carregou até a cadeira do outro lado do quarto.

Coloque a cabeça entre os joelhos — disse, empurrando minha cabeça para baixo. Abaixei a cabeça, respirando rapidamente, tentando forçar o ar para dentro dos pulmões. Muito lentamente, senti o oxigênio de volta ao meu corpo. — Está melhor? — perguntou Patch depois de um minuto. Sacudi a cabeça afirmativamente uma vez.

— Você está com seus comprimidos de ferro? Balancei a cabeça para os lados.

— Mantenha a cabeça baixa e inspire fundo e devagar. Segui as instruções e senti o aperto em meu peito diminuir. — Obrigada — disse baixinho.

— Ainda não confia nas minhas intenções?

— Se quer que eu confie em você, deixe-me tocar novamente nas cicatrizes. Patch me estudou silenciosamente durante um longo momento.

— Não é uma boa ideia.

— Por que não?

— Não posso controlar o que você vê.

— Mas a ideia é essa.

Ele esperou alguns segundos antes de responder. A voz era baixa, sem emoção.

— Você sabe que tenho segredos. — Havia uma pergunta naquela frase.

Sabia que Patch levava uma vida de portas fechadas e segredos. Não tinha a presunção de que nem metade desses segredos tivesse relação comigo. Patch levava uma vida diferente além daquela que compartilhava comigo. Mais de uma vez eu tinha especulado como seria essa outra vida. Tinha a impressão de que quanto menos soubesse, melhor seria.

Meus lábios tremeram.

Dê uma razão para eu confiar em você.

Patch sentou-se em uma quina da cama, o colchão cedendo com seu peso. Curvou-se para a frente, descansando os antebraços nos joelhos. As cicatrizes estavam completamente à vista, e a luz das velas fazia com que sombras estranhas dançassem em torno de sua superfície. Os músculos das costas se tencionaram e depois relaxaram.

Vá em frente — ele disse suavemente. — Não se esqueça de que as pessoas mudam, mas o passado, não.

De repente, não tinha tanta certeza de querer fazer aquilo. Patch me aterrorizava praticamente em todos os níveis. Mas bem no fundo eu não achava que ele me mataria. Se quisesse mesmo isso, já poderia ter feito. Observei as terríveis cicatrizes.

Confiar em Patch parecia bem mais confortável do que tropeçar novamente em seu passado sem ter a menor ideia do que iria encontrar.

Mas, se eu recuasse agora, Patch saberia que eu tinha medo. Ele estava abrindo uma daquelas portas fechadas só para mim, e só porque eu havia pedido. Não podia

fazer um pedido tão sério desses e simplesmente mudar de ideia.

— Não corro o risco de ficar presa lá para sempre, não é?

— perguntei Patch deu uma gargalhada curta.

— Não.

Reuni toda a coragem que tinha e sentei-me na cama ao seu lado. Pela segunda vez naquela noite, meu dedo esbarrou na protuberância da cicatriz. Minha visão foi tomada por uma névoa cinza que começava a surgir pelas beiradas. As luzes se apagaram.

CAPÍTULO 24

Eu estava deitada de costas. Minha blusa absorvia a umidade, a grama roçava a pele desnuda dos meus braços. A lua acima não era mais do que uma fatia fina, um sorriso caído na lateral. Além do estrondo de trovões distantes, tudo o mais estava quieto.

Pisquei várias vezes seguidas, apressando meus olhos a se adaptarem à pouca luz. Quando virei a cabeça para o lado, um arranjo simétrico de galhos curvos despontando do meio da grama apareceu diante dos meus olhos. Muito lentamente, levantei-me. Não conseguia tirar os olhos das duas órbitas negras que me encaravam sobre os gravetos recurvados. Minha mente se esforçou para reconhecer a viagem familiar. Em seguida, depois de um terrível momento de reconhecimento, eu entendi. Estava ao lado de um esqueleto humano.

Engatinhei para trás até chegar a uma cerca de ferro. Tentei entender como havia parado ali, naquela situação, e pensei em minha última lembrança. Eu havia tocado nas cicatrizes de Patch. Onde quer que eu estivesse, era em algum lugar dentro de sua memória.

Uma voz masculina vagamente familiar atravessou a escuridão cantando uma música em voz baixa. Virei-me na direção dele e vi um labirinto de lápides espalhadas como peças de dominó no meio da neblina. Patch estava agachado sobre uma delas. Usava apenas uma calça Levi's e uma camiseta azul-marinho, embora a noite não estivesse quente. — Fazendo serão com os mortos? — perguntou a voz familiar. Era áspera, densa, com sotaque irlandês. Rixon. Ele se acomodou em uma lápide diante

de Patch, observando-o. Passou o polegar no lábio inferior.

— Deixe-me adivinhar. Você está decidido a possuir os mortos? Não sei, não — disse ele, balançando a cabeça.

— Vermes saindo das órbitas... E de outros orifícios... Talvez isso seja ir longe demais.

— É por isso que continuo perto de você, Rixon. Você sempre vê o lado bom.

— Esta noite começa Cheshvan — disse Rixon. — O que você está fazendo aqui no cemitério?

— Estou pensando.

— Pensando?

— É um processo no qual uso o cérebro para tomar decisões racionais. Os cantos da boca de Rixon se contraíram para baixo.

— Estou começando a me preocupar com você. Vamos. Hora de sair. Chauncey Langeais e Barnabé nos aguardam. A lua muda à meia-noite. Confesso que estou de olho em uma gatinha da cidade. — Ele soltou uma espécie de miado. — Sei que você gosta de ruivas, mas eu prefiro as loiras e, assim que arranjar um corpo, pretendo resolver um assunto pendente com uma loira que andou dando em cima de mim recentemente.

Como Patch não se mexeu, Rixon falou:

— Você está maluco? Precisamos ir. O juramento de lealdade de Chauncey! Não está lembrado? Que tal essa? Você é um anjo caído. Nada pode sentir. Quer dizer, até hoje à noite. As próximas duas semanas serão um

presente de Chauncey para você. Um presente entregue de má vontade, aliás — ele acrescentou com um sorriso cúmplice.

Patch olhou Rixon pelo canto do olho.

— O que você sabe sobre *O livro de Enoque*?

— Mais ou menos o mesmo que todo anjo caído sabe: praticamente nada.

— Contaram-me uma história do *Livro de Enoque*. Sobre um anjo caído que se transforma em humano.

Rixon dobrou-se de rir.

— Perdeu a cabeça, companheiro?

Ele juntou a beirada das palmas das mãos, imitando um livro aberto.

— *O livro de Enoque* é um conto de fadas. Dos bons, pelo que parece. Mandou você direto para o país dos sonhos.

— Eu quero um corpo humano.

— Você ficaria melhor com duas semanas no corpo de um nefilim. Metade de um humano é melhor do que nada. Chauncey não pode desfazer o que foi feito. Ele fez um juramento e deve obedecer. Como no ano passado, e no ano anterior...

— Duas semanas não são suficientes. Eu quero ser humano. Permanentemente.

— Os olhos de Patch penetraram em Rixon, desafiando-o a rir de novo.

Rixon passou as mãos nos cabelos.

— *O livro de Enoque* é um conto de fadas. Somos anjos caídos, e não humanos. Nunca fomos humanos, nunca seremos. Final da história. Agora pare de perder tempo e me ajude a descobrir o caminho para Portland. — Ele jogou o pescoço para trás e observou o céu escuro.

Patch desceu da sepultura.

— Vou me tornar humano.

— Claro, companheiro, claro que vai.

— *O livro de Enoque* diz que preciso matar meu vassalo nefilim. Preciso matar Chauncey.

— Não, não precisa. — disse Rixon, com uma nota de impaciência na voz. — *Você deve possuí-lo*. Um processo que permite que você entre no corpo dele e o utilize como se fosse seu. Sem querer estragar sua ideia, você não pode matar Chauncey. Os nefilins não podem morrer. Já pensou nisso? Se você pudesse matá-lo, não poderia possuí-lo.

— Se matá-lo, me tornarei humano e não precisarei mais possuí-lo.

Rixon pressionou o canto dos olhos como se soubesse que seus argumentos estavam entrando por um ouvido e saindo pelo outro e aquilo estivesse lhe dando dor de cabeça.

— Se pudéssemos matar nefilins, já teríamos encontrado um jeito antes. Mas lamento dizer, rapaz, se eu não for parar nos braços daquela lourinha logo, meu cérebro vai derreter. E outras partes do meu...

— Duas opções — disse Patch.

— Ahn?

— Salvar a vida de um humano e se transformar em anjo da guarda ou matar seu vassalo nefilim e se tornar humano. Escolha.

— Isso é mais bobagem do *Livro de Enoque*?

— Dabria me fez uma visita.

Os olhos de Rixon se arregalaram e ele soltou uma gargalhada.

— Sua ex-namorada psicótica? O que ela anda fazendo aqui? Caiu? Perdeu as asas?

— Ela desceu para me contar que posso recuperar as asas se salvar a vida de um humano.

Os olhos de Rixon se arregalaram ainda mais.

— Se você confia nela, vá fundo. Não há nada de errado em ser um guardião. Passar os dias tirando os mortais do perigo... pode ser divertido, dependendo do mortal. — Mas se você tivesse uma opção? — indagou Patch.

— O.k., bem, minha resposta depende de um detalhe importante. Estou bêbado como um gambá... ou fiquei completamente louco? — Quando Patch não riu Rixon afirmou com seriedade. — Não há escolha. E vou dizer o porquê. Não acredito no livro. Se eu fosse você, correria atrás do posto de guardião. Eu mesmo estou pensando no caso. Uma pena que eu não saiba de humanos que estejam à beira da morte.

Houve um momento de silêncio. Depois, Patch pareceu desvencilhar-se de seus pensamentos.

— Quanto dinheiro podemos ganhar antes da meia-noite?
— perguntou Patch.

— Com o baralho ou o boxe?

— O baralho.

Os olhos de Rixon reluziram.

— O que temos aqui? Um garotinho lindo? Venha cá que vou lhe dar uma bela sacudida.

Ele deu uma chave de braço em Patch, que o pegou pela cintura e o arrastou pela grama, onde os dois se revezaram numa troca de socos.

— Tudo bem, tudo bem! — berrou Rixon, erguendo as mãos para se render. — Não é porque não sinto o sangue escorrer que vou querer passar o restante da noite desfilando com a boca ferida. — Ele piscou. — Isso não vai me ajudar com as mulheres.

— E um olho roxo, vai?

Rixon ergueu os dedos até os olhos, examinando.

— Você não fez isso! — ele exclamou, dando um soco em Patch.

Tirei o dedo das cicatrizes de Patch. A pele da minha nuca estava arrepiada e meu coração batia rápido demais. Patch me encarou com uma sombra de dúvida no olhar.

Fui forçada a aceitar que talvez aquela não fosse a hora de recorrer à metade lógica do meu cérebro. Talvez fosse uma daquelas ocasiões em que eu precisava passar dos limites. Parar de obedecer às regras do jogo. Aceitar o impossível.

— Então você não é mesmo humano — disse. — Você é mesmo um anjo caído. Um dos maus.

O comentário fez Patch deixar escapar um sorriso.

— Você acha que eu sou um sujeito mau?

— Você possui... o corpo de outras pessoas.

Ele aceitou a afirmativa com um aceno de cabeça.

—Você quer possuir meu corpo?

— Quero fazer muitas coisas com seu corpo, mas isso não.

— O que está errado com o corpo que você tem?

— Meu corpo se parece muito com um espelho. Real, mas se limita a uma camada exterior, refletindo o mundo à minha volta. Você me vê e me ouve e eu a vejo e a ouço. Quando você me toca, você sente. Não tenho a mesma experiência que você. Não consigo senti-la. Experimento tudo através de uma vidraça, e a única forma de vencer essa barreira é possuindo o corpo de um humano.

— Ou de alguém metade humano. A fisionomia de Patch endureceu.

— Quando tocou minhas cicatrizes, viu Chauncey? — arriscou.

— Ouvi você conversar com Rixon. Ele disse que você possui o corpo de Chauncey durante duas semanas, todos os anos, durante o Cheshvan. Ele disse que Chauncey também não é humano. É um nefilim. — A palavra deixou minha língua como um sussurro.

— Chauncey nasceu da união entre um anjo caído e uma humana. É imortal como um anjo, mas possui todos os sentidos de um mortal. Um anjo caído que deseja ter sensações humanas pode fazê-lo por intermédio do corpo de um nefilim.

— Se você não consegue sentir nada, por que me beijou?

Patch passou o dedo em minha clavícula e então foi para baixo, parando em meu coração. Eu sentia minhas batidas através da pele.

— Porque sinto aqui, no meu coração — disse em tom suave. — Não perdi a capacidade de sentir emoções. — Ele me observou atentamente. — Vamos colocar desta maneira: nossa ligação emocional não é deficiente.

Não entre em pânico, pensei. Mas já respirava mais rápida e superficialmente.

— Você quer dizer que pode sentir felicidade, tristeza ou...

— Desejo. — Havia um quase sorriso.

Não pare, disse para mim mesma. Não dê tempo para que suas emoções a dominem. Trate delas mais tarde, após obter respostas.

— Por que você caiu?

Os olhos de Patch permaneceram nos meus por alguns segundos.

— Desejo. Engoli em seco.

— Desejo por dinheiro?

Patch afagou o queixo. Só fazia aquilo quando queria esconder o que estava pensando. Era a boca que revelava seus pensamentos. Ele tentava suprimir um sorriso.

— E por outras coisas também. Pensava que me tornaria humano se caísse. Os anjos que tentaram Eva foram expulsos para a Terra, e havia boatos de que tinham perdido as asas e se tornado humanos. Quando deixaram o paraíso, não houve uma grande cerimônia para muitos convidados. Foi reservada. Não sabia que as asas lhe haviam sido arrancadas ou que tinham sido condenados a vagar pela Terra, consumidos pelo desejo de possuir corpos humanos. Naquele tempo, ninguém havia sequer ouvido falar em anjos caídos. Na minha cabeça, fazia sentido achar que, se eu caísse, perderia as asas e me tornaria humano. Na época, eu estava louco por uma garota humana, e parecia valer à pena.

— Dabria disse que você pode recuperar as asas se salvar uma vida humana. Ela disse que você se transformará em um anjo da guarda. Não quer isso?

Eu estava confusa pelo fato de ele parecer rejeitar tanto a ideia.

— Não é para mim. Quero ser humano. Quero isso mais do que qualquer outra coisa.

— E Dabria? Se vocês dois não estão mais juntos, por que ela ainda está por aqui? Pensei que ela fosse um anjo como os outros. Ela também quer se tornar humana?

Patch ficou mortalmente imóvel, com todos os músculos dos braços enrijecidos.

— Dabria ainda está na Terra?

— Ela arranhou um emprego na escola. É a nova psicóloga, a srta. Greene. Já me encontrei com ela algumas vezes. — Senti meu estômago revirar. — Depois do que vi em sua memória, achei que ela arranjava o emprego para ficar mais perto de você.

— O que ela lhe disse exatamente quando você a encontrou?

— Disse para eu ficar longe de você. Deu a entender que seu passado era sinistro e perigoso. — Fiz uma pausa. — Tem algo de errado, não é? — perguntei, sentindo aqueles calafrios nefastos percorrerem minha espinha.

— Preciso levar você para casa. Depois vou para a escola para examinar os arquivos dela e ver se encontro alguma coisa de útil. Vou me sentir melhor se souber o que ela está planejando. — Patch tirou os lençóis da cama. — Enrolese neles. — disse, entregando-me uma trouxa de lençóis secos.

Minha cabeça se esforçava para juntar os fragmentos de informação. De repente, minha boca ficou seca e grudenta.

— Ela tem sentimentos mal resolvidos por você. Talvez me queira fora de cena.

Nossos olhares se encontraram.

— Isso já passou pela minha cabeça — disse Patch.

Um pensamento perturbador e aterrorizante estivera martelando em minha mente nos últimos minutos, tentando chamar minha atenção. Agora ele praticamente gritava, dizendo-me que Dabria poderia ser o cara com a máscara de esquiador. Durante todo o tempo, pensei que a pessoa que eu havia atropelado com o Neon fosse um homem, assim como Vee pensava ter sido atacada por um homem. Àquela altura, não descartava a possibilidade de Dabria ter enganado nós duas.

Depois de uma ida ao banheiro, Patch apareceu vestido com a camiseta molhada.

— Vou pegar o Jeep — disse ele. — Vou parar na saída dos fundos em vinte minutos. Até lá, fique no motel.

CAPITULO 25

Depois que Patch saiu, tranquei a porta com a corrente. Arrastei a cadeira que estava do outro lado do quarto e com ela travei a maçaneta. Verifiquei se todas as janelas estavam trancadas. Não sabia se trincos funcionariam com Dabria — não sabia sequer se ela estava mesmo me perseguindo —, mas concluí que seria melhor me precaver. Depois de andar de um lado para o outro por alguns minutos, tentei usar o telefone que estava na mesa de cabeceira. Continuava mudo. Minha mãe ia me matar.

Eu tinha escapulado enquanto ela não estava e partido para Portland. Como eu poderia explicar que tinha ficado em um motel com Patch? Teria sorte de não ficar de castigo até o final do ano. Não, eu teria sorte se ela não largasse o trabalho e se candidatasse a uma vaga de professora substituta até encontrar um emprego em tempo integral nas redondezas. Precisaríamos vender o casarão e eu perderia o único vínculo que ainda mantinha com meu pai.

Aproximadamente quinze minutos depois, olhei pelo olho mágico. Nada havia além de escuridão. Desobstruí a porta e, quando estava a ponto de abri-la, houve um piscar de luzes atrás de mim. Virei, praticamente esperando encontrar com Dabria. O quarto ainda estava quieto e vazio, mas a eletricidade havia voltado.

A porta se abriu com um estalo, e saí para o corredor. O carpete era vermelhosangue, completamente gasto no meio, manchado com marcas escuras de natureza não

identificada. As paredes tinham sido pintadas em cores neutras, mas a pintura era malfeita e estava lascada.

Acima, um letreiro de neon verde indicava o caminho para a saída. Segui a seta pelo corredor e dobrei uma esquina. O Jeep freou do outro lado da porta dos fundos. Saí correndo e pulei no banco do carona.

Não havia luzes acesas quando Patch se aproximou do casarão. Experimentei um aperto culpado no estômago e pensei que minha mãe poderia estar dirigindo pela área, à minha procura. A chuva parara, e a neblina se acumulava junto às paredes e aos arbustos como se fosse enfeites de Natal. As árvores que pontilhavam o caminho de entrada tinham ficado permanentemente retorcidas e deformadas por sofrerem com frequência os rigores do vento norte. Todas as casas parecem pouco hospitaleiras quando estão com as luzes apagadas, após o anoitecer, mas o casarão parecia mal-assombrado, com as pequenas aberturas das janelas, o telhado curvo, a varanda e os arbustos selvagens.

— Vou olhar lá dentro — disse Patch, saltando do carro.

— Você acha que Dabria pode estar lá dentro? Ele balançou a cabeça negativamente.

— Mas não custa checar.

Esperei no Jeep, e alguns minutos depois Patch saiu pela porta da frente.

— Está tudo bem — avisou. — Vou dirigir até a escola e volto assim que terminar de revistar a sala dela. Talvez tenha deixado alguma coisa de útil por lá. — Ele não parecia estar contando com isso.

Soltei o cinto de segurança e ordenei que minhas pernas me levassem rapidamente pelo caminho. Quando girei a maçaneta, ouvi Patch descendo pela saída. As tábuas da varanda rangeram sob meus pés, e subitamente me senti muito sozinha.

Mantive todas as luzes desligadas e me esgueirei pelo interior, vistoriando todos os cômodos, a partir do primeiro andar, e então subindo. Patch já examinara a casa, mas achei que não faria mal algum dar uma nova olhada. Depois que tive certeza de que ninguém estava escondido sob os móveis, atrás das cortinas do chuveiro ou nos armários, enfiei uma calça Levi's e um suéter preto com decote em V. Encontrei o celular de emergência que minha mãe mantinha no estojo de primeiros socorros sob a pia do banheiro e disquei o número dela.

Ela atendeu no primeiro toque.

— Alô? Nora? É você? Onde você está? Estou morrendo de tanta preocupação! Respirei fundo, rezando a fim de encontrar as palavras certas para me livrar daquela situação.

— Aconteceu o seguinte... — comecei a falar com minha voz mais sincera e lamentosa.

— Cascade Road foi inundada e ficou fechada. Precisei voltar e pegar um quarto em Milliken Mills, que é onde estou agora. Tentei ligar para casa, mas aparentemente os telefones estão mudos. Tentei seu celular, mas você não atendeu.

— Peraí. Você estava em Milliken Mills o tempo todo?

— Onde você achou que eu estivesse?

Soltei um suspiro de alívio inaudível e me abaixei para sentar na beira da banheira.

— Eu não sabia — exclamei. — Também não conseguia falar com você.

— De que número você está chamando? — perguntou mamãe. — Não estou reconhecendo.

— Do celular de emergência.

— Onde está seu telefone?

— Perdi.

— O quê? Onde?

Cheguei à tortuosa conclusão de que a única alternativa era mentir por omissão. Não queria alarmá-la. Também não queria ficar de castigo por tempo indeterminado.

— Não sei bem onde eu o deixei. Tenho certeza de que vai aparecer em algum lugar.

No cadáver de uma mulher.

— Ligo para você assim que abrirem a estrada — disse ela.

Em seguida, liguei para o celular de Vee. Depois de cinco toques, deixei um recado na secretária eletrônica.

— Onde você está? — falei. — Ligue para mim nesse número o mais rápido possível.

Fechei o telefone e o enfiei no bolso, tentando me convencer de que Vee estava ótima. Mas eu sabia que era uma mentira. O fio invisível que nos unia vinha me

avisando havia horas que ela estava em perigo. Para falar a verdade, a sensação crescia a cada minuto.

Na cozinha, vi um frasco com comprimidos de ferro sobre a bancada e fui direto pegá-lo, abri a tampa e engoli dois com um copo de leite achocolatado. Fiquei quieta por um momento, esperando surtir efeito, sentindo a respiração se aprofundar e se acalmar. Eu estava devolvendo a caixa de leite à geladeira quando a vi postada no portal entre a cozinha e a lavanderia.

Um líquido frio escorreu pelos meus pés. Percebi que tinha derramado o leite.

— Dabria? — perguntei.

Ela inclinou a cabeça para um lado, demonstrando ligeiro ar de surpresa.

— Você sabe meu nome? — Fez uma pausa. — Ah. Patch.

Recuei até a pia, aumentando a distância entre nós. Dabria não se parecia nada com a srta. Greene da escola. O cabelo estava cacheado, nada liso, e os lábios, mais brilhantes, refletiam certa fome. Os olhos pareciam mais agressivos, com um toque negro dentro deles.

— O que você quer? — perguntei.

Ela riu, produzindo um som que lembrava o tilintar de cubos de gelo dentro de um copo.

— Quero Patch.

— Patch não está aqui. Ela meneou a cabeça.

— Eu sei. Esperei lá fora antes de entrar, até que ele partisse. Mas não foi nisso que pensei quando disse que queria Patch.

O sangue latejando em minhas pernas retornou ao coração com efeito atordoante. Apoiei uma das mãos na bancada para me manter estável.

— Sei que você andou me espionando durante as sessões de aconselhamento.

— É tudo o que você sabe sobre mim? — ela perguntou com olhos penetrantes. Lembrei-me da noite em que percebi que alguém andara olhando pela janela do meu quarto.

— Você também andou me espionando aqui — disse.

— É a primeira vez que venho à sua casa. — Ela passou o dedo vagarosamente na bancada que ficava no centro da cozinha, separando nós duas e se acomodou em uma banquetta. — Bela casa.

— Deixe-me refrescar sua memória — disse, esperando parecer corajosa. — Você andou olhando pela janela do meu quarto enquanto eu dormia.

O sorriso dela alargou-se.

— Não, mas segui você nas compras. Ataquei sua amiga e deixei sugestõezinhas na cabeça dela, fazendo com que ela pensasse que Patch era o culpado. Não foi um grande esforço. Para começar, ele não é exatamente inofensivo. Eu tinha todo o interesse em deixar você com muito medo dele.

— Para que eu me afastasse dele.

— Mas você não se afastou. Ainda está atrapalhando.

— Atrapalhando o quê?

— Vamos lá, Nora. Se você sabe quem eu sou, então sabe como funciona. Quero que ele recupere as asas. Ele não pertence à Terra. Pertence a mim. Cometeu um erro e eu vou consertá-lo.

Não havia um toque sequer de condescendência em sua voz. Ela desceu da banqueta e contornou a bancada, na minha direção.

Recuei para junto do outro lado da bancada, mantendo a distância entre nós. Fiz um esforço mental para imaginar um modo de distraí-la. Ou de escapar. Eu morava na casa havia 16 anos. Conhecia a planta. Sabia de todos os lugares secretos e dos esconderijos. Ordenei que meu cérebro concebesse um plano, algo impulsivo e brilhante. Minhas costas esbarraram no aparador.

— Enquanto você estiver por aí, Patch não vai voltar comigo — disse Dabria.

— Acho que você superestima os sentimentos dele por mim.

Parecia uma boa ideia menosprezar nosso relacionamento. A possessividade aparentemente era a força motriz de Dabria. Um sorriso incrédulo apareceu em seu rosto.

— Você acha que ele tem esse tipo de sentimento por você? Todo esse tempo você pensou... — Ela interrompeu a frase, gargalhando. — Ele não vai ficar porque ama você. Ele quer matar você.

Sacudi a cabeça.

— Ele não vai me matar.

O sorriso de Dabria endureceu.

— Se é nisso que você acredita, então não passa de outra menina que ele seduziu para obter o que deseja. Ele tem talento para isso — acrescentou maliciosamente. — Afinal de contas, ele me seduziu para obter seu nome. Bastou um toque suave de Patch. Fiquei sob seu fascínio e lhe contei que a morte se aproximava de você.

Sabia do que ela estava falando. Eu testemunhara o momento exato a que ela se referia, dentro da memória de Patch.

— E agora ele está fazendo o mesmo com você — disse ela. — Dói ser traída, não é? Sacudi a cabeça lentamente.

— Não...

— Ele planeja usá-la como sacrifício — irrompeu. — Está vendo esta marca? — Ela colocou o dedo no meu pulso. — Significa que você é descendente de um nefilim. E não de qualquer nefilim: é descendente de Chauncey Langeais, o vassalo de Patch.

Olhei a cicatriz. Por um momento perturbador, cheguei a acreditar nela. Mas sabia que não devia confiar.

— Existe um livro sagrado, *O livro de Enoque* — ela explicou. — Nele, um anjo caído mata seu vassalo nefilim ao sacrificar uma de suas descendentes. Você não acha que Patch quer matá-la? O que mais ele quer? Ao

sacrificá-la, ele se tornará humano. Terá tudo o que deseja. E não irá para casa comigo.

Ela pegou uma grande faca do suporte de madeira sobre a bancada.

— É por isso que quero me ver livre de você. Parece que, de uma forma ou de outra, minha premonição estava correta. Sua morte está próxima.

— Patch está voltando — exclamei, sentindo-me enjoada.
— Você não quer conversar com ele sobre isso?

— Vai ser rápido — prosseguiu ela. — Sou um anjo da morte. Levo as almas para o outro mundo. Assim que acabar, carregarei sua alma através do véu. Não precisa ter medo.

Eu queria berrar, mas minha voz ficou presa na garganta. Contornei o aparador, deixando que a mesa da cozinha ficasse entre nós.

— Se você é mesmo um anjo, onde estão suas asas?

— Chega de perguntas. — A voz demonstrava impaciência. Ela começou a diminuir bastante a distância entre nós.

— Há quanto tempo você deixou o céu? — perguntei, tentando enrolar. — Você já está aqui há muitos meses, não é? Não acha que os outros anjos podem ter percebido sua ausência?

— Nem mais um passo — disse asperamente, erguendo a faca, a lâmina faiscando.

— Patch está lhe dando trabalho demais — exclamei, com a voz não totalmente desprovida de pânico, como eu queria. — Estou surpresa de você não ficar ressentida por ele usá-la quando é adequado aos objetivos dele. Fico surpresa por você querer que ele recupere as asas. Depois de tudo o que ele fez, você não está feliz por ele ter sido banido para cá?

— Ele me deixou por uma miserável garota humana — ela cuspiu, com os olhos azuis em chamas.

— Ele não a deixou. Não exatamente. Ele caiu...

— Ele caiu porque queria ser humano, como ela! Ele tinha a mim... Ele tinha a mim! — Ela soltou uma gargalhada de desprezo que não escondia nem a raiva nem a tristeza. — No início eu me senti ferida e zangada, e fiz tudo o que podia para esquecê-lo. Depois, quando os arcanjos compreenderam que ele estava realmente tentando se tornar humano, enviaram-me aqui para fazê-lo mudar de ideia. Disse para mim mesma que não me apaixonaria por ele de novo, mas de que adiantou?

— Dabria... — comecei a dizer suavemente.

— Ele nem se importava com o fato de aquela garota ser feita com a poeira da terra! Você, todos vocês, são egoístas e preguiçosos! Seus corpos são selvagens e indisciplinados. Num momento encontram-se no auge da alegria, no seguinte estão à beira do desespero. É deplorável! Nenhum anjo aspira a tal condição! — Ela lançou o braço diante do rosto, em um gesto dramático, secando as lágrimas. — Olhe para mim! Mal posso me controlar! Fiquei tempo demais aqui, submersa na imundície humana.

Virei-me e saí correndo da cozinha, derrubando uma cadeira atrás de mim, para deixá-la no caminho de Dabria. Disparei pelo corredor, sabendo que estava entrando em um beco sem saída. A casa tinha dois acessos: a porta da frente, que poderia ser alcançada por Dabria antes de mim, cortando caminho pela sala de estar, e a porta dos fundos, na sala de jantar, que ela bloqueava.

Fui empurrada com força pelas costas e lançada para a frente. Derrapei pelo corredor, caindo de barriga para baixo. Virei-me. Dabria pairava a alguns metros sobre mim — *no ar* —, a pele e o cabelo banhados por uma brancura ofuscante. Apontava a faca na minha direção.

Não pensei. Dei um chute, com toda a força. Joguei-me para a frente, apoiando-me com a outra perna, e mirei seu antebraço. A faca caiu da mão dela. Enquanto eu me levantava, Dabria apontou para um abajur na mesinha da entrada e com um gesto do dedo fez com que ele voasse direto até mim. Rolei, sentindo sob mim os estilhaços da lâmpada espatifada no chão.

— *Mova-se!* — ordenou Dabria.

E o banco da entrada deslizou, criando uma barreira diante da porta da frente, bloqueando minha saída.

Arrastando-me para a frente, subi as escadas, de dois em dois degraus, usando o corrimão para ir mais rápido. Ouvi a risada de Dabria no corredor. Joguei meu peso para trás, para evitar cair da beirada desprotegida. Depois de recuperar o equilíbrio, voei pelos últimos degraus. Ao chegar lá em cima, entrei no quarto da minha mãe e bati as portas duplas.

Corri até uma das janelas ao lado da lareira e olhei para o chão lá embaixo, que ficava a dois andares de distância. Havia três arbustos em um canteiro de pedras logo abaixo, sem folhagens desde o outono. Eu não sabia se conseguiria sobreviver à queda.

— *Abra!* — ordenou Dabria, do outro lado da porta.

A madeira rachou enquanto a porta era forçada contra o trinco. Não havia mais tempo.

Corri para a lareira e mergulhei no console. Tinha acabado de levantar os pés, firmando-os no interior da chaminé, quando as portas se abriram, batendo contra a parede. Ouvi os passos de Dabria seguirem até a janela.

— Nora! — chamou, com a voz delicada e aterrorizante.
— Sei que você está por perto! Sinto sua presença. Você não pode correr, nem se esconder. Vou queimar a casa inteira, cômodo por cômodo, se for preciso para encontrá-la. E então vou abrir caminho queimando os campos em torno da casa. Não vou deixar você escapar viva!

O fulgor de uma luz forte e dourada ganhou vida do lado de fora da lareira, e junto o barulho do fogo se acendendo. As chamas produziam sombras que dançavam dentro da lareira, embaixo de mim. Ouvi o estalo e o estrépito do fogo — provavelmente consumindo os móveis e as tábuas de madeira do chão.

Fiquei escondida na chaminé. Meu coração palpitava, o suor escorria. Respirei profundamente várias vezes, soltando o ar lentamente, para administrar a dor dos músculos das pernas, intensamente contraídos. Patch tinha dito que ia até a escola. Quanto tempo levaria para voltar?

Sem saber se Dabria ainda estava no quarto, mas temendo ficar presa pelo fogo lá dentro se não saísse naquele instante, baixei uma perna dentro da lareira, e então a outra, e saí do esconderijo. Dabria não estava por perto, mas as chamas subiam pelas paredes. A fumaça tomava conta de todo o quarto.

Corri pelo corredor, sem ousar descer. Imaginei que Dabria esperava que eu tentasse escapar por uma das portas. Abri a janela do meu quarto. A árvore lá fora estava próxima e era também robusta o bastante para permitir que eu a escalasse. Talvez a neblina me ocultasse atrás da casa. Os vizinhos mais próximos estavam a cerca de um quilômetro e meio de distância. Se eu corresse bem rápido, poderia chegar lá em sete minutos. Eu estava a ponto de colocar a perna para fora da janela quando ouvi um rangido no corredor.

Silenciosamente, tranquei-me no armário e disquei 911.

— Tem alguém na minha casa, tentando me matar — sussurrei para a telefonista. Tinha acabado de dar meu endereço quando a porta se abriu. Fiquei completamente imóvel.

Através das ripas de madeira da porta do armário, observei uma figura envolta em sombras entrar no quarto. Havia pouca luz, e meu ângulo de visão era ruim. Eu não conseguia distinguir nenhum detalhe. A figura afastou as cortinas das janelas e olhou para fora. Manuseou as meias e a roupa íntima na gaveta aberta. Pegou um pente de prata da cômoda, examinou e depois devolveu. Quando se voltou na direção do armário, eu sabia que estava em apuros.

Tateei o chão, buscando qualquer objeto que pudesse servir para me defender. Meu cotovelo esbarrou em uma pilha de caixas de sapato, que acabei derrubando. Xinguei silenciosamente. Os passos se aproximaram.

As portas do armário se abriram. Joguei um sapato. Peguei outro e também joguei.

Patch disse um palavrão em voz baixa, arrancou um terceiro sapato das minhas mãos e jogou-o para trás. Lutou para me retirar de dentro do armário. Antes que eu pudesse manifestar alívio ao descobrir que era ele, e não Dabria, a pessoa diante de mim, ele me apertou contra si e me envolveu em seus braços.

— Você está bem? — murmurou em meu ouvido.

— Dabria está aqui — disse, com os olhos cheios de lágrimas. Meus joelhos tremiam, o abraço de Patch era o que me mantinha de pé. — Ela está botando fogo na casa.

Patch me entregou um molho de chaves e apertou meus dedos em torno dele.

— O Jeep está estacionado na rua. Entre nele, tranque as portas, dirija até o Delphic Seaport e espere por mim. — Ele levantou meu queixo para que eu o encarasse. Deu um beijo rápido em meus lábios, o que bastou para que uma onda de calor me atravessasse.

— O que você vai fazer? — perguntei.

— Vou cuidar de Dabria.

— Como?

Ele me olhou com uma cara que dizia Você quer mesmo saber dos detalhes? Sirenes ressoavam a distância. Patch olhou para a janela.

— Você chamou a polícia?

— Pensei que você fosse Dabria. Ele já se encaminhava para a porta.

— Vou atrás de Dabria. Leve o Jeep até o Delphic Seaport e espere por mim.

— E o incêndio?

— A polícia vai cuidar disso.

Apertei as chaves com mais força. A parte do meu cérebro que tomava decisões estava dividida, correndo em direções opostas. Queria sair da casa, ficar bem longe de Dabria e encontrar com Patch mais tarde, mas um pensamento perturbador martelava. Dabria dissera que Patch precisava me sacrificar para se tornar humano.

Ela não tinha dito aquilo de brincadeira, nem como provocação. Nem mesmo para me jogar contra ele. As palavras tinham saído com frieza e seriedade. Com seriedade suficiente para que ela tentasse me matar a fim de impedir que Patch me pegasse antes.

Encontrei o Jeep estacionado na rua, como Patch dissera. Pus a chave na ignição e saí a toda pela Hawthorne. Concluí que era inútil tentar ligar novamente para o celular de Vee e, em vez disso, disquei para a casa dela.

— Olá, sra. Sky — falei, tentando transparecer que nada extraordinário estava acontecendo. — A Vee está?

— Oi, Nora! Ela saiu há algumas horas. Falou alguma coisa sobre uma festa em Portland. Achei que estivesse com você.

— Hum. Nós nos perdemos — menti. — Ela falou para onde ia depois da festa?

— Estava pensando em ver um filme. E não está atendendo o celular, por isso imagino que ela tenha desligado durante a sessão. Está tudo bem?

Não queria assustá-la, mas ao mesmo tempo não ia dizer que estava tudo bem. Nada parecia bem para mim. Na última vez que tivera notícias de Vee, ela estava com Elliot. E agora não atendia o celular.

— Acho que não — disse eu. — Vou procurá-la de carro. Vou começar pelo cinema. A senhora busca no calçadão?

CAPITULO 26

Era a noite de domingo antes do feriadão, e o cinema estava lotado. Entrei na fila da bilheteria, sem parar de olhar para os lados verificar se tinha sido seguida. Até então, nada havia de alarmante, e a multidão oferecia um bom esconderijo. Disse para mim mesma que Patch cuidaria de Dabria e que nada havia com que me preocupar, mas era melhor ficar atenta.

Naturalmente, dentro de mim, sabia que Dabria não era o meu maior problema. Mais cedo ou mais tarde Patch descobriria que eu não estava no Delphic Seaport. Levando em consideração as experiências anteriores, eu não tinha nenhuma ilusão sobre a possibilidade de me manter escondida dele por muito tempo. Ele me encontraria. E então eu seria obrigada a confrontá-lo com a pergunta que eu temia. Mais especificamente: o que eu temia era a resposta dele. Pois no fundo da minha mente havia a sombra de uma suspeita, sussurrando que Dabria falara a verdade ao mencionar o que seria necessário para que Patch tivesse um corpo humano.

Cheguei ao guichê. As sessões das nove e meia estavam começando.

— Uma entrada para *O Sacrifício* — disse sem pensar.

De imediato, achei o nome do filme terrivelmente irônico. Sem querer refletir mais sobre o assunto, fiz uma busca nos bolsos e juntei um monte de notas e de moedas. Coloquei dentro do guichê, rezando para que houvesse dinheiro suficiente.

— Minha nossa — exclamou a caixa, encarando as moedas que se esparramavam na abertura sob o vidro. Eu a reconheci da escola. Era uma veterana, e eu tinha quase certeza de que seu nome era Kaylie ou Kylie.

— Muito obrigada — disse ela. — Ainda bem que não há fila nem nada parecido.

Atrás de mim, ouvi o murmúrio coletivo de palavrões.

— Acabei de limpar meu cofrinho — disse eu, tentando ser sarcástica.

— Não brinca. Está tudo aqui? — perguntou, soltando um suspiro cansado enquanto arrumava as moedas em grupos de 25 centavos, 10 centavos, 5 centavos e 1 centavo.

— Claro.

— Dane-se. Não ganho o suficiente para passar por isso.
— Ela jogou o dinheiro na gaveta do caixa e passou a entrada por baixo do vidro. — Tem uma coisa chamada cartão de crédito...

Agarrei a entrada.

— Por acaso você viu a Vee Sky por aqui hoje à noite?

— Bee do quê?

— Vee Sky. É do segundo ano. Estava com Elliot Saunders. Kaylie ou Kylie arregalou os olhos.

— Parece uma noite de pouco movimento? Parece que estou aqui sem fazer nada, só prestando atenção em cada rosto que passa?

— Deixe para lá — bufei, dirigindo-me para as portas de entrada.

O cinema de Coldwater tem duas salas de exibição, com portas dando nas laterais de uma lanchonete. Assim que o porteiro rasgou minha entrada ao meio, enfiei-me porta adentro na sala dois e mergulhei na escuridão. O filme tinha começado.

A sala estava praticamente cheia, a não ser por alguns lugares isolados. Desci o corredor procurando por Vee. No final, virei e caminhei pela frente da sala. Era difícil distinguir os rostos na escuridão, mas eu estava praticamente certa de que Vee não estava ali.

Saí da sala e me encaminhei para a outra. Não estava tão cheia. Fiz outra revista, mas também não encontrei Vee. Sentei em uma cadeira no fundo e tentei organizar os pensamentos.

Toda aquela noite se parecia com um conto de fadas sinistro no qual eu me perdera e não conseguia encontrar a saída. Um conto de fadas com anjos caídos, mestiços humanos e cerimônias de sacrifício. Passei o polegar sobre minha marca de nascimento. Eu não queria, especialmente, pensar sobre a possibilidade de descender de um nefilim.

Tirei o celular de emergência da bolsa e verifiquei se havia alguma chamada perdida. Nenhuma.

Estava colocando o telefone no bolso quando um saco de pipocas se materializou à minha frente.

— Está com fome? — perguntou uma voz que vinha de trás. A voz era calma e não estava especialmente feliz. Tentei manter a respiração sob controle. — Levante e

saia do cinema — disse Patch. — Estarei bem atrás de você.

Não me mexi.

— Saia — ele repetiu. — Precisamos conversar.

— Conversar sobre como você precisa me sacrificar para conseguir um corpo? — perguntei em tom de brincadeira, sentindo um enorme peso dentro de mim.

— Seria até engraçadinho se você realmente acreditasse nisso.

— Mas eu acredito!

Mais ou menos. Eu não parava de pensar: se Patch queria me matar, por que ainda não o fizera?

— Psiu! — disse o cara ao meu lado.

— Saia ou vou botar você para fora. Virei.

— O quê?

— Psiu! — estrilou novamente o cara ao meu lado.

— A culpa é dele — eu disse para o sujeito, apontando para Patch. O cara jogou a cabeça para trás.

— Escute — disse ele, voltando a me encarar. — Se você não calar a boca, vou chamar os seguranças.

— Ótimo, chame os seguranças. Mandem tirar ele da sala — exclamei, apontando novamente para Patch. — Diga que ele quer me matar.

— Eu quero matar você — chiou a namorada do cara, curvando-se sobre ele para se dirigir a mim.

— Quem quer matar você? — perguntou o cara. Ele ainda estava olhando por cima do ombro, mas a expressão era confusa.

— Não tem ninguém ali — disse a namorada.

— Você está fazendo com que eles pensem que não podem ver você, não é? — eu disse para Patch, espantada com seu poder, embora o desprezasse por utilizá-lo daquela maneira.

Patch sorriu, mas era um sorriso tenso.

— Minha nossa! — exclamou a namorada, jogando as mãos para o alto. Revirou os olhos furiosamente para o namorado. — Faça alguma coisa.

— Preciso que você pare de falar — disse o cara. Fez gestos para a tela. — Veja o filme. Isso... fique com meu refrigerante.

Fui para o corredor. Senti Patch se movimentar atrás de mim, perturbadoramente próximo, mas sem me tocar. Ficou desse jeito até sairmos da sala.

Do lado de fora da porta, Patch enlaçou meu braço e me conduziu pelo saguão até o banheiro feminino.

— Qual é o seu problema com o banheiro das meninas?
— indaguei.

Ele me levou para dentro, trancou a porta e se encostou nela. Os olhos dele voltaram-se inteiramente para mim. E

demonstravam todos os sinais de desejarem me sacudir até a morte.

Eu estava acuada contra o balcão, com as mãos agarradas na beirada.

— Você está com raiva porque não fui para o Delphic Seaport — Levantei um ombro trêmulo. — Por que queria que eu fosse para lá, Patch? É domingo à noite. O Delphic Seaport vai fechar daqui a pouco. Havia alguma razão especial para que você quisesse que eu dirigisse até um parque de diversões sombrio, que logo estará vazio?

Ele caminhou na minha direção até estar tão próximo que eu podia ver os olhos negros sob a aba do boné.

— Dabria me contou que você precisa me sacrificar para obter um corpo humano — disse.

Patch ficou quieto por um momento.

— E você achou que eu levaria isso adiante? Engoli em seco.

— Então é verdade?

Nossos olhares se encontraram.

— Precisa ser um sacrifício intencional. Não basta matar você.

— E você é a única pessoa que pode fazer isso?

— Não, mas sou provavelmente a única pessoa que sabe do resultado final e a única que tentaria isso. Foi por isso que fui para a escola. Precisava me aproximar de você.

Eu precisava de você. Foi por essa razão que entrei em sua vida.

— Dabria me disse que você caiu por causa de uma garota. — Odiei a mim mesma por sentir as dores irracionais do ciúme. Não era hora de pensar em mim. Aquilo deveria ser um interrogatório. — O que aconteceu?

Eu queria desesperadamente que Patch deixasse transparecer qualquer sinal de seus pensamentos, mas os olhos eram negros e frios, as emoções, completamente ocultas.

— Ela envelheceu e morreu.

— Deve ter sido duro para você — retruquei.

Ele esperou que se passassem alguns segundos antes de responder. O tom de voz era tão baixo que cheguei a estremecer.

— Você quer que eu seja franco, então serei. Vou lhe contar tudo. Quem sou e o que fiz. Todos os detalhes. Vou revelar tudo, mas você vai ter que perguntar. Vai ter que querer saber. Você pode ver quem eu fui, ou pode ver quem sou agora. Não sou bom — disse ele, penetrando-me com aquele olhar que absorvia toda a luz e nada refletia —, mas já fui pior.

Ignorei o bolo no estômago e falei:

— Pode me contar.

— Na primeira vez que a vi, eu ainda era um anjo. Fui tomado imediatamente pelo desejo de possuí-la. Aquilo me deixou enlouquecido. Eu nada sabia sobre ela, a não

ser que faria qualquer coisa para me aproximar. Observei-a por um tempo e então pus na cabeça que se descesse à Terra e possuísse o corpo de um humano eu seria expulso do céu e me tornaria humano. O problema é que eu nada sabia sobre o Cheshvan. Desci em uma noite de agosto, mas não consegui possuir o corpo. Ao voltar para o céu, fui detido por uma hoste de anjos vingadores que me arrancou as asas. Jogaram-me do céu. Imediatamente soube que algo estava errado. Quando olhava para os humanos, tudo o que eu conseguia sentir era um desejo insaciável de estar dentro de seus corpos. Perdi todos os poderes, era uma criatura fraca e patética. Não era humano. Era apenas um decaído. Percebi que havia desistido de tudo assim, sem mais nem menos. Durante todo esse tempo, odiei-me por isso. Pensei que tivesse desistido de tudo por nada. — Seus olhos se concentraram estranhamente em mim, deixando-me com a sensação de estar transparente. — Mas se eu não tivesse caído, não a teria conhecido.

As emoções conflitantes pesavam tanto dentro do meu peito que achei que iam me sufocar. Lutando contra as lágrimas, fui adiante.

— Dabria disse que minha marca de nascença indica que sou parente de Chauncey. Isso é verdade?

— Você quer uma resposta?

Eu não sabia se queria. Todo o meu mundo parecia uma piada, e eu era a última a entender a graça. Eu não era Nora Grey, uma garota comum. Era descendente de alguém que nem sequer era humano. E meu coração estava sendo destroçado por outro não humano. Um anjo das trevas.

— De que lado da família? — perguntei finalmente.

— Paterno.

— Onde está Chauncey agora?

Embora fôssemos parentes, preferia pensar que ele estava distante. Muito distante. Distante o suficiente para que o elo entre nós parecesse irreal. As botas de Patch estavam alinhadas com a ponta dos meus tênis.

— Não vou matá-la, Nora. Não mato pessoas que são importantes para mim. E você encabeça a lista.

Meu coração deu um salto. Minhas mãos estavam apertadas contra sua barriga, tão rígida que nem a pele cedia. Eu estava tentando manter uma barreira inútil entre nós, pois nem uma gigantesca cerca eletrificada me faria sentir protegida dele.

— Você está violando meu espaço — disse eu, esgueirando-me para trás.

Patch deu um sorriso quase imperceptível.

— Violando? Nora, você não está em uma prova de vestibular.

Ajeitei alguns fios de cabelo atrás das orelhas e dei um bom passo para o lado, contornando a pia.

— Você está me sufocando. Preciso... de espaço.

O que eu precisava era de limites. Precisava de força de vontade. Precisava ser enjaulada, pois mais uma vez demonstrava que não podia confiar em mim mesma na presença de Patch. Eu deveria estar correndo para a

porta, mas... não estava. Tentei me convencer de que permanecia ali porque precisava de respostas, mas era apenas parte da história. O que eu não queria era pensar na outra parte. A parte emocional. A parte à qual era inútil resistir.

— Você está escondendo mais alguma informação de mim? — quis saber.

— Estou escondendo muitas informações de você. Senti um aperto por dentro.

— Como o quê, por exemplo?

— A forma como me sinto ao ficar trancado aqui com você. — Patch apoiou uma das mãos no espelho atrás de mim, o peso dele se inclinando na minha direção. — Você não tem ideia do que faz comigo.

Sacudi a cabeça.

— Não. Não acho que seja uma boa ideia. Não está certo.

— Existem vários níveis de certo — murmurou ele. — Olhando por este ângulo, ainda estamos em segurança.

Eu tinha certeza de que a metade do meu cérebro responsável pela autopreservação estava berrando Saia correndo! Infelizmente, o sangue me subiu à cabeça e eu não conseguia ouvir direito. Obviamente, também não estava pensando direito.

— Absolutamente certo. Geralmente certo — prosseguiu Patch. — Praticamente certo. Talvez certo.

— Talvez certo em outra ocasião.

Respirei fundo. Pelo canto do olho, percebi um alarme de incêndio preso à parede. Estava a uns três ou quatro metros. Se eu fosse rápida, poderia atravessar o cômodo e acioná-lo antes que Patch pudesse me impedir. A segurança chegaria correndo e eu estaria a salvo. Era o que eu queria... Não era?

— Não é uma boa ideia — disse Patch, balançando a cabeça suavemente.

De qualquer maneira, parti na direção do alarme. Meus dedos se fecharam em torno da alavanca e a abaixei para acioná-lo. Mas a alavanca não se mexeu. Tentei com toda a força, mas não consegui. Então senti a presença familiar de Patch em minha cabeça e entendi que era um jogo.

Virei-me para encará-lo.

— Saia da minha cabeça.

Irritada, empurrei seu peito com força. Patch deu um passo para trás, recuperando o equilíbrio.

— Por que você fez isso? — perguntou ele. -

— Por causa dessa noite toda.

Por me fazer ficar louca por ele quando eu sabia que aquilo era errado. Ele era o pior tipo de erro. Era um erro tão grande que parecia certo, e aquilo me deixava completamente fora de controle.

Eu talvez me sentisse tentada a lhe dar um direto no queixo se ele não tivesse me pegado pelos ombros e me prendido contra a parede. Quase não havia espaço entre

nós, apenas uma fina camada de ar, mas Patch logo eliminou o problema.

— Sejam honestos, Nora. Você está caída por mim. — O olhar dele era pro fundo. — E eu estou caldo por você. — Ele se abaixou e encostou a boca na minha. Aliás, encostou muitas partes dele em mim, para falar a verdade. Diversos pontos estratégicos do nosso corpo estavam juntos, e precisei de muita força de vontade para me afastar.

Recuei.

— Ainda não acabei. O que aconteceu com Dabria?

— Tudo resolvido.

— O que isso significa exatamente?

— Ela não ficaria mesmo com as asas, depois de tramar sua morte. Assim que tentasse voltar para o céu, os anjos vingadores as arrancariam. Aconteceria mais cedo ou mais tarde. Só apressei os fatos.

— Então você... arrancou as asas dela.

— Estavam se deteriorando. As penas estavam quebradas e ralas. Se ficasse por mais tempo na Terra, ficaria evidente para qualquer outro anjo caído que ela também havia caído. Se eu não o fizesse, um deles faria.

Driblei outro de seus avanços.

— Ela vai fazer outra aparição indesejada na minha vida?

— É difícil dizer.

Mais rápido do que um raio, Patch agarrou a barra do meu suéter. Arrastou-me para junto de si. Os nós de seus dedos esbarraram no meu umbigo. Calor e frio me atravessaram simultaneamente.

— Você pode vencê-la, Anjo. Já vi as duas em ação e aposto em você. Não precisa de minha ajuda.

— Por que eu precisaria de você?

Ele riu. Não de forma abrupta, mas com um desejo contido. Os olhos tinham perdido a agressividade e estavam totalmente concentrados em mim. O sorriso era astuto como o de uma raposa... porém mais suave. Algo dentro de mim subiu e desceu.

— A porta está trancada — disse ele. — E temos assuntos pendentes.

Meu corpo parecia ter descartado a parte lógica do meu cérebro. Asfixiado, para ser mais exata. Deslizei as mãos pelo peito dele e enlacei seu pescoço. Patch me ergueu pelos quadris, e envolvi a cintura dele com as pernas. Meu coração estava disparado, mas não me importei nem um pouco. Apertei minha boca contra a dele, desfrutando do êxtase de ter sua boca na minha, as mãos dele em mim, quase queimando minha pele...

O celular em meu bolso resolveu tocar. Afastei-me de Patch, suspirando fundo, e o telefone tocou de novo.

— Secretária eletrônica — disse Patch.

Nas profundezas ocultas da minha consciência, eu sabia que era importante atender ao telefone. Não conseguia me lembrar do motivo. Beijar Patch fazia evaporar toda e qualquer preocupação. Desvencilhei-me dele, dando as

costas para que ele não percebesse o efeito causado por dez segundos de beijos. Por dentro, eu gritava de alegria.

— Alô? — atendi, resistindo à tentação de passar a mão na boca para limpar o gloss borrado.

— Baby! — exclamou Vee. A ligação estava ruim, com muito chiado se sobrepondo à voz. — Onde você está?

— Onde você está? Ainda está com Elliot e Jules? — Tapei a outra orelha para ouvir melhor.

— Estou na escola. Nós a invadimos — disse ela com uma voz perfeitamente travessa. — Queremos brincar de esconde-esconde, mas não temos duas pessoas em cada grupo. Então... você sabe de alguém que toparia brincar com a gente?

Uma voz incompreensível balbuciou ao fundo.

— Elliot quer que eu diga para você que se não vier fazer dupla com ele... peraí... o quê? — disse Vee ao fundo.

A voz de Elliot se fez ouvir.

— Nora? Venha brincar conosco. Se você não vier, tem uma árvore no pátio reservada para Vee.

Fiquei completamente gelada.

— Alô? — disse quase rouca. — Elliot? Vee? Vocês estão me ouvindo? Mas a ligação tinha caído.

CAPITULO 27

— Quem era? — perguntou Patch.

Meu corpo estava eletrizado. Levei um momento para responder.

— Vee invadiu a escola com Elliot e Jules. Querem que eu encontre com eles. Acho que Elliot vai machucar Vee se eu não for. — Olhei para Patch. — Acho que vai machucá-la mesmo se eu for para lá. Ele cruzou os braços e franziu a testa.

— Elliot?

— Na semana passada, na biblioteca, encontrei uma reportagem que dizia que ele fora submetido a inquérito durante a investigação de um assassinato na sua antiga escola, Kinghorn Prep. Ele passou no laboratório de informática e viu o que eu estava lendo. Desde aquela noite, sinto uma vibração esquisita vindo dele. Muito esquisita. Acho que ele andou até invadindo meu quarto para recuperar a reportagem.

— Devo saber de mais algum fato?

— A garota assassinada era namorada de Elliot. Foi enforcada em uma árvore. Agora, ao telefone, ele disse: "Se você não vier, tem uma árvore no pátio reservada para Vee."

— Já vi Elliot. Ele parece arrogante e um pouco agressivo, mas não me parece um assassino. — Ele enfiou a mão em meu bolso da frente e pegou as chaves do Jeep. — Eu dirijo e vejo o que está acontecendo. Não vou demorar.

— Acho que deveríamos chamar a polícia. Ele balançou a cabeça.

— Você vai mandar a Vee para o reformatório por destruição de propriedade, arrombamento e invasão. Outra questão. Jules. Que é esse cara?

— É amigo de Elliot. Ele estava no fliperama na noite que encontramos com você.

Ele franziu mais ainda a testa.

— Se houvesse outro cara, eu me lembraria dele.

Ele abriu a porta e eu o segui. Um faxineiro de calças pretas e camisa de uniforme ocre varria restos de pipoca no saguão. Pareceu espantado ao ver Patch sair do banheiro feminino. Eu o reconheci da escola. Brandt Christensen. Estudávamos inglês na mesma turma. No semestre anterior, eu o ajudara a fazer um trabalho.

— Elliot está esperando por mim, não por você — falei. — Se eu não aparecer, quem sabe o que pode acontecer com Vee? É um risco que não vou correr.

— Se eu deixar que venha comigo, você vai ouvir minhas instruções e obedecê-las cuidadosamente?

— Vou.

— Se eu lhe disser para pular?

— Vou pular.

— Se eu lhe disser para ficar no carro?

— Vou ficar no carro. — Era praticamente verdade.

Lá fora, no estacionamento do cinema, Patch mirou o Jeep com as chaves e os faróis piscaram. De repente, ele parou e disse um palavrão entre os dentes.

— O que houve? — perguntei.

— Os pneus.

Baixei o olhar e vi que os dois pneus do lado do motorista estavam furados.

— Não acredito! — exclamei. — Passei em cima de dois pregos?

Patch agachou-se perto do pneu dianteiro, passando a mão na circunferência.

— Chave de fenda. Foi proposital.

Por um momento achei que pudesse ser outro truque mental. Talvez Patch tivesse as razões dele para não querer que eu fosse até a escola. Afinal de contas, não era segredo o que ele pensava de Vee. Mas havia algo errado. Eu não sentia Patch em nenhum lugar da minha cabeça. Se ele estivesse alterando meus pensamentos, havia conseguido outro jeito de fazê-lo, pois eu podia dizer que aquilo era mesmo real.

— Quem faria isso? Ele ficou de pé.

— A lista é comprida.

— Você está tentando me dizer que tem muitos inimigos?

— Já deixei algumas pessoas zangadas. Muitas pessoas fazem apostas que não podem ganhar. Então me culpam por ficar com o carro delas e outros bens.

Patch caminhou até a outra vaga, onde estava um cupê, abriu a porta do motorista e sentou-se diante do volante. A mão desapareceu embaixo dele.

— O que você está fazendo? — perguntei, em pé diante da porta aberta. Era desperdício de fôlego, pois eu sabia muito bem o que ele estava fazendo.

— Estou procurando a chave reserva. — A mão de Patch reapareceu, juntando dois fios azuis. Com alguma habilidade, ele removeu as pontas dos fios e os prendeu. O motor começou a funcionar e Patch olhou para mim. — Aperte o cinto.

— Não vou roubar um carro. Ele deu de ombros.

— Precisamos dele agora. Eles não.

— Mas é *roubar*. É errado.

Patch não parecia nem um pouco preocupado. Para falar a verdade, parecia um pouco relaxado demais no banco do motorista. *Não é a primeira vez que ele faz isso*, pensei.

— A regra número um do roubo de carros — disse ele com um sorriso — é não permanecer na cena do crime por mais tempo do que o necessário.

— Espere um minuto — disse eu, levantando o dedo.

Voltei correndo para o cinema. No caminho, as portas de vidro refletiam o estacionamento atrás de mim, e vi Patch saltando do carro.

— Oi, Brandt — disse para o garoto que ainda jogava pipocas dentro de uma pá de lixo de cabo comprido.

Brandt olhou em minha direção, mas logo sua atenção se voltou para trás de mim. Ouvi as portas da sala se abrirem e senti Patch atrás. Sua aproximação não era tão diferente assim de uma nuvem que esconde o sol, obscurecendo sutilmente a paisagem e sugerindo a chegada de uma tempestade.

—Tudo bem? — perguntou Brandt com certa insegurança.

— Estou com problemas com o carro — disse, mordendo os lábios e tentando fazer uma cara simpática. — Sei que estou deixando você em uma situação desagradável, mas como eu o ajudei com aquele trabalho sobre Shakespeare no semestre passado...

— Você quer meu carro emprestado.

— Para falar a verdade... é isso mesmo.

— É um lixo. Não é um Jeep Commander. — Olhou direto para Patch, como se estivesse pedindo desculpas.

— Funciona? — perguntei.

— Se você está perguntando se as rodas giram, sim, ele funciona. Mas não estou emprestando.

Patch abriu a carteira e entregou a ele o que pareciam ser três notas de cem dólares novinhas em folha. Mantive minha surpresa sob controle e decidi que o melhor a fazer era fingir que concordava.

— Mudei de ideia — exclamou Brandt, de olhos arregalados, embolsando o dinheiro. Vasculhou os bolsos e entregou a Patch um par de chaves.

— O modelo e a cor? — perguntou Patch, pegando as chaves.

— É difícil dizer. Metade Volkswagen, metade Chevette. Costumava ser azul. Mas isso foi antes de enferrujar e ficar laranja. Você vai encher o tanque antes de devolver? — Brandt parecia estar cruzando os dedos atrás das costas, tentando a sorte.

Patch sacou outra nota, dessa vez de vinte dólares.

— Para o caso de a gente esquecer — disse ele, enfiando a nota no bolso da frente do uniforme de Brandt.

— Eu poderia tê-lo convencido a entregar as chaves — disse a Patch quando estávamos do lado de fora. — Só precisava de um pouco mais de tempo. Aliás, por que você trabalha como garçom no Borderline se é cheio da grana?

— Não sou. Ganhei o dinheiro na sinuca há algumas noites. — Ele enfiou a chave de Brandt na fechadura e abriu a porta do carona para mim. — O banco agora está fechado.

Patch dirigiu pelas ruas escuras e silenciosas da cidade. Não demorou muito para chegar à escola. Estacionou o carro de Brandt no lado leste do prédio e desligou o motor. O terreno era coberto de árvores, com galhos retorcidos e sinistros que nada sustentavam além da neblina. Atrás deles, erguia-se Coldwater High.

A parte original do prédio tinha sido construída no final do século XIX e depois do pôr do sol lembrava muito uma catedral. Cinzenta e ameaçadora. Muito sombria. Muito abandonada.

— Estou com um pressentimento muito ruim — disse eu, observando as janelas na escuridão.

— Fique no carro e mantenha-se escondida — disse Patch, entregando-me as chaves. — Se alguém sair do prédio, vá embora. — Ele saiu. Estava usando uma camiseta justa de gola redonda, jeans Levi's escuros e botas. Com cabelo negro e pele morena, ficava difícil distingui-lo. Ele atravessou a rua e momentos depois se fundiu completamente com a noite.

CAPITULO 28

Cinco minutos se passaram. Dez minutos se transformaram em vinte. Lutei para ignorar a sensação aterrorizante de estar sendo vigiada. Observei a escuridão que envolvia a escola. Por que Patch estava demorando tanto para voltar? Procurei desenvolver algumas teorias, sentindo-me mais inquieta a cada momento. E se Patch não conseguisse encontrar Vee? O que aconteceria quando ele encontrasse Elliot? Eu não acreditava que Elliot pudesse ganhar de Patch em uma briga, mas havia sempre uma possibilidade — se Elliot tivesse a seu favor o elemento surpresa. O telefone tocou dentro de meu bolso e eu dei um pulo.

— Estou vendo você — disse Elliot quando atendi. — Está sentada no carro.

— Onde você está?

— Estou vendo você de uma das janelas do segundo andar. Estamos brincando aqui dentro.

— Não quero brincar. Ele desligou.

Com o coração na garganta, saltei do carro. Olhei para as janelas escuras da escola. Não achava que Elliot soubesse que Patch estava lá dentro. A voz dele parecia impaciente, ele não estava zangado nem irritado. Minha única esperança era que Patch tivesse um plano e não deixasse que nada acontecesse comigo ou com Vee. Uma nuvem escondeu a lua. Sob a sombra do medo, caminhei para a porta da ala leste.

Mergulhei na semiescuridão. Meus olhos levaram vários segundos para distinguir uma faixa de luz vinda da rua, que atravessava o vidro na metade superior da porta. A cerâmica do piso refletia um brilho fosco. Os armários estavam alinhados nos dois lados do corredor como se fossem sonolentos soldados robôs. Em vez de uma sensação de paz e tranquilidade, os corredores irradiavam ameaças ocultas.

As luzes externas iluminavam alguns metros da passagem, mas depois disso eu não conseguia ver mais nada. Perto da porta, havia uma série de interruptores. Liguei todos, mas nada aconteceu.

Como havia energia do lado de fora, eu sabia que alguém desligara a eletricidade. Fiquei imaginando se isso era parte do plano de Elliot. Eu não podia vê-lo. Não podia ver Vee. Também não podia ver Patch. Precisaria tatear de sala em sala pela escola, em um lento jogo de eliminação, até encontrá-lo. E juntos encontraríamos Vee.

Guiei-me pela parede e me arrastei para a frente. Em qualquer dia de aula eu atravessava aquele trecho do corredor diversas vezes, mas na escuridão ele subitamente parecia desconhecido. E mais comprido. Muito mais comprido. No primeiro cruzamento, fiz um reconhecimento mental da área. Para a esquerda, encontraria a sala da banda, a da orquestra e o refeitório. Para a direita, chegaria às salas da administração, bem como a uma escadaria dupla. Continuei em frente, penetrando no interior da escola, em direção às salas de aula.

Meu pé esbarrou em algo, e antes que eu pudesse reagir, caí de cara no chão. Quando a lua saiu detrás das nuvens, uma luz cinzenta e fraca atravessou uma

claraboia que ficava bem acima, iluminando os traços do corpo no qual eu tropeçara. Jules estava deitado de barriga para cima com a expressão congelada e um olhar vazio. O longo cabelo louro estava emaranhado e jogado no rosto, as mãos descansavam frouxamente nas laterais.

Apoiei-me nos joelhos e tapei a boca, resfolegante. Minhas pernas tremiam com tanta adrenalina. Muito lentamente, pousei a palma da mão sobre o peito de Jules. Ele não respirava. Estava morto.

Dei um salto e abafei um berro. Queria chamar por Patch, mas Elliot ficaria sabendo onde eu estava — se é que já não sabia. Percebi com um sobressalto que ele poderia estar a alguns metros de distância, observando-me enquanto seu jogo pervertido se desenrolava.

A luz que vinha do alto diminuiu, e olhei freneticamente ao redor. Mais corredores infundáveis se estendiam diante de mim. A biblioteca ficava à minha esquerda, depois de alguns degraus. As salas de aula começavam à direita. Levei uma fração de segundo para decidir pela biblioteca, e prossegui tateando na escuridão para me afastar do corpo de Jules. Meu nariz escorreu e percebi que estava chorando silenciosamente. Por que Jules estava morto? Quem o matara? Se Jules estava morto, será que Vee também estaria?

As portas da biblioteca estavam destrancadas. Fui em frente, apalpando o caminho. Depois das prateleiras, do outro lado da biblioteca, ficavam três pequenas salas de reunião. Eram à prova de som. Se Elliot quisesse isolar Vee, aquele era o lugar ideal para mantê-la.

Estava a ponto de seguir naquela direção quando escutei um gemido masculino atravessar a biblioteca. Fiquei parada.

As luzes do corredor ganharam vida e iluminaram a escuridão da biblioteca. O corpo de Elliot estava a poucos metros de distância, a boca entreaberta, a pele sem cor. Os olhos dele se reviraram e ele estendeu um braço para mim.

Soltei um grito ensurdecedor. Virei-me e corri para a porta da biblioteca, esbarrando e derrubando cadeiras no caminho. Corra!, ordenei a mim mesma. Vá para a saída.

Tropecei para fora, e quando isso aconteceu, as luzes do corredor se apagaram, enterrando tudo novamente na escuridão.

— Patch! — tentei gritar, mas minha voz não saiu e engasguei com seu nome. Jules estava morto. Elliot estava quase morto. Quem os matara? Quem havia sobrado? Tentei entender o que estava acontecendo, mas toda a lógica havia me abandonado.

Um puxão por trás de mim me fez perder o equilíbrio. Outro puxão me fez voar para o lado. Minha cabeça bateu contra um dos armários, deixando-me atordoada.

Um estreito fecho de luz varreu minha visão, e um par de olhos escuros atrás de uma máscara de esquiador entrou em foco. A luz vinha de uma lanterna de mineiro presa à máscara.

Levantei-me e tentei correr. Um dos braços veio à frente, impedindo minha fuga. Ele levantou o outro braço, prendendo-me contra o armário.

— Você achou que eu tivesse morrido? — Eu podia ouvir um sorriso gelado e cheio de desprezo no tom daquela voz. — Não pude perder uma última chance de brincar com você. Foi divertido. Quem você pensava que fosse o sujeito malvado? Elliot? Ou passou pela sua cabeça que sua melhor amiga poderia ter feito isso? Está ficando quente, não é? O medo é assim. Faz surgir o que há de pior na gente.

— É você. — Minha voz vacilava.

Jules arrancou a lanterna e a máscara de esquiador.

— Em carne e osso.

— Como você fez isso? — perguntei com a voz ainda trêmula. — Eu vi você. Não estava respirando. Estava morto.

— Você está enchendo demais minha bola. Foi você o tempo inteiro, Nora. Se sua mente não fosse tão fraca, eu nada poderia ter feito. Estou fazendo você se sentir mal? Acharia desencorajador saber que de todas as mentes que eu já invadi a sua é, de longe, a mais fácil? E a mais divertida.

Passei a língua nos lábios. Minha boca era uma estranha combinação de seca e grudenta. Eu podia sentir o cheiro de medo em meu hálito.

— Onde está Vee?

Ele deu um tapa em meu rosto.

— Não mude de assunto. Você realmente deveria aprender a controlar o medo. O medo mina a lógica e abre todo tipo de porta para gente como eu.

Era um lado de Jules que eu nunca vira. Sempre fora tão silencioso, tão malhumorado, irradiando uma completa falta de interesse em todos que o cercavam. Ficava em segundo plano, chamando pouca atenção, levantando pouca suspeita. Muito inteligente da parte dele, pensei.

Ele agarrou meu braço e me jogou atrás dele.

Cravei as unhas nele e me contorci, tentando fugir. Ele me deu um soco no estômago. Tropecei para trás, lutando para inspirar o ar que se recusava a entrar em meus pulmões. Meu ombro se arrastou pelo armário até que acabei sentada, encolhida no chão. Um fio de ar desceu por minha garganta e eu engasguei.

Jules tocou as marcas que minhas unhas haviam deixado em seu antebraço.

— Você vai pagar por isso.

— Por que me trouxe até aqui? O que você quer? — Eu não conseguia evitar uma nota de histeria na voz.

Ele me puxou pelo braço e me arrastou pelo corredor. Abriu uma porta com um chute e me jogou lá dentro. Caí, e minhas mãos encontraram o chão duro. A porta bateu atrás de mim. A única luz provinha da lanterna que Jules segurava.

O ar guardava os cheiros familiares de poeira de giz e de produtos químicos envelhecidos. As paredes eram decoradas com cartazes que mostravam o corpo humano e cortes transversais de células humanas. Uma comprida bancada de granito negro com uma pia ficava na frente da sala, e diante dela, filas de mesas de laboratório também em granito. Estávamos dentro da sala de biologia do técnico McConaughy.

Um brilho metálico chamou minha atenção. Um bisturi estava jogado no chão, próximo à lixeira. Devia ter passado despercebido pelo técnico e pelo faxineiro. Guardei o bisturi na cintura da calça jeans instantes antes de Jules me colocar de pé.

— Cortei a eletricidade — disse ele, colocando a lanterna sobre a mesa mais próxima. — Não dá para brincar de esconde-esconde com luz.

Ele arrastou duas cadeiras para colocá-las frente a frente.

— Sente-se. — Não parecia um convite.

Meus olhos voaram para a série de janelas enfileiradas na parede oposta. Pensei se poderia abrir uma delas e fugir antes que Jules me pegasse. Entre outros milhares de pensamentos que tratavam da minha própria sobrevivência, disse para mim mesma que não deveria parecer amedrontada. De algum lugar do fundo da mente, veio a lembrança dos conselhos de um curso de autodefesa que eu fizera com minha mãe, depois da morte de papai. Olhe nos olhos... pareça confiante... use o bom senso... tudo fácil de dizer e difícil de fazer.

Jules me empurrou pelos ombros, obrigando-me a sentar na cadeira. Senti a frieza do metal atravessar minha calça jeans.

— Entregue-me seu celular — ordenou, estendendo a mão.

— Esqueci no carro.

Ele soltou uma gargalhada.

— Você quer realmente brincar comigo? Sua melhor amiga está trancada em algum lugar deste prédio. Se você começar a brincar comigo, ela vai se sentir esquecida. Terei que pensar em algum jogo superespecial para entretê-la.

Procurei o telefone e entreguei para ele.

Com força sobre-humana, ele dobrou o telefone em dois.

— Agora estamos sozinhos. — Ele afundou na cadeira diante da minha e esticou as pernas voluptuosamente. Um dos braços pendia atrás do banco. — Vamos conversar, Nora.

Pulei da cadeira. Jules me agarrou pela cintura antes que eu tivesse dado quatro passos e me jogou de volta no assento.

— Eu costumava criar cavalos. Há muito tempo, na França, eu tinha um estábulo cheio de lindos cavalos. Os espanhóis são meus favoritos. Eram capturados ainda selvagens e trazidos diretamente para mim. Em algumas semanas estavam domados. Mas havia sempre aquela exceção, o cavalo que se recusava a ser domado. Você sabe o que eu fiz com um cavalo desses?

Estremeci em resposta.

— Coopere e não precisará temer — disse ele.

Não acreditava nele por um momento sequer. O fulgor em seus olhos não guardava nenhuma sinceridade.

— Vi Elliot na biblioteca. — Fiquei surpresa com o tremor em minha voz. Eu não gostava de Elliot, nem confiava

nele, mas não achava que merecesse uma morte lenta e dolorosa. — Você o feriu?

Ele curvou-se para a frente como se quisesse dividir um segredo.

— Se você vai cometer um crime, não deve deixar provas. Elliot foi parte de toda a história. Sabe demais.

— É por isso que estou aqui? Por causa da reportagem sobre Kjirsten Halverson que eu encontrei?

Jules sorriu.

— Elliot se esqueceu de mencionar que você sabia a respeito de Kjirsten.

— Foi ele quem a matou... ou foi você? — perguntei em um surto de inspiração.

— Eu precisava testar a lealdade de Elliot. Tomei o que era mais importante para ele. Elliot estava em Kinghom graças a uma bolsa, e ninguém deixava que se esquecesse disso. Até que eu cheguei. Fui seu benfeitor. No final, era uma questão de escolher entre mim e Kjirsten. Objetivamente, entre dinheiro e amor. Aparentemente não há graça em ser um mendigo entre os príncipes. Eu o comprei, e foi então que soube que poderia confiar nele quando chegasse a hora de lidar com você.

— Por que eu?

— Ainda não entendeu? — A luz acentuava a dureza de seu rosto e criava a ilusão de que seus olhos adquiriam a cor de prata incandescente. — Andei brincando com você. Manipulando-a como se fosse uma marionete.

Usando-a como bode expiatório, porque a pessoa que realmente quero ferir não pode ser ferida. Você sabe quem é essa pessoa?

Todas as sinapses do meu corpo pareciam ter se desfeito. Meus olhos perderam o foco. O rosto de Jules parecia uma pintura impressionista, manchado nas beiradas, sem detalhes. O sangue deixou minha cabeça, e senti que meu corpo começava a escorregar pela cadeira. Já sentira aquilo antes e sabia que precisava dos comprimidos de ferro. Logo.

Ele deu outro tapa em meu rosto.

— Concentre-se. Sobre o que estamos falando?

— Não sei. — Não consegui elevar a voz além de um sussurro.

— Você sabe por que ele não pode ser ferido? Porque não tem um corpo humano. O corpo dele é desprovido de sensações físicas. Se eu o trancasse e o torturasse, de nada adiantaria. Ele não pode sentir a mínima dor. Com toda certeza, agora você já deve imaginar. Você anda passando muito tempo com essa pessoa. Por que está tão quieta, Nora? Não consegue adivinhar?

Uma gota de suor escorreu pelas minhas costas.

— Todos os anos, no início do mês hebraico do Cheshvan, ele assume o controle do meu corpo. Durante duas semanas inteiras. É a época em que perco o controle. Não tenho liberdade, nem opção. Não tenho o luxo de escapar durante essas duas semanas, emprestando meu corpo e voltando quando tudo está acabado. Então eu poderia ser capaz de me convencer de que nada disso realmente acontece. Mas permaneço aqui, um prisioneiro

do meu próprio corpo, testemunhando todos os momentos — disse com um tom de voz implacável. — Você imagina como é isso? *Imagina?* — berrou.

Mantive a boca fechada, sabendo que seria perigoso falar. Jules soltou uma gargalhada, uma corrente de ar que passava pelos dentes. Era o som mais sinistro que eu jamais ouvira.

— Fiz um juramento — ele disse — em que permiti que ele assumisse meu corpo durante o Cheshvan. Eu tinha 16 anos. — Deu de ombros, mas era um movimento rígido. — Ele me torturou, para me obrigar a fazer o juramento. Quando acabou, disse que eu *não era humano*. Você acredita nisso? Não era humano. Contou que minha mãe, humana, havia se deitado com um anjo caído. — Ele abriu um sorriso cheio de ódio, o suor pingava de sua testa. — Por acaso mencionei que herdei algumas características do meu pai? Como ele, sou um enganador. Faço você ver mentiras. Faço você ouvir vozes.

Bem desse jeito. Está me ouvindo, Nora? Já está com medo? Ele bateu na minha testa

— O que está acontecendo, Nora? Está muito quieta.

Jules era Chauncey. Ele era um nefilim. Lembrei-me da minha marca de nascença e do que Dabria me dissera. Jules e eu tínhamos o mesmo sangue. Em minhas veias corria o sangue de um monstro. Fechei os olhos e uma lágrima escapou.

— Lembra a noite em que nos encontramos pela primeira vez? Pulei na frente do carro que você dirigia. Estava escuro e havia neblina. Você já estava nervosa, o que

facilitou muito a tarefa de enganá-la. Gostei de assustá-la. Peguei o gostinho naquela primeira noite.

— Eu saberia que era você — murmurei. — Não existem tantas pessoas por aí com sua altura.

— Você não está ouvindo. Posso fazer com que veja o que eu quero. Acha mesmo que eu esqueceria um detalhe tão importante quanto a minha altura? Você viu o que eu quis que visse. Viu um homem indefinível com uma máscara negra de esquiador.

Fiquei sentada ali, sentindo um mínimo de alívio no meio do meu pavor. Eu não estava maluca. Jules estava por trás de tudo. Ele era o maluco. Podia criar jogos mentais porque o pai era um anjo caído e ele herdara o poder.

— Você não revirou meu quarto — disse. — Só me fez pensar que isso tinha acontecido. Foi por isso que estava arrumado quando a polícia chegou.

Ele aplaudiu lenta e deliberadamente.

— Quer saber a melhor parte? Você poderia ter me bloqueado. "Eu não poderia tocar sua mente sem permissão. Procurei alcançá-la e você nunca resistiu. Você foi fraca. Você foi fácil.

Tudo fazia sentido e, em vez de sentir um breve momento de alívio, percebi o quanto era suscetível. Estava escancaradamente despida. Nada impedia que Jules me envolvesse em seus jogos, a menos que eu aprendesse a bloqueá-lo.

— Imagine-se no meu lugar — disse Jules. — Com o corpo violado ano após ano. Imagine um ódio tão intenso que não pode ser curado por nada além da vingança. Imagine

gastar grandes doses de energia e de recursos para acompanhar de perto o objeto da sua vingança, aguardando pacientemente o momento em que o destino lhe apresentasse a oportunidade não apenas de um acerto de contas, mas de mudar o equilíbrio da balança a seu favor. — Seus olhos se fixaram nos meus. — Você é essa oportunidade. Se ferir você, firo Patch.

— Você superestima meu valor para Patch — disse eu, sentindo o suor frio escorrer pela testa.

— Acompanho Patch de perto há séculos. No verão passado, ele fez a primeira visita à sua casa, embora você não tenha percebido. Ele a seguiu nas compras algumas vezes. De vez em quando, dava-se o trabalho de parar o que estava fazendo para encontrá-la. Então se matriculou na escola. Eu não conseguia parar de me perguntar o que havia de tão especial em você. Fiz um esforço para descobrir. Venho observando-a há algum tempo.

Um horror absoluto tomou conta de mim. Naquele momento, eu soube que não era a presença do meu pai que eu sentia, seguindo-me como um guardião fantasma. Era Jules. Sentia a mesma presença gelada e sobrenatural naquele momento, amplificada centenas de vezes.

— Eu não queria chamar a atenção de Patch e recuei — prosseguiu. — Foi quando Elliot entrou em cena. Não levou muito tempo para que ele me contasse aquilo que eu já imaginava. Patch está apaixonado por você.

Todas as peças estavam no lugar. Jules não tinha ficado doente no dia em que desaparecera no banheiro masculino no Delphic Seaport. Nem na noite em que

fomos ao Borderline. Ele simplesmente precisava permanecer longe das vistas de Patch. No momento em que Patch o visse, tudo estaria perdido. Patch saberia que Jules — Chauncey — estava armando algum plano. Elliot era os olhos e os ouvidos de Jules e o alimentava com informações.

— O plano era matá-la durante o acampamento, mas Elliot fracassou em convencê-la a ir — disse Jules. — Hoje, mais cedo, segui você na saída do Blind Joe's e atirei. Imagine minha surpresa quando descobri que tinha matado uma mulher com sacos de lixo, vestida com seu casaco. Mas tudo funcionou. — O tom relaxou. — Aqui estamos nós.

Mudei de posição no assento, e o bisturi entrou mais em minha calça jeans. Se não fosse cuidadosa, ficaria fora do meu alcance. Se Jules me forçasse a ficar de pé, talvez escorregasse pela perna da calça. E tudo estaria perdido.

— Deixe-me adivinhar no que você está pensando — disse Jules, erguendo-se e saracoteando para a frente da sala. — Você está começando a desejar nunca ter encontrado Patch. Preferiria que ele nunca tivesse caído de amores por você. Vá em frente. Ria da situação em que ele a colocou. Ria de suas próprias escolhas erradas.

Ao ouvir Jules falar sobre o amor de Patch, fui tomada por uma esperança irracional.

Apalpei, retirei o bisturi da calça e pulei do assento.

— Não se aproxime de mim ou vou golpeá-lo. Juro que vou!

Jules soltou um som gutural e lançou o braço contra a bancada na frente da sala. Tubos de ensaio se

espatifaram contra o quadro-negro, papéis voaram. Ele avançou na minha direção. Em pânico, segurei o bisturi com toda a força que tinha. Ele encontrou a palma da mão de Jules, rasgando a pele.

Jules gemeu e deu um passo para trás.

Sem esperar, enfiei o bisturi em sua coxa.

Jules espantou-se com o metal que se projetava de sua perna. Arrancou com as duas mãos, o rosto contraído de dor. Abriu as mãos e o bisturi caiu com estardalhaço.

Deu um passo vacilante na minha direção.

Gritei e me desviei, mas meu quadril bateu na quina de uma mesa. Perdi o equilíbrio e despenquei. O bisturi estava a vários metros de distância.

Jules virou-me de barriga para baixo e me prendeu com as pernas nas costas. Apertou meu rosto contra o chão, esmagando meu nariz e abafando meus gritos.

— Brava tentativa — grunhiu. — Mas não vai conseguir me matar. Sou um nefilim. Sou imortal.

Tentei alcançar o bisturi, me arrastando no chão, buscando me esticar e ganhar aqueles centímetros tão vitais. Meus dedos tatearam o piso à sua procura. Estava quase lá, mas então Jules me arrastou.

Dei um chute com toda a força entre suas pernas. Ele gemeu e tropeçou para o lado. Consegui me levantar, mas Jules arrastou-se até a porta, ajoelhando-se entre ela e mim.

O cabelo pendia diante dos olhos. Gotículas de suor desciam por seu rosto. A boca estava torta para o lado, contraída de dor.

Todos os músculos do meu corpo estavam tensos, prontos para entrar em ação.

— Boa sorte com sua tentativa de fuga — disse ele com um sorriso cínico que parecia exigir muito esforço. — Você vai ver o que quero dizer.

Então tombou.

CAPITULO 29

Eu não tinha ideia de onde Vee estava. A estratégia óbvia era tentar pensar como Jules — onde eu prenderia Vee, se fosse ele?

Ele quer que seja difícil de fugir e difícil de encontrar, raciocinei.

Em minha cabeça, procurei reconstituir a planta do prédio, concentrando a atenção nos andares superiores. Provavelmente Vee estava no terceiro andar, o mais alto da escola — a não ser por um pequeno quarto piso que era mais um sótão do que qualquer outra coisa. Uma escadaria estreita, acessível apenas do terceiro andar, conduzia até lá. No alto, havia duas salas de aula no estilo bangalô: a de espanhol avançado e o laboratório do eZine.

Vee estava no laboratório. De repente eu sabia.

Movimentei-me na escuridão o mais rápido que pude. Subi tateando dois lances de escada. Depois de algumas tentativas e erros, descobri a escada estreita que conduzia ao laboratório do eZine. No alto, empurrei a porta.

— Vee? — chamei baixinho.

Ela deixou escapar um gemido suave.

— Sou eu — eu disse, dando cada passo com cuidado, enquanto manobrava em torno das fileiras de mesas, sem querer derrubar uma cadeira e entregar minha localização para Jules. — Você está ferida? Precisamos

sair daqui. — Eu a encontrei encolhida na frente da sala, apertando os joelhos contra o peito.

— Jules me bateu na cabeça — disse ela, a voz ficando mais alta. — Acho que desmaiei. Agora não consigo ver nada. Não consigo ver nada.

— Escute. Jules cortou a eletricidade e as persianas estão abaixadas. Só está escuro. Segure minha mão. Precisamos descer agora.

— Acho que ele fez alguma coisa. Minha cabeça está latejando. Acho que estou mesmo cega.

— Você não está cega — sussurrei, sacudindo-a ligeiramente. — Também não consigo enxergar. Precisamos encontrar o caminho para baixo. Vamos sair pela porta da sala de atletismo.

— Ele acorrentou todas as portas.

Houve um momento de silêncio tenso entre nós. Lembrei que Jules tinha me desejado sorte na fuga e agora entendia o porquê. Um calafrio perceptível deixou o meu coração e atravessou o restante do meu corpo.

— Não acorrentou a porta por onde entrei — disse, finalmente. — A porta no canto leste está aberta.

— Deve ser a única. Eu estava com ele quando acorrentou as outras. Disse que ninguém ficaria tentado a sair enquanto brincássemos de esconde-esconde. Disse que era proibido ir lá fora.

— Se a porta leste é a única destrancada, ele vai tentar bloqueá-la. Vai esperar nós irmos até ele. Mas não vamos. Vamos sair por uma janela — eu disse, montando

um plano na cabeça. — Do outro lado do prédio, deste lado. Você está com o celular?

— Jules o levou.

— Quando sairmos, devemos nos separar. Se Jules nos perseguir, precisará escolher a quem seguir. A outra vai buscar ajuda. — Eu já sabia quem ele escolheria. Vee não tinha outra serventia para Jules, além de me atrair para lá naquela noite. — Corra o mais rápido que puder e encontre um telefone. Chame a polícia. Diga a eles que Elliot está na biblioteca.

— Está vivo? — Vee perguntou com a voz trêmula.

— Não sei.

Ficamos juntas, abraçadas, e senti que ela levantava a camisa para secar os olhos.

— É tudo culpa minha.

— É culpa de Jules.

— Estou com medo.

— Vamos ficar bem — eu disse, tentando parecer otimista. — Golpeei Jules na perna, com um bisturi. Ele está sangrando muito. Talvez desista de nos perseguir e vá procurar cuidados médicos.

Vee soltou um soluço. Nós duas sabíamos que eu estava mentindo. O desejo de vingança de Jules superava o ferimento. Superava tudo.

Vee e eu nos arrastamos escada abaixo, mantendo-nos próximas às paredes até chegarmos ao primeiro andar.

— Por aqui — murmurei em seu ouvido, segurando sua mão enquanto caminhávamos depressa pelo corredor, dirigindo-nos à extremidade oeste.

Não tínhamos andado muito quando um som gutural, não exatamente uma gargalhada, ecoou do túnel de escuridão à nossa frente.

— Muito bem, o que temos aqui? — exclamou Jules. Não havia um rosto acompanhando a voz.

— Corra! — disse para Vee, apertando sua mão. — É a mim que ele quer. Chame a polícia. *Corra!*

Vee soltou minha mão e correu. Os passos desapareceram perturbadoramente rápidos. Pensei por um instante se Patch ainda estaria no prédio, mas foi praticamente um pensamento secundário. Estava concentrada em não desmaiar. Porque, mais uma vez, eu estava sozinha com Jules.

— Vai levar pelo menos vinte minutos para a polícia chegar — exclamou Jules, o som de seus passos cada vez mais perto. — Não preciso de vinte minutos.

Dei meia-volta e corri. Jules começou a correr atrás de mim.

Passando as mãos pelas paredes, virei à direita no primeiro cruzamento e corri por um corredor perpendicular. Obrigada a confiar nas paredes como guia, as mãos esbarravam nas quinas afiadas dos armários e dos umbrais, arranhando a pele. Entrei novamente à direita, correndo o máximo que pude até chegar às portas duplas do ginásio.

O único pensamento que atravessava minha cabeça era que eu poderia entrar no armário do vestiário a tempo de me trancar lá dentro. O vestiário feminino tinha todas as paredes cobertas com armários gigantes que iam até o teto. Levaria tempo para que Jules arrombasse cada um deles. Se eu tivesse sorte, a polícia chegaria antes que ele me encontrasse.

Lancei-me no ginásio e corri para o vestiário feminino. Assim que coloquei a mão na maçaneta, fiquei congelada de terror. A porta estava trancada. Tentei abri-la de novo, mas não cedeu. Dei a volta e procurei freneticamente por outra saída, mas eu estava presa no ginásio. Apoiei-me contra a porta, fechei os olhos com força, para tentar não desmaiar, e ouvi minha respiração se acelerar.

Quando reabri os olhos, Jules estava caminhando para a névoa do luar que penetrava pelas claraboias. Amarrara a camisa em volta da coxa. Uma mancha de sangue embebia o tecido. Usava uma camiseta regata branca e calças de algodão. Um revólver estava enfiado na cintura da calça.

— Deixe-me ir embora, por favor — murmurei.

— Vee me contou um detalhe interessante sobre você. Você tem medo de altura. — Ele levantou o olhar para as vigas no alto do ginásio. Um sorriso se abriu em seu rosto.

O ar estagnado estava impregnado pelos odores de suor e de verniz de madeira. A calefação fora desligada durante o feriadão, e estava gelado. Sombras se estendiam para a frente e para trás no piso polido enquanto o luar despontava atrás das nuvens. Jules

estava de costas para a arquibancada. Vi Patch se movimentar por trás dele.

— Você atacou Marcie Millar? — perguntei para Jules, obrigando-me a não reagir e denunciar Patch.

— Elliot me disse que vocês duas tinham problemas. Não gostei da ideia de dividir com outra pessoa o privilégio de atormentar minha garota.

— E a janela do meu quarto? Você andou me espionando enquanto eu dormia?

— Nada pessoal.

Jules enrijeceu. Subitamente deu um passo para a frente e puxou meu punho, fazendo-me girar na frente dele. Senti o que temia ser o revólver apertado contra minha nuca.

— Tire o boné — Jules ordenou a Patch. — Quero ver a expressão em seu rosto quando eu a matar. Você não pode fazer nada para salvá-la. Está tão impotente em relação a isso quanto eu em relação ao juramento que fiz.

Patch deu alguns passos adiante. Movimentava-se com tranquilidade, mas eu sentia sua cautela rigidamente controlada. O revólver afundou-se mais, e eu soltei um gemido.

— Mais um passo e ela morre — ameaçou Jules.

Patch observou a distância entre nós, calculando em quanto tempo poderia vencê-la. Jules também percebeu.

— Não tente — exclamou.

— Você não vai atirar nela, Chauncey.

— Não? — Jules apertou o gatilho. A arma estalou e abri a boca para gritar, mas tudo que deixei escapar foi um soluço trêmulo.

— Revólver — explicou Jules. — O tambor está carregado.

Está pronta para dar aqueles golpes de boxe de que você tanto fala?, Patch disse em minha cabeça.

Meu pulso estava fora de controle. As pernas mal conseguiam me manter em pé.

— O q-quê? — gaguejei.

Subitamente, uma corrente de força me atravessou. Uma força desconhecida expandiu-se até tomar conta de mim. Meu corpo era completamente vulnerável a Patch. Toda minha força e liberdade foram deixadas de lado no momento em que ele me possuiu.

Antes que eu tivesse tempo de perceber como me aterrorizava tal perda de controle, uma dor alucinante irradiou-se pela minha mão. Percebi que Patch *estava usando meu punho para golpear Jules*. O revólver se soltou e tombou. Deslizou pelo piso do ginásio, fora de alcance.

Patch ordenou às minhas mãos que jogassem Jules de costas contra as arquibancadas. Jules tropeçou e caiu sobre elas.

Minha próxima visão foi das minhas mãos se fechando em torno da garganta de Jules, lançando sua cabeça para trás, contra as arquibancadas, com um estalo barulhento. Mantive-o ali, apertando os dedos contra seu pescoço. Os

olhos se arregalaram, então se esbugalharam. Ele tentou falar, mexendo os lábios de forma incompreensível, mas Patch não cedeu.

Não serei capaz de ficar muito mais tempo dentro de você, falou Patch em meus pensamentos. Não é Cheshuan, e não tenho permissão. Assim que eu for expulso, corra. Você está compreendendo? Corra o mais rápido possível. Chauncey estará fraco e atordoado demais para entrar em sua mente. Corra e não pare.

Um zumbido alto correu por dentro de mim. Senti meu corpo se desprendendo de Patch.

As veias do pescoço de Jules saltavam e a cabeça pendia para um lado. Vamos, ouvi Patch se dirigindo a ele. Desmaie... desmaie...

Mas era tarde demais, Patch desapareceu de dentro de mim. Foi embora tão subitamente que fiquei tonta.

Minhas mãos estavam sob meu controle de novo e, impulsivamente, deixaram o pescoço de Jules. Ele lutava para respirar e piscava para mim. Patch estava a alguns metros de distância, imóvel.

Lembrei-me do que Patch dissera e saí em disparada pelo ginásio. Joguei-me contra a porta, esperando invadir o corredor. Em vez disso, a sensação era de estar batendo contra uma parede. Puxei a maçaneta, pois sabia que a porta estava destrancada. Eu havia passado por ela cinco minutos antes. Joguei todo o meu peso contra a porta. Ela não abriu.

Virei-me, sentindo a adrenalina fazer meus joelhos tremerem.

— Saia da minha cabeça — berrei para Jules.

Levantando-se para sentar no degrau mais baixo da arquibancada, Jules massageava a garganta.

— Não — disse ele.

Tentei a porta mais uma vez. Levantei o pé e chutei a maçaneta. Bati com a palma das mãos contra o visor.

— Socorro?! Alguém pode me ouvir? Socorro!

Olhei para trás e vi que Jules mancava na minha direção, a perna machucada entortando a cada passo. Fechei os olhos com força para tentar me concentrar. A porta abriria assim que eu encontrasse a voz dele e a varresse dali. Procurei em cada canto da minha mente, mas não consegui encontrá-lo. Estava em algum lugar, nas profundezas, escondido de mim. Abri os olhos. Jules estava bem mais perto. Eu precisava descobrir outra saída.

Preso na parede sobre as arquibancadas havia uma escada de ferro. Subia até o conjunto de vigas no alto do ginásio. Na extremidade das vigas, na parede oposta, quase exatamente acima do lugar onde eu estava, existia um canal de ventilação. Se eu conseguisse chegar até lá, poderia atravessá-lo e encontrar outro caminho para baixo.

Saí correndo a toda a velocidade, passei por Jules e subi as arquibancadas. Meus sapatos batiam na madeira, ecoando no espaço vazio, tornando impossível ouvir se Jules estava me seguindo. Coloquei o pé no primeiro degrau da escada e comecei a escalar. Subi um degrau, depois outro. Pelo canto do olho, vi o bebedouro lá

embaixo. Parecia pequeno, o que significava que eu estava alto, bem alto.

Não olhe para baixo, ordenei a mim mesma. Concentre-se no que está acima. Arrisquei-me a subir mais um degrau. A escada chacoalhou por não estar devidamente soldada à parede.

A gargalhada de Jules chegou até mim, e perdi a concentração. Imagens de quedas passavam por minha cabeça. Logicamente, eu sabia que estavam sendo plantadas por ele. Então meu cérebro vacilou, e eu não conseguia lembrar que sentido era para cima ou para baixo. Não conseguia decifrar quais pensamentos eram meus e quais eram de Jules.

O medo era tão intenso que turvou minha visão. Eu não sabia em que ponto da escada me encontrava. Meus pés estariam bem centrados na estrutura de metal do degrau? Eu estava escorregando? Agarrando o degrau com as duas mãos, apertei a testa contra o nó dos dedos. *Respire*, disse para mim mesma, *Respire!*

Então ouvi.

O lento e torturante som do rangido do metal. Fechei os olhos para interromper uma crise de vertigem.

As cantoneiras de metal que prendiam o alto da escada à parede se soltaram. O gemido metálico se transformou em um choringo agudo enquanto o próximo conjunto de cantoneiras também se soltava da parede. Observei com um grito preso na garganta enquanto a metade superior da escada se soltava. Prendi meus braços e minhas pernas em torno da escada, protegendo-me para cair de costas. A escada vacilou por um momento no ar e pacientemente sucumbiu ao peso da gravidade.

Então tudo aconteceu muito rápido. As vigas e as claraboias desapareceram em um borrão atordoante. Despenquei até que, subitamente, a escada interrompeu sua queda. Ela balançou para cima e para baixo, perpendicularmente à parede, quase dez metros acima do chão. O impacto soltou minhas pernas. As mãos eram minha única ligação com a escada.

— *Socorro!* — berrei, com as pernas balançando no ar.

A escada sacudiu, caindo mais alguns metros. Um dos sapatos deslizou do meu pé, ficou pendurado pelo dedão e em seguida caiu. Muito tempo depois, atingiu o piso do ginásio.

Mordi a língua à medida que a dor nos braços aumentava. Eles pareciam estar saindo da articulação.

Então, no meio do medo e do pânico, ouvi a voz de Patch. *Mantenha-o bloqueado. Continue a subir.* A escada está intacta.

— Não consigo — soluzei. — Vou cair! *Mantenha-o bloqueado. Feche os olhos. Ouça minha voz.*

Engolindo em seco, obriguei meus olhos a se fecharem. Agarrei-me à voz de Patch e senti uma superfície robusta ganhar forma sob mim. Meus pés já não balançavam mais no ar. Senti um dos degraus sob a sola dos meus pés. Decidida, concentrei-me na voz de Patch. Esperei até que o mundo se arrastasse de volta ao eixo. Patch estava certo. Eu estava na escada. Ela estava ereta, presa à parede. Recuperei um pouco de determinação e continuei a escalada.

No alto, transferi-me perigosamente para a viga mais próxima. Agarrei-a com os braços, então passei a perna

direita para cima dela. Estava de frente para a parede, de costas para a saída de ventilação. Mas não havia nada que eu pudesse fazer agora. Com muito cuidado, ergui-me sobre os joelhos. Com toda a concentração, comecei a engatinhar de costas, para atravessar toda a largura do ginásio.

Mas era tarde demais.

Jules subira depressa e estava agora a menos de quatro metros de mim. Ele escalou a viga. Com uma das mãos após a outra, foi se arrastando na minha direção. Uma marca escura no interior do seu pulso chamou minha atenção. Cortava as veias fazendo um ângulo de 90 graus e era quase negra. Para qualquer outra pessoa, pareceria uma cicatriz. Para mim, significava muito mais que isso. A relação familiar era óbvia. Tínhamos o mesmo sangue e as marcas idênticas deixavam isso evidente.

Nós dois estávamos agarrados à viga, sentados face a face, a quatro metros de distância.

— Quer dizer suas últimas palavras? — perguntou Jules.

Olhei para baixo, mesmo sabendo que ficaria tonta. Patch estava lá embaixo, no piso do ginásio, imóvel como a morte. Naquele momento, quis voltar no tempo e reviver cada momento com ele. Mais um sorriso secreto, mais uma risada juntos. Mais um beijo eletrizante. Encontrá-lo foi como encontrar alguém que eu não sabia que estivera procurando. Ele entrou na minha vida tarde demais e partia cedo demais. Lembrei-me de quando ele me contara que desistiria de tudo por mim. Já tinha desistido. Desistira de ter um corpo humano para que eu pudesse viver.

Oscilei num descuido e instintivamente abaixei para me equilibrar.

A gargalhada de Jules chegou até mim como um sussurro frio.

— Para mim não vai fazer diferença se você morrer de um tiro ou se despencar daqui.

— Faz diferença, sim — afirmei com uma voz baixa, porém confiante. — Temos o mesmo sangue. — Levantei minha mão precariamente para lhe mostrar minha marca de nascença. — Sou sua descendente. Se eu me sacrificar, Patch se tornará humano e você morrerá. Está escrito no *Livro de Enoque*.

Os olhos de Jules estavam desprovidos de luz. Examinavam-me atentamente, absorvendo cada palavra que eu dizia. Eu conseguia ver pela sua expressão que ele estava pesando minhas palavras. Um rubor tomou conta do seu rosto, e eu soube que ele acreditava.

— Você... — balbuciou.

Ele escorregou na minha direção em velocidade frenética, buscando ao mesmo tempo o revólver guardado em sua cintura.

Lágrimas tomaram conta dos meus olhos. Sem tempo de pensar duas vezes, joguei-me da viga.

CAPITULO 30

Uma porta se abriu e fechou, esperei ouvir passos se aproximando, mas o único som era o tique-taque de um relógio: pancadas rítmicas e regulares que violavam o silêncio.

O som começou a diminuir, perdendo o ritmo. Fiquei pensando se notaria quando parasse completamente. De repente, temi aquele momento, insegura quanto ao que viria a seguir.

Um som muito mais vibrante se sobrepôs ao do relógio. Era um som reconfortante e etéreo, uma dança melódica no ar. Asas, pensei. *Vieram para me levar.*

Prendi a respiração, esperando, esperando, esperando. Então, o relógio começou a andar ao contrário. Em vez de se tornarem mais lentas, as pancadas ficaram mais certeiras. Senti como se algo fluido começasse a espiralar dentro de mim, em um redemoinho cada vez mais profundo. Senti que era jogada na correnteza. Estava escorregando através de mim mesma, até chegar a um lugar escuro e quente.

Meus olhos se entreabriram e encontraram o familiar revestimento de carvalho no teto inclinado. Meu quarto. Uma sensação de conforto tomou conta de mim. Então me lembrei de onde estivera. No ginásio, com Jules.

Um calafrio correu pela minha pele.

— Patch? — disse, com a voz rouca pela falta de uso.

Tentei me sentar e então soltei um grito abafado. Algo estava errado com meu corpo. Todas as células, todos os músculos, todos os ossos estavam doloridos. Eu me sentia um enorme machucado.

Houve uma movimentação na entrada. Patch apoiou-se no batente. A boca estava tensa, sem o traço tão constante de humor. Os olhos pareciam muito profundos, como eu nunca os vira. Aguçados por um instinto protetor.

— Foi uma bela briga no ginásio — disse ele. — Mas acho que você se beneficiaria se tivesse mais algumas aulas de boxe.

Todas as lembranças voltaram como uma onda. Lágrimas vieram de dentro de mim.

— O que aconteceu? Onde está Jules? Como cheguei aqui? — Minha voz falhava, tomada de pânico. — Eu me joguei da viga.

— Foi preciso muita coragem para fazer aquilo. — A voz de Patch ficou rouca e ele entrou no quarto.

Fechou a porta atrás dele, e eu sabia que era sua maneira de tentar trancar lá fora tudo de ruim. Estava colocando uma barreira entre mim e tudo o que se passara. Ele caminhou e se sentou na cama ao meu lado.

— Do que mais você se lembra?

Tentei reconstituir minhas lembranças, tentando examiná-las de trás para a frente. Lembrei-me do bater de asas que ouvira logo depois de me jogar lá do alto. Sem dúvida, sabia que havia morrido. Sabia que um anjo tinha vindo levar embora minha alma.

— Estou morta, não estou? — disse baixinho, tremendo de medo. — Sou um fantasma?

— Quando você pulou, o sacrifício matou Jules. Tecnicamente, quando você voltou à vida, ele também deveria ter voltado. Mas como não tinha alma, não havia nada que pudesse reviver o corpo dele.

— Estou de volta? — disse, esperando não estar me iludindo com falsas esperanças.

— Não aceitei seu sacrifício. Eu recusei.

Senti minha boca se abrir de admiração, mas o "Oh!" formado em meus lábios não se materializou.

— Você quer dizer que desistiu de ter um corpo humano por minha causa? Ele levantou minha mão com curativos. Sob toda a gaze, os nós dos dedos latejavam por causa dos socos que eu tinha dado em Jules. Patch beijou cada dedo, demorando-se, mantendo os olhos fixados nos meus.

— De que me adianta ter um corpo se eu não puder ter você?

Lágrimas mais grossas escorreram pelo meu rosto, e Patch me puxou para junto dele, apertando minha cabeça contra seu peito. Bem devagarzinho, o pânico cedeu, e eu soube que tudo tinha acabado. Eu ficaria bem.

De repente me afastei. Se Patch recusara o sacrifício, então...

— Você salvou a minha vida. Vire — ordenei solenemente.

Patch me deu um sorriso matreiro e fez o que eu mandava. Levantei a camiseta dele até os ombros. As costas estavam lisas, só músculos definidos. As cicatrizes haviam desaparecido.

— Você não pode ver as asas — disse ele. — São feitas de substância espiritual.

— Você agora é um anjo da guarda.

Estava ainda muito espantada para compreender totalmente aquilo, mas ao mesmo tempo senti admiração, curiosidade... felicidade.

— Sou seu anjo da guarda — disse ele.

— Eu ganhei meu anjo da guarda particular? Quais são, exatamente, suas tarefas?

— Serei seu guarda-costas. — O sorriso dele aumentou.
— Levo o trabalho muito a sério, o que significa que precisarei me familiarizar com o tema em um nível pessoal.

Senti meu estômago se agitar.

— Isso significa que você pode sentir, então? Patch observou-me em silêncio por um momento.

— Não, mas isso significa que não estou na lista negra.

Lá embaixo, ouvi o ruído suave das portas da garagem deslizando para se abrirem.

— Minha mãe! — ofeguei. Encontrei o relógio na mesa de cabeceira. Passava de duas da manhã. — Devem ter aberto a ponte. Como funciona essa história de anjo da

guarda? Sou a única pessoa que pode ver você? Quer dizer, agora você está invisível para as demais pessoas?

Patch me encarou com ar de quem esperava que eu não estivesse falando sério.

— Você não é invisível? — estrilei. — Vai ter que sair daqui! — Fiz um movimento para empurrar Patch da cama, mas fui impedida por uma dor lancinante nas costelas. — Ela vai me matar se encontrá-lo aqui. Você consegue subir em árvores? Diga que consegue!

Patch abriu um sorriso.

— Posso voar.

Ah. Claro. Muito bem.

— A polícia e o corpo de bombeiros estiveram aqui mais cedo — disse Patch. — O quarto principal precisará ser reconstruído, mas eles conseguiram impedir que o fogo se alastrasse. A polícia vai voltar. Vão fazer algumas perguntas. Posso apostar que já tentaram encontrá-la pelo celular que você usou para ligar para a emergência.

— Jules pegou.

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Imaginei. Não me importo com o que vai dizer para a polícia, mas preferiria que me deixasse de fora. — Ele abriu a janela do quarto. — Última notícia: Vee chamou a polícia a tempo. Os paramédicos conseguiram salvar Elliot. Ele está no hospital, mas vai ficar bem.

Lá no corredor, aos pés da escada, ouvi a porta da entrada bater. Mamãe havia entrado.

— Nora? — chamou. Ela jogou a bolsa e as chaves na mesinha da entrada. Os saltos altos batiam nas tábuas de madeira quase em ritmo de corrida. — Nora! A polícia selou a porta da frente! O que está acontecendo?

Olhei pela janela. Patch desaparecera, mas uma única pena negra estava presa na parte externa do vidro, fixada pela chuva da noite anterior. Ou então pela magia dos anjos.

Lá embaixo, minha mãe acendeu a luz da entrada, um raio esmaecido estendeu-se até a abertura embaixo da minha porta. Prendi a respiração, contei, presumindo ter mais dois segundos antes de...

Ela gritou.

— Nora! O que aconteceu com o corrimão?

Que bom que ela ainda não havia visto seu quarto.

O céu estava de um azul límpido, perfeito. O sol começava a despontar no horizonte. Era segunda-feira, um dia novinho em folha. Os horrores das últimas 24 horas haviam ficado para trás. Pelas minhas contas eu tivera cinco horas de sono e me sentia incrivelmente repousada, não fosse a dor no corpo inteiro causada pelo fato de ter mergulhado para a morte e ter sido então devolvida à vida. Não queria estragar aquele momento lembrando que a polícia chegaria a qualquer minuto para tomar meu depoimento a respeito dos acontecimentos da noite anterior. Eu ainda não havia decidido o que contar.

Caminhei para o banheiro de camisola — sem querer pensar em como eu trocara de roupa, pois supostamente estava vestida de outra forma quando Patch me levou

para casa — e me apressei em cumprir a rotina matinal. Joguei água fria no rosto, escovei os dentes e prendi o cabelo com um elástico. No quarto, separei uma blusa e calças jeans, ambas limpas.

Liguei para Vee.

— Como você está? — perguntei.

— Bem. E você?

— Bem. Silêncio.

— Tudo bem — antecipou-se Vee. — Ainda estou completamente assustada. E você?

— Completamente.

— Patch ligou para mim no meio da noite. Disse que Jules tinha pegado pesado com você, mas que você estava bem.

— Jura? Patch ligou para você?

— Ele ligou do Jeep. Disse que você estava adormecida no banco traseiro e que ele a estava levando para casa. Comentou que estava passando por acaso na escola quando ouviu um grito. Contou que encontrou você no ginásio, mas que estava desmaiada de dor. A próxima cena que ele viu foi Jules pulando da viga. Ele disse que Jules deve ter pirado, um efeito colateral de toda a enorme culpa que sentiu por ter perseguido você.

Não percebi que estava prendendo a respiração até soltar o ar. Obviamente, Patch havia modificado alguns detalhes.

— Você sabe que não caí nessa — prosseguiu Vee. — Sabe que eu acho que Patch matou Jules.

No lugar de Vee, eu pensaria do mesmo modo.

— O que a polícia acha? — perguntei.

— Ligue a televisão. Tem cobertura ao vivo. Canal Cinco. Dizem que Jules invadiu a escola e pulou. Que foi um trágico suicídio de adolescente. Pedem para quem tiver informações ligar para um número no pé da tela.

— O que você disse para a polícia quando telefonou?

— Estava com medo. Não queria ser presa por arrombamento e invasão. Por isso, dei um telefonema anônimo de um orelhão.

— Bem — disse finalmente —, se a polícia considera que é um suicídio, acho que foi o que aconteceu. Afinal de contas, estamos numa era de modernidade. Temos toda a tecnologia da perícia.

— Você está me escondendo alguma coisa — disse Vee.
— O que aconteceu quando saí?

Aí ficou complicado. Vee era minha melhor amiga e tínhamos um lema: Sem segredos. Mas existem questões impossíveis de explicar. Entre elas, encabeçando a lista, o fato de que Patch era um anjo caído convertido em anjo da guarda. Logo abaixo vinha o fato de que eu havia pulado da viga e morrido, mas continuava viva.

— Recordo que Jules me encurralou no ginásio — afirmei.
— Ele me falou de toda a dor e o medo que ia me causar. Depois disso, não consigo me lembrar bem dos detalhes.

— É tarde demais para pedir desculpas? — Vee parecia mais sincera do que nunca. — Você estava certa em relação a Jules e Elliot.

— Desculpas aceitas.

— Precisamos ir ao shopping. Estou com uma necessidade irresistível de comprar sapatos. Muitos sapatos. O que nós precisamos é da boa e velha terapia de sapatos.

A campainha tocou, e olhei para o relógio.

— Preciso prestar depoimento para a polícia sobre o que aconteceu ontem à noite, mas ligo para você depois.

— Ontem à noite? — O tom de voz de Vee elevou-se em pânico. — Eles sabem que você estava na escola? Você não mencionou meu nome, não é?

— Para falar a verdade, outra coisa aconteceu antes, ontem à noite. — Alguma coisa chamada Dabria. — Ligo já para você. — Desliguei antes que tivesse que inventar outra explicação.

Manquei pelo corredor. Já tinha chegado ao alto da escada quando vi quem eram as pessoas que minha mãe acabava de receber. Os detetives Basso e Holstijic.

Ela os conduziu à sala de estar. Embora o detetive Holstijic tenha se jogado no sofá, o detetive Basso permaneceu de pé. Estava de costas para mim, mas um dos degraus da escada rangeu na metade da descida e ele se virou.

— Nora Grey — disse com voz de tira durão. — Nos encontramos novamente. Mamãe piscou, espantada.

— Vocês já se conheciam?

— Sua filha leva uma vida muito animada. Parece que a gente passa por aqui todas as semanas.

Minha mãe me lançou um olhar questionador. Dei de ombros, como se não tivesse entendido nada e presumisse que se tratava de alguma piada de policial.

— Por que você não se senta, Nora, e nos conta o que aconteceu? — disse o detetive Holstijic.

Abaixei-me para sentar em uma das poltronas de veludo diante do sofá.

— Pouco antes das nove, ontem à noite, eu estava na cozinha bebendo leite achocolatado quando a srta. Greene, psicóloga da escola, apareceu.

— Ela simplesmente entrou na casa? — perguntou o detetive Basso.

— Disse que eu tinha uma coisa que ela queria. Foi então que corri para cima e me tranquei no quarto principal.

— Volte — falou o detetive Basso. — O que era essa coisa que ela queria?

— Ela não disse. Mas mencionou que não era uma psicóloga de verdade. Contou que tinha arranjado o emprego para espionar os alunos. — Olhei para cada uma das pessoas na sala. — Ela é maluca, não é?

Os detetives trocaram olhares.

— Vou procurar saber se existe alguma ocorrência no nome dela — disse o detetive Holstijic, levantando-se.

— Deixe-me ver se entendi direito — falou para mim o detetive Basso. — Ela acusou você de roubar algo que lhe pertencia, mas não disse o que era?

Outra pergunta complicada.

— Estava histérica. Só consegui compreender metade do que ela dizia. Corri e me tranquei no quarto, mas ela arrombou a porta. Eu estava escondida na chaminé da lareira, e ela disse que ia queimar a casa inteira, cômodo por cômodo, até me encontrar. Então começou um incêndio. Bem no meio do quarto.

— Como ela começou o fogo? — perguntou mamãe.

— Não pude ver. Estava na chaminé.

— Isso é uma loucura — exclamou o detetive Basso, sacudindo a cabeça. — Nunca vi nada parecido.

— Ela vai voltar? — minha mãe perguntou aos detetives, aproximando-se por trás de mim e colocando as mãos nos meus ombros em sinal de proteção. — Nora está em segurança?

— Talvez seja melhor instalar um sistema de segurança — o detetive Basso abriu a carteira e entregou um cartão para mamãe. — Confio nesses caras. Diga a eles que fui eu quem indicou e eles lhe darão um desconto.

Algumas horas depois de os detetives terem partido, a campainha soou mais uma vez.

— Deve ser da empresa de segurança — disse mamãe, encontrando comigo na entrada. — Eu liguei para eles e me disseram que mandariam alguém vistoriar a casa hoje. Não suporto a ideia de dormir aqui sem algum tipo

de proteção até que encontrem a srta. Greene e a ponham atrás das grades. E a escola, que nem se deu o trabalho de comprovar suas referências? Ela abriu a porta e lá estava Patch, na varanda. Usava uma calça Levi's desbotada, camiseta branca folgada e carregava uma caixa de ferramentas na mão esquerda.

— Boa tarde, sra. Grey.

— Patch. — Eu não consegui identificar exatamente o tom de voz da minha mãe. Surpresa misturada com desconforto. — Você veio ver Nora?

Patch sorriu.

— Estou aqui para vistoriar a casa para a instalação de um novo sistema de alarme.

— Achei que você tivesse outro trabalho — disse mamãe.
— Pensei que fosse garçom no Borderline.

— Arranjei um novo emprego.

Patch e eu trocamos olhares, e senti calor em várias partes do corpo. Na verdade, eu estava praticamente febril.

— Vamos lá fora? — ele me perguntou. Eu o segui até a motocicleta.

— Ainda temos muito que conversar — eu disse.

— Conversar? — Ele sacudiu a cabeça, os olhos cheios de desejo. Beijar, sussurrou em meus pensamentos.

Não era uma pergunta, mas um aviso. Ele abriu o sorriso quando não protestei e abaixou a boca em direção à

minha. O primeiro toque foi apenas isso — um toque. De uma suavidade tentadora, provocante. Passei a língua nos lábios, e o sorriso de Patch aumentou.

— Mais? — perguntou.

Enfiei as mãos em seus cabelos, puxando-o para mais perto de mim.

— Mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Caleb Warnock e a meus companheiros escritores de Writing in Depth. Não poderia ter desejado amigos mais fiéis para me fazerem companhia nesta jornada. Saudações a Laura Andersen, Ginger Churchill e Patty Esden, que nunca me deixaram desistir e que foram sinceros comigo (mesmo quando eu não queria que fossem). Agradecimentos especiais a Eric James Stone, por ter feito o laço de fita no embrulho do presente.

Devo muitos agradecimentos também a Katie Jeppson, Ali Eisenach, Kylie Wright, Megan e Josh Walsh, Lindsey Leavitt e Riley e Jace Fitzpatrick por tudo que fizeram, de cuidar das crianças e levantar informações sobre procedimentos cirúrgicos até participar de reuniões criativas e me dedicar uma paciência que eu não merecia.

Tem sido completamente divertido trabalhar com Emily Meehan, minha experiente editora, e com os muitos amigos da Simon and Schuster BFYR, que me encheram de ânimo e trabalharam nos bastidores para que tudo acontecesse — Justin Chanda, Anne Zafian, Courtney Bongiolatti, Dorothy Gribbin, Chava Wolin, Lucy Ruth Cummins, Lucille Rettino, Elke Villa, Chrissy Noh, Julia Maguire e Anna McKean. Obrigada a todos!

Sou particularmente grata a Catherine Drayton, que apareceu em minha vida na hora certa. Obrigada por me ajudar a chegar até aqui. Nunca me esquecerei do telefonema que me revelou que o livro fora vendido...

Obrigada a James Porto por uma capa que superou todas as minhas expectativas. Devo também a Valerie Shea, minha revisora, um muito obrigada.

Acima de tudo, agradeço à minha mãe. Por tudo. XOXO